

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

**DA PALAVRA AO TERMO
UM CAMINHO PARA COMPREENDER MUSEOLOGIA**

Tese apresentada ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo

Suely Moraes Ceravolo

São Paulo

2004

Esta tese foi defendida no dia 26 de maio de 2004 na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil tendo sido aprovada com recomendação para publicação. Fizeram parte da Banca Examinadora os seguintes doutores:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria de Fátima Tálamo – Orientadora, ECA, USP

Profa. Dra. Heloisa Barbuy – Museu Paulista, USP

Profa. Johanna Smit – ECA, USP

Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho, Universidade Católica de Goiás (UCG)

Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães, UNESP, São Paulo.

(...) As perguntas ao nosso conhecimento surgem em nós quando uma esfera de percepções (determinadas por espaço, tempo e subjetividade de nossa organização) se coloca diante de uma esfera conceitual que indica em direção à unidade do universo. (...)

Nesse aspecto não é possível falar-se em limite do conhecimento.

Pode ser que, por algum tempo, um aspecto ou outro permaneça incompreendido, por estarmos impossibilitados - pelo ponto em que nos encontramos - de observarmos as coisas que são relevantes no jogo em questão.

Mas o que não é encontrado hoje, poderá sê-lo amanhã.

As limitações geradas deste modo são assim passageiras, e podem ser superadas pelo progresso da observação e da atividade pensante. (...)

Filosofia da Liberdade
Rudolf Steiner
Tradução livre - Rogério Ceravolo Calia
Janeiro 2002

Somos todos professores, e aquilo que ensinamos é o que precisamos aprender, de modo que o ensinamos insistentemente, até que o aprendemos.

Autor anônimo

In memoriam a Profa. Serafina Borges do Amaral

A vida é trabalho, foi o que me ensinou

RESUMO

A questão terminológica na área de Museologia perpassa o emprego de sua linguagem de especialidade e, principalmente, a formulação de conceitos e de suas designações, o termo, que é função e resultado de trabalho intelectual. Nesse sentido, palavra e termo não são equivalentes. Pelo histórico de constituição da área no decorrer dos anos 80 do século XX, identificam-se vários objetos de estudo para a Museologia. Essa indeterminação, da qual somos herdeiros, nos levou a investigar em publicações de natureza teórica e temática os pressupostos e os modos como o próprio campo era concebido. A metodologia da investigação terminológica aplicada sobre documentos da área reflete o uso da linguagem de especialidade registrada nesses textos cujo resultado aponta para um drama ainda presente na Museologia, desvincular seu objeto de estudo da instituição museu. A questão do patrimônio cultural, nesse período, surge como tema e não *termo* partícipe e atributo constituinte da área. Decorre que, pode-se identificar a atuação da linguagem de especialidade e presença de conceitos, instrumentos estruturantes da teoria, mas a área sofre e demanda estudos que os reformulem para que a partir do *conceito museologia* se evidencie com segurança o *domínio Museologia*.

Palavras-Chave: Museologia; Terminologia da Museologia; Conceito de Museologia; Linguagem de especialidade e Museologia.

ABSTRACT

The terminological issue in the field of Museology goes through the use of a language of specialization and, mainly, the formulation of concepts and their designations, the term, which is a function and result of an intellectual effort. In this sense, word and term are not equals. According to the history of the constitution of this area on the 1980's, it's possible to identify many subjects of study for Museology. That indetermination, that is our heritage, led us to investigate in publications of theoretical and thematic nature, the premises by which this field in itself was conceived. The methodology of terminological investigation applied on the documents of the area reflects the use of the language of specialization registered in those texts, and the results point to a drama still present in the Museology, to detach its subject of study from the museum as an institution. The issue of cultural patrimony, in this period, appears as a theme and not as a term and a constitutive attribute of the area. Thus, we can identify the action of the language of specialization and the presence of concepts, structurant tools of theory, but the area suffers and asks for studies that can reformulate them, in such a way that from Museology as concept rises Museology as a domain.

Keywords: Museology; Terminology on Museology; Concept of Museology; Language of specialization and Museology.

Siglas e Abreviações

- CIDOC** – Comitê para a Documentação
CILEM – Centro de Investigações da Linguagem Museológica
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo
ECOSOC - Conselho Econômico e Social
FMAM - Sociedade dos Amigos dos Museus/Icom
IICI - Instituto Internacional de Cooperação Intelectual
ICCROM – Centro Internacional de estudos para a conservação e restauração
ICME - Comitê Internacional do ICOM para Museus de Etnografia
ICOFOM - Comitê Internacional para Museologia
ICOFOM-LAM - Comitê do ICOFOM para a América Latina
ICOM - Conselho Internacional de Museus
ICTOP - Comitê Internacional para Treinamento de Pessoal em Museus
ISO – Organização Internacional para Padronizações
ISS – Icofom Study Series
LE – Linguagem especializada
LD – Linguagem documentária
LN – Linguagem natural
MDA – Grupo de trabalho para terminologia
MINOM - Movimento Internacional para a Nova Museologia
MUWOP/DoTraM - *Museological Working Papers/Documents de Travail sur la Muséologie*
O.I.M – Organização Internacional de Museus
ONU – Organização das Nações Unidas
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

INTRODUÇÃO – Inquietações: nosso objetivo de pesquisa ...	7
CAPÍTULO 1 – DE PALAVRA A TERMO. O painel de linguagens no ICOM – Conselho Internacional de Museus.....	16
1 Uma situação particular.....	16
1.1 Diferenciando linguagens.....	25
2 A atividade terminológica	37
2.1 Terminologia e formação de termos.....	37
3 Em direção a uma <i>linguagem de especialidade</i>	47
CAPÍTULO 2 – O AMBIENTE DAS PALAVRAS. Delineamentos para uma teoria.....	54
1 Um comitê internacional para a Museologia (ICOFOM)	54
1.1 O ambiente.....	54
2 A que veio, ou os objetivos	59
2.1 Opiniões, ou perguntas e respostas	65
2.2 ‘Contra’ ou ‘a favor’	70
2.3 Aonde buscar os fundamentos para uma teoria, ou uma forma de conceber a Museologia.....	75
2.4 Ciência, mas e o objeto de estudo?	79
2.4.1 ‘Museologias’	83
2.4.2 Nova Museologia	93
3. Entre teoria e prática segundo o ICOFOM.....	100
CAPÍTULO 3 – CONTEXTO DAS PALAVRAS. Publicações, o terreno da difusão e divulgação	103
1 As idéias em seus suportes.....	103
2 A teoria enunciada.....	116
2.1 MuWoP/DoTraM.....	116
2.1.1 O reflexo das dúvidas e o problema terminológico – MuWoP n.º 1.....	117
2.1.2 O ‘léxico de Brno’ - MuWoP n.º 2.....	127
2.2 O ISS – Icofom Study Series	138
3 A prática divulgada	146
3.1 A <i>Museum</i>	146
3.1.1 Alguns antecedentes: A <i>Museum</i> e o primeiro número da <i>Museum</i>	146
3.2 A <i>Museum</i> de 1980 a 1990	155
3.2.1 Temas.....	155
CAPÍTULO 4 - O EMPREGO	168
1 A linguagem de especialidade e as variações discursivas.....	168
2 O trabalho terminológico sobre a linguagem de especialidade ...	176
2.1 O inventário.....	179
2.2 A delimitação das características	184
2.2.1 Sínteses das variações.....	206
2.2.2 Categorias e temas.....	212
CONCLUSÕES.....	219
BIBLIOGRAFIA	225
ANEXO	

Introdução

INQUIETAÇÕES: NOSSO OBJETIVO DE PESQUISA

Aprendi a seguinte premissa:

“Fato museológico é uma relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, testemunho da realidade. Uma realidade da qual o homem também participa e sobre a qual ele tem o poder de agir, de exercer sua ação modificadora. (...) O que caracteriza, na realidade, esse fato museológico, e é aí que entra o museu como um dado a considerar, é que essa relação profunda se faz num cenário institucionalizado, e esse cenário institucionalizado é o museu”¹.

Tal premissa foi apresentada nas aulas de Waldisa Rússio Guarnieri² durante o ano de 1985, formulada pouco tempo antes, acredito que por volta de 1981 ou 82, resultante de esforços de alguns pensadores, inclusive ela mesma, impulsionados pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus) e o ICOFOM (Comitê Internacional para Museologia).

Havia o interesse, por parte de membros desses organismos, em fundamentar teoricamente a Museologia, armando-a com um corpo de conceitos, pois isto lhe daria força para se impor como disciplina acadêmica, além do que, pensavam, a teoria poderia explicar e unir diferenças e divergências entre os próprios ‘trabalhadores de museus’.

As diferenças e divergências antecederam o surgimento da teoria, cindida desde o princípio entre uma abstração teórica, desvinculada da instituição, ou então sedimentada na plataforma prática e palpável das atividades do museu. Esta definição acima - uma dentre as possíveis - espelhava, naquele momento, a necessidade de se contar com um certo consenso, trazendo alguma coesão entre indivíduos que formavam grupos com linhas diferentes de pensamento sobre a Museologia e o que seria uma teoria da museologia dentro do próprio ICOFOM.

De qualquer forma chegar às definições, acreditava-se, a tornaria mais respeitável. Waldisa preferia apresentá-la como conceito e não definição, deixando-o aberto e, assim, capaz de incorporar futuras modificações, segundo sua explicação.

Nossa mestra intuía as fragilidades epistemológicas da área.

¹ RÚSSIO; 1984:60.

² Waldisa Rússio implementou e foi coordenadora do curso de Museologia na Fundação Escola de Sociologia e Política, São Paulo. Faleceu em 1992.

No começo do séc. XXI, perguntando a alunos de graduação³ o que compreendiam por Museologia, obtive como resposta: estudos de museu.

Difícil explicar a premissa ensinada, quando até mesmo a raiz desta palavra remete à presença de uma estrutura física e de uma instituição – a edificação museu, o museu instituição -, ou operacional, entendido como todos os trabalhos desenvolvidos em museus, incluindo a montagem de exposições.

Se o significado de Museologia foi ou ainda é instável, ou também se já não é tão importante discutir sobre seu estatuto de ciência, a instituição museu por sua vez se mantém embora bastante diversa do que fora – e façamos um recorte sincrônico – no início do século XX.

Espontânea ou forçosamente o museu adaptou-se às demandas sociais e, assim, cada vez mais se encontra atrelado ao reclamos do chamado mercado cultural. Preservar o Patrimônio, coletar e investigar coleções de qualquer espécie e natureza, apresentá-las, divulgar conhecimentos os mais variados, passaram a ser faces de uma mesma instituição.

Na década de 70 e 80 do século que passou, esperava-se ir além com o desempenho e atuação dos museus na sociedade. Este 'ir além' significava superar a presença de objetos, experimentos, peças, espécimes vivos ou não. Açambarcar o tempo e as coisas no tempo se tornara uma exploração conhecida. Os territórios, o espaço, mas mais do que isso, aqueles que neles viviam, passaram a objeto de preservação. Ainda um pouco mais além, alguns esperavam que os museus deixassem de refletir posturas elitistas para incorporar anseios populares e comunitários, tornando-se destes porta-voz, uma maneira de subverter e inverter a estratigrafia da pirâmide social ciosa em manter a elite acima e o popular embaixo. Os museus deveriam se tornar fóruns para debates de problemas sociais, políticos, econômicos, de minorias, das diferenças, ou das igualdades. Nas áreas de exposição e nas estratégias de apresentação se casariam conhecimentos cultos, acadêmicos, científicos e os do senso comum. Todos ocupando um único patamar, o de cima. Waldisa se engajava nessas expectativas, e as idéias do educador Paulo Freire se faziam presente na sua fala e escrita.

O percurso de Waldisa foi interessante. Migrou da área de Direito, formada pela São Francisco (USP) quando se tornou responsável pela Secretaria de Ciência e Tecnologia em São Paulo, e nele ficou encarregada de implantar um museu. Nesse período 'descobriu' a Museologia.

Desvendando caminhos para ela até então desconhecidos, contatou pessoas, procurou informações nos mais antigos cursos de Museologia do Brasil (Rio de Janeiro e Salvador), levantou bibliografia, se afiliou ao ICOM e acabou criando o

³ Ministrei aulas de Introdução à Museologia para alunos do curso de História na UNIFIEO, OSASCO.

curso de especialização *latu sensu* na Fundação de Sociologia e Política de São Paulo.

Vinculada ao ICOM passou a se corresponder com personagens como George Henri Rivière, francês, antigo participante do movimento de Resistência durante a Segunda Guerra. Se não houvesse outro esse já seria um motivo suficiente para ela partilhar das idéias de Rivière já que valorizava as lutas sociais. Vivera nos anos 1970 sofrendo no Brasil, como nos contou, com a perseguição e tortura de amigos íntimos pelas ferragens da ditadura desse período. Através da malha daquele conselho internacional conheceu o pensamento de indivíduos, muitos dos quais diretores de museus detrás da Cortina de Ferro que, segundo Peter Van Mensch, foram os precursores das discussões sobre as questões teóricas para e de uma Museologia. Contudo, esta é uma parte da história.

O fato é que a marca do pensamento europeu se fazia presente e forte na formação desta Museologia embrionária e dela se dizendo interdisciplinar.

Enquanto isso na América Latina engatinhavam os questionamentos sobre Políticas Culturais. Questões sobre Patrimônio traziam à baila, pela reflexão de pensadores locais, o estreito e curioso uso que instâncias públicas faziam dessas políticas para escamotear as grandes diferenças, não só étnicas. Uma espécie de álibi pasteurizador e conveniente encobrendo-as numa única 'alma'. De acordo com Néstor Garcia Canclini⁴, as Américas embaixo da América do Norte sofrem um impasse sem saberem ao certo se entram ou saem da Modernidade. As Américas Latinas ficam no fio da navalha entre as tradições, adaptando-as de alguma forma aos modernismos, e o bem-me-quer ou mal-me-quer das modernizações tecnológicas.

Enquanto o campo dos museus passava por essas ingerências, os mesmos anos 1980 foram palco de muitos outros acontecimentos. Possivelmente os museus foram deles reflexo. Eric Hobsbawn⁵ os chamou de 'Anos Dourados' dentro de um contexto mundial. 'Dourados' porque aparentemente a situação mundial caminhava em curva ascendente, impulsionada pelo rápido desenvolvimento da Ciência e tecnologias, pela abundância de alimentos, pelas facilidades de comunicação e assim por diante, ainda que nem todas essas benfeitorias fossem realmente boas, não se encontrassem disponíveis para todos, e nem mesmo em todos os cantos deste planeta, reforçando o adágio: bom para uns, ruim para outros.

Hobsbawn não diz, mas cabe perfeitamente dentro deste contexto, o incrível aumento de visitação que os museus passaram a receber na esteira de um padrão econômico em ascensão, incrementando viagens de turismo. Os museus, sabemos, se tornaram passagens obrigatórias para aqueles que viajam principalmente para a Europa ou Estados Unidos. Deixar de visitá-los corresponde a desqualificar qualquer

⁴ CANCLINI, 1997.

⁵ HOBSEBAWN, 2000.

passeio ao exterior. No entanto, nos lembra Hobsbawn, as guerras continuaram, mesmo que 'Fria'. Foi em 1989, que o Muro de Berlim, divisória de cimento e cal, acaba sendo derrubado.

Os anos 1980 foram fervilhantes e a pequena preposição 'após' - latinizada 'pós', ou 'post'-, escreve Hobsbawn, tornou-se palavra-chave e prefixo de marca tanto para os intelectuais como para as transformações rápidas e universais. O "pós", assinala nosso historiador, é o "território mental da vida no século XX"⁶. Assim é pós-moderna a situação narrada por ele, ocorrida no final da década de 1970: numa pequena feira de uma aldeia mexicana barraqueiros faziam as contas em pequenas calculadoras de bolso... japonesas.

Algumas mudanças, ou quem sabe, direcionamentos, da rota da globalização foram: a tendência ao esvaziamento do campo e adensamento das cidades, a morte do campesinato; o declínio das classes operárias industriais vitimadas pelas novas tecnologias; a presença inquestionável da mulher ocidental e casada no mercado de trabalho reestruturando e transformando a família tradicional; o crescimento de ocupações que exigiam educação secundária e superior necessárias para esse mesmo mercado. Estes são alguns dos sinais captados por Hobsbawn como significativos para uma outra mudança, a cultural. Esta foi acionada entre outros movimentos pelas mudanças nas relações entre sexos e entre gerações. Está em ação o desenvolvimento de uma "cultura juvenil" ou "cultura jovem global", um novo mercado a ser explorado, "de massa" mas com poder aquisitivo⁷. Essa cultura, continua, caracteriza um fenômeno urbano e internacional, influenciado pela hegemonia cultural norte-americana. Impera o *jeans* na indumentária e o *rock* na música, incorporando nos anos 1980 os sons latinos e africanos. Foi pelo cinema norte-americano, reforça este historiador, que se difundiram por meio de uma "osmose informal" os padrões anglo-saxônicos⁸, auxiliados pelas facilidades de comunicação internacional rápida e também pelo intercâmbio facilitado por uma rede mundial de universidades. Foi essa cultura jovem a matriz da revolução cultural responsável pela impregnação de costumes e valores nas outras faixas etárias.

Estas mudanças são algumas das ocorrências no pano de fundo da década de 1960, 1970 e 1980, e penso eu, não poderiam deixar de influir nos museus.

Nessas décadas os museus mergulharam na Era da Informação e da Comunicação, da mesma forma que outras instituições representativas das faces da Cultura, espelhando a seu modo as tensões existentes.

As mudanças foram sendo 'in-corpora-radas', agregadas ao corpo dos museus. Aliás, palavras como 'corpo', 'membros', 'universo', 'mundo', 'família' e 'grupo', são

⁶ HOBBSAWN; 1995:282.

⁷ *Idem*, 320.

⁸ *Idem*, 321

facilmente encontradas nos textos que comentam os museus, principalmente naqueles emanados da 'cabeça' oficial: o ICOM. Este organismo não está só, pois é parte de um outro corpo maior, a UNESCO, que por sua vez é parte da ONU, mais acima hierarquicamente.

A analogia com um corpo sugere, numa direção, a idéia de 'corporação' (associação de pessoas com o mesmo credo ou profissão, sujeitas às mesmas regras, e com os mesmos deveres e direitos, indica o Dicionário Etimológico) e numa outra, de 'organismo', como se fosse natural, perfeito e sincronizado. Na prática não é bem assim, pois desse 'sistema orgânico' participam somente algumas pessoas, ainda que o número seja cada vez maior, e algumas instituições. A analogia se faz conveniente para imprimir a idéia de um grupo unido e coeso.

Viramos o século. Não considero que findou o dilema entre as duas concepções tronco e bifurcadas da museologia: uma direcionada para entendê-la como 'ciência de museus' e, a outra, como 'ciência do fato museológico'. Uma pequena prova: Peter van Mensch, holandês, museólogo e docente de Museologia, em sua tese de 1992, faz um extenso arrazoado do que foi desenvolvido pelo ICOFOM durante as décadas de 1970 e 1980. Seu objetivo foi demonstrar que a museologia afinal é uma ciência com objeto próprio de estudo. Pretendeu responder a uma inquietação expressa por John Hodge, num simpósio do ICOFOM realizado em 1983 em Londres, no qual praticamente cobrava de alguém o esboço de uma teoria esclarecedora da Museologia capaz de dar conta das proposições até então apresentadas e explicasse fenômenos a ela relativos⁹. Van Mensch, declara, vem se colocar nesse lugar e argumenta que, mesmo após quase duas décadas, a questão teórica da Museologia ainda não estava resolvida¹⁰. Um dos pontos lacunados trata da ausência de um vocabulário aceito internacionalmente, escreveu van Mensch doze anos atrás.

Nesta nossa área, embora se conte com o que se denomina 'linguagem de especialidade', nossa linguagem de comunicação, não há ainda coesão sobre os conceitos que empregamos e esta ausência não é novidade, em se tratando de uma ciência social. No entanto importa identificá-los para sintonizar a comunicação, os intercâmbios, a competência lingüística para descrever a Museologia no plano epistemológico.

Houve tentativas para se chegar a um maior consenso terminológico por parte do ICOM com a publicação do *Dictionarium Museologicum* em 1986 sob os auspícios da UNESCO, graças ao trabalho e, possivelmente, ao esforço pessoal do húngaro István Éri¹¹. Três anos antes (1983)¹², Éri declarara sua esperança de que este

⁹ HODGE *apud* MENSCH; 1992:1 de 5.

¹⁰ *Idem, ibidem.*

¹¹ István Éri foi um estudioso de literatura e história húngara, arqueólogo especialista em Idade Média, ocupou cargos de diretor do Instituto de Conservação e Metodologia de

dicionário se tornasse uma 'ponte com palavras', para ligar profissionais e instituições pois já estava diagnosticado a falta de uma 'unidade lingüística em museologia'. Éri conclama neste artigo a importância de uma terminologia apropriada, "tarefa de uma grande atualidade", bem como seu papel para uma formação museológica adequada. Foram quase 10 anos de trabalho para concluir o dicionário, contados da data da Resolução n.º 7 adotada na XII Assembléia Geral do ICOM, realizada em Moscou, que considerava a definição de termos como contribuição importante e necessária para a área.

Naqueles anos de 1980, Eri estimava que, o estado da pesquisa museológica, já permitia a compilação de um dicionário de termos, e convidava os Comitês Nacionais e Internacionais do ICOM a apresentarem suas propostas para a realização de uma terminologia ` (...) tendo em conta a experiência prática e teórica acumulada pela Museologia em todos os países'¹³. A FAPESP/São Paulo, é uma dentre as 36 instituições que assistiu o trabalho editorial deste dicionário. Maria de Lourdes Rego Novais (Rio de Janeiro), e Waldisa Russio (São Paulo), constam entre as 106 pessoas a quem o Dr. Lucas Wüthrich, então Presidente do CIDOC (Comitê para a Documentação de Museus), expressa sua gratidão.

Este dicionário contudo, raramente faz parte de nossas mesas de trabalho ou de estantes de bibliotecas.

Gerado num ambiente temporal em que a Terminologia também se fazia cada vez mais presente como instrumento necessário de comunicação, ele não se propõe a apresentar conceitos, embora no texto de apresentação esteja mencionado que "contêm termos e expressões essenciais usadas em disciplinas afins e termos gerais (...) de interesse para os museus". Mas não são *termos*, são palavras.

Ele é composto por 365 páginas, apresenta a tradução de 1632 palavras para 20 línguas (inglês, francês, espanhol, russo, alemão, búlgaro, checo, dinamarquês, esperanto, finlandês, húngaro, italiano, alemão/holandês, norueguês, polonês, português, romeno, servo-croata, eslovaco, sueco)¹⁴. Nesse período, somente o inglês e francês eram considerados como línguas oficiais do ICOM. O espanhol passa a vigorar como tal em 1989.

Números e datas, acredito, são sempre convincentes. Nacionalidades inclusive. Holandês, norte-americano, húngaro, russo, tcheco, sueco, uma brasileira... pessoas distantes espacialmente entre si, de diversos lugares do mundo num esforço conjunto para modelar um rosto multifacetado, supra-racial de uma Museologia pretendida e esperada por elas, e quem sabe quanto pelos organismos internacionais?

Budapest, foi presidente do grupo de trabalho do CIDOC (Comitê Internacional para a Documentação, posteriormente também para a Terminologia).

¹² ÉRI; 1986:110-113.

¹³ *DICTIONARIUM MUSEOLOGICUM*; 1986:XV

¹⁴ *Idem, ibidem*.

Nenhum trabalho terminológico é feito isoladamente. Ele demanda um esforço cooperativo, o consenso e, principalmente, o aval da comunidade que emprega a linguagem da área (a linguagem de especialidade); por essa razão as reflexões a seguir não pretendem definir 'uma' ou 'a' terminologia para a Museologia.

Nosso objetivo é o de afirmar a presença da linguagem de especialidade entre nós os museólogos e demonstrar através de uma retrospectiva histórica sincrônica, assentada nos anos 1980, que se conta com termos e, assim, com terminologia de área, condição para que se elucide a Museologia em fase científica. Para isso realizo um exercício terminológico demonstrativo do *conceito museologia*, pois o entendemos como elemento-chave de compreensão desta área de especialização que leva a denominação Museologia.

Minha inquietação se iniciou com a apreensão daquela premissa e agora, com outra bagagem, me pergunto o que, afinal, pode nos ensinar a metodologia da Terminologia para elucidar uma disciplina? Poderia ela auxiliar a Museologia? O que se obtêm seguindo-se um percurso terminológico? Podemos contar com palavras ou termos? Ou ambos? O que nos ensina este caminho?

Consenso, sabe-se, não houve.

As posturas frente à Museologia se desdobraram e as palavras, por sua vez, signos plásticos, amoldam-se, acomodam-se.

Voltamos no tempo. Dito de outro modo voltamos ao período de sua constituição, nos discursos dos chamados 'colaboradores' do ICOFOM e nos registros impressos na forma de publicações que eles deixaram.

Esta situação me leva a uma imagem que impressiona. Falo da reprodução da *Torre de Babel* de Peter Bruegel, usada para ilustrar o artigo de István Éri e a capa da *Museum*¹⁵ n.º 138, na qual foi publicada, com o tema 'Reflexões e trocas'.

Ela traz no primeiro plano a figura de um rei, cercado de alguns lanceiros, tendo ao lado esquerdo um personagem que se destaca do grupo por sua indumentária e gesto, nos fazendo vê-lo como mediador em fala de intervenção, já que a seus pés há trabalhadores ajoelhados num ato de súplica e subordinação. Do lado direito do rei outros trabalhadores continuam a talhar pedras para sua obra monumental, de tão vasta importância que o faz presente ali no que poderia ser um canteiro de obras primeiro, pois de cada talhe nascerá o necessário encaixe do bruto material transformado lentamente em Arquitetura.

No segundo plano, invadindo o primeiro, a Torre: imensa, majestosa e inacabada. A quantidade de andaimes e estranhas máquinas nos impelem a concluir pelo intenso movimento e dificuldades dessa construção, erguendo-se em direção às nuvens e para o céu pela força de homens minúsculos.

No plano contíguo, do lado direito, nos chama a atenção um castelo à sombra da Torre. Suas proporções induzem a perceber que sua dimensão, embora

¹⁵ A *Museum* é uma publicação trimestral oficial da UNESCO.

maior do que outras construções da cidade, exceto talvez por alguns cumes de edificações, não ultrapassa os contrafortes da Torre. Circundando-a, o porto e seus barcos, a cidade dos homens. Ao fundo, na linha do horizonte, o mar de um lado e uma ilha ou istmo, delimitando o olhar à direita. À esquerda e ao longe, montanhas suavemente delineadas. Essas demarcações, por uma finitude a direita e esquerda, trazem o olhar de volta para o centro do quadro, banhado de luz, fazendo sobressair a Torre, ponto de encontro de todos e todas as línguas.

O quadro de Bruegel no contexto da *Museum*, assim o interpreto, indica a construção infundável, sempre *em realização* do 'mundo' dos museus, pela intervenção de pequenos seres humanos, erguendo por suas próprias mãos, um verdadeiro monumento a custo de um esforço conjunto e de conjunto.

O ICOM é um organismo atuante, e a UNESCO também. Este papel não foi nem é desempenhado sem críticas, mas foram indivíduos como Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que dele participou, que deram vida e voz a esse corpo abstrato. Pessoas se esforçaram para impulsionar a Museologia, e isso não ocorreu sem cismas, abandonos ou desilusões. Com graus variáveis de estabilidade e fusão, esses esforços criaram a idéia de grupo, de área e disciplina, armazenando o capital simbólico desta área. É sobre este capital, do qual a linguagem de especialidade faz parte, que recai este projeto de investigação, ressaltando aspectos do seu sistema conceitual que fizeram parte de uma reflexão teórica que nos foi deixada como legado.

Um legado gerado numa situação particular.

Peculiar.

A pesquisa *Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia* se apresenta com um preâmbulo e quatro capítulos.

No preâmbulo apresentamos nossa Inquietação, nosso objeto de investigação formulado sobre a questão terminológica na Museologia, durante os anos 80 do século XX, e emitida pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus), e ICOFOM (Comitê Internacional da Museologia), quando por este comitê, um grupo predominantemente europeu, se voltou para teorizá-la, deixando-nos um legado interrogativo sobre sua condição enquanto área de conhecimento. O eixo teórico se articula ao redor da Terminologia acreditando-se que, através de alguns de seus recursos metodológicos, é possível esclarecer se a área conta com *termos* e não palavras, pois aqueles são denominativos de conceitos e estes os instrumentos para a construção *de fato* de uma teoria.

Para isso apresentamos, em primeiro lugar, o painel que se forma com a sobreposição de linguagens no ICOM e seus comitês, nos quais os membros advêm de muitos países e falam diferentes idiomas (suas línguas naturais), nesses órgãos se expressam em 'línguas de trabalho' (inglês e francês), empregando a linguagem de especialidade da área dos museus, e que no caso do ICOFOM, ainda houve a

tentativa de criar a 'terceira linguagem', também neste caso, a que expressasse a Museologia enquanto ciência. Apresenta-se também aspectos sobre a atividade terminológica e como se dá a formação de termos. Em seguida, comenta-se alguns trabalhos do ICOM, como o do *Dictionarium Museologicum*, que veio à luz com o intento de servir de instrumento normalizador dos conceitos. Estes aspectos são tratados no capítulo I, *De Palavra à Termo*.

No capítulo II, *O ambiente das palavras*, introduzimos os objetivos do ICOFOM, e apresentamos como ocorreu a coleta entre seus colaboradores das opiniões do que poderia ou não tratar a Museologia. Questionários ou roteiros prévios aos encontros do comitê, foram o meio encontrado para coletar respostas que desembocaram em formulações com propósitos teóricos bastante diferenciados. Apresentam-se as razões pelas quais alguns personagens deste comitê, retiraram de suas experiências profissionais pessoais os questionamentos que os levaram a perguntar se a Museologia seria uma teoria ou somente uma prática. Começaram a surgir as dificuldades para identificar o objeto de estudo da Museologia, e na medida em que ele se multiplicava também se desdobrava as possibilidades de se ter mais de uma museologia. Esta pluralidade gerou linhas até mesmo opostas de concepção. Enquanto se discutia no âmbito do comitê o que seria essa Museologia, uma outra, a Nova Museologia ou Ecomuseologia mostrava suas experiências e frutos. Reivindicando uma outra atitude perante os museus tradicionais, essas novas linhas ou formas de pensar o museu, pressionaram para que a própria conceituação fosse também se alterando. O painel que se apresenta aqui é o da multiplicidade de expressões tensionadas entre a teoria e prática.

A documentação pesquisada reflete essas tensões entre a teoria enunciada, e a prática divulgada. Trata-se do *Contexto das Palavras*, no capítulo III. As publicações do ICOFOM, *Museological Working Papers* e *Icofom Study Series* registram as dúvidas, as propostas dos colaboradores, as posições até mesmo políticas e ideológicas que permearam o desenrolar desse histórico de formação de uma teoria. Na medida em que se davam os encontros e os textos que os precederam, o 'problema terminológico' se apresenta cada vez mais forte influenciando na configuração das proposições sugeridas. Essas publicações fazem parte de um momento de produção da ciência realizada entre pares e disseminada entre eles. A prática é apresentada pela revista de divulgação profissional *Museum*, publicada pela UNESCO, para um público profissional especializado. Cada uma dessas publicações tem objetivos diferentes, mas através delas pode-se compreender e contrapor como foi empregada a linguagem de especialidade. Uma tratou somente da teoria e abortou no segundo número (*Museological Working Papers – MuWoP/DoTraM*). Os cadernos da série de estudos *Icofom Study Series – ISS* cuidaram nesse período da questão teórica, mas voltaram-se mais para temas de interesse e estavam também vinculados às questões propostas pelo ICOM ou ICOM

e UNESCO. São debates de problemas do período. Já na *Museum* os temas são relativos à profissão, tipos de museus, conservação, restauro, educação em museus, e assim por diante, com intenções explícitas de atualizar e servir aos profissionais de museus.

O próximo passo foi o de investigar como ocorreu o emprego das linguagem de especialidade nessas publicações que reproduzem as variações discursivas já que seus objetivos de comunicação não são os mesmos. Em *O Emprego*, pode-se acompanhar as etapas de aplicação do método terminológico para cotejar um único conceito, o *conceito museologia* uma vez que o consideramos como fundamental para a compreensão do domínio Museologia. As etapas de processamento seguem a formação de um inventário, a delimitação das características, a síntese das variações encontradas e os resultados a que chegamos quando da tentativa de organizar em categorias e temas essas variações.

Conclui-se que, embora tenham ocorrido proposições diferentes, em geral o objeto da Museologia funda-se sobre a instituição como atributo constituinte. Mesmo o deslocamento da proposição para que esse objeto fosse compreendido como uma 'relação entre o homem e o objeto', ele finca-se na instituição. As propostas da Ecomuseologia e Nova Museologia propõem um outro deslocamento voltado para a noção de patrimônio extenso, no entanto, ele não pode ser abordado como tema e sim como *termo* integrado ao *conceito museologia*. A Museologia, mesmo atestando-se a sua linguagem de especialidade, tendo sua área relativamente delimitada, vive - sob essas tensões - um drama.

CAPÍTULO 1 – DE PALAVRA A TERMO. O painel de linguagens no ICOM – Conselho Internacional de Museus

1 Uma situação particular

O ICOM, Conselho Internacional de Museus, constitui-se num núcleo plurilíngüe que tem como objetivo tratar de assuntos sobre museus em nível mundial uma vez que vinculado à UNESCO. Pessoas tendo interesse comum, provenientes de países, culturas e línguas diferentes, procuram se ajustar às chamadas línguas (ou idiomas) de trabalho do ICOM - inglês, francês e espanhol¹⁶ -

¹⁶ Nas Assembléias Gerais do ICOM em 1986 na resolução no. 12 (em encontro na Argentina) solicita-se a inclusão do espanhol como língua oficial. Em 1989, uma resolução a inclui como língua oficial (ou língua de trabalho). Seu emprego 'foi muito discutido'. Entre o ano de 1986 e 1989, por conta do encontro internacional do ICOM na Argentina, cresceu o número de participantes da América Latina, e mais ainda de brasileiros (ou seja, daqueles que falam o português superando, assim sugere van Mensch, os de língua espanhola (van MENSCH; 1992. *International Committee for Museology*. Nota 51: 12, 19 de 20).

para expressar-se sobre os museus e museologia. Isso indica a necessidade de realizar passagens entre a concepção de idéias numa determinada língua e o seu compartilhamento em outras¹⁷. São passagens de comunicação que se fazem pela oralidade e pela escrita. Essas pessoas, por pertencerem a um mesmo ambiente de trabalho – o dos museus –, ainda que pese diferenças, leva-nos a supor que não há problemas com as formas de intercâmbio lingüístico e, nele, os significados¹⁸ das palavras, uma vez que, aqueles que rodeiam esse tema, trocariam entre si um mesmo conjunto vocabular com emprego e significados idênticos. No entanto, na prática, ocorrem muitos deslocamentos de significados.

O universo virtual das línguas (naturais, linguagem geral, linguagem comum ou linguagem de uso corrente), aquele do possível e nunca realizado com plenitude, e o da linguagem (aqui tratamos da linguagem oral e escrita) condicionante do conhecimento objetivo¹⁹, ambas simultaneamente estáticas e dinâmicas, são afetadas por fenômenos que lhe são naturais como: redundância, ambigüidade, polissemia e outras variações, que intervêm na estrutura da língua (sistema), ocorridas também por injunções sócio-históricas à mercê do tempo e lugar.

As denominadas *linguagem de especialidades*²⁰ que, em geral, vigoram em ambientes de trabalho ou profissionais, dependentes como outro qualquer da linguagem, não fogem à regra, ainda que tenham seu campo semântico mais circunscrito. Com um menor grau de variação para o significado das palavras em tais ambientes, idealmente, a plasticidade das palavras dá lugar a conceitos específicos, monorreferenciais, relacionais: *termos*, conforme Cintra *et alii*²¹. O seu

¹⁷ Sobre o emprego dos idiomas no ICOFOM, van Mensch apresenta os seguintes dados e comentários: 30% dos contribuintes (membros ativos, os que contribuem com o pagamento de taxa) usavam (sua referência, os anos 80) sua 'língua nativa' (inglês 17% + francês 13%). 10% vinham de antigas colônias, com o inglês ou o francês como segunda língua, ou às vezes, primeira. Quanto aos textos, 60% dos autores ou eles próprios faziam a tradução ou usavam tradutores profissionais, os quais "usualmente não estavam familiarizados com a terminologia museológica" – causando críticas sobre a qualidade dos textos para aqueles que tinham o inglês ou francês como 'língua nativa' (entre os críticos o norte-americano Ellis Burcaw, 1983; Hodge, 1983; De Varine, 1986). O inglês era considerado a 'língua líder' e preferencial por aqueles que não a tinham com língua original (van MENSCH; 1992. *International Committee for Museology*. Nota 51: 12 de 20).

¹⁸ Significado, explica Maria Tereza Cabré, está no sistema semântico de uma língua. Não é uma unidade isolada "na mente do falante, mas junto com outros significados com que compartilham alguma relação, integra conjuntos semânticos ordenados" (CABRÉ; 1993:93).

¹⁹ "A linguagem condiciona o conhecimento objetivo, determinando os limites de sua formulação" (GRANGER *apud* CINTRA *et alii*; 1994:27).

²⁰ De acordo com Maria Tereza Cabré, há divergências e diferenças no que se entende por língua de especialidade e os critérios para definir o que é "especializado" de uma linguagem. O discurso técnico-científico – 'o caso mais claro de texto de linguagem especializada' – pode ser considerado como 'discurso unitário', no sentido de que são de caráter monofuncional, os usuários que as utilizam são restritos, sua aquisição é voluntária, e gozam de certa autonomia em relação à linguagem geral (cf. PITCHT E DRASKAU *apud* CABRÉ; 1993:143).

²¹ CINTRA *et alii*; 1994.

emprego é menos indiscriminado, em tese, uma vez que o deslocamento de significados fica mais regulamentado.

Através do ICOM, se produz e se acumula conhecimento particular, especializado, referente ao domínio dos museus formando uma área temática, que em si e similarmente a outros domínios, vai se construindo a medida em que é posto em relevo seu próprio campo e suas fronteiras. O contorno deste conhecimento e de seus conceitos (ou noções)²² se faz por discussões e publicações do que acontece no mundo dos museus, aspecto que passa pelo emprego e disseminação de uma determinada linguagem para que ocorra a comunicação com apreensão e compreensão dos conteúdos em ação.

Uma vez que a linguagem perpassa toda essa região de encontros e discussões, convém elucidar na estrutura do ICOM os pontos de junção que fizeram problematizar a existência de uma terminologia²³ de área, que necessariamente opera com algum nível de consenso.

O ICOM perfaz o primeiro ponto de uma rede de relações linguísticas que acontece num amplo território de interesse mútuo: os museus, que também se afiguram como ambiente de trabalho de seus participantes.

Este organismo funciona como associação voltada, em primeiro lugar, para a promoção e o desenvolvimento dos museus e seus profissionais, emitindo recomendações e diretivas para gerenciar interesses de ambos. Nessa associação escalonada²⁴, os membros dos mais variados países do mundo, empregando uma

²² Noção ou conceito são definidos pela ISSO 1087 como “unidade de pensamento constituído por propriedades comuns a uma classe de objeto” (cf. CINTRA *et alii*; 1994:36).

²³ A palavra ‘terminologia’ pode referir-se ao menos a três conceitos, explica Maria Tereza Cabré: uma disciplina; uma metodologia (conjunto de diretrizes que utilizam o trabalho terminográfico); um conjunto de termos de uma área específica (CABRÉ; 1993:82). Aqui estamos nos referindo ao terceiro conceito.

²⁴ O ICOM conta com os 28 Comitês Internacionais incluindo o ICOFOM: AVICOM – para Audiovisual, Imagens e Novas Tecnologias; CECA – para a Educação e Ação Cultural; CIDOC – para a Documentação; CIMAN – para Museus e Coleções de Arte Moderna; CIMCIM – para os museus e coleções de instrumentos musicais; CIMUSET – para museus e coleções de ciência e tecnologia; CIPEG – para Egíptologia; COSTUME – para museus e coleções de indumentária; DEMHIST – para os museus de casas históricas; GLASS – para os museus e coleções de vidro; ICAMT – para Arquitetura e museus de técnicas; ICDAD – para os museus e coleções de arte decorativa e *design*; ICEE – para museus e coleções de *fine arts*; ICLM – museus de literatura; ICMAH – para museus e coleções de arqueologia e história; ICME – para museus e coleções de etnografia; IC MEMO – para museus memoriais em comemoração às vítimas de crimes públicos; ICMS – segurança de museus; ICOM-CC – para a conservação; ICOMON – para dinheiro e museus de instituições bancárias; ICR – para museus regionais; ICTOP – de treinamento de pessoal; INTERCOM – para questões de administração; MPR – para marketing e relações públicas; NATHIST – para museus e coleções de história natural; UMAC – para museus de universidades e coleções. (ww.23.02.03). Há os comitês regionais em vários países e também está associado às organizações internacionais (AEOM – Associação Europeia de Museus a céu-aberto); AIMA – Associação dos museus de agricultura; AMOI – Associação de museus do oceano Índico; CAM – Associação dos museus da *Commonwealth*; IACM – Associação de museus do costume; IAMAM – Associação dos Museus de armas e história militar; IATM – Associação dos museus de transporte e comunicações; ICAM – Confederação dos Museus de arquitetura; ICMM – Congresso dos museus marítimos; MAC – Associação dos museus do Caribe; MINON – Movimento internacional para a Nova Museologia; PIMA – Associação

pluralidade de línguas naturais, passam a se comunicar nos idiomas oficiais do ICOM. Têm-se aqui um primeiro afunilamento dos possíveis significados das palavras, pois não se trata naturalmente de uma questão de tradução 'palavra à palavra' (os significantes), mas sim do que cada membro compreende ou faz corresponder as palavras no plano da linguagem, e, para tal, o que traz ou acopla de sua própria bagagem cultural²⁵.

Um outro afunilamento paralelo e similar tende a ocorrer com as idéias, problemas e soluções referentes ao tema 'museu', que se torna internacionalizado no âmbito desse organismo, ainda que nele não se desconsidere as diferenças regionais movidas a padrões culturais locais. As línguas de trabalho do ICOM ficam então com o papel de, nesse território temático, ajustar a diversidade do assunto e das idéias. Forma-se um repertório – uma matriz – na qual se assenta uma determinada gama de possibilidades de expressão, melhor dizendo, de discurso – espaço no qual emerge significações²⁶ – apesar de ser um discurso técnico é simultaneamente científico.

Os comitês internacionais²⁷ do ICOM são os outros pontos dessa rede, seguidos dos comitês regionais, compondo, pela especialização de cada um deles, um painel temático prático sobre as atividades que acontecem nos museus: documentação, segurança, conservação, exposições; gerenciamento (administração, marketing); divulgação (relações públicas); educação e ação cultural; emprego de novas tecnologias; tipologia de museus e coleções, ou aspectos bastante particulares como arquitetura de museus, treinamento de pessoal para museus, e museologia.

Cada um desses comitês realiza seu ponto de junção com o ICOM nas atividades da instituição museu (exceto o ICOFOM, dedicado a museologia), usando

dos museus das ilhas do Pacífico; SADCAMM – Associação do desenvolvimento da África do Sul para Museus e Monumentos; SIBMAS – Associação das Bibliotecas e Museus de Arte Performática.

²⁵ Os problemas com o emprego de determinados idiomas (ou línguas) no âmbito das Nações Unidas (ONU), não se restringe ao ICOM e seus comitês, mas afeta todos os braços daquele organismo internacional. A necessidade de terminologias, no sentido de linguagens com um certo padrão, surgem em áreas tão diferentes como Direito Internacional, Comércio Internacional, Aviação, e assim por diante (VER Kent Jones – *Os inconvenientes do inglês para a comunicação aeronáutica internacional* – www.aleph.com.br/kce/artigo24.htm, coletado em 11.05.2003).

²⁶ O entendimento de *discurso* como ligação entre o nível ligüístico e extralingüístico (no sentido das condições sócio-históricas de sua produção constitutivas das significações) vem da área de estudos da Análise do Discurso. Nesta perspectiva, a "linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação, ou suporte de pensamento; (...) é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (...) Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais" (BRANDÃO;s.d:12)

²⁷ Ver nota 9.

para se expressar e comunicar não mais as línguas naturais de cada membro deste organismo, mas sim as línguas de trabalho e linguagem de especialidade; e como se vê pelo desdobramento dos assuntos técnicos que cada um desses comitês cuida e se especializa, elas são várias.

Têm-se portanto, em uso no ICOM, as línguas de trabalho e um grande plano lingüístico de especialidade formado pelo tema maior, os museus, e uma série de 'sub-linguagens' correspondentes a cada uma das especializações.

Para aproximar e facilitar a comunicação entre os membros do ICOM já foram realizadas tentativas de elaborar dicionários²⁸ técnicos, traduzindo palavras (ou expressões) de uma determinada língua natural para as línguas de trabalho deste organismo. A produção desses instrumentos certamente visou um maior consenso vocabular. Os tesouros - instrumentos mais precisos de controle terminológico - também surgiram com fins similares, principalmente após os anos 1970, com dois objetivos: o de compatibilizar denominações principalmente para determinados tipos de coleções e para auxiliar o controle de coleções ou seu gerenciamento, como se prefere nas atividades de Documentação de museus²⁹.

Dentre os comitês do ICOM, o ICOFOM (Comitê Internacional de Museologia), enfoca não as atividades práticas, nem os museus diretamente, mas um plano teórico denominado 'museologia'.

Diversamente de outros comitês, o ponto de interesse inicial não se atinha ao patamar técnico aplicativo, embora de alguma forma o incorporasse. O objetivo era delinear uma ciência *via* uma base teórica, o que tornava ainda mais pertinente a identificação de um léxico³⁰, envolvendo necessariamente uma certa estabilidade

²⁸ Na acepção geral, um dicionário é "um produto lingüístico que recolhe um conjunto selecionado de palavras (ou de outras unidades da língua) e as ilustra com uma série informações" (CABRÉ; 1993:80).

²⁹ A preocupação com as denominações de determinadas coleções, como por exemplo, as de Arte, foram as primeiras a receber atenção ainda ao tempo da Liga das Nações (começo do século XX, entre 1927 e 1945) com o OIM (*L'Office International des Musées.*), que chegou a sugerir padronizações para unificar catálogos iconográficos e classificações. Sob a égide do ICOM, o CIDOC (comitê para a Documentação de museus/ICOM), a partir de 1967, desenvolveu trabalhos para unificar sistemas de documentação. Em 1976, numa reunião da UNESCO/ICOM, uma das conclusões foi de que a informatização não poderia resolver determinados problemas como a coleta sistemática de informações sobre a propriedade cultural dependente de políticas nacionais a serem adotadas. O consenso sobre a importância do controle terminológico "uma questão chave para os museus" (ROBERTS *apud* CERÁVOLO; 1998:40), virá efetivamente nos anos 1990, mas tendo como mote principal os bancos de dados informatizados.

³⁰ O módulo léxico inclui a lista de palavras de uma língua em questão e das regras que explicam. Um princípio que pode ser considerado como universal, explica Cabré, é que uma língua não pode ser concebida sem as palavras - suas unidades de referência à realidade. Um léxicon da gramática do falante é definido como um conjunto de unidades léxicas informadas fonológica, morfológica, sintática e semanticamente como um conjunto de regras de formação de palavras e de reajustes, como conjunto de projeções possíveis sobre as estruturas sintáticas, como conjunto de condições restritivas das regras. O falante não limita seu conhecimento das palavras aos aspectos meramente lingüísticos, mas também informações paralingüísticas e extralingüísticas que determinam o uso real que faz de cada palavra (CABRÉ; 1993;78-79).

de significados capaz de servir de apoio para a formulação da teoria. Para responder a esse estatuto, seriam os *termos* “uma unidade de características lingüísticas similares, [a da palavra], utilizada num domínio de especialidade”³¹, que lhe auxiliariam no caminho para alcançar a configuração de ciência esperada e não as palavras, plásticas e moldáveis por natureza³². Observe-se que, para este objetivo, se contava com uma pluralidade de línguas: as de trabalho do ICOM e as de especialidade sobre atividades de museus.

O ICOFOM nasceu com o compromisso de, em primeiro lugar, identificar o objeto de estudo da museologia, o método ou métodos de análise a serem aplicados, seguidos e confirmados, para marcar o campo disciplinar procurando formatá-lo dentro de padrões tidos como científicos.

O arcabouço conceitual (teoria e método) traria à luz o sistema da museologia, entenda-se, uma estrutura de campos e conhecimentos articulados organicamente, com coerência e coesão. Esse mesmo arcabouço daria condições para que a área encontrasse maior respeitabilidade e, conseqüentemente, confiança em suas premissas, como daria um discurso específico, de museu, para os próprios profissionais.

A proximidade entre linguagens, conteúdos (significados) e palavras, no caso do ICOFOM, tão plurilíngue quanto o ICOM e seus ramos operacionais, talvez tenha se apresentado ainda mais necessária nele do que nos outros comitês, pois, como se percebe, ultrapassa os limites da linguagem técnica. Esta outra linguagem tornou-se um elemento fundamental, até mesmo para se considerar a Museologia “uma genuína disciplina acadêmica”³³.

Nas associações construídas entre idéias (noções) e palavras (termos), e vice-versa, está a força explicativa e organizadora deste campo de conhecimento. O fato de o ICOFOM ter agregado pessoas dispostas a dar forma à Museologia, evidenciando seu cunho particular, fez com que, na tensão para esclarecer as idéias, os colaboradores deste comitê fossem encontrando a forma teórica, ao mesmo tempo em que os conteúdos da linguagem natural e de especialidade impregnados nas palavras da área iam sendo ajustados, modelados mesmo, para tecer a matéria prima de uma outra linguagem, a ‘terceira linguagem’, a linguagem da Museologia.

³¹ CABRÉ; 1999:25.

³² Palavra ‘é do ponto de vista lingüístico, uma unidade que se caracteriza por ter uma forma fônica e gráfica, uma estrutura morfológica simples ou complexa, uma caracterização gramatical, e um significado que descreve a classe a que pertence um objeto particular’ Ou ainda: Palavra ‘é uma unidade descrita por um conjunto de características lingüísticas sistemáticas e dotadas de propriedade de referir-se a um elemento da realidade’ (CABRE: 1999:25). Uma palavra não é uma unidade isolada dentro do conjunto de unidades léxicas de um sistema, mas vincula-se às outras unidades do mesmo nível (o sistema léxico de uma língua) (*idem*:79).

³³ van MENSCH; 1992:*Museological terminology* :1de 5.

Deve-se pensar nessa situação particular criada no meio plurilíngue do ICOM ao se tratar da questão terminológica da museologia. Essa situação facilita o contato entre línguas e na sobreposição que ocorre momento a momento de línguas e linguagens para conformar esta entidade concebida, abstrata e não observável diretamente, a Museologia. Mais especificamente, passa-se do emprego de expressões em determinadas línguas naturais para as línguas de intercâmbio oficial (inglês, francês e espanhol) para 'pensar e falar' sobre o ambiente de trabalho em comum (os museus), usando linguagem de especialidade, definida pelo terminólogo Juan C. Sager como aquela que aplica expressões determinadas numa dada profissão³⁴.

Conta-se aqui com um outro nível plural referente às especializações dentro do ICOM. Em razão da diversidade de atividades nos museus, essas linguagens diferem entre si, além do que nenhuma delas é homogênea internamente.

Sager alerta para o fato de que poderíamos cair em armadilhas, em se tratando de terminologias, se conduzidos pela idéia de que, num mesmo ambiente de trabalho, se poderia contar com univocidade de sentidos³⁵. Nele(s) há grandes diferenças no que se nos apresenta como um mesmo código linguístico, dito de outro modo, não se pensa ou se expressa identicamente nem mesmo numa área técnica.

De acordo com Francis Henrik Aubert³⁶, numa mesma comunidade de usuários de linguagens de especialidade (e das comunidades da língua em geral) percebe-se variações. Uma mesma comunidade não perfaz um todo uniforme, uma vez que variam as necessidades, pressupostos e motivações, gerando usos lingüísticos distintos mesmo numa cadeia de atividades profissionais. Nessa cadeia, o aceitável ou necessário para uns será inadequado para outros³⁷. Haverá expressões particulares, regionalismos, jargões, maneirismos, incorporações, empréstimos, transferências e importações linguísticas.

Por sobre esta camada de linguagem de especialidade, a de trabalho 'dos museus e das pessoas de museu', se sobrepõe mais uma outra, talvez mais densa e complexa, supostamente de força universal ou com a expectativa de que fosse empregada como tal. Uma 'terceira linguagem', produzida no âmbito do ICOFOM, foi sendo empregada por um outro núcleo de pessoas ainda mais particular dentro do ICOM: a das interessadas em teorizar a Museologia para todos os outros. Neste comitê, não se trataria, no plano das idéias, com a experiência imediata, descrita

³⁴ SAGER; 1993: 13

³⁵ SAGER; 1993 : 13.

³⁶ AUBERT; 1996.

³⁷ Aubert exemplifica com uma cadeia de atividades profissionais a partir de um engenheiro de projetos, passando pelo operário, publicitário, distribuidor, mecânico de assistência técnica, consumidor. Cada um terá uma necessidade diferente (AUBERT; 1996:13).

ou explicada pelo senso técnico, mas sim com um nível abstrato e interpretativo procurando conceituá-la.

No ICOFOM, no plano da linguagem, os colaboradores trabalharam (e trabalham) com outras sobreposições de linguagens: as línguas naturais (nas quais são concebidas as idéias e os conceitos), nas línguas de trabalho do ICOM, essas perpassadas pelos conteúdos das linguagens de especialidade (a dos museus), já que *métier* dos participantes, para gerar uma estrutura teórica e conceitual. Nesse movimento de sobreposições foram surgindo e se fixando linhas de raciocínio explicativas sobre museologia, cada qual com suas concepções, sem que as palavras tivessem seus significados muito determinados.

Percebe-se a ciranda de linguagens que gira e afunila: das línguas naturais para as línguas de trabalho oficiais, e destas para a linguagem de especialidade e para uma linguagem cientificista que desse conta de expressar museologia. Robert Dubuc esclarece que cada língua lida com a realidade de uma forma própria, por isso, alerta, se faz necessário estabelecer o equilíbrio delicado das equivalências e correspondências interlínguas³⁸. Não há mecanismos que possam garantir passo a passo a passagem de uma língua para outra, da mesma forma, ainda segundo Dubuc, que não se pode tomar a linguagem de especialidade (a da técnica) pela linguagem da ciência, ainda que ambas estejam em interação³⁹. Esta 'linguagem da ciência' para a área de humanidades, diferentemente das ciências nomológicas, é sensível ao "controle organizado da linguagem", entre outras razões pelo emprego da linguagem natural e empréstimos de disciplinas vizinhas, gerando problemas para o debate epistemológico⁴⁰.

Foi nesta situação particular que a linguagem de especialidade da área de museus passa a ser reapropriada tendo por base a prática, mas também visando uma teoria construída sob uma argumentação determinada, de forma a justificar o domínio Museologia. Na medida em que esta linguagem, a 'terceira', a científica, situava de outro modo a museologia (ou a situava de forma não ocorrida anteriormente), isso gerou efeitos sobre o domínio como um todo, levando os participantes do ICOFOM a se interrogar sobre seus limites na dependência de articulações com outras áreas de conhecimento.

Deste ponto se identificou o chamado sistema da museologia ou sua estrutura interna. Este sistema, abstrato em sua idealização, se materializa na

³⁸ DUBUC; 1977: 5.

³⁹ PORTELANCE; 1991: 66.

⁴⁰ Jean-Claude Passeron aponta os inconvenientes e problemas decorrentes, na área da Sociologia, ao se recorrer, para suas designações, à linguagem natural de idioletos e empréstimos, fazendo com que os sociólogos não tenham condições de dar a área respeitabilidade científica associada ao controle organizado da linguagem, tal com ocorre nas disciplinas formais ou nomológicas. Isto cria impasses e ilusões para o debate epistemológico (PASSERON; 1995:151).

identificação das relações entre áreas, mas se expressa e concretiza no plano da linguagem, do discurso, que lhe dá forma e expressão, seu eixo de sustentação e que o capacita a ser disseminado. Um vocabulário foi sendo agrupado ao redor desse sistema, empregando palavras que, de certa forma, foram sendo reconceitualizadas dentro de limites agora mais visíveis, procurando unir prática e teoria.

Difícil caminhar, dá a entender Peter van Mensch, não sobre as camadas de linguagem, mas sobre o tratamento das palavras, em direção a uma terminologia aceita, inequívoca, internacional⁴¹. Não se tratou nem se trata de um processo rápido e direto. Foi sob essas circunstâncias e condições que se passou a contar num âmbito internacional com uma outra compreensão do que seria a Museologia, advinda da necessidade de entendê-la inclusive por meio do significado de palavras empregadas.

A consolidação de significados viria depois, com o tempo, auxiliada pela disseminação provocada em linguagem oral pelos encontros internacionais, nacionais e regionais, e em linguagem escrita pelos textos redigidos em inglês e francês para serem publicados em revistas e periódicos da área de museus numa escala da mais restrita a mais aberta, formada pelo ICOFOM, ICOM e UNESCO.

Têm-se pelo emprego, ou seja, pelo uso das expressões da linguagem de especialidade o caminho para identificar se houve ou não a tentativa de cunhar termos para a Museologia. Se houve haverá um sistema de noções que lhes dá suporte. Esta afirmativa advém da seguinte premissa:

“A todo e qualquer campo de conhecimento corresponde um conjunto de noções que lhe é próprio. As áreas especializadas da experiência humana devem ter seu universo nocional devidamente identificado, a partir de um dado ponto de vista, para que seja possível organizá-lo de forma sistemática, ou seja, inter-relacionada. Só a organização nocional de uma área permite a utilização de instrumentos eficazes para o tratamento e recuperação da informação”.⁴²

⁴¹ Van MENSCH; 1992:*Museological terminology* :2de 5.

⁴² Cintra *et alii*; 1994:35.

1.1 Diferenciando linguagens

Há muito sobre o universo da língua e linguagem em que estamos completamente imersos. Sintetizamos algumas de suas características para que se tenha, em pinceladas, a dimensão de sua complexidade⁴³. Neste universo, naturalmente imbricadas, e de certo modo em contraste, encontram-se as terminologias - o conjunto de termos de uma área entendidos como palavras preferenciais⁴⁴ -.

Vimos que se distingüe no ambiente do ICOM a presença de várias línguas (idiomas), e linguagens de especialidade segundo a área profissional e a científica.

A linguagem natural (LN) é empregada como se fosse uma base para numa outra articulação de significados formar as lingüagens de especialidade (LE). O estatuto 'natural' (línguas comuns, idiomas) é norteado, entre suas características, pela dinâmica, pois se transforma e evolui⁴⁵. As linguagens naturais formam um eixo que dá 'ordem para as coisas' com o qual contamos para apreender, fixando um dado esquema de referência, e compreender, hierarquizando esse mesmo mundo⁴⁶.

A língua - elemento integrante do universo mais amplo da linguagem⁴⁷ - e a linguagem (tratamos aqui da linguagem oral e escrita), são sistemas de símbolos,

⁴³ Temas como língua e linguagem são abordadas pela Linguística e Semiótica, explicando-as em profundidade. Nosso objetivo com esta introdução é somente apontar relações básicas entre língua, linguagem e palavra para apresentar a questão de terminologia para a área de Museologia. Convêm, no entanto, referir as correntes do estudo da lingüística: estruturalista (descreve fatos lingüísticos para uma tipologia de línguas); e generativa (centra-se na descrição da capacidade de linguagem dos indivíduos; explicam os fatos lingüísticos). Um estudo global da linguagem comporta três teorias sistemáticas: a da competência, a de atuação e da aquisição da linguagem pelas crianças. A lingüística aplicada concebe a linguagem em sua dimensão social, como estrutura e como ferramenta de comunicação, "como sistema e como matéria de resolução de necessidades comunicativas e no seio de uma sociedade que é bastante complexa", (cf. CABRÉ; 1993:76). O estudo de *língua e linguagem* enquanto fenômenos articulados humanos, sofre conceituações diferentes, de acordo com Francis Henrik Aubert: uma vertente a conceitua como estruturas abstratas e uma outra como fenômeno social e histórico (AUBERT; 1994). Este autor sugere que para o estudo de questões terminológicas importa incorporar as duas conceituações, a de estrutura e a de fenômeno.

⁴⁴ Emprega-se 'preferencial' por sua seleção e controle nas chamadas 'linguagens documentárias' (em sigla, LD) - um sistema simbólico instituído e de representação sintética, de informações encontradas em textos, com o objetivo explícito de facilitar a comunicação (cf. CINTRA *et alii*; 1994:24). Os *thesaurus* são um exemplo dessas linguagens construídas.

⁴⁵ CINTRA *et alii*; 1994:54.

⁴⁶ Cintra *et alii* explicam que se trata de tendência natural do homem compreender, governar e modificar o mundo apoiado na linguagem. Uma necessidade inerente, pois a desordem seria para nós 'insuportável'. A linguagem nos dá a estrutura 'capaz de explicar as coisas', mesmo de modo subjacente (cf CINTRA *et alii*; 1994:19-20).

⁴⁷ Afirmam Cintra *et alii*, "todas as práticas humanas são tipos de linguagem". Rementem-se à Roland Barthes e sua afirmativa de que "qualquer sistema semilógico repassa-se de linguagem verbal" (CINTRA *et alii*; 1994:20 e 19).

signos ou signos-símbolos⁴⁸, produção voluntária e convencionalmente⁴⁹. Língua como sistema de signos se faz a partir de regras combinatórias exteriores ao indivíduo, tendo como funções demarcar, significar e comunicar⁵⁰.

As línguas, de acordo com Francis H. Aubert⁵¹, não são estanques, não se apresentam prontas e acabadas. Sua natureza, enquanto estrutura abstrata, implica em instabilidade. Não são monolíticas, mas 'imperfeitas', depósitos de virtualidades de extensão 'vasta e indeterminada', permitindo a diferença no que devem expressar, mas não no que podem expressar⁵². Uma outra dimensão da natureza das línguas, se observadas enquanto fatos sociais e históricos, é que representam uma somatória de tradições; são multifacetadas, e o vínculo que realizam entre o código linguístico e determinada visão de mundo não é absoluto, uniformizante, estável e perene⁵³.

Língua também não trata de sucessão de palavras, explicam Cintra et alli, mas sim um "sistema-estrutura de valores e formas". Valores advindos do contexto sócio-histórico determinante das condições de produção do discurso, e não de qualquer atribuição feita por algum indivíduo. Formas advindas de símbolos (como palavras) que não se equivalem, ordenados em hierarquia para criar diferenças, de modo que cada um deles se torne compreensível dentro do conjunto do sistema por inteiro⁵⁴, ou seja, os símbolos são compreensíveis quando postos em relação uns com os outros. Nesse plano abstrato, o de língua como sistema, se articulam dois planos: o de expressão e o de conteúdo que unidos formam o "único modo de ser do pensamento, a sua realidade e realização", explanam essas autoras com base em princípios da Lingüística⁵⁵.

A língua é um instrumento que nos permite interpretar e criar; envolve a representação da realidade, sua característica múltipla e plurissignificativa⁵⁶. Envolve a palavra sem contudo ficar a ela restringida. Na linguagem natural, as

⁴⁸ Em Ferdinand Saussure, *significante e referente*. Para C. K. Ogden e I. A Richards, combinação entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) constituintes do signo (GARCIA; 2001:175).

⁴⁹ Othon M. Garcia assim se refere à linguagem: sistema de símbolos, "mediante o qual o homem se comunica com seus semelhantes, expressando suas *idéias, sentimentos* ou *desejos*". São três suas funções primordiais: a *representação* (idéias), a *exteriorização psíquica* (sentimentos), e o *apelo* (desejos, vontade) (GARCIA; 2001:175).

⁵⁰ CINTRA *et alli*; 1994:19.

⁵¹ AUBERT; 1996.

⁵² A afirmação é de Roman Jakobson (1969) "as línguas diferem naquilo que devem expressar, não naquilo que podem expressar" (*apud* AUBERT; 1996:11).

⁵³ AUBERT; 1994.

⁵⁴ CINTRA *et alli*; 1994:22

⁵⁵ CINTRA *et alli*; 1994:20

⁵⁶ CINTRA *et alli*; 1994:54.

palavras chegam a nós de modo organizado em frases⁵⁷ seguindo regras pré-estabelecidas. Essas regras dependem do acordo entre sujeitos sociais e são transmitidas pela tradição que nos ensina a classificar os significados em substantivos ("substâncias"), adjetivos ("qualidades"), verbos ("processos modificando substâncias"), preposições e conjunções ("relações" entre substâncias)⁵⁸.

A linguagem verbal, uma das dimensões da linguagem, é 'intrigante', escrevem Cintra *et alii*, porque é simultaneamente processo e produto de um modo de conhecer⁵⁹: nos molda e é modelada por nós. Preenhe de simultaneidades, se concretiza entre os falantes mas, no entanto, não se realiza na fala de sujeito algum, existe no conjunto da sociedade e só nele, por isso, diz-se, sistema de relações virtuais, disponível permanentemente para o falante⁶⁰. A linguagem ideal, escreve Othon M. Garcia, seria aquela em que cada palavra (*significante*) "designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só idéia ou conceito, tivesse um só sentido (*significado*)"⁶¹.

Mas, isto não ocorre em nenhuma língua conhecida⁶².

É comum ver-se a afirmação de que palavras são 'por natureza' enganosas, capazes de remeterem a diversos sentidos quer na expressão verbal, por isso polissêmicas, quer na possibilidade de encaixes múltiplos, por isso plurivalentes. Segundo Ogden e Richards: "as palavras *nada* significam por si mesmas"⁶³.

Palavras são signos verbais, plásticas, moldáveis. Arbitrárias. Penetram os mais diferentes campos semiológicos, as mais diversas manifestações sócio-culturais de uma dada sociedade e de um determinado momento histórico, cada qual com seu código próprio. Elas nos revelam e transmitem a cultura. Suporte do conhecimento possibilitam ao homem perceber a extensão do mundo em que vive. Atuam sub-repticiamente, sem que tenhamos consciência de seu papel. Esta caracterização é de Maria Aparecida Baccega⁶⁴.

⁵⁷ O falante na comunicação é simultaneamente destinador e destinatário de mensagens, emite-as e as decifra, e em situação natural não emite mensagem que não seja capaz de decifrar. Esta condição o coloca como sujeito em relação com o outro que conduz ao ato de nomear, feito com a língua (CINTRA *et al.*; 1994:21).

⁵⁸ A classificação que se segue pressupõe, explicam Cintra *et alii*, uma "realidade absoluta, um universo uniformemente ordenado, uma estrutura rígida de mundo espelhada na estrutura da língua", similar à concepção platônica de que os fenômenos espelham a estrutura do mundo das idéias. Numa realidade mais ampla, esta divisão não faz sentido, mas é útil para compreender a língua como "sistema de símbolos apontando para algo, ou significando algo" (CINTRA *et al.*; 1994: 21-22).

⁵⁹ CINTRA *et al.*; 1994:20.

⁶⁰ CINTRA *et al.*; 1994:21.

⁶¹ GARCIA; 2001:176.

⁶² GARCIA; 2001:176.

⁶³ OGDEN e RICHARDS *apud* GARCIA; 2001:176.

⁶⁴ BACCEGA *in* CINTRA *et alii*; 1994:9-12.

De presença inquestionável, atuantes no que se denomina 'língua viva', aquela de todos os dias (falada ou coloquial, escrita ou literária)⁶⁵, as palavras formam arcos interligando idéias e intenções. Se atualizam num processo ativo e dinâmico. "Existem no espírito", diz Othon M. Garcia, e se liberadas das representações passadas acumuladas pela memória lhes damos um valor "singular"⁶⁶, se livres do emprego realizado vão carregar todos os significados latentes e virtuais, prontas para se adaptarem às circunstâncias que a evoquem. Para adquirirem significado as palavras são apresentadas entrelaçadas umas às outras por meio de "(...) íntimas relações de sentido"⁶⁷. Apreendidas e compreendidas como símbolos, ou seja, com significado, explicam Cintra et al., este resulta também do acordo entre vários contratantes.

Palavras são substitutas de "algo, apontam para algo, são 'procuradoras' de algo"⁶⁸. O valor a elas atribuído advém do contexto, equivale dizer, do seio de uma determinada ambiência. Há nelas um núcleo, afirma Garcia, "relativamente estável e constante, e outros traços semânticos potenciais"⁶⁹ que podem, de acordo com as condições, ficar mais em evidência do que outros, e segundo a conjuntura em que aparecerem.

Essas características de língua e linguagem constróem um panorama em que os significados podem se alterar com muita facilidade, permitindo que a palavra, fonte de significação⁷⁰, se amolde a qualquer situação prevista (ou não) na linguagem e língua natural. Esta qualidade de significar de maneira livre, implicando inclusive na liberdade de escolha, explicam nossas autoras, "não é um defeito", mas algo intrínseco e característica importantíssima para interpretar o mundo⁷¹.

Quanto às linguagens de especialidade⁷², a técnica e a científica, pode-se elencar por contraste suas características e funções.

⁶⁵ GARCIA; 2001:177.

⁶⁶ GARCIA; 2001:176.

⁶⁷ GARCIA; 2001: 176

⁶⁸ CINTRA *et alii*; 1994:21.

⁶⁹ Sobre os traços significativos mínimos que entram na constituição de uma palavra a semântica estrutural dá o nome de *semas*. Há *semas básicos* (núcleo significativo estável e constante) e os *virtuais* (ou potenciais) que indicam as possibilidades de aplicação num determinado contexto (GARCIA; 2001: 176 – nota 8).

⁷⁰ CINTRA *et alii*; 1994:55.

⁷¹ Escrevem Cintra *et alii*: "a LN [linguagem natural] se propõe como espaço para o exercício da liberdade. O sujeito falante não é apenas um reproduzidor de sentido. Ao se apossar da Linguagem, ele exercita o ato de significar, que supõe liberdade de escolha" (CINTRA *et alii*; 1994:54).

⁷² Cabré comenta o que vem a ser "especialização", que coloca de imediato em oposição as linguagens de especialidade e as artificiais. Aquelas não seriam tipos "puros", mas "mistos" – "a meio caminho entre as linguagens artificiais e as línguas naturais" (CABRÉ; 1993: 132).

'Linguagem de especialidade' remete a uma expressão técnica empregada na área de Terminologia para os recortes realizados na linguagem, de modo geral, relativos às atividades especializadas. Aqui a busca é por uma maior univocidade de significados, objetivo nem sempre alcançado. As características da linguagem natural ficam maximizadas ou minimizadas nessas linguagens, pensa-se em graus, o seu emprego exige maior consciência pois fazem parte do que Sager, Dungworth e McDonald, denominam 'situações intensificadas' de comunicação⁷³.

Uma situação comunicativa específica requer formas discursivas determinadas por especificidades como tema, tipo de interlocutor, situação comunicativa, intenção do falante, o meio em que se produz o intercâmbio comunicativo, o tipo de intercâmbio, e assim por diante. São situações 'marcadas', diz Cabré, com propósitos em mira, distintas das situações 'não marcadas' da língua comum⁷⁴.

A virtualidade possível da linguagem natural tende a diminuir nas linguagens de especialidade, condição em que o contexto, determinado por assunto (ou tema), delimite também o escopo de algumas palavras, uma vez que há necessidade de compatibilizar os significados, conscientemente ou não.

No plano lingüístico, Guy Rondeau distingue dois sistemas semióticos diferentes, o da "linguagem geral", e o da "terminologia particular"⁷⁵. A fronteira entre as duas é permeável havendo formas lingüísticas pertencentes a ambas⁷⁶. A diferença se instala no ponto em que, na língua comum⁷⁷, pode ocorrer muitos sentidos, ao contrário da linguagem de um dado domínio (língua especializada) na qual a tendência é de se ter uma "só noção"⁷⁸.

Rondeau, propõe a divisão das linguagens em zonas para facilitar a compreensão: a zona da língua comum (aquela que não se refere a uma atividade especializada), e as zonas de línguas especializadas. Mas elas se interceccionam. Nos ambientes especializados, para efeitos de comunicação, opera-se com palavras preferenciais, alçadas à condição de terminologias⁷⁹ de área, elaboradas seguindo

⁷³ SAGER, DUNGWORTH E MCDONALD *apud* CABRÉ; 1993:126.

⁷⁴ CABRÉ; 1993:129.

⁷⁵ AHMANOVA et coll *apud* RONDEAU; 1984: 193.

⁷⁶ RONDEAU; 1984:24

⁷⁷ Guy Rondeau recomenda que não tomemos a expressão 'língua' no sentido literal. A linguagem especializada está no nível da palavra, e não no da língua que se atualiza em 'termos' e 'não termos'. No contexto e não na situação de discurso que uma tal unidade linguística pertencerá (ou não) à zona de linguagem especializada (Lsp) ou Lc (linguagem comum) (RONDEAU; 1984:26).

⁷⁸ RONDEAU; 1984:24

⁷⁹ A Terminologia segundo Cintra *et alii*, "tem como objetivo organizar e harmonizar as noções ou conjunto de noções dos domínios específicos do conhecimento. Através de procedimentos sistemáticos seleciona e/ou cria termos para as noções, relacionando-os através de definições". Este é o procedimento para se obter repertórios ou listas de termos especializados de um domínio particular. Terminologias exercem a função comunicativa,

metodologias próprias⁸⁰. Este é o universo próprio da terminologia, cujo objeto situa-se, segundo Rondeau, na denominação de noções⁸¹.

Juan C. Sager, como terminólogo, evidencia a importância do vocabulário para transitar no mundo das ciências e das técnicas, além de mediar a prática e introduzir numa área formas de expressão apropriadas, mesmo que o especialista não tenha consciência de sua aquisição. Há diferenças, escreve, dentro de um mesmo ambiente profissional entre o discurso científico e o técnico, entre o de divulgação e o didático⁸². A este mesmo aspecto volta-se Francis H. Aubert⁸³ e explica: porque existem variações há, numa mesma comunidade de usuários das linguagens de especialidade, instabilidades, mutações, transformações "no tempo e nos espaços (geográfico, social, situacional e individual) em que as terminologias são empregadas". As diferenças são geradas quer por motivações variadas, quer pelas de ordem sócio-cultural. Toda intervenção lingüística, uma vez efetivada, abre espaço para a possibilidade de inserção de elementos de origem externa, "empréstimos, decalques e traduções literais a partir de outras matrizes linguísticas: inglês, francês, grego, latim, etc."⁸⁴ como para criações (caso dos neologismos), através do emprego de elementos presentes no próprio código lingüístico.

Juan C. Sager⁸⁵ chama a atenção de que nenhum especialista domina uma matéria e nem todo o seu vocabulário. O domínio é parcial no que se refere ao seu idioma, influenciado entre outras razões pela educação, cultura, profissão, procedência geográfica⁸⁶. Sager reforça o caráter comunicativo das terminologias,

destinam-se à consulta de especialistas, e servem como intermediárias entre o "referente ou a realidade dos objetos e os utilizadores" (CINTRA *et alii*; 1994:21).

⁸⁰ CINTRA *et al*; 1996:21.

⁸¹ RONDEAU; 1984:24

⁸² SAGER; 1993: 15

⁸³ Francis H. Aubert recomenda para estudo de cada língua a abordagem de duplo enfoque: como conjunto de virtualidades (de potencialidades) e como fato sócio-histórico presentes inclusive nas terminologias. Explica que, se a língua fosse somente ferramenta de virtualidades, a criação neológica não conheceria restrições, nem haveria problemas e dificuldades com a tradução. Um dicionário bilíngüe resolveria esses problemas. Se, por outro lado, fosse compreendida somente como repositório da tradição (aspecto da língua como fato sócio-histórico), e assim, de uso consagrado, a criação neológica e a padronização terminológica seriam limitadas em seu alcance, sem possibilidade de se constituírem em instrumentos efetivos de organização conceptual e denominativa das diversas especialidades; a tradução interlingual seria inconcebível. Nenhuma dessas imagens, afirma o autor, coincide com a sua vivência empírica nesses campos de atividade da linguagem. O trabalho terminológico relaciona-se com criações neológicas e reordenamento conceitual e denominativo para padronizar linguagens de especialidade e isto é possível graças às "virtualidades do código lingüístico e na instabilidade desses mesmos códigos" (AUBERT; 1996: 13 ss).

⁸⁴ AUBERT; 1996:13.

⁸⁵ As explicações aqui apresentadas sobre aprendizado de linguagem e linguagens de especialidade são de Juan C. Sager (SAGER *apud* CABRÉ; 1993:11-17).

⁸⁶ SAGER; 1993: 14.

sublinhando que a língua não é um instrumento unitário, mas o conjunto de diversas linguagens com vários graus de especificidades com pontos em comum, elementos fonológicos, morfológicos, em menor grau sintáticos, e 'uma coincidência semântica' que vai até o ponto em que permita uma função metalingüística mais geral. Há níveis de compreensão de matérias, há níveis de linguagens. Muitos de nós aprendemos a linguagem de especialidade numa espécie de imersão no ambiente, "os especialistas não tem consciência da linguagem que adquiriram", não prevêem obstáculos de comunicação com os especialistas de outras matérias ou com o público em geral.

Interfere nesse processo o modo como se dá o aprendizado das línguas. A primeira língua, a língua natural, serve como metalinguagem, presta-se de base para a segunda, um segundo idioma ou uma linguagem de especialidade, aprendida através da primeira. O significado de uma palavra técnica, um termo, é ensinado ou apreendido por seu valor instrumental, por repetição e, neste processo, se constrói um sistema de designações especiais, uma terminologia.

Conceitos novos se descrevem e são parafraseados na primeira língua, recebendo definição formal e designação terminológica na segunda língua (no caso de nosso interesse, na linguagem de especialidade).

As sucessivas gerações de especialistas aprendem uns com os outros colocando em interação duas ou mais línguas. Há linguagens que os especialistas usam entre si, outras para empregar com interlocutores menos especializados e, ainda outras, para comunicar-se com especialistas de outras áreas. Por essas razões, dentro de um mesmo ambiente profissional haverá diferenças no discurso científico, no técnico, no de divulgação e no didático⁸⁷.

As terminologias se caracterizam também por um processo de intervenção, cuja função é a de ser "essencialmente normatizadora"⁸⁸, e a área de Terminologia deve seu crescimento a implosão imposta pelo desenvolvimento da ciência e tecnologia gerando designações próprias para conceitos criados, e também o interesse, ainda segundo Sager, na "efetiva comunicação internacional"⁸⁹. Nesta perspectiva, o objetivo primeiro de prescrever para fixar o uso⁹⁰ relaciona-se à comunicação para a transferência de conhecimentos científicos e tecnológicos via instrumentos de referência impressos (dicionários e glossários) ou meios tecnológicos.

⁸⁷ SAGER; *idem, ibidem*.

⁸⁸ DUBUC; 1977:5.

⁸⁹ SAGER; 1990:1.

⁹⁰ A fixação (prescrição e estandarização) segue o uso estabelecido e não o contrário. Segundo Sager é difícil mudar a forma lingüística dos termos quando já foram criados. A responsabilidade de criar o termo 'certo', cabe aos cientistas e tecnólogos que estão envolvidos na importação de novos conceitos e com os tradutores porque mais imediatamente próximos (do domínio) do que os terminólogos (SAGER; *op.cit.*:212-213).

A linguagem de especialidade não se confunde com terminologia pois pode dela se utilizar para formalizar seu léxico. O que se faz é uma correspondência entre a linguagem de especialidade e um dado domínio (disciplina e/ou atividade). É no território das linguagens de especialidade que se concebe terminologias para nos referirmos àquela parte do léxico também especializado por temas e práticas⁹¹.

Terminologias são o "reflexo formal da organização conceitual de disciplinas científico-técnicas" e meios de expressão e comunicação, de acordo com Maria Tereza Cabré⁹². A linguagem natural atravessa tanto as linguagens de especialidade como as terminologias⁹³, e a matéria das linguagens e das terminologias se encontra justamente nos elementos que demonstram especificidade que, por sua vez, estarão refletidos nos núcleos, os conceitos. As terminologias adquirem forma (uma estrutura) no interior das linguagens de especialidade e são materialmente expressas nos instrumentos de recuperação já citados (glossários, léxicos, outros)⁹⁴. A matéria prima da terminologia encontra-se nos textos (e tipos de texto) e no discurso oral, falado, que também influi sobre a linguagem escrita⁹⁵.

Chamamos a atenção para alguns contrastes: terminologias são sincrônicas, as línguas diacrônicas e sincrônicas; terminologias são criadas por intervenção, formas fixadas por normas; línguas se opõem à fixação, às normalizações, qualquer redução as empobrece; terminologias concebem termos para serem internacionais, privilegiam modos de formação nas linguagens de especialidade, devem ser validadas, atuam principalmente sobre a forma escrita das palavras, não intervêm sobre a pronúncia e não materializam a função emotiva nem a poética da linguagem. *Grosso modo* referem-se a uma espécie de inventário cujo ponto de partida se faz a partir de conceitos⁹⁶.

Do ponto de vista da Terminologia, os domínios científicos estão incorporados nas linguagens de especialidade⁹⁷.

⁹¹ CABRÉ; 1993:83.

⁹² CABRÉ; 1993:83.

⁹³ A questão é vista diferentemente: para alguns autores a língua geral e as de especialidade constituem dois conjuntos autônomos em oposição; outros defendem a autonomia de ambos os conjuntos, mas considerando entre eles uma relação de interação; outros ainda consideram a língua geral e as línguas de especialidade como dois conjuntos em interação mas como parte de um conjunto mais amplo da língua em sua totalidade (esta é a posição com maior vigência). Cabré reforça que entre os subconjuntos se produz intercâmbios contínuos em ambas as direções (CABRÉ; 1993:77-78: nota 1).

⁹⁴ CABRÉ; 1999:63.

⁹⁵ SAGER; 1990:213.

⁹⁶ Nisso a terminologia se distingüe da lexicografia cujo ponto de partida se faz das denominações (CABRÉ; 1993:85).

⁹⁷ Juan C. Sager: "Línguas especiais ou mais especificamente linguagens [de] assuntos são usualmente pensadas como meios de expressão de especialistas altamente qualificados como engenheiros, físicos, advogados, etc., e geralmente referidas como 'jargão'". Mas, há ocupações como livreiros, cozinheiros, e mesmo hobbies que também requerem sua própria linguagem (SAGER *apud* CABRÉ, 1999:58).

Nem toda linguagem de um domínio, por sua vez, diz respeito a uma terminologia, pois ao contrário do que poderíamos pensar ela é somente um 'bloco restrito' do vocabulário utilizado pelos especialistas ao se comunicarem entre si. A quantidade desta terminologia depende, segundo Maria Tereza Cabré do "grau de abstração do texto" (uma outra parte seria a do léxico comum, e uma outra do léxico restrito). Assim, nem tudo numa linguagem de especialidade é terminologia. Se um domínio progride, aumentará progressivamente a porcentagem de 'especialização'⁹⁸.

Um critério apontado para tentar estabelecer uma diferenciação entre linguagens científico-técnicas se apoia no tipo de textos. Os textos especializados contam com características gerais específicas, distintas de textos de revistas ou de textos religiosos, literários, publicitários, etc., e por estilo (estilo 'científico-técnico'). O estilo das matérias científico técnicas é mais regular, as variações se encontram nos temas.

Mais uma vez é por contraste que se fazem as distinções: matérias científico técnicas em contraste com as profissionais; as ciências em contraste com as técnicas; as ciências experimentais em contraste com as exatas; em contraste com as econômico-jurídicas; em contraste com das humanidades; em contraste com as artes, e assim por diante⁹⁹.

Embora com tantas nuances, muitas criadas com fins de facilitar e identificar o objeto de estudo terminológico, há os que defendem ou justificam uma unidade nas linguagens de especialização a partir dos utilizadores: interlocutores especializados, apesar de usar línguas distintas, se compreendem (intercompreensão), pois paralelamente à restrição temática conta-se com unidades e regras controladas, com o caráter internacional e "em geral [são] estabelecidas voluntariamente por seus usuários"¹⁰⁰. Assim, as comunicações científico-técnicas, elaboradas a partir das linguagens de especialidade, possuem uma série de aspectos comuns, dando-lhes uma certa unidade: o semântico global (textos concisos, precisos, despersonalizados, ou seja, pouco emotivos); predominância das formas nominais (tanto qualitativa como quantitativamente); o aspecto formal do discurso (prioridade da forma escrita sobre a oral)¹⁰¹.

⁹⁸ CABRÉ; 1999:60-61.

⁹⁹ Koucourek da área de Terminologia estabelece cinco classes de tipos de especialidade: ciências teóricas; ciências experimentais; as técnicas; as matérias enfocadas do ponto de vista da produção, e as do ponto de vista do consumo (CABRÉ; 1993:146).

¹⁰⁰ Segundo M. T. Cabré, é evidente que um especialista de uma determinada matéria entenda com relativa facilidade textos de sua especialidade expressos em outra língua, mesmo que não possa manter nessa mesma língua uma conversação oral sobre um tema banal ou de entender uma pergunta do cotidiano (CABRÉ; 1993:147).

¹⁰¹ CABRÉ; 1993:148.

Pelos critérios da área de Terminologia não parece difícil concluir que, uma vez delimitada uma área com seu tema, têm-se linguagem de especialidade, mesmo com a miríade de idiomas em uso, pois uma de suas funções é justamente determinar o vocabulário preferencial no patamar internacional. Mas o grau de formalização de um domínio não compete à Terminologia. Esta ilustra (espelha, segundo Cabré) a situação sincrônica em que se encontra um dado vocabulário e se encontra nos documentos (textos).

Deve-se lembrar que a produção textual sobre museus vem de longo tempo, e pode ser encontrada, por exemplo, em periódicos¹⁰². A procura pela conceitualização teórica, dizem as datas, é relativamente recente, não mais do que trinta anos¹⁰³. Nessa conjuntura, os conceitos a partir dos quais a terminologia poderá ser definida para a área estariam, se não formalizados, ao menos latentes nessas publicações.

Acreditamos que, quanto ao grau de formalização dos conceitos, deve-se comentar os obstáculos que a área de humanidades enfrenta para cunhá-los, tratando-se de um outro problema nesse terreno escorregadio fincado entre as línguas natural e de especialidade. Essas dificuldades não são desconhecidas, pois estas áreas sofrem das sutilezas lingüísticas para suas construções teóricas: difícil aceitá-la 'científica'¹⁰⁴.

Apresentamos o raciocínio de Gilles-Gaston Granger (1994) ressaltando a importância da linguagem e alguns de seus limites para modelar as ciências humanas. O modelo, o quadro canônico, perseguido na área de humanidades, segundo Jean-Claude Passeron (1995) é o das ciências experimentais (hipótese, verificação ou refutação, generalização)¹⁰⁵.

Advogando que ciência só se produz num sistema simbólico fechado, uma

¹⁰² Exemplo a ser citado são as publicações da UNESCO, que deram continuidade a *Mouseion* datada do início do século XX, pela OIM (Organização Internacional de Museus; Liga das Nações), rompida durante tempos de guerra, retomada em 1948 com o título de *Museum* depois *Museum International* (meados dos anos 90). Entendemos que isto referenda o interesse pela instituição e suas práticas, confirma a existência de um nicho particular e demonstra por seus artigos uma crescente especialização dentro de sua própria área.

¹⁰³ O marco selecionado para esta pesquisa se implanta a partir da institucionalização do ICOFOM (meados da década de 1970) com base na produção textual do **ISS** (Ícofom Study Series) e **MuWoP/DoTraM** (Museological Working Papers) nos anos 1980.

¹⁰⁴ Faço um paralelo com as análises de Jean-Claude Passeron sobre as expectativas de que a Sociologia tivesse um controle da linguagem tão 'respeitável' quanto o das disciplinas formais ou nomológicas. Na sua opinião, esta área não percebe a 'proliferação dos conceitos descritivos' que ocorre nas ciências de 'observação histórica', aonde insere a Sociologia (aspas do autor)(PASSERON; 1995:151).

¹⁰⁵ Passeron defende que há um raciocínio sociológico, e que só uma análise epistemológica *empiricamente pertinente*, já que é empírico o campo da sociologia, acrescentaria algo de produtivo à área. A interpretação conceitual também é assertiva para os enunciados e se refere à empiria. Para Passeron, as ciências sociais são história, sociologia e antropologia. Para tais ciências, não "existe nem pode existir 'linguagem protocolar' unificada da descrição empírica do mundo histórico" (base inclusive da sociologia) (PASSERON; 1995:398-399).

linguagem, condição de sua existência a fim de representar seus objetos, Granger afirma que tal linguagem (ou conjunto de signos) remete a vivências concretas, ou a outros signos. Há dificuldades no próprio uso da linguagem, e nesse aspecto não há unidade.

Este autor contrapõe as linguagens da ciência com sistemas simbólicos formais¹⁰⁶, e linguagens sem tais sistemas caso das ciências do homem – os "saberes sociológicos ou psicológicos, econômicos ou lingüísticos" - que no seu entender não podem pretender a mesma solidez e fecundidade das primeiras.

Um dos obstáculos se encontra na própria natureza dos fenômenos de comportamento humano, pois não são passíveis de serem transformados em 'simples objetos', carregam carga de significações, além de conter elementos de liberdade e imprevisibilidade (no entender de Granger, característica negativa), associam o positivo e o normativo, o realizado e o desejável. Dimensões como sentimentos, reações coletivas, não podem se reduzir, afirma, a esquemas abstratos, resultando na representação de um sistema de conceitos¹⁰⁷.

Para Granger, as ciências do homem dependem de enunciados pouco generalizáveis porque utilizam conceitos tomados da experiência ordinária, "sem grande elaboração específica, ao contrário do caso das ciências da natureza e das matemáticas"¹⁰⁸. Os fatos pertencentes ao cotidiano entende-se dependentes do observador que está preso a circunstâncias individuais, marcadas por juízos de valor. A carga de significações é complexa.

Granger aconselha despojamento desses traços como primeira tarefa das ciências humanas, sem deixar de conservar a originalidade dos fatos humanos. Isto supõe deixar ao largo as noções imediatamente reconhecidas e expressas nas línguas usuais, pois o nível de "compreensão"¹⁰⁹ seria intuitivo, útil sim, mas bloqueadores da busca de uma representação mais abstrata "única capaz de se prestar a uma visão menos particular e à dedução de fatos novos"¹¹⁰.

¹⁰⁶ Os atributos das ciências formais são: a *pertinência* (regras explícitas para distinguir o que em cada signo material; aquilo que é suficiente e necessário para significar); *finitude* (*conjunto finito*) de signos elementares (todos os outros signos são construídos a partir deles); *regras de concatenação* cuja observância possibilita distinguir sem ambigüidades (nas expressões finitas) e *boa formação* Seus exemplos de ciências formais são a química e o cálculo ifinitesimal (GRANGER; 1994: 51-52).

¹⁰⁷ Granger ilustra essa passagem com o exemplo do historiador – o "limite de sua arte seria reproduzir tão exatamente quanto possível (...) fatos concretos"; o objeto é um *indivíduo* (tende a representar uma realidade singular e naturalmente determinada, num contexto único de espaço e tempo) que pare ser descrito está recheado de *explicações*. Ter-se-ia efeitos - "a razão dos efeitos" (cf. Pascal), apontando para a dificuldade em se traçar a fronteira entre um saber propriamente histórico e um sociológico embora, complete, os fatos explicados pela história constituam num material principal para outras ciências humanas (GRANGER; 1994:86-87).

¹⁰⁸ GRANGER; 1994: 88.

¹⁰⁹ GRANGER; 1994: 89.

¹¹⁰ As hipóteses nas ciências humanas, segundo Granger, deveriam revelar mecanismos fundamentais, que por sua vez dependem da explicação procurada – são "esquemas" de

As noções elementares em esquemas, tomados de empréstimo das ciências da natureza, ou mesmo de noções intuitivas da experiência imediata, resultam em conceitualizações de "nível bastante baixo". As explicações são múltiplas sugerindo no seu entender falta de segurança e certa arbitrariedade. A multiplicidade é decorrente da natureza dos fatos humanos, e mesmo com tais fragilidades, só a conjunção de vários esquemas, sobrepostos e encadeados em cada caso especial, poderia resultar em "bom êxito" para as ciências humanas¹¹¹.

Granger conclui que, as ciências humanas têm um "sentido muito fraco", pensando-se na validação de seus enunciados. Sugere, ao mesmo tempo que pergunta: se houvesse o desenvolvimento matemático de algumas teorias, isto não viria a contribuir para tornar as ciências humanas mais capazes de explicar e prever?¹¹². Para este autor, aplicar o qualificativo de "ciências" para caracterizar as ciências dos fatos humanos, poderia parecer para alguns, "um abuso da linguagem"¹¹³.

Entende-se que, a discussão sobre a coerência e concisão epistemológica sobre domínios de humanidades, no qual se insere a Museologia, encontra-se portanto, em aberto.

Quanto à Museologia como área de especialidade, segundo os parâmetros da Terminologia, é possível identificar que a situação particular instituída pelo ICOM, plurilíngüe, internacionalizante, nos fala do ambiente profissional internacionalizado por essa mesma via. Se aponta obstáculos para lidar com línguas e linguagens – e, principalmente, com palavras e termos – diz também o seu contrário: houve ajustes, aproximações, para que se desse o intercâmbio comunicativo. Nas entrelinhas desse processo está a possibilidade de se contar com terminologias em potencial que se não fixadas por padronização e sistematização, o que vem sendo realizado pelo ICOFOM¹¹⁴, são intuitivamente consolidadas por meio da repetição, naquela passagem "de geração em geração" de que nos fala Juan C. Sager.

acordo com o filósofo J. –M Berthelot: causal: o fenômeno A explicaria o fenômeno B; funcional: relação entre o todo e as partes, descreve condições de estabilidade e descobre elementos estratégicos que permitem modificar esse equilíbrio; estrutural: pela construção de sistemas de oposições e correlações entre os representantes abstratos e ideais (autor exemplifica com a lingüística); hermenêutico postula uma correspondência entre às aparências com as realidades mais profundas estas constituindo seu *sentido*; actancial: o fenômeno é explicado como resultado do comportamento de *atores* individuais ou coletivos, considerados como tendo intenções e se submetendo a regras; dialético: propõe a resolução efetiva de contradições internas descobertas na realidade humana individual ou coletiva (*constata depois do fato consumado*), sem modo de formencer meios para prever seus desenlaces (itálico do autor)(GRANGER; 1994: 89- 92).

¹¹¹ GRANGER; 1994:99.

¹¹² *Idem*:100.

¹¹³ *Idem*:84.

¹¹⁴ O **Tesouro Museológico** está sendo conduzido como projeto de investigação permanente pelo ICOFOM. Estabelecido na Conferência Anual do ICOFOM, Grécia, 1993, seu coordenador é o francês André Désvallées, com os seguintes colaboradores: Ivo Maroevic, Peter van Mensch, Zbygniew Stranski, Martin Schaerer, Tereza Scheiner

2 A atividade terminológica

2.1 Terminologia e formação de termos

O desenvolvimento da Terminologia enquanto área de conhecimento encontra lá suas mazelas.

A terminologia moderna surgiu nos anos 30 do século XX, com o trabalho do engenheiro E. Wüster, Viena¹¹⁵.

Discute-se também em relação a Terminologia seu estatuto de ciência. Na década de 70 do século XX, Robert Dubuc, acusa concepções divergentes e localiza seu objeto no uso prescritivo de termos¹¹⁶. Uns a consideram ramo da lexicografia técnica; para outros sua tarefa é reunir, definir e classificar rigorosamente conceitos, assim inventariar exaustivamente nomenclaturas. Dubuc aponta "escolas"; Sager referencia as escolas teóricas: germânica-austríaca (foco: teoria e estandarização da língua germânica; caráter supra-nacional); seu fundador foi Eugen Wüster; soviética: nos anos de 1930 (foco: necessidade de criar termos técnicos russos para ciência e tecnologia importadas e dar-lhes equivalência nas 'muitas línguas da União Soviética', assim, uma questão prática, multilíngue e multicultural); tchecoslovaca influenciada pela Linguística Funcional (foco prático: criar terminologia técnica em checo e eslovaco); canadense-quebequiana relaciona-se com a decisão de fazer do Francês uma língua oficial e paralela ao Inglês, o que interferia também em questões de administração governamental, sistemas educacionais, empregos, etc. Mais recentemente o desenvolvimento deste viés teórico coincide com a introdução dos computadores para o processamento de dados em linguagem natural. Muitos trabalhos também se relacionam com neologismos e o fenômeno de tangenciamento com outras linguagens¹¹⁷

A Associação Internacional de Terminologia define-a em 1982, como o 'estudo de sistemas de símbolos e signos linguísticos empregados na comunicação humana em áreas especializadas do conhecimento e atividades. É (...) uma disciplina linguística - e linguística pode ser interpretada (...) em sentido amplo, com ênfase na semântica (sistema de significados e conceitos) e

(Presidente do ICOFOM; Brasil, Rio de Janeiro). Na América Latina, as investigações sobre um *thesaurus* foram iniciadas em 1989, com o CILEM - Centro de Investigações da Linguagem Museológica, presidida por Nelly Decarolis, integrado ao ICOFOM LAM, a partir de 1994. Este último grupo conta com representantes da Argentina, Brasil, Equador, México, Venezuela, sob a coordenação de Norma Rusconi (*Terminologia Museológica*, Proyecto Permanente de Investigación. ICOM/ICOFOM/ICOFOM LAM; Maio 2000).

¹¹⁵ CABRÉ; 1993:25-27.

¹¹⁶ DUBUC; 1977:5.

¹¹⁷ SAGER; *op.cit.*:210-212.

pragmática. No sentido interdisciplinar tangencia conceitos e métodos da semiótica, epistemologia, classificação. Nos seus aspectos práticos terminologia relaciona-se com a lexicografia e usos técnicos da ciência da informação e tecnologia¹¹⁸.

M. T. Cabré distingue três orientações para a "ciência terminológica": a de caráter interdisciplinar; a de orientação filosófica interessada na categorização lógica dos sistemas de conceitos e organização do conhecimento; e a centrada na lingüística situando a terminologia como um subcomponente do léxico e da língua, e as linguagens de especialidade como subsistemas da linguagem geral. Para a própria autora ela é uma 'disciplina com princípios teóricos de base (a teoria terminológica), finalidades aplicativas (elaboração de vocabulários, léxicos e dicionários, e a normalização das denominações.'¹¹⁹.

A importância crescente da Terminologia atrela-se a um quadro bastante comentado sobre as alterações do século XX, como o incremento das relações internacionais (políticas, culturais, econômicas); as necessidades de transferência de conhecimentos científico, técnico, cultural e comercial; a importância crescente de informação, dentre outras formas, através de base de dados, exigindo uma normalização dos sistemas, armazenamento e recuperação da informação; o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que, por sua vez, também permitem uma difusão generalizada da terminologia, fazendo interagir léxico geral e específico com a decorrente banalização de termos específicos; em razão de políticas governamentais em matérias lingüísticas que exigem planos de normalização das línguas e criação de organismos oficiais para sua gestão e, também, em razão da transferência unidirecional dos conhecimentos e novos produtos das potências economicamente dominantes que concentram, quase com exclusividade, a criação científico-técnica. Trata-se, basicamente, de uma ferramenta para a comunicação especializada¹²⁰, e para a cooperação internacional.

A atuação da terminologia não deixa de interferir em aspectos políticos e ideológicos. Cabré comenta sobre as mudanças dos comportamentos lingüísticos decorrendo deles um paradoxo: de um lado a unificação, e de outro o plurilingüismo internacional.

A unificação aponta para o emprego de uma só língua em usos formais, o inglês, por exemplo, convertido na língua de comunicação internacional para ciência e técnica. Isto, por outro lado, intensificou o movimento de países que reivindicam o uso de suas próprias línguas para todos os âmbitos de comunicação, defendendo o plurilingüismo internacional baseado na "compreensão das línguas vizinhas e na utilização de recursos tecnológicos avançados que auxiliem a intercompreensão,

¹¹⁸ SAGER; 1990:4

¹¹⁹ CABRÉ; 1993:32 e 82

¹²⁰ CABRÉ; 1993:43.

sem necessidade de se renunciar uma língua em favor de outra". Tal situação reflete-se no campo da terminologia na medida em que ante o registro de uma língua, a especialização por temática permite reduzir ao máximo a subjetividade, requer forte internacionalização (a vertente uniformizadora). Nesse aspecto a terminologia se propõe a alcançar uma comunicação precisa e eficaz em assuntos profissionais. Os termos (em menor grau do que as palavras) refletem uma determinada visão de mundo. A vertente diversificadora das linguagens de especialidade, se propõem a respeitar a identidade cultural dos países importadores de tecnologia. A internacionalização contribuiu com uma "certa neutralização das peculiaridades culturais (...) na terminologia especializada", por um lado, e por outro, favoreceu a adoção de medidas de proteção da identidade lingüística e cultural¹²¹.

Nos interessa mais de perto apresentar a terminologia como processo de ordenamento do campo conceitual de um domínio. Destacam-se alguns de seus aspectos para ilustrar como ocorre a formação do campo nocional e dos termos que o representam.

Segundo a perspectiva de Maria Tereza Cabré, o objeto da terminologia visa a linguagem na dimensão comunicativa¹²², privilegiando, nesse aspecto o ponto de vista do usuário a quem serve por meio dos conjuntos de unidades de comunicação – as terminologias –, concebidas segundo critérios de economia, precisão e adequação¹²³.

Terminologias conformam-se como parcelas do léxico geral, afinizadas a temas e refletem, de maneira formal, a organização conceitual de disciplinas científico-técnicas. A atividade de pesquisa e trabalho terminológico se materializa em vocabulários, dicionários, léxicos, em si documentos de referência¹²⁴, instrumentos de recuperação de informações e de transferência de conhecimentos.

A dimensão cognitiva desses instrumentos assenta-se no ordenamento do pensamento sobre um domínio¹²⁵. Tais instrumentos são sistemas de classificação temática de campos de conhecimento que auxiliam na identificação de conceitos,

¹²¹ CABRÉ; 1994:66-67.

¹²² A terminologia é linguagem, afirma Cabré, é parte da lingüística aplicada, mas faz nela seleções em função de seus próprios objetivos. "Toma emprestado", escreve a autora, elementos e conceitos da morfologia, lexicologia e semântica, assim demonstrando sua natureza interdisciplinar (CABRE; 1993:83).

¹²³ CABRÉ; 1993:83.

¹²⁴ Cabré aponta o conceito como o elemento mais importante de informação que pode estar associado a outros elementos: sinônimos da mesma língua; equivalentes em outras línguas; aspectos morfológicos e gramaticais; informação fraseológica e contextual; outros termos relacionados (antônimos); definição, explicação; representação gráfica em outros sistemas de signos; comentários e notas diversas; dados sobre a classificação temática, seu pertencimento a uma área de um domínio temático, e relação ao lugar que ocupa num sistema de conceitos (CABRÉ; 1993:114).

¹²⁵ *Idem, ibidem.*

expressos em formas lingüísticas (termos), espalhados em documentos, entenda-se, textos.

Nota-se duas dimensões simultâneas da terminologia. Enquanto linguagem em uso, instituída, mas que vai se formando e sendo empregada particularmente em grupos de especialidade. Nasce no seio desses grupos e está em atividade nesses mesmos grupos. Enquanto forma fixada (também linguagem), impressa, será usada como instrumento classificador de uma área de especialidade podendo nortear produções (orais e escritas) dessa mesma área, sujeita a alterações.

É possível identificar aqui sua característica produtiva em circularidade, num contínuo movimento e mutação; surgem novas formas de ver as coisas, mudam os eixos, conceitos são redefinidos e as terminologias se atualizam¹²⁶.

Maria T. Cabré comenta sobre a capacidade de adaptação inerente que cada falante/ouvinte possui para as várias situações funcionais no emprego do léxico, dentre elas a situação temática (profissional), de aspecto mais restritivo¹²⁷. É nesse quadro de léxico especializado compartilhado que se dá progressivamente o processo de conceitualização de um domínio.

Cabré chama a atenção para o fato de que, embora léxico e conceitos sejam comuns a uma mesma área especializada, deve-se se contar com várias situações funcionais mesmo dentro de uma área, o que explicaria a reutilização dos signos lingüísticos gerando estruturas diferentes ou simultâneas ou sucessivamente, caso das teorias científicas resultantes das trocas científicas¹²⁸. Tal fato ocorre em razão do modo de aproximação com a realidade¹²⁹, expresso não pelo que é mas segundo a interiorização e interpretação realizada pelo indivíduo ou uma comunidade, e também porque a aquisição do conhecimento de uma matéria, pode-se dizer, se faz em processo, vai sendo adquirida, refletindo-se nas conceitualizações. Além disso, os conceitos não existem na realidade, "só existem objetos"¹³⁰. É o indivíduo que, por um processo de abstração, faz com que a realidade se torne conceito - um

¹²⁶ CABRÉ; 1993:100.

¹²⁷ A situação temática é uma possibilidade do falante/ouvinte, outras são os dialetos geográficos, históricos e sociais. Um dos módulos que explicam o funcionamento lingüístico é o léxico, integrado pela lista de palavras que todo falante conhece, e pelo conjunto de regras que descrevem sua capacidade para criar novas unidades. Por esse raciocínio Cabré diz que é plausível que todo falante possua palavras de tipo geral para utilizar em qualquer situação, e palavras que remetem à especialidades mais restritas (CABRÉ; 1993:98).

¹²⁸ CABRÉ; 1993:97.

¹²⁹ Aqui também Cabré aponta os melindres do significado e descrição da realidade, da relação referente-conceito "um dos eixos de estudo que apresenta maior dificuldade científica (...)". Aspectos da discussão: a realidade existe por si, ou só existe através da percepção? O falante armazena conceitos que representam uma classe de objetos, descrita por suas características relevantes, e não conceitos individuais. Quanto a polissemia natural das palavras é cerceada pela homonímia (relação de identidade situada ao nível do significante), o que na prática nem sempre é fácil contornar (CABRÉ; 1993:94-95).

¹³⁰ CABRÉ; 1993:97.

elemento do pensamento, uma construção mental que *representa* um objeto individual, material ou imaterial. Ele existe psicicamente independente do termo que o designa¹³¹. Seguem, no entanto, uma ordem, ainda que "cambiante e polivalente"¹³².

Um traço distintivo das comunicações¹³³ especializadas, além da função mais informativa¹³⁴, são os tipos de textos (orais e escritos) produzidos com terminologia específica¹³⁵. O emprego de terminologia estandarizada visa a eficácia da comunicação. Nessas comunicações os participantes possuem conhecimento prévio do que querem comunicar, e também das normas sociais sobre o uso da linguagem, incluindo aí formas lingüísticas como convenções expressivas como os tipos de textos, normas de representação gráfica, formas padronizadas, etc.

Textos técnicos tendem a ser mais consisos, precisos, com graus variados de redundância, afinados com a situação comunicativa que está sendo produzida¹³⁶. Os que participam desse ato comunicativo já o fazem com intenções e expectativas determinadas condicionando sua mensagem.

O núcleo de atenção da terminologia, seu ponto de partida, são os conceitos, perpassados, no plano teórico, por aspectos cognitivos, lingüísticos e comunicativos.

Sob o aspecto cognitivo tratam-se de "elemento[s] do pensamento, um constructo mental que representa um objeto individual"¹³⁷. Uma série de características comuns a uma classe de objetos individuais que servem para estruturar o pensamento e formam um conceito. É o processo intelectual do falante em relação com o conhecimento que vai sendo adquirido que, convertido em estrutura, possibilita a inserção do conceito num "lugar determinado"¹³⁸, fazendo com que adquira um valor funcional.

Vinculados a campos de conhecimento ou disciplinas, os conceitos se modelam segundo a abordagem impressa por sujeitos. Formam-se campos nos quais os conceitos se enrustam operando como conjunto organizado, interligando-se em relações lógicas (baseadas em semelhanças), ou ontológicas (baseadas na

¹³¹ *Idem, ibidem.*

¹³² *Idem*: 94.

¹³³ Os eixos da comunicação em geral: na horizontal: emissor, canal, receptor; na vertical: realidade, canal, linguagem. Cabré insere a 'mensagem do texto', mas restrita do que a da área da linguagem geral, pode ser escrita ou oral (CABRÉ; 1993:104).

¹³⁴ Seguindo o quadro de funções cf. Jakobson (conotativas, expressivas, metalingüísticas) o que não impede, de acordo com Cabré, que estas outras funções estejam presentes nas comunicações especializadas (CABRÉ; 1993:105).

¹³⁵ CABRÉ; 1993:105.

¹³⁶ *Idem*:104 e 106.

¹³⁷ *Idem*:97.

¹³⁸ *Idem*:99.

contigüidade ou contato no espaço e no tempo)¹³⁹. Esta organização (fixação), ocorre, mesmo estando sujeita à condição de mobilidade das tais estruturas conceituais, podendo abrigar pontos de vista diferentes¹⁴⁰, mas nem por isso deixam de ser fixadas. As fronteiras são artificiais, os limites aproximativos, em se pensando nas definições geradas para essa fixação.

Também vinculada ao plano heterogêneo da linguagem, a formação de conceitos submete-se às mesmas regras da língua¹⁴¹ bem como de suas formas descritivas (fonológica, morfológica, lexical, sintática e discursiva). Sublinhe-se as formas de discurso para a terminologia, tendo em mente que a situação comunicativa das áreas de especialidade requer formas discursivas adequadas na qual os textos, "um meio de expressão e transmissão cultural, que permite que os indivíduos relacionem-se entre si", ocupam um lugar determinado na sociedade que os utilizam¹⁴². Textos se constróem a partir do código da linguagem (utilizam as unidades fornecidas pelo sistema de cada língua e suas regras combinatórias), mas há inúmeras possibilidades de uso veiculando sistemas de valores culturais e ideológicos¹⁴³.

Cabré considera os textos como elementos de integração entre linguagem e realidade múltipla, pluridimensional, mutante, e como unidade que mostra uma rede de relações multilaterais em razão do ato de comunicação interativo a que estão relacionados¹⁴⁴.

A tríade cognição, linguagem e comunicação fornece o pano de fundo no qual se insere a unidade terminológica, as palavras especializadas de uma determinada disciplina. A formação das palavras, livre na língua em ação, se torna fixada na terminologia, operação denominada por Wüster, conceptor da Terminologia, como "formação consciente da língua". No entanto, a terminologia não é uma "fabricante de palavras", escreve Robert Dubuc¹⁴⁵, não faz ou cria neologismos¹⁴⁶ mas, sim, normaliza, impõe um mesmo uso para uma esfera de atividades, convencionada por uma autoridade determinada.

¹³⁹ *Idem*:99-101.

¹⁴⁰ *Idem*:99.

¹⁴¹ *Idem*:94-95.

¹⁴² CABRÉ; 1993:126 e 128.

¹⁴³ Cabré equipara discurso a texto, este como unidade complexa do ponto de vista lingüístico, pragmático, sociolingüístico, cultural e antropológico (CABRÉ; 1993;126-128).

¹⁴⁴ CABRÉ; 1993:128.

¹⁴⁵ DUBUC; 1977: 8.

¹⁴⁶ Esta criação exige "sólidos conhecimentos da história da língua, da morfologia e da semântica (DUBUC; 1977). Segundo Cabré, a formação de termos para uso internacional, privilegia formativos grecolatinos (CABRÉ; 1993: 84).

A linha divisória estrita entre termos e palavras não é tão definida¹⁴⁷. Cabré situa a diferença menos sob a perspectiva formal ou semântica, e mais sob critérios especificados pela Terminologia que caracterizam os termos como pragmáticos e comunicativos. Isso porque termos como palavras do léxico geral são unidades sígnicas, com forma e conteúdo, apresentadas no discurso especializado. Fazem parte de um sistema estruturado, ocupam um lugar nessa estrutura (sistema), se relacionam com outras unidades, participam da construção do discurso (especializado). Não há nesses aspectos nenhuma especificidade, assim, sem diferenças sistemáticas das palavras com seu entorno gramatical. No entanto, são unidades sígnicas distintas pois advém de um código estabelecido, usadas numa situação de comunicação especializada designante de 'objetos' de uma realidade preexistente¹⁴⁸. Tratam de unidades sistemáticas e sistematizadas.

Escreve Lérat: um termo é um símbolo convencional representando uma noção definida num certo domínio do saber. Pontua: é uma expressão e um símbolo, resultado de uma convenção, importa seu conteúdo, a noção é definida explicitamente e a descrição de uma noção reinvia a um domínio do saber no qual ela (noção) é solidária¹⁴⁹.

Termos¹⁵⁰ fazem parte de um sistema estruturado, ocupam lugar determinado, se relacionam com outras unidades da mesma disciplina, participam da construção de discurso específico. Como se aceita que a terminologia é parte integrante do sistema léxico de uma "gramática"¹⁵¹, os termos se revelam como unidades sígnicas que podem ser analisadas lingüisticamente de três pontos de vista: formal (a denominação), semântico (o conceito), e funcional (a categoria e a distribuição)¹⁵².

¹⁴⁷ CABRÉ *apud* HERNÁNDEZ; 2001:3 de 3.

¹⁴⁸ CABRÉ; 1993:169.

¹⁴⁹ LÉRÁT *apud* CABRÉ; 1993:170.

¹⁵⁰ A palavra *termo* serve para designar unidade terminológica completa (conjunto formado por denominação e conceito), usa-se também como sinônimo denominação (CABRÉ; 1993:172)

¹⁵¹ CABRÉ; 1993.

¹⁵² Denominação do ponto de vista da teoria lingüística estrita é uma representação fonológica - uma seqüência de sons, ou letras. Todo falante de uma língua possui de cada termo uma representação fonológica subjacente que é capaz de interpretar foneticamente mediante a aplicação de regras morfofonológicas e fonológicas. Termos não se distinguem das palavras sob o ângulo fonético. Do ponto de vista morfológico trata-se de uma estrutura de morfemas que mantêm relações diversas entre si, em cuja base se assenta o significado (abordagem lingüística da forma terminológica). Para a terminologia importa a grafia das unidades léxicas, uma vez que os processos de normalização não atuam sobre pronúncias mas sobre a forma escrita dos termos. Pela morfologia o termo está formado por unidades pequenas (morfemas); coincide com as palavras do léxico comum. Importa para a terminologia a base léxica (derivativos ou afixos), ou outras bases combinadas entre si que dão lugar a termos complexos. Há uma classificação para tipos de termos levando em conta forma, função, significado e procedência (CABRÉ; 1993:172; 175; 176; 185).

As denominações mantêm relações com o sistema léxico geral e com cada disciplina em particular. Seguem tipos de estrutura permitidas pelo sistema, utilizam os mesmos recursos para formação de palavras e estão submetidas as mesmas regras de combinação e restrições¹⁵³.

O conteúdo é aquilo que é representado pela noção ou conceito a que se refere uma denominação. Noções ou conceitos¹⁵⁴, representações mentais de objetos, referem-se ao resultado de um processo de seleção de características relevantes que definem uma classe de objetos (e não objetos individuais). Este corpo de conteúdos confere ao termo a propriedade de referência, integrado por um conjunto sistemático de características de tipos distintos. Essas características podem ser essenciais (descrevem a essência), complementares, intrínsecas (as que estão ligadas a sua descrição como representante de uma classe)¹⁵⁵, extrínsecas (dizem respeito a função, origem, localização, inventor, etc)¹⁵⁶, na dependência do campo de especialidade em que o conceito se move, e também dos próprios objetivos do trabalho terminológico que se realiza.

Conceitos são descritos por compreensão ou extensão. Por compreensão se faz pela enumeração ordenada, da mais geral para a mais específica, de todas as características que os descrevem. Trata-se de um processo lógico que vai do gênero à espécie. A descrição por extensão se faz pela enumeração das possíveis realizações, todas suas espécies¹⁵⁷.

Há parâmetros para as descrições de um campo conceitual, ou seja, uma disciplina de especialidade. Importam as estruturações que podem ser construídas desses campos conceituais, organizadas sobre uma base onomasiológica¹⁵⁸,

¹⁵³ Termos novos são resultado de um processo de formação, e não de um empréstimo. Há recursos que os falantes usam para essa formação. Formais: por combinação (derivação, composição, sintagmatização), modificação formal de unidades pré-existentes por meio de processos truncados (siglas, acronímia, abreviações) Funcionais: conversão sintática; lexicalização através de uma forma flexiva de um lexema adquirindo uma categoria gramatical própria. Semânticos: modificações no significado de uma unidade. Interfere-se na procedência da base ou cria-se uma nova unidade por ampliação, restrição ou mudança de significado (CABRÉ; 1993:188-192).

¹⁵⁴ A norma ISSO 704 (1987) define conceitos ou noções como "construções mentais que servem para classificar os objetos individuais do mundo exterior ou interior através de um processo de abstração mais ou menos arbitrário" (CABRÉ; 1993:195).

¹⁵⁵ Cabré completa quanto a classe: forma, cor ou medida, no caso de nomes de objetos; tipos de ação, sentimento, processo, no caso de verbos, e assim por diante (CABRÉ; 1993:199).

¹⁵⁶ CABRÉ; 1993:199.

¹⁵⁷ *Idem*:200-201.

¹⁵⁸ O processo de trabalho em terminologia segue o procedimento onomasiológico – para cada grupo conceitual de uma determinada denominação, corresponde um conceito da estrutura nocional. Se há confluência de várias denominações para um mesmo conceito seleciona-se uma denominação e se descarta as outras, se declara uma forma prioritária. Isto difere do processamento semasiológico que passa da forma ao significado praticada pelos lexicólogos que continuam a descrever as entradas (de um dicionário, por ex.) por meio de definições (CABRÉ; 1993:92).

orientando o estabelecimento prévio dos conceitos. Essas estruturas podem incorporar abordagens diferentes para o mesmo objeto o que revela visões culturais e científicas, permitem também o controle e coerência. Para se formalizar conceitos eles são sistematicamente cotejados. O modo de representação dos conceitos se faz por definição¹⁵⁹ que descreve a noção tendo como referência exclusiva um domínio (esta a definição terminológica), ou através de uma ilustração¹⁶⁰.

Muito já se falou sobre a busca terminológica pela univocidade (uma única relação entre forma e conceito) e monorreferencialidade (um termo designa um só objeto) mas, na prática, um conceito pode ser denominado por várias formas (sinonímia)¹⁶¹, bem como se relacionar com mais de um significado dentro de uma mesma matéria temática¹⁶².

Os limites do trabalho terminológico têm se ajustado à revisões teóricas¹⁶³, e nessa esteira se ampliam as variáveis pelas quais os termos podem ser compostos. Um alerta teórico insiste para a condição que não se dissocie conhecimento geral e especializado, embora cada um possua traços diferenciadores.

Vale a percepção de que especialistas são falantes de uma língua natural como a língua de sua especialidade. Eles integram conhecimentos; os termos que os comunicam fazem uma espécie de síntese dos conhecimentos. Nessa perspectiva os termos não são unidades isoladas mas constituintes de um sistema simultaneamente geral e particular. O caráter de termo é algo ativado em função do uso¹⁶⁴, num contexto e numa dada situação. Assim, dentro das unidades léxicas

¹⁵⁹ As definições em terminologia podem ser realizadas por compreensão (recompilação) e por extensão (enumeração) (CABRÉ; 1993:210).

¹⁶⁰ CABRÉ; 1993:207-209.

¹⁶¹ *idem*:213.

¹⁶² Quanto à monorreferencialidade e univocidade da forma, esta autora diz que a realidade prática "não permite ser tão otimista" (quanto ao proposto pela teoria) (CABRÉ; 1993: 94-95).

¹⁶³ Analisando a base da terminologia teórica a partir da Teoria Geral da Terminologia elaborada por Wüster, Cabré considera seus limites e amplitudes, e propõe uma teoria de base comunicativa advogando que os termos não se explicam automaticamente à margem de outros signos, nem isoladamente dos signos da linguagem natural compostos de forma e significado, nem distantes das teorias da comunicação e da cognição. Termos, defende, são unidades que se incorporam ao léxico de um falante enquanto adquire o rol de especialista pela aprendizagem de conhecimentos especializados. Sua proposta inclui uma gramática com as variações dialetais e funcionais, as variações conceituais e denominativas – signos, diz, não são independentes das línguas. Além disso, devem considerar as correlações, identidades e diferenças entre as características e o processo de aquisição do conhecimento geral e especializado em toda sua diversidade funcional. A atuação varia de amplitude: temática, segundo a perspectiva, nível de especialização, propósito comunicativo, o funcional, tipo de texto, tipo de discurso, etc. (CABRÉ; 1999 :149).

¹⁶⁴ Repertoriar as palavras em situação concreta (em uso) – um "trabalho sobre o terreno" - responde aos objetivos concretos de expressão. Nos textos escritos se faz a identificação da noção (noções) como se fosse uma "fotografia mental onde o termo e noção são associados e classificados", numa decupagem dos elementos significativos, que compõe as noções (DUBUC; 1977:9).

componentes de linguagem natural, um número delas são usadas e percebidas como termos.

Há contínuas passagens da língua comum para as linguagens especializadas¹⁶⁵. Isto se dá em um processo de "terminologização" que ocorre na direção de palavras da língua geral, para as diferentes especializações, mas os significados devem estar diferenciados entre si, conforme o caso. Há também ocorrências de passagens de unidades de uma língua de especialidade para outra, às vezes com troca de significado. Fala-se num "comportamento terminológico ou não terminológico das unidades léxicas": o grau de precisão semântica, o comportamento lingüístico, o número de usuários que deve se corresponder, frequência de uso e familiaridade com que percebemos uma palavra¹⁶⁶.

Esta é a base intelectual para a construção de termos. A parte da execução, terminografia, é prática e integra operações de coleta, sistematização e apresentação dos termos seguindo recomendações técnicas, formais e de processo de trabalho determinadas internacionalmente. Não se trata de tradução¹⁶⁷; o trabalho terminológico não é o de traduzir termos de uma língua, mas de coleta das denominações que os usuários utilizam para se referir a um conceito.

Um conjunto de termos presentes em textos especializados nem sempre é o mais representativo de uma disciplina ou atividade. Nestes casos, recorre-se àquela terminologia empregada nas comunicações orais, embora seja menos rigorosa¹⁶⁸.

Essa atividade se desenvolve em quatro fases percorrendo o caminho iniciado pela delimitação do tema e definição dos objetivos a serem alcançados, preparação e planejamento, execução e apresentação dos resultados. Necessariamente passa-se pela fase de compreensão da área (fase cognitiva), em que o terminólogo trabalha *pari passu* com especialistas de áreas. Busca-se a estrutura polivalente dessa área (com dimensões, classes e sub-classes) guiadas pelos conceitos. Faz-se uma projeção, um esquema organizado. Este mapa conceitual permitirá traçar as fronteiras do tema, especificar a perspectiva a ser tratada. O campo pode ou não coincidir com a parte da disciplina em estudo, ou então indicar um campo transdisciplinar, ou ainda um segmento interdisciplinar. Um conceito pode então surgir em estruturas distintas com valores também distintos,

¹⁶⁵ CABRÉ *apud* HERNÁNDEZ; 2001: 2 de 3.

¹⁶⁶ HERNÁNDEZ; 2001.

¹⁶⁷ CABRÉ, 1993:264-265.

¹⁶⁸ CABRÉ, 1993: 266. Conta-se com normas internacionais para unificação de denominações e conceitos. Para que uma norma seja estabelecida conta-se com a participação de especialistas representativos de diversos países. São aprovadas por consenso, fixando as características que deve ter um determinado produto, processo ou material. A participação é voluntária e o cumprimento de uma norma é decisão de cada país. Assim, as normas têm valor de recomendação (CABRÉ; 1993:267).

acionado esse valor pela priorização de uma determinada linha de trabalho como tema, perspectiva, tipo de trabalho, destinatários, objetivos ou finalidades.¹⁶⁹

Posto este quadro sintético sobre a teoria da Terminologia e passos para a elaboração de terminologias, vamos a algumas experiências para formalizar uma terminologia para o domínio Museologia, na forma de dicionários e tesouros.

3 Em direção a uma *linguagem de especialidade*

Os problemas de terminologia na dupla acepção de conjunto lexical e o que se poderia compreender por determinadas palavras, não demoraram muito a se revelar na área da Museologia. Tomando o ICOFOM como referência e marco para uma museologia teórica, os problemas surgiram paralelamente às discussões. Como fugir dessa evidência, se até mesmo a palavra 'museologia' trazia à baila diferenças de compreensão? Afinal, com a institucionalização dos debates, formou-se uma arena em que não mais autores isolados escreviam tendo como partícipe um leitor silencioso. Tal situação arena possibilitou o encontro de oralidades e troca de textos escritos intercambiáveis, acionou a comunicação face a face.

Mesmo anteriormente ao ICOFOM, no seio do ICOM, surgiram propostas de elaboração de dicionários de área. Sob o ICOFOM, a idéia tomou uma outra força, e outra direção (a do tesouro). Já era tempo de que se visse a museologia como disciplina científica, em "evolução" disse István Éri em 1983, pensando no dicionário¹⁷⁰.

Os termos técnicos e científicos, compreendidos como terminologia museológica, esperavam uma grande obra poliglota¹⁷¹ para se apresentarem ao mundo – por isso a proposta do *Dictionarium Museologicum* (DM). Ele viria como uma espécie de prova indiscutível da "linguagem especializada e da ciência específica", para uma comunicação sem mal-entendidos. Não havia "unidade lingüística em museologia", confirmava Éri¹⁷². Aí está a justificativa para esse trabalho que levou muitos anos¹⁷³ para se completar, enfrentou a troca de pessoas

¹⁶⁹ CABRÉ; 1999:143-144.

¹⁷⁰ ÉRI, 1986.

¹⁷¹ A palavra 'poliglota' é usada no artigo de István Éri, no lugar de plurilíngüe (ÉRI, 1986).

¹⁷² ÉRI; 1983:110.

¹⁷³ A idéia de criação de um dicionário museológico foi expressa oficialmente em 1965 na Conferência Geral do ICOM (Nova York); em 1976 um grupo de trabalho terminológico estabeleceu-se dentro do ICTOP (Comitê para Formação de Pessoal). A publicação de termos técnicos figurou também no plano de trabalho do comitê de redação do Tratado de Museologia (não publicado). Em 1977, na conferência ocorrida em Leningrado e Moscou, se reorganizou o grupo de trabalho dentro do CIDOC (comitê para a Documentação). A versão do ICOM foi publicada em 1986, portanto vinte e um anos depois da proposta original.

responsáveis pelo empreendimento advindas de nacionalidades diferentes, com pontos de partida de idiomas diferentes. Os "defeitos", eram assim inevitáveis, como está justificado no do Prólogo¹⁷⁴.

A elaboração de dicionários parecia uma forma apropriada para estabelecer uma terminologia para os museus, nela espelhada sua linguagem de área.

Iniciativas para mapear uma terminologia de museus, já haviam ocorrido nos anos 1970. Surgem dicionários em primeiro lugar nacionais: alemão, russo, tcheco; e bilíngüe: inglês-francês, no Canadá¹⁷⁵. O primeiro com uma proposta internacional, segundo van Mensch, foi o **Dictionarium Museologicum** publicado em 1986 pelo ICOM, compilado pelo CIDOC (Comitê para a Documentação, elaborado pelo Grupo de trabalho em Terminologia, com direção de István Éri de 1977 a 1983, Lucas Wüthrich depois de 1983, e o *National Centre of Museums*, Budapest).

István Éri historia em 1983 fatos que antecederam a produção do DM e explica, num artigo, a proposta: o dicionário para construir "pontes através de palavras"¹⁷⁶. Nesse, volta aos fatos que se inicia na Resolução no.7 da 12ª Assembléia do ICOM (realizada em Moscou, em 1977). Éri reapresenta como fundamental, para este órgão, um dicionário para a área de museus com definição de termos para que profissionais dos diversos países pudessem compartilhar de uma melhor compreensão (entenda-se da área).

Precisava-se de uma "terminologia museológica concordante" e, para isso, convidava-se esperançosamente que comitês nacionais e internacionais participassem enviando suas propostas. O estado da museologia como prática e teoria acumuladas já permitia a compilação de um dicionário¹⁷⁷.

Éri explica os passos e as dificuldades para a elaboração do DM então em curso, antecedido por publicações em 1978, 1979, 1981.

¹⁷⁴ PRÓLOGO, **Dictionarium Museologicum**, Budapest, 1986: XV.

¹⁷⁵ Van Mensch sequencia as seguintes datas e trabalhos com dicionários:

1973, publicada em 1975 – a primeira versão de termos relacionados, pela República Democrata Alemã: *Small dictionary of the museum field – Kleines Wörterbuch des Museumswese* (300 entradas)

1974 – o *Consise dictionary of museum terms – Kratkij slovar muzejnych terminov*, Moscou (400 entradas)

1978 – *Muzeologicky slovník*, checo, compilado em Benes e publicado em Praga

1982 – *Terminologisches Wörterbuch der Museologie* publicado por Scheiner, Alemanha, com uma segunda versão em 1989 (500 entradas)

1983 – *Museologisch woordenboek* 'de termos em alemão, publicado por van Mensch (600 entradas).

1986 – *Dictionarium Museologicum* – pelo ICOM, portanto, um esforço 'internacional'. A necessidade de um dicionário já havia sido diagnosticada em 1965, na 7ª Conferência Geral (Nova York), Projeto iniciado em Moscou em 1977 (12ª Assembléia Geral do ICOM)(com 1632 entradas – palavras traduzidas em 20 línguas; sem definições).

1989 – *Glossary of museology* – vocabulário em inglês-francês, publicado no Canadá (2000 entradas) (van MENSCH; 1992:*Museological terminology* :1de 5)

¹⁷⁶ ÉRI; 1993: *Le Dictionarium museologicum: construire des ponts avec des mots. Museum.*

¹⁷⁷ PRÓLOGO, **Dictionarium Museologicum**, Budapest, 1986.

A de 1978 partiu de uma coleta de termos em húngaro, então a língua base, a "língua de partida", com documentos (textos) redigidos nesse idioma. Houve, escreve, "muitos erros de interpretação" em razão da ausência de colaboradores estrangeiros, não húngaros ele quer dizer. Mesmo assim, um primeiro trabalho quadrilíngüe foi publicado em 1978 com equivalências em alemão, inglês e francês. Para aprimorar a metodologia e recolher "termos técnicos", o grupo que desenvolvia o dicionário passou a recorrer a outras publicações do gênero: um dicionário publicado em 1975 na República Democrata Alemã com 300 expressões, outro em 1974 em russo com 211 termos, um glossário tcheco de 1978 com 400 termos e definições. Parecia impraticável redigir definições¹⁷⁸, o que os levou a optar por equivalências "multilaterais" em quinze ou vinte línguas (para aproximadamente mil e quinhentos termos técnicos por língua).

Com a participação "pouco a pouco" de colaboradores internacionais, atestou-se que um léxico museológico não poderia ser reunido sob uma língua. Para aprimorar a metodologia faltava uma estrutura hierárquica incorporando teoria e prática, criando "domínios parciais teóricos e funcionais" de modo a "acomodar" os termos em "camadas".

A imagem é de árvore: os termos qual ramos estariam a ela ligados para que se associasse as idéias dentro de uma lógica. Era uma metodologia que não contava com unanimidade, mas que serviu para reagrupar os termos, uma segunda edição foi publicada em 1979¹⁷⁹. O alemão foi provisoriamente a "língua piloto". Para a terceira edição (1981), fez-se revisão dos termos, partindo do alemão, seguida de artigos em inglês, espanhol, holandês, francês, húngaro, romeno, russo e servo-croata. Contava-se com um léxico em vários idiomas para servir de guia para a coleta de expressões, e dele para a correspondência em "todas as outras línguas". Faltavam equivalências e sinônimos para se chegar a uma "nomenclatura definitiva em inglês e francês".

Havia problemas a serem contornados sobre as divergências que existiam em relação às práticas museológicas em cada país¹⁸⁰.

Um outro aspecto tangia a delimitação dos domínios para mapear a terminologia. Para contar com um léxico representativo da dimensão científica e prática, frente ao grande número e complexidade de termos utilizados – que

¹⁷⁸ Estava previsto de quinze a cem linhas (ÉRI, 1983:110).

¹⁷⁹ De 2000 termos em alemão, inglês, francês, húngaro e russo (base anterior), passa-se para 10.000 palavras, sinônimos e complementos. Foram realizadas três reuniões na Hungria: em 1979 com 12 especialistas de cinco países, em 1980 com 15 especialistas de oito países, e em 1981 com 18 colaboradores de 10 países (ÉRI, 1986:112).

¹⁸⁰ Éri se refere a denominações diferentes de determinadas atividades, ou atividades particulares, quando a "área lingüística" dizia respeito a países como a Suíça, e as duas Alemanhas (ÉRI, 1986:112).

parecia uma coleta sem limites ⁻¹⁸¹, foi necessário estabelecer critérios e regras para diferenciar esses termos. Optaram também pela não apresentação de termos de domínios que lhe eram próximos, "a proteção de monumentos, assim a restauração-conservação (...) e aqueles concernentes (...) às disciplinas presentes no seio dos museus". Outras regras diziam respeito às abreviações dos nomes das instituições e organizações a serem colocadas em anexo, e termos técnicos não mais usados, mas ainda mencionados na bibliografia especializada sobre museus¹⁸².

O dicionário seria apresentado nas línguas oficiais da UNESCO, com atenção para os "termos técnicos especiais" designativos de uma atividade museológica específica não conhecidos nas outras línguas, que necessitariam de definições. Quanto à gramática, tendo em mente que um "conceito formado se refere a um só vocábulo", figurariam palavras compostas dentro de critérios especiais. Os substantivos, verbos, adjetivos seriam apresentados e incluídos, e outras questões gramaticais como ortografia e tipografia seriam "confiadas à consciência da casa de edição assegurando sua publicação". A estrutura do dicionário, complexa – ainda na voz de Éri - seguiria a ordem alfabética na "língua piloto"¹⁸³ com índices alfabéticos e números de referência para as outras línguas. Toda essa situação dificultava a determinação de equivalências requerendo explicitação dos conceitos e seus respectivos conteúdos. Por outro lado, outras equivalências semânticas seriam facilitadas pela derivação do latim ou grego.

Éri encerra seu artigo lembrando a importância e necessidade de contar, para esse tipo de empreendimento – a construção de um dicionário - com trabalho em equipe, um trabalho "de muitas equipes"¹⁸⁴.

Esperava-se que o dicionário, útil como formação e informação, servisse para trabalho, pesquisa museológica, ensino, bibliotecários, tradutores e intérpretes¹⁸⁵.

No Prólogo de sua edição publicada em 1986, é esclarecido que o dicionário é "de termos e expressões especiais"¹⁸⁶, ou um "vocabulário específico poliglota" de termos técnicos usados *em museus*¹⁸⁷, mas não há definições. Inclui: campos específicos de trabalho nos museus ("museal", no texto), entendidos como tipos de museus; atividades museísticas; objetos de museu; equipamento; pessoal de museu, suas funções e disciplinas especializadas; teoria do museu; público dos

¹⁸¹ ÉRI, 1983:112.

¹⁸² *Idem, ibidem.*

¹⁸³ ÉRI, 1983: 112-113.

¹⁸⁴ *Idem*:113.

¹⁸⁵ *Idem*:110.

¹⁸⁶ *Apresentação do dicionário e normas de utilização. Dictionarium Museologicum*, 1983:L.

¹⁸⁷ (Itálico nosso). PRÓLOGO, *Dictionarium Museologicum*, Budapest, 1986; XV.

museus; termos jurídicos e "demais terminologias relacionada com os museus, etc.". Não inclui termos usados em "ciências particulares especializadas"¹⁸⁸.

A publicação seguiu a programação inicial. Divisão em duas partes: um corpo (principal) de "vinte línguas", e um índice alfabético com vinte idiomas; um apêndice com expressões e definições que não encontraram equivalência em inglês, e em ordem alfabética as denominações das organizações, instituições e associações de museologia internacional e nacionais¹⁸⁹. As entradas estavam em língua inglesa e os termos equivalentes em "dezenove idiomas"¹⁹⁰.

Peter van Mensch refere-se ao DM como "um monumento perdido" - somente um vocabulário - resultado de uma visão "romântica"¹⁹¹. Romântica porque István Éri preocupava-se (e quem sabe seu grupo de trabalho?) com a perda da beleza natural das palavras, de suas nuances. A uniformização seria um entrave¹⁹². Éri reforçou a necessidade do dicionário como meio para uma melhor comunicação e informação entre os profissionais, e fez o balanço entre perdas e ganhos. Para a perda da poesia, o ganho afinizado das linguagens técnicas.

Se importava para a área a existência de um dicionário em função da profissionalização, seguindo uma tendência similar ao que ocorria com outras áreas - arquivologia, por exemplo¹⁹³ - van Mensch elenca ao lado uma série de problemas do porquê o DM não foi bem sucedido. O acelerado desenvolvimento dos museus se sobrepôs à própria preparação do dicionário. A rapidez com que se criavam novos conceitos e novos termos, principalmente nas atividades de documentação, segurança e educação, não encontrava a mesma agilidade em publicações (impressas) desse tipo. As denominações das inovações tecnológicas ocorriam em palavras em inglês, com pouquíssima presença no DM¹⁹⁴. Tornou-se

¹⁸⁸ PRÓLOGO, *Dictionarium Museologicum*, Budapest, 1986; XV.

¹⁸⁹ *Apresentação do dicionário e normas de utilização. Dictionarium Museologicum*, 1983:XLIX.

¹⁹⁰ São apresentados os países e a sigla correspondente (*Apresentação do dicionário e normas de utilização* - em português). Os idiomas: inglês, francês, espanhol, russo, alemão, búlgaro, checo, dinamarquês, esperanto, finlandês, húngaro, italiano, holandês, norueguês, polonês, português, romeno, servo-croata, eslovaco, sueco. Cada entrada da parte principal em língua inglesa é precedida de um número. O termo equivalente em cada índice alfabético por idioma é seguido por esse mesmo número. Quanto às normas gramaticais, indicação de verbos (no infinitivo), o número se empregado no plural, e adjetivos; nas línguas em que os substantivos têm duas formas (masculino e feminino) se apresenta somente no masculino. Ainda constam notas explicativas sobre abreviações e sinais de pontuação, parênteses (*Apresentação do dicionário e normas de utilização. Dictionarium Museologicum*, 1983:XLIX;L).

¹⁹¹ Van MENSCH; 1992:*Museological terminology* :5 de 5. ÉRI; 1983:113

¹⁹² *Idem, ibidem*.

¹⁹³ Van MENSCH argumenta que essa seria uma tendência, pois similarmente surgem nos anos 1970 dicionários nas áreas de arquivos e bibliotecas (van MENSCH; 1992:*Museological terminology* :1de 5).

¹⁹⁴ Principalmente no primeiro período da elaboração do dicionário cf. van Mensch (van MENSCH; 1992:*Museological terminology* : 4 de 5).

uma lista de palavras partindo de termos em alemão, checo e holandês¹⁹⁵, pertencentes "à linguagem dos museus", com equivalência em inglês¹⁹⁶ - e foi difícil escolher a língua líder¹⁹⁷. O alemão foi sugerido como sendo o mais adequado pois, nesse idioma, ocorria a "criação mais avançada da terminologia museu/museológica (...) tanto do ponto de vista histórico como teórico", na concepção de Stránský¹⁹⁸. E mais: faltava ao dicionário um sistema de classificação e definições, e a seleção dos termos foi subjetiva¹⁹⁹, com problemas para sua estruturação.

Deve-se lembrar que - e Peter van Mensch também o menciona - a partir dos anos 1970, por pressão do uso de sistemas informatizados, houve uma "corrida pela terminologia", para alimentá-los²⁰⁰. Rapidamente se passa da necessidade de dicionários para os tesouros, mais ágeis para responder a essa pressão.

O chamado processo de gerenciamento das coleções, também mais desenvolvido em países de língua inglesa (Estados Unidos e Inglaterra)²⁰¹, requereu a normatização terminológica dela resultando vários tesouros para acervos de museus²⁰².

¹⁹⁵ Não é para menos, confirma, se o comitê editorial instalava-se em país do Leste Europeu. Istvan Eri presidiu os trabalhos do Comitê de Documentação do ICOM para a elaboração do dicionário (de 1979-1983), depois Lucas Wüthrich (em 1989), em Budapest. Foi publicado pela Associação Esperanto Húngara (*Hunagrian Esperanto Association*). O campo de museus conta, por isso, escreve van Mensch, com um vocabulário completo em esperanto (van MENSCH; 1992: *Museological terminology* :3de 5).

¹⁹⁶ Van Mensch exemplifica: doelgroep = target audience; droogvriezen = freeze drying; leskist = kit; stijlkamer = period room ((van MENSCH; 1992: *Museological terminology* :1de 5).

¹⁹⁷ Van MENSCH; 1992: *Museological terminology* : 4 de 5.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*.

¹⁹⁹ Van Mensch compara o DM e o Glossário canadense, "mais moderno", prova disso seria a diferença de número de entradas (1632 para o *Dictionarium*, e 2900 para o glossário), atribuída ao uso mais freqüente de termos compostos no vocabulário canadense. No canadense há mais termos compostos e referem-se, continua van Mensch, às práticas "modernas de museus". Outro exemplo: nove termos para o componente 'segurança' na publicação do ICOM; dezenove para o canadense (van MENSCH; 1992: *Museological terminology* :3de 5).

²⁰⁰ CERÁVOLO; 1998.

²⁰¹ O projeto AAT foi iniciado em 1979 para artes visuais, fundado pelo *Council on Library Resources, National Endowment for the Humanities* e *Andrew W. Foundation*. A partir de 1983 a AAT passa a operar dentro do *Art History Information Program* do J. Paul Getty Trust (primeira edição publicada em junho de 1990; com 47 mil entradas; 15 mil termos preferidos; 25 mil não preferidos). Em inglês, com previsão de se tornar um projeto multilíngue (cf. van MENSCH; 1992: *Museological terminology* : 5 de 5).

²⁰² Até 1998 haviam 43 tesouros da área de museus elaborados para a descrição de objetos, segundo o *Directory of thesauri for object names* (1994), publicado pelo CIDOC (Comitê Internacional para a Documentação)/ICOM. Visam os objetos com temas relativos à agricultura, arqueologia, arquitetura, armas, livros, cerâmica, objetos cerimoniais, moedas, construções, indumentária, cutelaria, artes decorativas, objetos eclesiásticos, engenharia, material etnográfico, mobiliário, objetos históricos, jóias, manuscritos, cultura material de forma geral, instrumentos marítimos, objetos em metal, filmes e fotografias, instrumentos musicais, pinturas, trabalhos em papel e outros tipos de impressos, objetos relacionados à ciência e tecnologia, esculturas, tapeçaria, têxteis, relógios, ferramentas e transportes, e termos para designar a amarração e costura em livros raros. Em língua portuguesa contamos com o *Tesouro para acervos museológicos*, publicado em 1987 por

Um tesouro de Museologia, desenvolveu-se primeiro como proposta do CIDOC (Comitê para a Documentação)²⁰³ até 1993, depois pelo ICOFOM.²⁰⁴ Neste comitê surgiu a proposta de se redigir um livro que se intitularia *Idéias Museológicas Básicas* para captar teoria e prática numa linguagem que comunicasse "uma realidade integrada (valores sócio/culturais, éticos, estéticos, materiais...)", uma das preocupações do ICOFOM. Posteriormente (1994), na reunião de Pequim, formou-se um grupo de trabalho com o plano de elaborar a *Enciclopédia Museológica*, apresentando essas idéias museológicas; transformou-se numa proposta de "tesouro em permanente desenvolvimento"²⁰⁵.

Explica o redator do texto de apresentação do Tesouro Museológico aberto à redação coletiva: àqueles que quisessem participar poderiam introduzir termos que considerassem necessários seguindo como guia uma lista hierarquizada. No seu estado atual (2000)²⁰⁶, há uma lista de termos com equivalências em francês e inglês. Na versão apresentada na XVII Conferência Geral do ICOM (Austrália), constam duas partes: a primeira, provisoriamente denominada *Thesaurus Museologicus*, redigida sob a coordenação do francês André Desvallées, procura se assentar num viés histórico dos termos e conceitos principais, tendo como critério a comparação "pelo uso" do que se entende por eles em diferentes línguas. A segunda parte, coordenada por Zbynek Stránsky (Escola de Museologia de Brno República Tcheca), pretende adotar a forma de um dicionário com definições²⁰⁷. Quanto ao seu conteúdo, pretende-se que defina conceitos e tenha alcance internacional para sobrepassar os

"limites das línguas que servem de eixo transversal (inglês e francês), e como seus usuários (os museólogos e outros participantes do fenômeno e experiência museológica) pertencem a povos de todo o mundo, a análise de cada um dos termos deve ser acompanhada de exemplos que permitam captar diferentes usos e costumes".

Helena D. FERREZ, Maria Helena S. BIANCHINI (CERÁVOLO; 1998).

²⁰³ Com base no trabalho de Leonard Will, compilado em 1990 (van MENSCH; 1992: *Museological terminology* :5 de 5).

²⁰⁴ Em 1993, uma nova comissão diretiva para levar a frente o Tesouro Museológico reuniu-se na Grécia (*Redacción de un Tesouro Museológico*. In Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación; Maio 2000:s/no.)

²⁰⁵ Um projeto aberto para seu desenvolvimento, apresentado em CD Rom, conta com os seguintes termos trabalhados: museologia, espaço museal, musealização, museografia e expografia, avaliação. Uma lista de termos em ordem analítica traz as seguintes entradas: Realidade; Museu; Museologia; Espaço museal; Preservação; Coleção; Conservação; Mediatização; Exposição; Linguagem de exposição; Semiótica; Semióforo; Educação; Públicos; Sociedade; Programação; Avaliação; Segurança; Profissões de museu; Ética. Francês e/ou inglês (Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación; Maio 2000: 100-106).

²⁰⁶ Recebemos a versão em CD Rom 2002.

²⁰⁷ *Método de trabajo para el Thesarus Museologicus*. In Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación; Maio 2000:s/no.).

Para isso será necessário citar textos que explicitem o uso dos termos e suas possíveis variantes²⁰⁸.

O modelo de análise e redação segue um bloco lingüístico detalhado (cf. o texto de Andre Desvallées): equivalências lingüísticas e suas analogias; definição por analogia, pelo emprego segundo as línguas e autores; correlatos; desenvolvimento histórico do uso do termo seguido de uma nota em que se faz observar a necessidade de redação coletiva. Uma só pessoa, "não pode conhecer todas as línguas em todos ou alguns de seus matizes". Há diferenças mesmo entre países que empregam a mesma língua, caso da Grã-Bretanha e Estados Unidos, Brasil e Portugal, Espanha e países de fala hispânica da América²⁰⁹.

Têm-se no "mundo dos museus" um projeto em aberto e aberto à colaboração de seus habitantes, com uma proposta teórica e metodológica diversa do DM.

Essas linguagens construídas – a denominação adequada na área de Ciência da Informação para tais instrumentos de recuperação da informação –, sendo mais do que tentativas, demonstram que a "questão terminológica" se fez presente imediatamente ao lado da configuração mais contemporânea da Museologia como domínio. Também indicam – e isso não ficou evidenciado –, que esse domínio conta de fato com sua própria linguagem de especialidade: a teórica e a técnica.

Só que a ponte não se faz através de palavras, como pretendia Éri, mas de conceitos e termos. Aí se instala a diferença.

CAPÍTULO 2 - O AMBIENTE DAS PALAVRAS. Delieamentos para uma teoria

1 Um comitê internacional de Museologia (ICOFOM)

1.1 O ambiente

A Museologia como conjunto de princípios, aflorado no decorrer dos anos 1980, passou a ser melhor sistematizado a partir da reunião de pessoas interessadas em discutí-la, situação facilitada ou mesmo possibilitada pela implantação do ICOFOM, Comitê Internacional²¹⁰ para ou da²¹¹ Museologia, em 1976²¹², iniciativa do tcheco Jan Jelínek²¹³.

²⁰⁸ *Contenido del Thesaurus Museologicus*. In Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación; Maio 2000:s/no.).

²⁰⁹ *Modelo de análisis y redacción*. In Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación; Maio 2000:s/no.).

²¹⁰ Durante os anos 1970 o ICOM sofria, como o resto do mundo, os efeitos de uma economia

Isto, no entanto, não quer dizer que a palavra museologia não fosse empregada antes desse período²¹⁴, o que muda são os significados com que passa a ser revestida. O generalíssimo sentido de algo condizente a museus, ou a montagem de exposições, foi sendo revisto pelas próprias discussões promovidas pelo comitê, demonstrando que, ao contrário do que poderia se imaginar, a palavra atrela essas ou outras possibilidades de significação.

Após a instauração do ICOFOM, em razão das concepções que essas pessoas já tinham, ou as tinham em desenvolvimento, e também pela possibilidade de disseminação do que pensavam através de publicações - que bem ou mal chegaram ao plano internacional -, outras idéias sobre museologia passaram a se espalhar pelo 'mundo dos museus'.

Nossa ida aos inícios do ICOFOM, sem qualquer intenção de escrever sua história²¹⁵, aponta para a oportunidade de rever alguns fatos e passagens presentes

inflacionária. Necessitou precisar seus objetivos, o que o leva a reformar seus estatutos e métodos de trabalho, pressionado também por questões profissionais. No programa trienal de 1975-1977, além de procurar consolidar seu crescimento, as estruturas dos comitês internacionais e regionais foram foco de atenção. Os comitês internacionais deveriam operar como organismos de trabalho, e os nacionais como 'células de comunicação natural'; os serviços técnicos e administrativos seriam conduzidos pelas Agências regionais, Centro de Documentação e Secretariado (*ICOM- Programme 1975-1977*). Para o período de 1977-1980 as linhas de ação e de política do ICOM visavam: o patrimônio cultural; descentralização das instituições museais; adoção de ética profissional; sensibilização da opinião pública para o problema do tráfico ilícito de bens culturais; intensificação do intercâmbio entre os museus e o tratamento de questões sobre a segurança nos museus (*Nouvelles de L'ICOM Bulletin trimestriel du Conseil International des Musées*. vo. 30. No. 1, p.2). Mesmo com tais medidas, o ICOM passou por sérias crises. (VER BAGHALI, Sid Ahmed; BAOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani ; 1998).

²¹¹ A preposição 'para' sugere promoção; o 'da' envolve a tomada de decisões. Consideramos as duas apropriadas tendo em vista o escopo deste capítulo.

²¹² O estabelecimento de um novo comitê internacional para a museologia se deu em 15 de junho de 1976. No ano seguinte, 1977, na 12ª Assembléia Geral do ICOM, realizada em Moscou, foi apresentado um programa para três anos (SOFKA; *MuWoP* no.2:67). Tereza Scheiner apresenta o ano de 1977 como o da data formal da criação do ICOFOM (SCHEINER; 2000a:2).

²¹³ BELLAIGUE: 2000:4.

²¹⁴ O termo museologia ('e seu relativo museografia') explica van Mensch, "não é muito bem documentado", mas o situa no tempo. O primeiro na segunda metade do século XIX (em P.L.Martin em *Praxis der Naturgeschichte*, 1869 - definida como 'a exposição e preservação de coleções de *naturália*'), e museografia no XVIII com C.F. Neickelius (1727) na obra *Museographie oder Anleitung zum rechten Begriff und nutzlicher Anlegung der Museorum oder Raritätenkammern* (van Mensch; 199: *The museology discourse*. 2 de 14). "Interessante", escreve, "parece que ambos foram usados em primeiro lugar na Alemanha" (*idem, ibidem*). Em nota acrescenta que "de acordo com os dicionários franceses o termo 'museologia' não aparece antes de 1931. Entre os ingleses o termo parece ter sido evitado, exceto por um uso acidental no *Davidi Murray's Museum*, em 1904. Cita como fonte desta informação AGREN, P. U. (1992) 'Museologia - a new branch of humanities in Sweden?' *Papers in museology 1/Acta Universitatis Umensis* 108 (Stockholm) 104-1". (*idem*: 12 de 14).

²¹⁵ Há na tese de Peter van Mensch uma parte dedicada ao ICOFOM (*International Committee for Museology*) (MENSCH; 1992 :1 a 10). No site do ICOFOM, encontra-se um texto sucinto sobre sua história, também de sua autoria.

em publicações deste comitê²¹⁶, situando a maneira como ocorreu a busca para moldar teoricamente a área (museologia), almejando cunhar pressupostos para suprir o que era tido como um vazio.

Os museus existiam, tinham sua forma material no espaço, a edificação. Como preencher o nível teórico? Quais são as atividades ou funções? Como, ou com quais instrumentos explicá-lo? Tais dúvidas foram levadas para o âmbito do ICOFOM, e as respostas apresentadas acumulam-se para ir preenchendo esse vácuo. Para aquilo que, no fim, parece se tratar mais de uma questão de identidade de área, era conveniente o estabelecimento de conexões entre essas dúvidas, modular um conhecimento particular, explicitar uma teoria e apontar métodos.

O engendramento provocado da museologia como ciência – questão ainda discutível²¹⁷ -, partindo a princípio, não mais do que opiniões, foi suscitado por uma série de perguntas e respostas previamente direcionadas. O começo desse processo resvalou de partida com dificuldades com palavras, fato a se notar quando se tem em mente prescrutar a área sob o ponto de vista terminológico²¹⁸, o que inclui identificar seus objetivos e suas margens (o domínio), a sua terminologia (ou terminologias), fraseologia, conceitos e termos²¹⁹.

Nesse período, o 'problema da terminologia', um 'dilema' como era considerado pelos participantes do núcleo inicial do ICOFOM, se apresenta lado a lado com as tentativas para determinar as margens da Museologia. Não se tratavam de palavras - um dos campos semiológicos pelos quais transitamos²²⁰ -, ou de 'termos' (palavra e termo eram tomados como equivalentes), mas da percepção de que esses signos lingüísticos estão vinculados a uma concepção

²¹⁶ O *ICOFOM Study Series (ISS)* e o *Museological Working Papers (MuWoP/DoTraM)*.

²¹⁷ Peter van Mensch, em 2000 refere-se à ainda presente falta de consenso sobre a museologia como ciência e a ausência de teoria e metodologia própria, bem como o aceite da museologia para aqueles que trabalham em museus. Passaram-se mais de dez anos, escreve, e "temos que admitir que a batalha ainda não está decidida". "É o trabalho de museu uma profissão? É a museologia uma ciência?" – são questões não resolvidas. Para ele as respostas dependem na nossa perspectiva (van MENSCH: 2000:20-21).

²¹⁸ A terminologia escreve Juan Sager (1990), vital para o funcionamento de todas as ciências, relaciona-se com designações, particularmente com as relações formais entre conceitos e termos. É o "estudo e campo de atividade relacionado com a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos (...) os itens do léxico pertencentes as áreas especializadas de uso de uma ou mais linguagens" (SAGER; *op.cit.* 2 e 3).

²¹⁹ De acordo com a ISO 1087-1, temos: a) **domínio**: ramo especializado do conhecimento. Os limites de um domínio são definidos segundo um ponto de vista particular ligado a um objetivo determinado. b) **língua de especialidade**: aquela utilizada em um domínio caracterizado pela utilização de meios de expressão lingüísticos particulares. Esses meios englobam sempre uma terminologia e uma fraseologia próprias ao domínio e podem igualmente apresentar traços estilísticos ou sintáticos. c) **conceito**: unidade de conhecimento criada por uma combinação de características. Eles não são necessariamente ligados às línguas particulares. Encontram-se, entretanto, submetidos a influência do contexto sócio-cultural que conduz freqüentemente a categorizações diferentes. d) **termo**: designação verbal de um conceito em um domínio específico. Um termo pode ser constituído de símbolos e pode ter variantes, por exemplo, ortográficas (TÁLAMO; 2003. Notas).

²²⁰ BACCEGA *apud* CINTRA *et alii*; 1994:9.

global de área, assim a um plano transcendente em que representassem noções fundamentais com mais rigor, precisão e objetividade, e por possuir tais características pudessem ser aplicadas universalmente. O holandês Peter van Mensch situa essa expectativa quanto à terminologia: ela seria uma “linguagem das coisas”, uma “terminologia da percepção com significado autêntico e comprovável, expurgado, tanto quanto possível, de julgamentos subjetivos individuais”. Algo ainda a ser desenvolvido²²¹. Corria o ano de 1983²²².

Ora, rever certas passagens ocorridas no ICOFOM – vamos tomá-lo como ambiente em que se instalaram as palavras da Museologia -, nos situa num panorama específico. Nos remete a que veio (seus objetivos expressos), reinterpreta como as concepções primeiras decorreram de um diálogo entre perguntas e respostas fazendo com que os participantes fossem se posicionando favoravelmente ou não, ou ainda, alguns fatores, talvez os mais corriqueiros, da forma como foi sendo criada a necessidade de uma museologia teórica.

A procura por teorizar²²³ a museologia foi um procedimento intencional com pretensões de, por essa via, torná-la científica (na forma de disciplina, disciplina acadêmica, conhecimento científico e/ou domínio de saber, tal com surge no decorrer de textos), considerada afirmativamente como ciência pelos membros do comitê ainda que, no movimento de trazê-la conformada, se dessem conta de que não havia um único objeto de estudo. Era uma acomodação aparente o que estava sob a palavra museologia, ela não escondia afinal um sentido imanente. Havia relações a serem esclarecidas, outras a serem estabelecidas. A procurada essência não era espontânea, ao contrário, surgiria de uma construção.

Este breve panorama histórico descreve o esforço para isolar a área, por mais complexo que tenha sido, um efeito quase natural desse processo – porque a condição para expressar idéias²²⁴ foi a necessidade de identificar

²²¹ MENSCH, Peter, POUW, Piet J. M; SCHOUTEN, Frans F. J; 1983:58.

²²² Os mecanismos de produção do ICOM eram lentos. Tome-se como exemplo a publicação do *Dictionarium Museologicum* publicado em 1986, cujos inícios remontam aos anos 1960, no que diz respeito a sua necessidade. Foram anos portanto, até que fosse de fato publicado, com a tendência, escreve André Desvallées, de “traduzir ‘palavra a palavra’”. Em 1982, Vinos Sofka declara num encontro do ICOFOM em Paris a necessidade de promover para o debate terminológico uma “base conceitual comum” (DESVALLÉES; 2000:8). Passaram-se mais onze anos até que em 1993 o ICOFOM, assume a publicação do *Thesaurus*.

²²³ Teoria, explica Vera Veiga França, “é um sistema de enunciados, um corpo organizado de idéias sobre a realidade ou sobre um certo aspecto da realidade”. A autora vai à etimologia: “teoria significa contemplação, exame, abstração intelectual”, e o resultado da vinculação com a realidade e autonomia de reflexão. Não é somente o conhecimento científico que produz teorias, mas a diferença ocorre quando um objeto de estudo é transformado em problema formulado e deste passa-se a construir um objeto de conhecimento (FRANÇA; 2001:46-47).

²²⁴ Tem-se aqui a relação entre palavra e língua, no sentido geral. Cintra *et alii* explicam que a língua pode ser vista como “um sistema cujas unidades se articulam no plano da

simultaneamente uma determinada linguagem²²⁵, a linguagem de especialidade para 'falar' museologia.

Num plano paralelo, quase que espontaneamente e menos objetivado, buscavam-se conceitos²²⁶, unidades de pensamento que nomeiam o que se pretende representar, na dependência, para sua consolidação, do consenso de um dado grupo social, de acordo com Juan C. Sager²²⁷ (neste caso, do grupo específico do ICOFOM e por extensão o do ICOM).

Do processo de socialização, pelo emprego por parte de um grupo, se ordenam em categorias abstratas os significados de objetos materiais e imateriais, percebendo-lhes propriedades e características em comum²²⁸. Isto atinge o léxico da museologia.

Naquele momento de ebulição – nos inícios do ICOFOM - a polêmica formada aponta para um vínculo indiscutível entre a necessidade de conceituar e ordenar o que se pretendia como campo específico de conhecimento²²⁹. Tanto é que a ausência de significados precisos das palavras incomodavam os participantes, pois a museologia não poderia existir, já era um atestado, "sem uma terminologia específica" que permitisse "expressar sua própria essência"²³⁰.

Os primeiros tempos do ICOFOM espelham diferenças de entendimento, não só pela polissemia decorrente do emprego de determinadas palavras, mas também pela pluralidade de concepções que foram se apresentando²³¹. A sintonia sobre o

expressão e do conteúdo, planos que se unificam como o único modo de ser do pensamento, a sua realidade e a sua realização". Parte integrante da linguagem, a língua – sistema de signos e regras - é elemento fundamental, completam, na comunicação social. Mas, no entanto, trata-se de um sistema virtual, possível, que não se esgota com seu emprego. Dependente de um acordo entre os sujeitos sociais, nesse sistema que também é estrutura, inclui-se valores sujeitos não aos indivíduos, mas a "todo (...) contexto sócio-histórico que determina as condições de produção do discurso". As palavras, símbolos com significado, realizam em sociedade o caráter simbólico da língua, esta 'condição de pensamento'" (CINTRA *et alii*; 1994:21-22).

²²⁵ De acordo com Cintra *et alii* citando G.G. Granger, "todo conhecimento técnico-científico se desdobra num universo de linguagem", e ela condiciona o "conhecimento objetivo, determinando os limites de sua formulação" (CINTRA *et alii*; 1994:27).

²²⁶ Juan C. Sager define provisoriamente a noção de conceitos como "construções do processo de cognição humano a que se faz a classificação de objetos por um caminho sistemático ou arbitrário de abstração" (SAGER; 1990:22).

²²⁷ SAGER; 1990:22.

²²⁸ *Idem, ibidem.*

²²⁹ Áreas especializadas da experiência humana devem ter seu universo nocional devidamente identificado, a partir de um dado ponto de vista para que seja organizado de forma sistemática (CINTRA *et alii*; 1994:35).

²³⁰ ÉRI, 1983:110.

²³¹ FATTOUH & SIMÉON no prefácio de uma publicação auspiciada pela *École du Louvre*, apontam os problemas de vocabulário dentre os empecilhos para o desenvolvimento de trabalhos na área de museologia, especialmente sobre o significado das palavras que mudam, de acordo com esses autores, "de um texto para o outro". Notam que as idéias sobre museologia eram localizadas em determinadas pessoas ou em determinados países, dificultando a percepção de uma orientação geral. Um outro problema é o de tradução, já que os autores das publicações estavam "espalhados pelo mundo". Na Introdução

estatuto de ciência compartilhado no seio do comitê – seu interesse, objetivo, meta -, não significou a ausência de resistência até mesmo por parte de pessoas que trabalhavam em museus. Embora necessária essa busca foi, no entanto, exorcizada, mal compreendida, gerou tensões e encontrou restrições.

Deve-se considerar - e isto não é desprezível - que museologia como área não se restringe ao ICOFOM, no entanto, mesmo com outras associações mais antigas e anteriores²³², a abrangência internacional deste comitê sob a égide do ICOM e da UNESCO sugere a ultrapassagem de fronteiras geográficas.

O objetivo dessas associações era tratar de aspectos profissionais incluindo também os de formação, diverso da preocupação com o aspecto científico declarado e procurado pelos participantes do ICOFOM²³³. Este seu traço distintivo.

Abriu-se, assim, o caminho para discussões mais contínuas, e internacionais. Considere-se, para isso, os trabalhos para os encontros ano a ano, as publicações que lhe seguiram, a procedência dos colaboradores e as posições que foram assumindo. Por esta abrangência e penetração, embora houvesse, como vimos, uma multiplicidade de línguas e heterogeneidade de idéias, discursos são modelados, legitimados pela instância que os produz, e com eles vamos nos familiarizando.

2 A que veio, ou os objetivos

A instauração de um comitê específico para museologia, foi, na expressão da brasileira Tereza Scheiner revendo sua história²³⁴, uma “impressionante aventura intelectual”, desenrolada ao longo de mais de duas décadas de atividade.

O papel dos participantes deste comitê foi, a princípio, descobrir os conteúdos da museologia. Tarefa abraçada por um “pequeno grupo de idealistas”, como os apresenta Scheiner²³⁵ que, graças inclusive à ampliação de seus

observam a origem ambígua da museologia. Não há como responder a questão sobre o que veio em primeiro lugar, museologia ou museu (FATTHOUH, Nadine; SIMENON, Nadia; 1997 : 3 a 5).

²³²A primeira associação de museus foi fundada em 1889 no Reino Unido, *Museums Association* que lança em 1901 o *Museums Journal*, “o primeiro jornal nacional sobre museus”; depois a *American Association of Museums* (EUA), em 1906, com o objetivo de cuidar de questões profissionais (cf. van MENSCH; 1992: *Museological Discourse* - 3 de 14; SPIES II; 1996:33).

²³³ Para o próprio ICOFOM o comitê desenvolve pesquisas científicas. Veja-se estas declarações: a de Martin R. Schärer a inicia com a declaração: “Após longos anos de pesquisas científicas, o ICOFOM tem o prazer de apresentar (...)” (SCHÄRER; 1995: *Avant-propos (Foreword)* ISS, s/no). Vinos Sofka declara em 1984: “Atividades científicas são um traço permanente dos encontros do comitê Internacional para a Museologia do ICOM” (SOFKA; 1995 : 6).

²³⁴ SCHEINER; 2000a:2.

²³⁵ Tereza Scheiner cita Jan Jelínek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, além de Vinos Sofka, ‘entre outros’ (SCHEINER; 2000a: 2).

quadros²³⁶, gerou uma produção de “trabalhos universitários” em museologia teórica. O papel do comitê foi o de desenvolver pesquisas, análises e debates, contribuindo para a independência da área²³⁷.

No seu documento constitutivo, narra van Mensch, as *Regras (Rules)* foram estabelecidas *ad hoc* pelo tcheco Jelinek, dando ao ICOFOM forma administrativa e científica, já pensando em pesquisa em museus e, assim, numa museologia como disciplina científica que viesse prover o desenvolvimento dos museus e seus profissionais estudando seu papel na sociedade, atividades e funções, e para incentivar a análise crítica das principais tendências da museologia.

Para corresponder a esses objetivos, o primeiro programa trienal tratou da pesquisa, das relações entre museus e instâncias governamentais e outras fontes de financiamento, e suas relações com outras instituições culturais. Esse mentor argumentava²³⁸ que a museologia deveria ser estudada para se desenvolver e se adaptar às mudanças de seu tempo da mesma forma que outras atividades profissionais. O papel do ICOFOM seria o de funcionar como “consciência” do ICOM²³⁹.

O grupo de origem tinha como tarefa fazer do museu um objeto de estudo e legitimar a museologia como nova disciplina acadêmica. O objeto de estudo, no entanto, deslocou-se. Foi sendo transferido de uma Museologia de museus para a “relação específica do homem com a realidade” (cf. Stránsky e Anna Gregorova), ou como “fato museal” (cf. Waldisa Rússio), ou ainda, como mediadora entre homem e patrimônio (cf. Bellaigue), modificando-lhe o perfil, abrindo-lhe portais de interpretação. Nesse processo abraçou e incorporou aquilo que surgia como conceitos novos - ecomuseologia, “nova museologia”, “museu total”. As mudanças vão em direção ao que Bellaigue descreve como ênfase da dimensão social e política - “museologia social” - envolvendo um objeto museal, assim o denomina, amplificado²⁴⁰.

Foi, então, percebida como “ciência em nascimento”, interdisciplinar; emprestou metodologias das ciências do homem e da sociedade, e acaba sendo atrelada às ciências sociais²⁴¹ e ao ramo da filosofia, diz a francesa Matilde

²³⁶ Em 1990: África, Ásia, Europa, América do Norte e América Latina (cf. SCHEINER; *op.cit.*, 2).

²³⁷ Sheiner diz em 2000 que há mais de 4 mil páginas publicadas de artigos originais em inglês, francês, espanhol, alemão, português, italiano, chinês (cf. SCHEINER; *op.cit.*, 2).

²³⁸ Esta argumentação é apresentada num documento intitulado *The establishment of a new international committee on museology*, van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology* – 3 e 4 de 20.

²³⁹ Van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology* – 3 e 4 de 20.

²⁴⁰ BELLAIGUE; 2000:4.

²⁴¹ A Museologia foi situada entre as Ciências Sociais a partir da Mesa Redonda de Santiago, Chile, em 1972 (cf. SCHEINER; 1989:60).

Bellaigue²⁴². Passou a ser vista como fenômeno, o que lhe possibilita incluir as mais diversas manifestações e as mais variadas formas, “[da] institucional à realidade virtual”, completa Tereza Scheiner²⁴³. Lá se vão vinte e sete anos de mudanças, se contarmos a partir do ano de criação (1976) do comitê, que já tem história²⁴⁴.

Nos inícios, as idéias de museologia eram norteadas por um duplo propósito: reforçar o fato de que museus são importantes para o desenvolvimento social como fontes potenciais de informação e conhecimentos (cf. Scheiner)²⁴⁵, e introduzir ou reforçar os “estudos de museu” dentro das universidades. Estas tarefas eram consideradas ambiciosas, envolvendo por sua vez duas investigações: o estudo teórico dos museus, e a museologia enquanto campo de conhecimento com definições, metodologia, e com sistema determinado – essa a intenção. A formulação desse sistema viria legitimá-la como disciplina universitária fazendo-se necessário esclarecer-lhe os limites, identificando suas fronteiras para perceber e, assim, evidenciar, as interrelações com outras disciplinas (entre elas a filosofia do conhecimento, antropologia social e cultural, ciências do ambiente, ciências políticas e ciência da informação)²⁴⁶. Assim, tendo os museus de um lado, e os cursos em universidades e preocupações com a preparação profissional de outro, o ICOFOM melindrou as fronteiras do ICTOP - Comitê Internacional para Treinamento

²⁴² BELLAIGUE; 2000:4.

²⁴³ SCHEINER; 2000:3.

²⁴⁴ van Mensch divide a história do ICOFOM em três períodos: Pré-história; o Primeiro período – 1997-1982; Segundo período, 1983-1989. Os marcos para essa periodização são seus dirigentes (personalidades fortes - *strong personalities*), os checos Jan Jelinek e Vinos Sofka. A **pré-história** inicia-se nos anos 50 com Jan Jelinek (curador do Museu da Morávia, depois em 1958 diretor deste museu, realizando um extensivo programa de reconstrução). Usou concepção integrada de disciplinas (antropologia cultural, paleontologia e geologia) para apresentar uma exposição sobre o homem do Pleistoceno, chamando para si a atenção do francês George Henri Rivière (em 1964) que o convida para o ICOM; em 1965 se torna diretor do Comitê Regional de Museus, e de 1971-1977 foi o presidente do ICOM. Peter van Mensch cita V.V Novotny como autor da declaração de que o trabalho de Jelinek era inovador (não tinha precedentes). **Primeiro período de 1977-1982** sob a direção de Jelinek momento em que deu forma à estrutura administrativa e científica do comitê. Estabelece as *Regras (Rules)*; cuida do primeiro programa trienal. Realiza o primeiro encontro realizado em Varsóvia (1978), refletindo seus interesses (a identidade da pesquisa em museus); na segunda reunião (Torgiano, 1979) a multi e interdisciplinaridade no trabalho de museu; a terceira (México, 1980) a sistemática e sistemas da museologia. Para o programa trienal de 1980-1983, os tópicos: a) seleção de objetos de museu e construção das coleções; b) museologia e suas aplicações em diferentes tipos de museus; c) museologia e relações públicas; d) sistemas da museologia. É nesse segundo período que o ICOFOM enfrenta as reações do ICTOP. Em 1979, Jelinek perde o controle sobre o comitê. Van Mensch apresenta duas causas: a sua perda de interesse concentrado mais em seu trabalho científico e sua saúde. A reunião no México (1980) foi um caos e também a de Paris (1982), com pressão de Rivière para impor sua própria abordagem nas seções do comitê. Em Paris, um ponto de atrito foi o estatuto dos ecomuseus e a nova museologia dentro do ICOFOM. Em 1983, na reunião anual em Londres, Vinos Sokfa é eleito presidente do ICOFOM. **Segundo período – 1983-1989**: corresponde a gestão de Vinos Sokfa introduzindo seu modelo de trabalho tornado característica do ICOFOM, que desembocará no período áureo da museologia (van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology* – 1 a 4 de 20).

²⁴⁵ SCHEINER; 2000:2.

²⁴⁶ *Idem, ibidem*.

de Pessoal em Museus - instalado em 1968, para cuidar de assuntos da "profissão museística", na palavra do inglês Patrick Boylan²⁴⁷.

A publicação regular pelo ICOFOM de documentos, desde 1978, foi fundamental (cf. Tereza Scheiner, Matilde Bellaigue, Peter van Mensch)²⁴⁸ para o nascimento ou construção²⁴⁹ daquilo que hoje se conhece como uma "teoria do museu", e uma "museologia como disciplina acadêmica"²⁵⁰, e também para a divulgação do que estava sendo concebido. Recentemente (2000) Bellaigue, retomando o percurso histórico do comitê, afirma que seu objetivo maior é o de "estudar os aspectos teóricos dos museus"²⁵¹, ativados através de seus programas trienais.

Esses programas trienais determinam as diretrizes dos trabalhos a serem desenvolvidos. Nos idos de 1980, sob a direção deste "cidadão sueco de origem tcheca"²⁵² Vinos Sofka, passam a longo alcance²⁵³, um bem sucedido *modus operandi*, com base num planejamento coordenado de simpósios, conferências, oficinas, publicações e exposições, sendo o ponto alto o simpósio anual, momento das discussões e debates diretos²⁵⁴. A respeitabilidade do ICOFOM como plataforma de discussões teóricas foi construída por essa rede de atividades complementares

²⁴⁷ BOYLAN, Patrick J. 1996: 47-50. Em 2002, Patrick Boylan, atuava como membro da *City University* (Londres); presidente do ICTOP – *Comitê Internacional de l'ICOM pour la formation du personnel*.

²⁴⁸ SCHEINER; BELLAIGUE; van MENSCH: 2000.

²⁴⁹ Este texto de Tereza Scheiner (2000) está apresentado em francês e inglês. Em francês a construção assim se apresenta: "*Les réunions annuelles, la publication d'articles originaux ainsi que l'organisation de nombreux débats ont donné naissance à ce que nous entendons....*". Em inglês: "*Annual meetings and the production, analysis and debate of original papers have led to the construction of what we understand...*" (SCHEINER; *op.cit.*, 2).

²⁵⁰ SCHEINER, *op.cit.*

²⁵¹ BELLAIGUE; 2000:4.

²⁵² SOFKA; 1995.

²⁵³ A política de ação do ICOFOM para firmar o programa de longo alcance (*Long-term programme*) baseava-se no documento *ICOFOM aims & policy* indicando em cada período trienal *Programas trienais (Triennial programme)*. Van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology* – 3 e 4 de 20.

²⁵⁴ Van Mensch cita sob a gestão de Sofka: seminário em 1984 – *Museums in society and their role in the cultural policy of the country. Case study: the Netherlands*; 1985 – conferência sobre o movimento da nova museologia; seminário em 1986 – *Cultural policy, museums and museology in Latin America*; quatro seminários em 1987 – *Cultural policy, the heritage, museums and museology in Finland*; *Cultural policy, the heritage, museums and museology in Sweden*; *The need of museology*; *National museum documentation centres – cornerstones of an international museum documentation network*; em 1988 o seminário *Case study: the heritage, museums, museology and the India cultural policy*; mais quatro seminários em 1989 – *ICOFOM 1976-1988*; *Dynamic preservation*; *Regional museums as generators of culture*; *Museology and landscape preservation* (van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology*: 4 de 20).

e, em 1988, a museologia chega ao auge, ao *boom*²⁵⁵, uma afirmativa de Sokfa tomando como base o volume de documentos produzidos²⁵⁶.

Os programas trienais formavam a rota traçada para organizar as atividades do comitê indicando temas previamente escolhidos por assuntos de interesse - o que nos diz que os debates partiam de pontos determinados - como também arquitetavam (e dinamizavam, na visão de Sokfa) a pretendida estrutura científica. Nessa estrutura pretendia-se cuidar de aspectos teóricos e metodológicos tendo em vista o objeto de estudo da museologia, e aspectos práticos, com vários focos: as atividades dos museus, as suas funções na sociedade, as tendências e novidades, o papel do profissional de museu em crise de identidade pela participação cada vez maior de profissionais com formações as mais diversas.

Assim, com uma freqüência de fundo - identificar a museologia -, o ICOFOM não escapava de, para delimitar suas fronteiras externas frente a outros comitês (pense-se no ICTOP), trazer para o seu plano interno discussões sobre uma teoria que lhe fosse mostrando a face de ciência, incorporando o viés prático e problemas de seu tempo para lhe dar a face contemporânea do lado profissional.

Dessa junção, fundindo uma face com a outra, formou-se uma cadeia particular de conexões articulando intelectualmente a esperada teoria para uma prática secular mas que, naqueles tempos, já atestava forte mutação, não mais limitada ou conformada aos quadros de museus tradicionais presos às suas coleções ou a pesquisas levadas a cabo por curadores sobre objetos guardados em museus, esperando ser visitadas por indivíduos contemplativos.

O que comumente é denominado de 'pensamento museológico' foi sendo gerado por essas programações e registradas nas publicações do ICOFOM. Já nos referimos à anterior atomização desse pensamento em reflexões de indivíduos isolados. Com o grupo interessado em levar adiante a discussão sobre museologia e instauração do comitê, aqueles que abraçaram a causa, formou-se o "cérebro"²⁵⁷, com ampla predominância de europeus do Leste²⁵⁸, o que marcou fortemente um modo de conceber a museologia.

²⁵⁵ MENSCH; 1992: *International Committee for Museology* - 3 e 4 de 20.

²⁵⁶ SOFKA; 1995:8

²⁵⁷ Van MENSCH - *International Committee for Museology* 1992: 13 de 20.

²⁵⁸ Em 1986, de 30 membros três do Leste Europeu foram eleitos para o comitê. A maioria era da Europa Ocidental. Peter van Mensch vê entre 1977-1989 uma mudança gradual na predominância de socialistas e 'francófonos' e 'anglófonos'. Tomando como base um critério similar ao do ICOM, e reafirmando o caráter arbitrário desta classificação que vem a seguir, van Mensch, nomeia os participantes do grupo nuclear do ICOFOM entre 1983-1989, foram eles: Sofka (Suécia); van Mensch (Holanda); Bellaigue (França), Šola (Yugoslávia), Spielbauer (USA), Desvallées (França); Schreiner (antiga GDR); Stransky (Checoslováquia); Carrilo (Espanha), Morral (Espanha), Gorte (FRG), e Kaplan (USA). Os critérios (com uma avaliação em pontos) se baseavam na participação: escrita; conferências anuais; trabalhos especiais durante os simpósios; participação especial nos encontros do ICOFOM; cargo (membro do conselho - charmain; office holder, member, re-election); e representação fora do ICOFOM. Sofka lidera o ranking com 25 pontos (van

Pode-se dizer que, se a palavra museologia não era novidade, e os museus uma inovação, os "idealistas combatentes", buscaram autonomia disciplinar questionando direta ou indiretamente a ambos, fazendo assomar dúvidas a partir de provocações, como se expressou Vinos Sofka²⁵⁹, um desses idealistas, tido por Martin R. Schäer²⁶⁰ como um dos "pais, arquiteto e *pater familias*" responsável pela formação da comunidade do ICOFOM ao redor do mundo²⁶¹.

Para Sofka, em sua análise retrospectiva sujeita aos caprichos da lembrança²⁶², o ICOFOM gozava nesse período de uma situação relativamente livre, talvez porque "cuidava de assuntos que não eram classificados como de especial importância ou perigosos"²⁶³, ao mesmo tempo em que se firmava como corpo profissional de especialistas²⁶⁴. Os museus, no seu entender, tinham espaço de ação, mas ainda deveriam ser convencidos de que a instituição e as coleções

MENSCH - *International Committee for Museology* 1992: 13 de 20).

²⁵⁹ No texto comemorativo de 1995, Vinos Sokfa declara a íntima relação de sua vida privada com a formação do ICOFOM, a ponto de tomar o relato de um pelo outro. Assume a responsabilidade pela visão pessoal dos fatos, considerando a lembrança (redigida em inglês) como "parte pequena da história contemporânea da Museologia", na qual inscreve "coração e mente", além dos acontecimentos, expressos no longuíssimo título, desdobrado em várias partes, que atribuiu ao documento. Narra sua passagem pelo pós-Segunda Guerra, aponta as consequências de viver num país da Cortina de Ferro, das perseguições, prisão, e exílio na Suécia, país do qual se tornou cidadão. Comenta sobre encontros "no melhor estilo de drama de conspiração", em meados dos anos 1970, para poder conversar com Jan Jelínek, outro checo e então presidente do comitê nacional do ICOFOM, para entabular estratégias para participar de um encontro do comitê num outro país comunista (a Polônia) e fala sobre as diferenças de tratamento entre um país comunista e outro aonde variavam o grau de restrição para contatos livres e discussões abertas.

No plano da política internacional Sofka comenta sobre as possibilidades e limitações do ICOM, que mesmo na condição de organismo não governamental (o mesmo vale para seus comitês) e "teoricamente independente das realidades geopolíticas entre os estados" não podia fugir dos ditames dos regimes políticos comunistas pois isto seria uma "ficção" (p.2), sofrendo várias restrições. O ICOFOM, nesse panorama, torna-se, na percepção de Sofka, um "oásis", porque espaço para intercâmbio de idéias e encontro de pessoas, agregando indivíduos do Leste e Oeste europeus, sem "suspeita, desconfiança, e descrença" (p.2). Um lugar aonde estava presente o espírito de compreensão, tolerância e amizade, e no qual era possível estabelecer objetivos em conjunto (p.2-3)(aspas duplas do autor) (SOFKA; 1995).

²⁶⁰ Martin R. Schäer era o presidente do ICOFOM quando convida Vinos Sokfa para apresentar suas lembranças sobre os primeiros anos deste comitê, e a quem é dedicada a reimpressão, em 1995, dos cadernos do ICOFOM *Study Series* – ISS.

²⁶¹ "...also responsible for holding our worldwide community..." (SCHÄER; *Foreword* ; 1995: s/no).

²⁶² Sokfa aceitando o convite de Martin Schaer para escrever "algumas reminiscências sobre sua venturosa vida com o ICOFOM e a Museologia" (no original trata-se de uma interrogação), diz mais à frente que concordou em escrever não um estudo histórico ou pesquisa ou análise crítica. Sua contribuição para a história do ICOFOM deveria ser sua "*própria história*" (*my own story*) (em itálico no original), falando sobre "suas próprias idéias, reflexões, reações, observações e experiências, como se lembrava delas" (SOKFA; 1995:2).

²⁶³ SOFKA, 1995:14.

²⁶⁴ Esperava-se que esses profissionais pudessem contribuir para que os museus fossem ativos na "solução de problemas da comunidade mundial que se encontravam [naquele] tempo e no futuro" (SOFKA, 1995:14).

poderiam ser melhor e mais eficientemente usadas como recursos sócio-culturais. Algo como uma memória potencial e estoque de experiências, nas suas palavras.

Sobre o desenvolvimento da museologia, este “personagem pai” a vê como uma busca por suas “essências e (...) conceitos, [a] relação do homem, sociedade e seu mundo, e [com] a herança cultural e natural”²⁶⁵ – uma visão holística, completa. O comitê a via como uma base teórica para o trabalho de museu e para um *staff* qualificado²⁶⁶. O grupo interessado não ia além de “20 ou 25 pessoas”, e estratégias foram postas em ação para aumentar o número de participantes²⁶⁷.

Os museólogos desse período surgiram quase por acaso, resultantes de uma metamorfose, expressão usada por Sokfa referindo-se à sua transformação²⁶⁸ num deles. Esta profissão vinculada aos museus brotou entre curadores e técnicos. Profissão apreensível no caminho das práticas, do fazer e executar, aparece sem carreira, resultado de uma mutação, gerou um profissional mutante – um estranho, uma nova variedade - mescla de formações e habilidades. Sokfa foi só um exemplo dentre outros²⁶⁹.

2.1 Opiniões, ou perguntas e respostas

De acordo com Peter van Mensch um “estoque de teoria museológica”²⁷⁰ para firmá-la como disciplina acadêmica desenvolveu-se desde os anos 1960²⁷¹.

²⁶⁵ SOFKA; 1995:14.

²⁶⁶ *Idem, ibidem.*

²⁶⁷ *Idem, ibidem*, 15.

²⁶⁸ O percurso profissional de Vinos Sofka foi iniciado com o diploma de advogado (1952), almejando carreira diplomática sem futuro nas condições em que vivia o seu país. Tornou-se um *trabalhador* (*worker*) - um *pedreiro* (*bricklayer*) (*op.cit.*,5), posteriormente passa para a categoria de “*working intelligentsia*” como chefe de trabalhos administrativos no Instituto de Arqueologia na Academia de Ciências da Checoslováquia, na cidade de Brno em 1956. Chega à ‘museologista’, não sabe “se por sorte ou fatalidade”, e em razão de seu envolvimento com “museus, museologia, e museologistas” (*op.cit.*, 3). Declara-se um deles: “*Sou um museologista*” (I am *museologist*) (itálicos do autor), metamorfoseado pelas circunstâncias inesperadas do acaso (falecimento do vice-presidente de um grande evento). Responsável, a convite do Partido, para concluir uma exposição itinerante, teve a missão de acompanhá-la. A exposição tornou-se um modelo, e ele um especialista – “o único especialista nesse campo na Academia [de Ciências]”. As portas para o exterior se abriram dando-lhe duas chances: a de trabalhar e trocar idéias, o que lhe parece tão caro, com profissionais de outras áreas (cientistas, arquitetos, artistas, produtores, educadores, entre outros), e também para conseguir um emprego em museu no exílio. Exposição e Sofka ficaram conhecidos. A exposição fica a ele associada como ‘sua’ exposição (“*my exhibition*”) (aspas do autor) (SOFKA; 1995: 3-6).

²⁶⁹ Cita-se o caso da Profa. Waldisa Rússio Guarnieri, cuja formação inicial foi em Direito.

²⁷⁰ Van MENSCH; 1992 *The museology discourse*: 1 de 14.

²⁷¹ Peter van Mensch cita publicações ou reuniões da década de 60, 70 e 80 que tiveram como objeto de discussão a museologia como disciplina acadêmica. A primeira publicação seria do checo Jiri Neustupny, em 1968, por ocasião do 150º aniversário do Museu Nacional de Praga e do Museu da Morávia em Brno (um manual sobre trabalho em museu) (*The first comprehensive publication about the theory of museology*). De 1976 em diante, o ICOFOM teria tido um papel fundamental nessas discussões. Cita também o simpósio realizado pelo departamento de museologia da J. E. Purkinje University (depois Universidade de Masaryk, em Brno, 1965); duas conferências realizadas pelo Comitê Nacional Germânico em 1971 e 1988 sobre museologia (van MENSCH; 1992: *The*

Se esta idéia, expectativa ou desejo já assomava alguns, digamos, pensadores da museologia, eles estavam dispersos, fato relativamente superado com a instauração do ICOFOM. Houve, a partir desta concentração, a modelagem de um certo núcleo de idéias que, embora tomassem até rumos contrários, formou um conjunto de referências relativamente mais estáveis e conhecidas.

Com a institucionalização do ICOFOM, agregaram-se pessoas, europeus na sua maioria²⁷², reunidos para responder a uma pergunta da qual Vinos Sofka – presidente do ICOFOM de 1977 a 1989 – parece ter se tornado o porta voz. Pergunta simples, escreve em vários textos: “o que é museologia?”.

Uma pergunta que não veio só, pois envolvia outras interrogações simultaneamente: qual a identidade da museologia como disciplina acadêmica, e sua consistência²⁷³; qual sua estrutura científica própria, qual a relação entre essa estrutura e outros campos de pesquisa e a que áreas estaria relacionada; qual, afinal, seria a identidade da profissão?²⁷⁴. As respostas mostraram que a pergunta não era assim tão simples e se estava longe de um consenso. Se, por ventura, a palavra sugeria um sentido unívoco, a possibilidade de debate expôs sua condição polissêmica.

Para se chegar a um certo *corpus* sobre o que tratava, ou deveria tratar a museologia, questionários ou pequenos sumários se tornaram um meio para obter respostas fazendo com que os participantes e colaboradores se posicionassem nos encontros internacionais ou nacionais do ICOM e ICOFOM.

Em 1975²⁷⁵, Villy Toft Jensen, dinamarquês, realizou um levantamento entre alguns profissionais de museu através de questionário para obter um painel da situação específica (da Dinamarca), que ainda não contava com um treinamento formal em museologia, mas que vinha intensificando debates sobre o assunto.

O questionário – um levantamento de opiniões – baseava-se nos tipos de treinamento nos países, e perguntava qual era, ou poderia ser, o conceito de

museology discourse: 1 de 14).

²⁷² O ICOFOM contava em 1989 com 3% de membros da Europa Oriental, para 45% de europeus ocidentais, 19% de norte-americanos, 4% da África, 21% da América Latina, 1% de estados árabes, 7% da Ásia, e 1% da Oceania (cf. van Mensch; 1992: *The International Committee for Museology* : 8 de 20). Contudo, na interpretação de dados que coletou em listas do ICOM em abril de 1989, van Mensch, diz que havia um número limitado de membros da Europa oriental em razão dos limites e controles impostos por determinados governos (*idem*:8 de 20). Com esses dados o autor procura demonstrar a predominância dos europeus dos chamados ‘países desenvolvidos’.

²⁷³ Van MENSCH; 1992: *The museology discourse*; 9 de 14.

²⁷⁴ Van MENSCH: 1992; *The structure of museology* : 1 de 7; e *Professionalism and museology* : 1 de 11. Sobre a emancipação da museologia como disciplina acadêmica conectada com o processo de profissionalização dos trabalhos de museu (*idem*, *The museology discourse*; 1 de 14).

²⁷⁵ Segundo van Mensch, dez anos antes (1965) Stránsky já havia coletado entre pessoas que trabalhavam em museus respostas sobre se a museologia poderia ou não ser considerada uma disciplina acadêmica (van Mensch; 1992 *The museology discourse* :10 de 14).

museologia neles adotado²⁷⁶. As perguntas procuravam verificar as razões do crescimento, quer do treinamento em museologia em universidades, quer das atividades do ICOM.

Observe-se que, nas questões²⁷⁷, estavam presentes interrogações plantadas anteriormente pontuando problemas que acabam sendo mais condensados e explorados nos textos da *MuWoP/DoTraM* ou do *ISS*.

Perguntava-se sobre os conteúdos e direções teóricas da museologia, sobre a situação de independência ou interrelacionamento com outras disciplinas, seu método ou métodos. As dúvidas envolviam o estatuto da museologia como ciência autônoma ou como resultado de uma somatória de disciplinas específicas representadas nos acervos dos museus. O que não era posto em questão, nesse período, era o museu como base para tal ciência, situação que mudará alguns anos mais tarde. Esse levantamento mostrou, segundo a opinião de Vinos Sofka, “quão grande era a confusão sobre [o que é] museologia”²⁷⁸.

A forma de intercâmbio com base na redação e envio de respostas para o presidente do comitê (nesse período Sofka), seguia um roteiro prévio de perguntas. As respostas, textos escritos não muito longos, abertas à réplicas, levava cada

²⁷⁶ Foram enviados 140 questionários em inglês, francês e alemão para diferentes profissionais de museus, cujos nomes foram obtidos entre os participantes da conferência do ICOM realizada em Copenhagem, em 1974. Foram recebidos 70 questionários respondidos de dez países, sem que o autor cite quais (ao menos nesse trabalho da *MuWoP*). Jensen considera que 50 vieram com respostas “bem detalhadas”, e mesmo sem representatividade estatística, as respostas, porque advindas de pessoas consideradas de grande influência sobre o “futuro desenvolvimento museológico”, devem ser levadas em consideração (JENSEN, V.T *Museological points of view – Europe 1975*. *MuWoP*, 1981 no. 1: 6-10).

²⁷⁷ As perguntas:

- . O treinamento em museologia tem sido estabelecido em algumas universidades etc. bem como as atividades do ICOM tem demonstrado amplo interesse em museologia. Pode mencionar as razões para esse crescente interesse? (p.7)
- . Na sua opinião qual o cerne da museologia, isto é, quais os principais temas e problemas relativos à museologia teórica?
- . Na literatura museológica pode-se encontrar muitos caminhos para se compreendê-la. Usando, como critério de divisão, o papel das disciplinas científicas comprometidas no museu pode-se distinguir entre:
 - A) museologia como uma ciência independente com sua teoria e métodos específicos. (De acordo com essa perspectiva muito pode contribuir para a estrutura da teoria museológica, mas as bases reais de tal teoria devem ser pensadas nas características específicas dos museus, isto é, na proposta geral de suas funções. Dessa base deduz-se alguns princípios comuns para todos os tipos de museus de acordo com o critério de coleta, guarda, exposições, etc.)
 - B) museologia como ciência aplicada, isto é, a aplicação da teoria e métodos das disciplinas científicas [encontradas] nos museus. (De acordo com esta perspectiva a coleta, conservação, exposição, etc. pode ser realizada somente dentro dos limites da teoria e métodos pertencentes às disciplinas concernentes [aos museus]. Entretanto as disciplinas – com algumas modificações – foram a base de referência para a teoria museológica. A perspectiva acima (A) é [no melhor dos casos] considerada irrealista). Qual você considera mais de acordo com a sua opinião? Como se caracteriza a museologia em suas próprias palavras? (JENSEN, Villy Toft – *Museological points of view Europe 1975*. *MuWoP* no.1: 6-10).

²⁷⁸ SOFKA: *MuWoP* no. 1:6.

autor a opinar sobre o material enviado por algum outro colaborador, passando pelo conselho do comitê²⁷⁹.

Nos roteiros iniciais (citamos o roteiro enviado para o encontro em Londres, 1983)²⁸⁰, pode-se inferir os níveis de interesse a respeito da museologia abarcando o seu objeto de estudo (em outras passagens, objeto de conhecimento), as características deste conhecimento, os objetivos e métodos²⁸¹. O pré-requisito era identificar o objeto da museologia (item 1) mesmo que dele não houvesse formulação definitiva de acordo com uma recomendação de Sofka: "o autor pode simplesmente dizer o que entende por museologia de forma a não deixar dúvidas na mente do leitor. Também não é necessário defini-la longamente"²⁸².

Os itens eram decompostos em alternativas, o que indica ou sugere que haviam pontos problemáticos de alguma forma compartilhados, tratava-se, portanto, de um problema latente. Lembre-se que, as opiniões de muitos autores desses documentos já haviam sido publicadas em 1981 e 1982 na *MuWoP*, material a que recorriam avalizando suas opiniões.

Sobre a natureza do conhecimento museológico (item 2), o ponto de partida era uma afirmativa. O conhecimento museológico e a perícia museográfica cobriam um largo campo, a interrogação vinha a seguir e desmembrada em alternativas: seria ele um conhecimento científico, filosófico, prático, técnico, habilidade manual ou outro? O próximo ponto (item 3) procurava explorar as relações da museologia e a interdisciplinaridade numa interrogação: o conhecimento museológico (expressão seguida no texto por 'conhecimento científico', entre parênteses) compreenderia o conjunto articulado com outras disciplinas e isso formaria o sistema da museologia? Uma outra pergunta vinha a ela acoplada: quais as disciplinas para formar o sistema? conservação (física, química, bioquímica); história (história dos museus e do desenvolvimento dos museus, etc.); museologia teórica e filosófica (assinalada a "teoria da educação em museus", entre outras possibilidades deixadas abertas por um 'etc.');

²⁷⁹ SOFKA; 1995:8.

²⁸⁰ Neste encontro agendado para ocorrer dentro do encontro geral do ICOM, houve debates sobre a intersecção entre o ICOFOM e o ICTOP (Comitê Internacional de Treinamento Profissional). Dois temas foram propostos por Jan B. Cuypers (do ICTOP): um sobre a metodologia da museologia e treinamento profissional, outro sobre o Tratado de Museologia, teorias museológicas e o futuro da profissão. Sofka, presidente interino do ICOFOM, aceita e escolhe o primeiro tema. Este sugere ressaltar aspectos "mais importantes e significantes para os dois comitês", em nome de uma causa comum - o aperfeiçoamento da profissão através do estudo teórico da museologia e do treinamento. O tema deste encontro versou sobre a metodologia da museologia e treinamento profissional.

²⁸¹ As propostas para desenvolvimento do tema constavam de seis perguntas ou itens abordando, após os requisitos iniciais, a natureza do conhecimento museológico, os campos que compreendia e qual o sistema da museologia e como se articulavam as relações interdisciplinares nesses campos; qual o objetivo desse conhecimento; métodos desse conhecimento e metodologia (ISS no. 1, 1995:8-9).

²⁸² SOFKA; 1995:8.

estudo do comportamento dos visitantes individuais ou em grupo, também deixados em aberto)²⁸³.

No que se refere aos objetivos do conhecimento científico (item 4) solicitava-se, em primeiro lugar, que se distinguisse entre objetivos da museologia e os da pesquisa museológica; entre os do ensino da museologia e do treinamento. Uma afirmativa sem explicações acompanhava a questão: "Os objetivos do conhecimento museológico determinam seus métodos"²⁸⁴.

O ponto seguinte (item 5) chamava para a diferenciação de métodos entre o da museologia, o da pesquisa museológica, os de ensino e treinamento²⁸⁵. Por fim (item 6), questionava-se se haveria uma metodologia ou várias, e qual a relação que teria com o treinamento profissional em museologia²⁸⁶.

Nas respostas, seguindo este roteiro, os colaboradores²⁸⁷ procuraram delinear um objeto próprio de conhecimento, qualificado como museológico, na busca de explicar melhor um campo que foi sendo identificado resignificando uma palavra²⁸⁸ que, diferentemente de museografia, teve criador e data²⁸⁹.

²⁸³ *Idem*, 9.

²⁸⁴ Em inglês: The objectives of museological knowledge determine its methods (*idem*, 9)

²⁸⁵ SOFKA; 1995: 9.

²⁸⁶ *Idem*: 8-9.

²⁸⁷ Os autores que contribuíram para com os *Basic Papers e Comments* em 1983, seguindo o roteiro de conteúdos foram: G. Ellis Burcaw (Moscow; USA); Wojciech Gluzinski (Wroclaw; Polônia); Sadashiv Gorakshkar (Bombaim; Índia); John Hodge (New South Wales; Austrália); Ilse Jahn (Berlin; República Democrática Alemã); Peter van Mensch, Peter J. A; Piet J M & Schouten, Frans F. J. (Leiden; Holanda); Kwasi Myles (Acra; Gana); S. M. Nair (Nova Delhi; Índia); Waldisa Rússio (São Paulo; Brasil), Zbyněk Stránský (Brno; Checoslováquia). Os sumários e análise dos documentos em preparação para o simpósio, foram realizados por Judith K. Spielbauer (Oxford; USA). Da lista de contribuintes para o colóquio, está citada Rosario Carrilo (Madri; Espanha) (*ISS*, no. 1, 1995: 1 e 4).

²⁸⁸ A palavra *museologia* cf. Waldisa Rússio, teria sido usada por J. G.th. von Graesse, em Dresden (Alemanha) numa publicação "entre 1878 e 1883" - "*Estudos de Museologia e de Antiguidades e ciências afins*". Peter van Mensch refere-se ao mesmo autor, data a publicação (*Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde sowie verwandte Wissenschaften*). Ambos citam a mesma frase do provável trabalho de Graesse: "(...) Se alguém falasse ou escrevesse sobre *Museologia como ciência, há trinta, ou mesmo vinte anos atrás, receberia um sorriso indulgente e piedoso de grande número de pessoas*". Rússio estende a citação, dá continuidade na citação apresentada "*Hoje a situação é bastante diversa*" (RUSSIO; 1989:8 e 11). Para Rússio havia uma ancestralidade do que denomina "fazer museológico", e além do trabalho de Graesse, cita um periódico voltado para museus, arquivos e bibliotecas publicado em Madri também do século XIX (1871), o que lhe dava indicações sobre trabalhos em "temas museológicos", à época, dirigido para colecionadores (*idem*, 8). Peter van Mensch afirma que o termo museologia vem à uso no curso do século XIX (van Mensch; 1992: *The structure of museology* : 3 de 7).

²⁸⁹ A palavra *Museographia*, é dada como título de uma obra de C. F. Neickel datada do século XVIII (1727), escrita em latim "para assegurar sua difusão em toda a Europa". Um tratado teórico, escreve Francisca Hernández Hernández, em que além das orientações sobre classificação, ordenação e conservação de coleções, apresenta referências sobre salas de exposição, orientação da luz, distribuição dos objetos artísticos e dos espécimes de história natural. Hernández cita como fonte dessa informação, Schlosser, J. V. *Las cámaras artísticas y maravillosas del renacimiento tardío*. Edit. Akal/Universitaria. Madrid. 1988:222 (p.64-65 e 308). A obra de Neickel, é referenciada na Bibliografia de Hernández no capítulo 3 como: Neickel, C. F. (1727): *Museographia*. Leipzig

As respostas iam explicitando a área menos pelas certezas do que pelas dúvidas, mas surgia alguma coesão tecida ao redor do tema museologia, embora nela houvesse fissuras.

Segundo van Mensch, membro atuante do ICOFOM, carecia-se de trabalhos de síntese e conclusões, o que nos indica uma produção intelectual esparsa e de difícil acesso, fato que desencadeou “falhas de continuidade na participação”, produzindo a sensação de contínua reinvenção já que, para cada simpósio, o ponto de partida parecia ser sempre o mesmo²⁹⁰. Nem por isso este autor deixa de firmar a importância deste comitê na divulgação da museologia e sua íntima paridade entre a sua história e a da museologia enquanto disciplina acadêmica²⁹¹.

2.2 ‘Contra’ ou ‘a favor’

Nesse delineamento, com o intento de organizá-la enquanto corpo de conhecimentos ditos científicos, surgiu imediatamente a tensão entre ‘práticos’ e ‘teóricos’, situação demonstrada nos documentos deixados ou relatos posteriores²⁹². Os conteúdos das respostas enviadas foram sendo concebidos por estímulos até antagônicos.

Havia os ‘a favor’ de uma museologia-museu instituição – a dimensão mais tangível, material, dotada de presença social - e os que se colocavam ‘contra’, procurando escapar da referência física, o museu edificação. Estes imaginaram que ela se encontrava para além das atividades diárias no trato com as coleções, ou de montagem de exposições.

Chegaram a uma museologia-Patrimônio, ampla, extensa, abarcando o mundo e saindo para fora das paredes que parecem lhe confinar²⁹³. Contra ou a favor, a validade da instituição não foi posta em dúvida, e as opiniões, mesmo que contrárias, visavam um único objetivo: prover com uma forma determinada de pensamento²⁹⁴, chamada de teoria, aqueles que trabalhavam nos museus ou que ministravam e estudavam nos cursos universitários.

(HERNÁNDEZ; 1998). Van Mensch também refere-se a esse trabalho (van MENSCH: 1992: *The museology discourse* : 2 de 14).

²⁹⁰ Peter van Mensch, comentando sobre a limitação da publicação do *ISS*, faz uma analogia com uma construção: “cada conferência produzia uma novo material, mas não havia uma estratégia para a construção de uma casa” (van MENSCH – *International Committee for Museology* 1992: 14 de 20).

²⁹¹ Van MENSCH – *International Committee for Museology* 1992: 13 de 20.

²⁹² Peter van MENSCH (2001); Tereza SCHEINER (2000); Mathilde BELLAIGUE (2000).

²⁹³ Francisca Hernández Hernández (1998), cita comentário do sociólogo francês Henry Pierre Jeudy (1989:10), no qual diz que frente a tantas possibilidades, “o mundo poderia converter-se num gigantesco museu”. Deixa entender que isso é um risco (HERNÁNDEZ; *op.cit.*, 69-70).

²⁹⁴ ‘Pensamento’ exige conceituações mais precisas se abordado pela Filosofia, Psicologia, Psiquiatria, ou se de relações entre pensamento e linguagem, entre outras abordagens possíveis. Utilizo-me desta palavra aqui num sentido geral e quase mentalista de ter-se

O investimento intelectual representava assim um ganho bem prático. Conformá-la como ciência, mesmo que ligada ou não à instituição museu, fundamentava a profissão, dava-lhe identidade. Especificar suas características, descrevê-la, enfim trazer à luz o seu objeto de estudo, no entanto, era algo que escapava, movia-se. Situação que, de imediato, trouxe consigo dificuldades para lidar com os conceitos que estruturassem também os argumentos desta área.

Para um mesmo roteiro de perguntas (como o exemplo citado), as respostas se apoiavam ora no que era mais próximo e conhecido, a prática, entendida como trabalho 'de museu' ou, ao inverso, mudavam de posição e iam às abstrações, procurando através do estabelecimento de proposições fundamentar um certo raciocínio para dar encaixe à museologia.

Parte das respostas advinham de reflexões sobre experiências do dia a dia dos colaboradores, observando-se o que era tido como um vazio ou desvio de lugar que a denominação de museólogo ou 'museologista' pretendia preencher, sem que houvesse muita certeza do que realmente esta figura incorporava, fazia ou deveria fazer.

Tais dificuldades foram geradas pelo fato de que, numa mesma instituição, alguns não se identificavam com o papel de curadores ou pesquisadores de áreas já mais delimitadas, como arte, arqueologia ou história, mesmo que a sua formação básica tivesse sido realizada numa dessas disciplinas, uma vez que, tendo trabalhado diretamente com a montagem de exposições em museus, perguntavam a si mesmos, ou eram por outros questionados, se eram 'pesquisadores de museu'.

Nesse aspecto fazia-se coincidir o ato de montar exposições com algo próprio deste personagem, o museólogo, e como extensão quase que natural com esta museologia nascente. Para outros, ministrando cursos de formação profissional na área, ao explicá-la tomavam as práticas como teoria, fazendo rodopiar suas reflexões sobre o mesmo eixo, o da prática.

As propostas, mesmo com a tendência europeia de imprimir ao tema direções mais filosóficas ou teóricas, diferente do pragmatismo norte americano²⁹⁵, não deixavam de ser instrumentais, no sentido de dar a este 'novo' campo, elementos formais para se auto-refletir.

Esta bi-polarização criada entre prática e teoria nos convém, mesmo que houvesse composições entre uma e outra, com o fito de sublinhar que refletir sobre museologia representou um investimento maior sobre sua natureza, parece que com avanços após a institucionalização do ICOFOM. Essa construção era

idéias.

²⁹⁵ Para Matilde Bellaigue, o nível filosófico da museologia foi alcançado pelos museólogos do leste-europeu aonde nasceu o ICOFOM e nutrido pelas experiências dos ecomuseus e museus comunitários desenvolvidas particularmente na França e Canadá (BELLAIGUE:2000:4). Há diferenças na forma de conceber museus e museologia se a perspectiva for europeia ou norte-americana.

conveniente para a melhor identificação profissional, ou facilitar e dar sustento para sua inserção nas universidades, permeando-a de uma roupagem científica²⁹⁶ antes não existente, ou ainda mais frágil. Os que se dedicaram a essas reflexões procuraram, mesmo que apoiados no tão velho e conhecido museu, afirmar sua importância rompendo com esta base, ou dele se libertando, para também escapar da direção impressa pelo senso comum que toma a museologia como equivalente a algo que acontece, se faz, ou se apresenta dentro dos museus.

Considerada desnecessária ou imprescindível, esta museologia oscilou - e isto nos ficou como herança - em algum ponto da trilogia formada por esteios diferentes: instituição, profissão e ciência. O objeto 'museu' parecia certo e cristalizado, mas nem ele se mantinha o mesmo. O fazer diário, a prática também se renovava e dela profissionais de várias áreas participavam cada vez mais. Como chamá-los? Por sua vez, como, o que e aonde atuar se ampliaram enormemente. O museu não era mais o mesmo.

As mudanças que sofreram eram atribuídas às conseqüências ou efeitos do 'mundo moderno', datando-as do pós guerra e como reflexo do movimento de modernização com o qual se defrontaram nos inícios dos anos 1970²⁹⁷, alinhados, assim, com as injunções daquele momento histórico²⁹⁸.

Admitindo-se que os museus se encontravam num estado de evolução e considerando-se o que vinha neles se modificando no momento da instauração e pós-ICOFOM (dos anos 1970 em diante), têm-se um movimento efervescente, uma

²⁹⁶ Houve muitos debates sobre o estatuto da museologia enquanto ciência, tornando-se este aspecto um ponto central de discussão da *MuWoP* no1.

²⁹⁷ Van MENSCH; 2000.

²⁹⁸ Acreditamos que não é possível divorciar nem as alterações e desdobramentos na forma e noção de museu, e o de museologia enquanto disciplina das mudanças sociais e culturais que remexeram o século XX, como aponta o historiador Eric Hobsbawm (1995). Como também deixa de sofrer os efeitos "profunda mudança na estrutura do sentimento" - característica singular da pós-modernidade, ocorrida, de acordo com David Harvey, como extensão lógica do poder do mercado atuando sobre toda a espécie de produção cultural, decorrentes do capitalismo avançado. Mudanças que chegaram nas relações com os museus da seguinte maneira: uma "cultura de museu" desenvolveu-se com base numa "indústria da herança", utilizando a comercialização da história e outras formas culturais. Cultura e mercado fundem-se numa simbiose frenética. A questão do consumo torna-se basilar para a mudança de hábitos e atitudes desenvolvidas principalmente pela classe média. São tempos marcados pela rapidez na produção de bens e respostas aos desejos de consumo, e muito passa a emanar da chamada cultura e consumo de massa, atingindo mais do que manifestações artísticas. No seu entender, essas mudanças, acionadas nos anos 60, tornam-se hegemônicas nos 70. Harvey, cita as cifras crescentes de abertura de museus na Inglaterra (um museu era aberto a cada três semanas), e no Japão 'mais de 500 foram abertos nos últimos quinze anos' (HARVEY; 1992: 64-65) O tratamento da história seria "uma criação contemporânea, antes um drama e uma re-representação de costumes do que discurso crítico" (aspas duplas dos autores) (HEWISON *apud* HARVEY:65). Difícil é pensar que essa museologia dos anos 80, concebida por homens, estivesse - coisa pensada e conceitor - descolados do espírito do seu tempo, da mesma forma imaginar que a instituição mudasse por si, sem lembrar que foram eles, vivendo nessas décadas, os seres atuantes dentro ou ao lado dos museus. Vale lembrar como afirma van Mensch que a museologia se fez por pessoas (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge*. 2 de 11). Diga-se um pequeno grupo de pessoas, homens e mulheres.

outra etapa. Nas bordas dos anos 1980 eles já haviam deixado de estar vinculados unicamente à pesquisa, salvaguarda e exposição de peças, embora para alguns essas tarefas permanecessem fundamentais.

O próprio ICOM chama a atenção de seus membros para responder e incorporar as inovações. Falava-se em transformações graduais ou radicais, novos métodos de ação, novas atividades decorrentes do uso das coleções, consideradas elos entre o passado e presente²⁹⁹. Mas este não é o único ponto em transformação. Tentam-se explicações para o movimento paralelo que comprime, de fora para dentro e no sentido inverso, as mudanças que os museus vão sofrendo.

As tendências apontaram para um alargamento na noção de museu³⁰⁰; alteração das práticas do cotidiano envolvendo cada vez mais profissionais de várias áreas, e a profissionalização em curva ascendente; envolvimento cada vez maior com a sociedade em geral³⁰¹ - se expandindo "como cogumelos" numa expressão interessante de Peter van Mensch³⁰², aumento das perspectivas de que

²⁹⁹ Van MENSCH; 2000:20.

³⁰⁰ Van MENSCH: 1989a e b.

³⁰¹ Para van Mensch, o que ocorre são novas formas de interesse, integração e relacionamento entre instituição e sociedade, e desta para com os museus. Surgem os museus 'móveis', os 'descentralizados' em determinadas localidades, nos quais se desenvolve atividades para e com grupos. Esta tendência, associada a uma outra decorrente do aparecimento de novos colecionadores, faz aumentar o número de monomuseus privados, extremamente especializados, cuidados por seus proprietários ou voluntários. Isto se dá por causa de um colecionismo mais 'democrático', desenvolvido fora dos grupos de elite cultural, por interessados em objetos do passado recente que os 'museus oficiais' não consideravam relevantes, e por pessoas mais dispostas a disponibilizar partes de suas coleções. A estes somam-se as empresas comerciais gerando coleções e museus de corporações (van MENSCH: 1989a, 1989b:22). Há outras tendências observáveis: a de conservar *in situ*, referendando a maior importância do meio físico, ou contexto original do objeto, focando a preocupação em preservar locais, a paisagem, gerando 'novos' tipos de museus (museus de sítio, casas históricas, cidades-museu, entre outros) ao lado de instituições que trabalham com a interpretação *in situ* como centros para visitantes, centros de interpretação do patrimônio cultural, centros de estudos urbanos, etc. (van MENSCH; 1989b: 25). A tendência à conceitualização, na medida em que se trabalha com tema (s) (van MENSCH; 1989 a e b); a ampliação do conceito de objeto museológico na esteria de uma noção expandida de Patrimônio, que por sua vez se atrela aos estudos desenvolvidos pela Antropologia com respeito à noção de Cultura, e assim manifestações culturais mais diversas são compreendidas como Patrimônio, incluindo o intangível, o universo simbólico, as representações. Uma outra rota levava para o deslocamento de interesse dos grandes museus nacionais e tradicionais dando lugar a museus de menores dimensões, regionais voltados para a preservação de patrimônios locais, atuando de forma mais dinâmica (HERNÁNDEZ : *op.cit.*, 77).

Outras mudanças atingiam o âmbito interno dos museus: racionalização da gestão (questões administrativas, falando-se em auto-gestão participativa; contratação de mão de obra terceirizada; financiamentos, *marketing* e publicidade). Há os que passam a aplicar expressões como 'museu-mercado', ou "indústria museística" (usada por Tomas Krens, diretor do Museu Guggenheim, cf. HERNÁNDEZ, *op.cit.*, 79), e até mesmo focar as coleções como "capital ativo", principalmente quando se trata de exposições temporárias (*idem*, 70 e 78). A este quadro, poder-se-ia entender a preocupação crescente com o público como uma meta a ser atingida, foco de pesquisas de recepção, demonstrando a intersecção das atividades dos museus com *midias* e, por extensão, com a comunicação de massa.

se entendessem como prestador de serviços e, portanto, com maiores preocupações para com o público; incorporação de estratégias administrativas, de publicidade e *marketing* para o gerenciamento institucional e captação de verbas na forma de financiamentos e assim por diante. Um outro grande viés, a grande tendência, se a podemos chamar assim, foi a de desconfinar os museus das famosas 'quatro paredes' que até então lhe davam forma. Fervilhavam, portanto, muitas alterações no plano das idéias e da ação, embora não atingissem a todas as instituições³⁰³ que, por sua vez não se tratavam necessariamente de museus no sentido tradicional³⁰⁴.

As idéias se espalhavam. As margens do que se compreendia por museu, objeto de museu e museologia, foram alargadas de um modo não experimentado anteriormente, ou não experimentado tal com então se esboçava.

O mapeamento da museologia assentava outras tantas dúvidas: seria ela um conjunto de idéias, princípios, métodos de trabalho ou, então, somente técnicas de trabalho? Este nascimento veio cheio de dúvidas mas com um objetivo certo: defender uma área particular com conhecimentos também particulares.

Reconhecia-se a tradição de trabalho de museus protagonizada pelas tarefas práticas. Reconhecia-se em convergência as mutações sobre o papel social dos museus³⁰⁵. Os pontos não convergentes recaiam sobre o perfil da Museologia. A

³⁰³ As tendências observadas, geradas antes dos anos 1980, precisavam de terreno propício para se instalarem, e esse terreno não era qualquer um. Algumas necessitavam de estruturas organizacionais complexas e sofisticadas, outras da existência de verbas generosas, outras de pessoal técnico preparado, ou da composição de pessoal de museu com profissionais de outras áreas associados por sua vez a grupos comunitários interessados, e assim por diante. Havia museus preocupados com artefatos e espécimes naturais, mas também museus preocupados com um sentido amplo de herança cultural e natural.

³⁰⁴ Lembre-se que o ICOM vinha aceitando desde sua implantação outros tipos de instituições. As definições de museu, emitidas pelo ICOM, são um exemplo bastante usado para ilustrar as mudanças. O repasso. O ICOM reconhece em 1947 em seus Estatutos a 'qualidade de museu' para instituições que conservam e apresentam "coleções de objetos caráter cultural ou científico", com o objetivo de estudo, educação e deleite. Anos após, em 1974, com decisão ratificada em 1989, na 16ª Assembléia Geral, passa-se de "objetos culturais ou científicos", para "testemunhos materiais do homem e seu meio" (Título 2, Artigo 3), e no mesmo ano incluem outras instituições: a) institutos de conservação e galerias de exposição dependentes de Arquivos e Bibliotecas; b) lugares e monumentos arqueológicos, etnográficos e naturais e os sítios e monumentos históricos, tendo a natureza de um novo museu por suas atividades de aquisição, conservação e comunicação; c) as instituições que apresentam espécimes vivos, como zoológicos, jardins botânicos, aquários, viveiros, etc. Anteriormente em 1983, na 14ª Assembléia Geral do ICOM (Londres); d) os parques naturais, os arqueológicos e históricos; e) os centros científicos e planetários. Francisca Hernández considera que a definição de 1974, "amplia o conceito de museu", no que diz respeito aos bens móveis e imóveis, sendo que nos primeiros, nos bens móveis, estão incluídos "todos os testemunhos da vida cultural", como as representações "mais ou menos realistas ou simbólicas que tenham um significado religioso, político ou social". Na medida em que as representações culturais são aceitas, diz esta autora, isso leva à criação de museus a partir de "qualquer motivação", como os museus do ócio, do terror, etc. (HERNÁNDEZ;1998: 70).

³⁰⁵ M. Araújo e M. C. Bruno, rerepresentando uma série de documentos produzidos em 1958 (Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus; Rio de Janeiro); 1972 (Mesa-redonda de Santiago do Chile); 1984 (Declaração de Quebec) e 1992

reflexão iniciada em focos, dialogada entre poucos, européia³⁰⁶, se expandiu, o ICOFOM para van Mensch reabre (e não abre) as discussões³⁰⁷. As diferenças surgidas, congregadas em linhas, permitem falar em mais de uma Museologia. Algum tempo depois.

Conceber Museologia ou o dito pensamento museológico que lhe dá forma, partia, como vimos, de pontos diferentes. As raízes dessas concepções podem ser acompanhadas numa de suas figuras representativas – Vinos Sofka - que não só compartilhou da formação do ICOFOM e o presidiu por boa temporada, como exerceu a função de editor de suas publicações: o *Icofom Study Series (ISS)*, e a *Museological Working Papers/Documents de travail sur la muséologie (MuWoP/DoTraM)*. Nesse papel liderou, agrupou e conseguiu que fossem publicadas as respostas sobre o que se pretendeu como natureza da museologia. Mesmo recebendo as dúvidas como um legado de seu antecessor (Jan Jelinek) no ICOFOM, Sofka encontrou eco e alguma cooperação entre os participantes do comitê³⁰⁸.

Por essas razões o tomamos como um caso emblemático.

2.3 Aonde buscar os fundamentos para a teoria, ou uma forma de conceber a Museologia

Coordenando o gerenciamento e execução de uma grande exposição³⁰⁹, que continha muitos “elementos do trabalho em museu”³¹⁰, e pressionado pela necessidade de concretizá-la em pouco tempo, Sofka percebeu que, para que ela fosse realizada, seria necessário uma “base filosófica e teórica para a bem sucedida comunicação e ação da equipe”³¹¹.

(Declaração de Caracas), consideram que havia uma série de expectativas enfrentadas pelos profissionais de museus em seu cotidiano convergindo para uma preocupação em comum, a do papel social dos museus (ARAÚJO & BRUNO; 1995: 5).

³⁰⁶ Refiro-me ao fato de que essas discussões terem nascido na Europa do Leste. Aspecto reafirmado continuamente na tese de van Mensch. (van MENSCH; 1992).

³⁰⁷ Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge*: 1 de 11.

³⁰⁸ Embora apresentando o ambiente do ICOFOM como aberto às discussões, e sublinhando a importância do trabalho em equipe, Sofka não deixa de comentar na sua lembrança o quanto havia para ser realizado, a pouca participação e como sua ação foi solitária (SOFKA; 1995).

³⁰⁹ Sobre a celebração do 1100º aniversário do começo da literatura Eslovena, declarada *World Commemorative Year* pela UNESCO no ano de 1963 (SOFKA; 1995:5).

³¹⁰ Sofka relata que seu “*affair*” com a museologia iniciou-se em 1969, desde seu trabalho no Museu de Antiguidades em Estocolmo (itálico e aspas do autor) (*op.cit.*,14). A versão dos fatos no relato de Sokfa é a de que em 1978, as inquietações a respeito do vinha ser museologia eram seus “questionamentos privados” (“*private interrogations*”) (*idem*, 12).

³¹¹ SOKFA, *op.cit.*, 5.

Posteriormente, em suas atividades cotidianas exercendo funções administrativas no Museu Nacional de Antigüidades (Estocolmo; Suécia), se deu conta de como “museologista [museólogo], a necessidade de uma teoria na prática do trabalho em museu (...)”³¹².

Não era somente sua a inquietação³¹³ sobre a falta da base (filosófica e teórica) - a museologia - outros profissionais que trabalhavam em museus se questionados também demonstravam sua ausência ou necessidade de tê-la definida. Sokfa observou isso nas reuniões do ICOFOM e ICOM, levando-o a mobilizar-se para a aplicação de questionários³¹⁴.

Observe-se que Sofka afirma, num plano subjacente, a importância de um conjunto conceitos e de significados mais precisos para determinadas palavras (a começar por museologia). Isto é, a necessidade de circundar o vocabulário da profissão - a linguagem de especialidade - a ser partilhada com pessoas envolvidas nas sucessivas etapas de trabalho (fosse ou não de montagem de uma exposição) de modo que compreendessem e, principalmente, agissem e executassem ações numa mesma e única direção. Está presente aqui a dimensão comunicativa usando palavras - moedas de intercâmbio ágil - para responder necessidades muito pragmáticas de como resolver lides funcionais para que empreitadas chegassem a bom termo. O que Sokfa tinha em mente, assim nos parece, era uma “museologia de palavras”, evidentemente instrumental.

Nas declarações de Sofka ‘filosofia’ sugere equivalência com ‘teoria’ para referir-se a um modo similar de raciocínio, neste caso pragmático, formando uma base, a museologia, capaz de cerzir as diferenças de entedimento. Ele a concebe também pragmaticamente para fins de trabalho operacional (e harmônico) e não como um sistema de enunciados e conceitos. Na medida em que esta base ficasse elucidada serviria também para os cursos de formação das escolas e universidades³¹⁵.

³¹² *Idem*, 7.

³¹³ O que Sokfa declara como sua inquietação van Mensch retoma à pessoas que anteriormente já as haviam apresentado, entre eles Jan Jelinék (van MENSCH; 1992: *International Committe for Museology* - 1 e 2 de 20).

³¹⁴ Anos mais tarde no MAC/USP (1992), ao assistir um curso ministrado por Vinos Sokfa, ele usou desse método repassando entre os presentes um questionário. Dentre as perguntas, se minha memória não falsear, havia algo como: “o que é museologia para você?”

³¹⁵ Em 27 de setembro de 2002, o site do ICOM/ICTOP (International Committee for the Training of Personnel), apresentava em ordem alfabética em inglês, por país, 73 cursos de formação (Universidades, e cursos e centros de treinamento educacionais e profissionais) na área de estudos de museu (*museum studies*) e assuntos relacionados. São citados cursos na Alemanha, Austrália, Brasil (um único, o da Universidade Federal da Bahia), Canadá, China, Croácia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Inglaterra, México, Nova Zelândia, Paquistão, Rússia e Suécia. O *Programme-type de base de l'ICOM pour la formation professionnelle en muséologie*, preparado também pelo ICTOP, adotado na 9ª Conferência Geral do ICOM em Paris e Grenoble, França em 1971, e referendada por este comitê em Leicester, Reino Unido, em 1979, consta de nove tópicos temáticos subdivididos. Cito os de cabeçalho: 1. Introdução à

Quanto à própria formação profissional, não deixa de ser curioso o elenco de habilidades para que enquanto 'museologista' cumprisse sua tarefa. A esse elenco atribuiu o bom sucesso de seus trabalhos. Elas formavam uma somatória de todos os aprendizados e experiências por que passara: o senso sistemático do advogado que desenvolve posturas e abordagens interdisciplinares, até os "métodos gerenciais de administrador, experiência e habilidades manuais de pedreiro (...) e a sabedoria das pessoas comuns"³¹⁶.

Estes são os pontos de partida que serviram para a formação de seu "pensamento museológico"³¹⁷, perspectiva partilhada, tal como suas inquietações, por outros colaboradores.

Sofka em sua lembrança relata que, mesmo dentro do ICOFOM, a busca por uma definição de museologia fora escamoteada³¹⁸, o mesmo sucedendo no ICOM. Relata também a existência de um grupo dos 'anti-teóricos' (assim por ele denominados), incluindo no seu depoimento uma passagem que pode nos surpreender, apresentando um "irritado George Henri Rivière"³¹⁹, que entre outros aspectos reclamava que o ICOFOM tinha estabelecido um programa de pesquisa e iniciado um jornal sem consultá-lo³²⁰. Desta forma, tanto as discussões como o

museologia: história e formação de museus; 2. Organização, gestão e administração de museus; 3. Arquitetura, arranjo, equipamentos; 4. As coleções: origem, documentação, localização e movimentação; 5. Atividades científicas; 6. Conservação e tratamento das coleções; 7. Apresentação: exposições; 8. O público; 9. Ação cultural e educativa dos museus.

Por atividades científicas (item 5) têm-se: Museus e pesquisa, princípios gerais; Serviços de pesquisa de museus (departamentos ou unidades; coleções de estudo); Os museus e os pesquisadores e/ou as instituições de pesquisa externas; Os museus e o ensino universitário; As missões e os trabalhos sobre o terreno; Relatórios e publicações de museu (Catálogos científicos; publicação periódicas; obras e relatórios diversos).

³¹⁶ SOFKA, *op.cit.*, 5-6.

³¹⁷ *Idem*, 6.

³¹⁸ Refere-se ao encontro do ICOFOM em Moscou, em 1977, no qual, a seu juízo, evitou-se "engenhosamente qualquer definição de museologia" (SOKFA; 1995:11). Posteriormente (1978), num encontro ocorrido na Polônia, onde encontra "pessoas do mundo dos museus" somente o russo Awraam Razgon desenvolve nesse encontro "aspectos museológicos" (outros presentes: Prof. Lorez, Prof. Piotrovski, Dr. Antonova, Dr. Dabrowcki, Dr. Klausewitz, Dr. Rymaszewski, Villy Toft Jensen (*idem*, 12)).

³¹⁹ George Henri Rivière é considerado uma das figuras eminentes na área de museologia: "provavelmente a mais importante figura do movimento francês de renovação museológica do pós-guerra, [e] responsável pela criação de muitos museus e ecomuseus na França e em outros países" (cf. BARBUY; 1995:211).

³²⁰ (SOKFA; 1995: 14-15). Sofka refere-se ao encontro realizado em Leicester (UK), em 1978, com o ICTOP. Respondendo a um pedido de Jan Jelínek, então presidente do ICOFOM, participa dessa reunião onde teve a oportunidade de conhecer mais de perto as "complexas relações internas do ICOM", bem como as atitudes e opiniões pessoais de membros a respeito do trabalho em museu e museologia. Faltou, diz, argumentação objetiva (*op.cit.*, 14). Convidado pelo presidente do ICTOP, Jan Cuyppers, a relatar as intenções e programa do ICOFOM, ouviu reclamações em altos brados (*loud reaction*), e uma ordem vinda de Rivière, e também do diretor da *Reinwardt Academy* (Países-Baixos) pedindo a abolição imediata deste comitê. O prof. R Singleton (UK), embora mais moderado vai contra a necessidade de uma teoria. A reação de Sokfa foi de choque. Como

aceite desta museologia dita teórica ou científica - então numa espécie de equivalência - foram paulatinas³²¹.

Numa passagem com certo sabor relata que lhe perguntaram no próprio ambiente de trabalho³²²: "O que é museologia? Nunca ouvi essa palavra!"³²³

Ouviu recomendações amigáveis de curadores para que esquecesse "(...) essas excentricidades do continente (...)"³²⁴.

Não escapou de exorcismos como: "Proteja-nos da 'museologia' e outras quase-ciências!"³²⁵

A seu juízo, boa parte das confusões advinham do "*terminus technicus* 'museologia'"³²⁶.

Esclarecer esse termo técnico passou a ser, na sua versão dos fatos, uma cruzada intelectual com o fito de 'descobrir' a Museologia³²⁷.

resposta, apresentou os planos do ICOFOM para investigar o "complexo filosófico e assuntos teóricos relativo à museus" (*idem*, 15), explicando a intenção de realizar inventários sistemáticos de opiniões, analisando-os. No fim da reunião, foi chamado carinhosamente de 'mon jeune homme' por Rivière. A seu ver houve 'conversões' para a museologia (*idem, ibidem*). Para ele, o pior, mais do que a oposição, foi a atitude que considerou como pouco respeitosa para com as decisões do ICOFOM, principalmente por terem sido resultantes de um processo democrático. Sua oposição maior é em relação aos métodos que vê como impositivos, ditatoriais (*idem*, 15).

³²¹ Os encontros do ICOM e do ICOFOM sucedem-se: na Polônia (1978) o tema - *Possibilidades e limites da pesquisa científica típica em museus (Possibilities and limits in scientific research typical for museums)* sobre a relação entre diferentes ciências e as coleções de museus. Sofka observa a falta de uma opinião comum sobre o conceito de museologia e diversas as respostas, o que fazia acentuar a "urgente necessidade de pesquisa [sobre] museologia e treinamento baseado nesses resultados". Desta reunião lança a idéia de um instituto internacional de museologia e de um jornal para discuti-la. Reforça a necessidade de "teoria com base para um trabalho prático de museu" acompanhada necessariamente da pesquisa museológica, e um programa de ação complexo (*idem*, 13). Em Torgino (Itália; 1979), o tema tratado foi *Sociological and ecological aspects in modern museum activities in the light of cooperation with other related institutions* (p.15), contou com a participação de especialistas, a publicação imediata após o encontro via Brno, e excursões guiadas (*idem*, 15). No México (1980), identifica uma crise de identidade e de gerenciamento do ICOFOM, com desproporção entre as condições reais de ação e as necessidades para mantê-lo ou desenvolvê-lo. Para contornar a situação seria necessário persuadir os 'trabalhadores de museu' para a museologia, além de incentivá-los a se tornarem membros do comitê. O empenho de Sofka para reativar este comitê foi reconhecido por muitos autores (inclusive Peter van Mensch; 2000) como principal articulador e introdutor de um método de trabalho que resultou eficiente.

³²² Vinos Sofka apresentara um estudo analítico dos objetivos e tarefas de museu que considerava como importantes de serem realizadas (SOFKA; 1995:7). Nesse contexto se inseria a pesquisa em museologia (*idem, ibidem*).

³²³ Pergunta feita pelo diretor do *Museum of National Antiquities*, Estocolmo (SOFKA, 1995:7).

³²⁴ *Idem*, 7.

³²⁵ Sofka não deixa evidente quem é o autor desta fala, parece tratar-se do editor que o convidou a escrever um artigo em 1976 para um manual sobre técnicas de museu ("*Museitechnik*", *Museum techniques*) (aspas do autor) (SOFKA, 1995:7).

³²⁶ Itálico e aspas do autor (SOFKA, 1995:15).

³²⁷ Expressão usada no sub-título "Poland 1978 - *The author calls for an intellectual crusade to discover what museology is: "If we don't know - if we have doubts - then we find out!"* (SOFKA, 1995:12).

2.4 Ciência, mas e o objeto de estudo?

Os que acompanharam esse processo de dentro do ICOFOM - de Sofka à van Mensch - dizem que se passaram anos até que o estatuto de museologia como ciência fosse aceito e reconhecido dentro do ICOM³²⁸. Tal reconhecimento se deu graças aos encontros (simpósios e seminários nacionais e internacionais) e publicações³²⁹. Em meados dos 1980 os membros do comitê declararam: "tendo por base a teoria da ciência, ela é uma disciplina científica em estágio embrionário"³³⁰.

A instauração do ICOFOM gerou uma situação singular para tratar de ciência. Como associação internacional de profissionais, estava afinizado aos macro-objetivos do ICOM³³¹, pretendeu, ao mesmo tempo, funcionar como foro de pesquisa, contando com colaboradores (membros), não necessariamente pesquisadores³³². A articulação se fazia entre profissionais de museus³³³, no mais

³²⁸ Van Mensch apresenta os seguintes dados: em 1990 um questionário aplicado no encontro de Leicester resultou: 90% dos participantes consideravam a museologia como uma disciplina independente; 4% que a museologia como disciplina 'não fazia sentido' (van MENSCH; 1992: *The museological discourse* - 10 de 14). Ele não explica qual a posição dos 3% faltantes.

³²⁹ Van MENSCH; 1992: *The museological discourse* - 10 de 14.

³³⁰ SOFKA; 1995: 8.

³³¹ "O Conselho Internacional de Museus (ICOM) é uma associação sem fins lucrativos dedicada à promoção e desenvolvimento dos museus e da profissão museística. Fundado em 1946, constitui-se numa rede mundial de comunicação para os profissionais de museu de todas as disciplinas e especialidades. (...) Associado à UNESCO na categoria A de organizações não governamentais, goza de estatuto consultivo no seio do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. "Esta é parte da apresentação deste organismo no *Notícias do Icom*; 1993. Deve-se registrar que as questões profissionais - o estatuto de seus membros em termos 'profissionais e sociais' eram preocupação do ICOM já na década de 1970. Em vista da evolução dos museus, o reconhecimento de novas especializações e diversificação de serviços e demandas, o órgão se vê frente a uma análise "das relações existentes entre os profissionais de museu e seus colegas de outras profissões, científicas ou de ensino". Um enquete estava prevista a ser desenvolvida pelos comitês nacionais e internacionais, Centro de Documentação e Secretariado para compreender o estatuto e o papel da 'profissão museal', cujos focos seriam: formação profissional em todos os níveis de especialização; coleta de dados sobre os centros de formação profissional; reconhecimento da formação em nível universitário pelas autoridades dos diversos países. O ICTOP e a Unidade de Formação e o centro de Documentação, junto com os comitês nacionais, seriam responsáveis pelo desenvolvimento dessas tarefas. Uma outra meta visava a publicação de manuais que tratassem dos vários aspectos da formação profissional. Desta idéia nasce o projeto para o "Tratado de museologia", confiado à uma equipe internacional de *experts*. Por sua vez o ICOM desenvolveria "Cadernos técnicos" (*Cahiers techniques*) a serem publicados pela UNESCO; bibliografias especializadas junto como Centro Internacional de Conservação (em Roma) s serem publicadas anualmente. Os comitês regionais seriam encorajados a elaborar publicações de manuais (cf. 1974-1980 *Rapports d' activités. Programme. Nouvelles de L' ICOM. Bulletin trimestriel du Conseil International des Musées*:25).

³³² Peter van Mensch em sua tese (1992) apresenta uma tabela para indicar a profissão dos contribuintes (colaboradores) do ICOFOM. Elenecando uma divisão por gênero (feminino/masculino), e países e/ou regiões (África, América Latina, América do Norte, Estados Árabes, Ásia, as duas europas, e Oceania), conclui que 1/3 são contribuintes femininas, com maior concentração na América Latina (VER van Mensch, 1992 -

das vezes contando com especialistas, o que não é o mesmo que pessoas dedicadas a pesquisas. O comitê não é o lugar da pesquisa, nem uma entidade física, mas uma "idéia em ação" posta em movimento por indivíduos que lhe dão corpo e voz expressando suas concepções. Tratam-se de indivíduos em trabalhos no comitê, cuja consonância com os temas submeteu-se às preocupações ou interesses dos então dirigentes do ICOFOM.

A preocupação com os requisitos acadêmicos (entenda-se, a abordagem da museologia como ciência) mudou na medida em que a participação dos europeus do leste estagnou – nas palavras de van Mensch – entre 1983-1989 e, paralelamente, aumentou a participação de colaboradores de outros países, redirecionando o foco para aspectos sociais das atividades dos museus e museologia. Tal reorientação se deu às custas de "um estudo mais profundo da estrutura da museologia como ciência"³³⁴, e que tinha um discurso com o mais "alto grau de abstração"³³⁵. As revistas (*MuWoP/DoTraM* e *ISS*), criadas pelo grupo original, representavam a expectativa de ter nelas, ou através delas, um trabalho

International Committee for Museology - 12 de 20).

³³³ Van Mensch segue os critérios do ICOM distinguido membros ativos e membros participantes. Membro ativo é o que contribui com taxa anual. Em 1989 o ICOFOM contava com 606 membros, de 73 países (o ICOM, nesse mesmo período contava com 8.583 de 116 países). Refere-se ao fato de que nenhuma pesquisa havia sido realizada sobre os motivos que levavam os 'trabalhadores de museu' (*museum workers*) a se tornarem membros do ICOM, ou seu engajamento no ICOFOM. O direito de voto – cada membro do ICOM pode ser registrado como membro votante somente em um comitê – é o que sugere o interesse [principal] dessa participação. No caso do ICOFOM, nos anos enfocados e seguindo uma distribuição geográfica, ele apresenta os seguintes dados de distribuição: África (4% de membros dentre eles 4% de votantes); América Latina (21% de membros; 21% de votantes); América do Norte (19% de membros; 16% de votantes); Estados Árabes (1% de membros; 2 % de votantes); Ásia (7% de membros; 8% de votantes); Europa oriental (3% de membros; 4% de votantes); Europa ocidental (45% de membros; 45% de votantes); Oceania (1% de membros; 2% de votantes) – os representantes da Europa tinham a metade dos votos. Os países de 1º Mundo (68% de membros; 65% de votantes); 2º Mundo (3% de membros; 4% de votantes) e 3º Mundo (29% de membros; 32% de votantes). Numericamente, os membros do Primeiro Mundo dominavam entre 1983 e 1989; o crescimento dos participantes da América Latina é maior após o encontro realizado na Argentina (ICOM, em 1986) – com maior participação de argentinos e brasileiros (*op.cit.*, 11 de 20). O envolvimento dos museólogos da África, América Latina e Ásia foi crescente (van Mensch, 1992 – *International Committee for Museology* - 1 de 20; 10 e 11 de 20).

³³⁴ Van Mensch, 1992 – *International Committee for Museology* - 1e e 14 de 20.

³³⁵ Peter van Mensch dá a entender que houve um 'primeiro grupo' que levou essas discussões, outros a abraçaram 'mais recentemente' (a tese é de 1992), e a estes não era familiar os primeiros escritos dos teóricos. Os tchecos teriam sido os grandes influenciadores, principalmente Stransky que escolheu tópicos de discussão e o nome do jornal (possivelmente o *ISS*), no entanto, o receio dos socialistas, no entender de van Mensch, foi exagerado. Eles não tinham problemas com o tema, isto é, em debater a museologia como ciência, diferentemente dos colaboradores de outros países europeus mostrando receio ou que respondiam as perguntas superficialmente (van Mensch, 1992 – *International Committee for Museology* - 14 de 20). Pode-se observar as diferenças na construção do discurso na *MuWoP/DoTraM*, e também pela remissiva que alguns colaboradores fazem de trabalhos já publicados. Ver o documento de Klaus Schreiner remetendo à obras publicadas nos países socialistas (*MuWoP/DoTraM* no.1:39), ou Zbynek Z. Stránský (*MuWoP/DoTraM* no.2:70).

científico, particularmente a primeira teria sido um novo começo para o “trabalho científico do comitê” mas, um esforço isolado³³⁶.

Considerando que em geral as pesquisas científicas são sistemáticas, deve-se ponderar as críticas realizadas até antes do surgimento do ICOFOM apontando justamente para a ausência de sistematização. Em 1968, J. Neustupny afirmava que os trabalhos sobre museologia estavam dispersos, eram desconhecidos, não circulavam, os autores se desconheciam³³⁷, estavam circunscritos a certos países e haviam barreiras de linguagem para sua disseminação. Naquele momento a museologia estava isolada e as idéias confinadas. Críticas que van Mensch considera procedentes mais de vinte anos depois³³⁸. Todavia há outras: a concepção da museologia seria um sistema fechado em si mesmo (cf. W. Gluzinski; 1987); não contaria com um discurso filosófico-teórico, não referenciava as idéias de outros cientistas nos seus simpósios (cf. Möbius, 1986); não tinha consciência histórica (cf. Stransky); e “nunca saiu do chão” um plano sistemático sobre a diversidade de abordagens da museologia (cf. van Mensch)³³⁹.

Ao mesmo tempo em que arrola essas críticas, o próprio van Mensch põe em relevo o método de trabalho de Sofka como gerador da riqueza – documentada, poderíamos completar³⁴⁰- sobre os pontos de vista que foram surgindo que, ao fim, eram vitais para a identidade da museologia como ciência³⁴¹.

Novamente a palavra museologia aparece como fio de ligação também na tecitura das seqüências temáticas dos simpósios³⁴², atreladas aos programas trienais. Da pesquisa em museus para a interrelação entre objetos, museus e sociedade, considerados como parâmetros e tratados sob um ponto de vista mais museológico na versão de van Mensch³⁴³, têm-se ao menos um demonstrativo de

³³⁶ Van Mensch, 1992 – *International Committee for Museology* - 14 de 20.

³³⁷ Peter van Mensch cita uma declaração de J. Neustupny, de 1968 em que observa o fato de que havia pouco conhecimento dos trabalhos de museologia, lhe parecendo que os autores “estão tão profundamente imersos em suas próprias reflexões que não estão interessados nas idéias e sugestões de outros. Artigos e livros sobre museologia são geralmente confinados às idéias de seus próprios autores (...). Entretanto, muitos livros e artigos sobre museologia têm sido escritos” (NEUSTUPNY *apud* van MENSCH - *International Committee for Museology* 1992: 14 e 15 de 20).

³³⁸ Van MENSCH; *idem*

³³⁹ NEUSTUPNY *apud* van MENSCH; 1992 – *International Committee for Museology* - 15 de 20. GLUZINSKI *apud* van MENSCH; *op.cit.* MÖBIUS *apud* van MENSCH, *op.cit.*). Há três obras de Z.Z. Stransky citadas na bibliografia desta parte: de 1982, 1989 e 1990. Van Mensch (*op.cit.*) não referencia qual delas se trata nessa passagem.

³⁴⁰ Sofka enviava aos colaboradores as diretrizes para participar dos simpósios. Dos trabalhos redigidos dependeria o próprio sucesso dos encontros e posteriormente para as publicações (SOFKA; *Report on preparations of the symposiun*, Estocolmo, 1983, *ISS*, no. 2; 1995:2).

³⁴¹ Van MENSCH; 1992 – *International Committee for Museology* - 15 de 20.

³⁴² Os temas dos encontros são comentados no Capítulo III.

³⁴³ Van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology*: 13 de 20.

que o caminho para a museologia como ciência não era de fato retilíneo, mas um composto temático modular.

Os participantes e colaboradores do ICOFOM, profissionais e intelectuais, se nos guiarmos pela declaração de Peter van Mensch, se viam como cientistas prescrutando o 'fenômeno museu': "A comunidade científica (*i.e.* ICOFOM) necessita de definições para seu trabalho científico (...)"³⁴⁴.

O que se procurava sob estas capas de objetivos alardeados, teoria³⁴⁵ para explicar e fazer compreender museologia, e esse conhecimento estruturado, sistemático, validando um possível plano científico, era ao fim e ao cabo a autonomia da Museologia. Esse era o tema, mas pode-se perceber nos entremeios que, pelas vias do ICOFOM, havia a preocupação em tornar mais profissionalizada uma instituição (os museus) e, ao mesmo tempo, a própria disciplina (a Museologia). Posto de outro modo, tornar ofício tanto o saber técnico, como o próprio conhecimento teórico da área³⁴⁶, através de um corpo de voluntários bem situados profissionalmente em museus ou em unidades de ensino, mas, note-se, não de pesquisadores profissionais.

³⁴⁴ Na primeira parte desta declaração (*The scientific community (i.e.) ICOFOM needs definitions for its scientific work (...)*) 'definição' refere-se à estrutura (**broader term**, funções, assuntos) para caracterizar os museus. Peter van Mensch ressalta distinções ente instituição e instituto; entre museus 'instituição museológica permanente', 'que preserva'; 'coleções', 'documentos corporais', distinguindo museus de arquivos e bibliotecas, grandando conhecimentos para o benefício público. Na continuidade, têm-se o emprego de 'definições' no sentido de critérios (van MENSCH; 1992: *The museum definition* : 1 de 8). Tereza Scheiner e Matilde Bellaigue também creditam ao grupo do ICOFOM a produção de ciência (Ver SCHEINER; BELLAIGUE:2000).

³⁴⁵ Segundo Gilles-Gaston Granger, teoria "propõe quadros de descrição dos fenômenos que tentará explicar"; propõe hipóteses ou princípios gerais (as propriedades constitutivas); compõe dados empíricos; constrói ('inventa' no autor) conceitos. A referência deste autor são as matemáticas (GRANGER; 1994:76-78).

³⁴⁶ Gilles-Gaston Granger faz distinção entre o saber técnico e o conhecimento científico. O primeiro - e o autor vai à Aristóteles - associa-se à "arte" (*Techné*). Na lógica aristotélica, 'conhecer' passa por dois níveis: o da *sensação* que faz contato direto com o mundo (não está espontaneamente articulada num simbolismo, por ex. o da língua, não requer um fundamento de discurso e raciocínio) e o da *experiência* (*Empeiria*) que associa-se um juízo a uma imagem genérica. A *experiência* é fonte da ciência e da "arte" (*Techné*). A ciência (*Episteme*) se distingue da "arte" (*techné*) porque deve poder exprimir-se numa linguagem e ser comunicável pelo ensino, pela natureza dos objetos a que se aplica (de certo modo busca o que é invariante nas coisas). Para Aristóteles: "O que é objeto de ciência necessariamente é". O saber técnico diz respeito à mudança, aos aspectos contingentes do individual, visa gerar uma obra e o conhecimento dos meios para criar coisas (...); o princípio de existência reside no criador e não na coisa criada (cf. *Ética a Nicômaco*, VI - Aristóteles). Mas é uma forma de conhecimento (mas ciência lhe é superior por se referir ao necessário e permitir a demonstração). Hoje, escreve este autor, o que chamamos de técnicas "constitui verdadeiros saberes" mas não podem ser identificados com ciências, pois não possuem o "caráter desinteressado, nem a virtude demonstrativa, ou pelo menos explicativa". O que faz a passagem de um para o outro, portanto, são essas características: desinteresse, demonstração, explicação, transformando os saberes técnicos em "realizações circunstanciadas do *trabalho* efetivo de produção de coisas e de direção de nossas ações". A ciência, continua mais a frente, "propõe-nos enunciados verificáveis, mas não verdades imutáveis, já que existe uma história das ciências ao longo da qual boa parte desses enunciados se modificou ou foi substituída" (GRANGER; 1994:23-25; 101).

Esses membros do ICOFOM, foram convidados, arriscaram-se, como nos conta Sofka, a escrever definições de museologia, “pequenos sumários sobre o que cada membro [deste comitê editorial] compreendia pelo termo [museologia]”. Ele mesmo diz que não se tratavam de “dissertações científicas”³⁴⁷. A idéia era provocar discussões, encorajar definições³⁴⁸. E as provocou causando, no caminho, incômodos e reações. Afloraram abordagens, e modos para compreendê-las, sendo os principais alvos a museologia enquanto ciência, e os museus enquanto seu objeto.

Com algo tão palpável como os museus, e tão direto como pensar que museologia a eles se refere, qual a necessidade de problematizar a tal “museologia de museus”.

Considere-se que, ao lado dos objetivos declarados pelo ICOFOM em estruturar a museologia teoricamente, o que significava estudá-la, para ser ministrada em universidades, e para que os profissionais de museu tivessem uma base também teórica para suas atividades práticas, haviam mudanças na idéia de museu que não podiam mais ser desconsideradas. Isso afetava diretamente as tentativas de conceituar a museologia e a identificação do objeto de estudo. O sólido tripé de uma museologia dita tradicional, fundamentado no objeto de museu, museu e funções ou atividades do museu, isolados ou entrelaçados, passou a ser questionado pelos adeptos da ‘Nova Museologia’.

2.4.1 ‘Museologias’

Referir-se à museologia como ciência dentro do ICOFOM foi uma preocupação que norteou os primeiros participantes. Vista como ciência dos museus – como veremos na voz do norte-americano Ellis G. Burcaw, ou como metafísica no caso do tcheco Tomislav Šola -, essa discussão, ao chegar em meados dos anos 1980, se apoiou num conjunto de idéias em circulação, distribuídas em livros ou artigos publicados em revistas cujos títulos levavam a denominação de ‘museologia’ ou ‘museu’. Nesse rol, além da revista *Museum* (UNESCO)³⁴⁹, registram-se, em muitos países, revistas específicas no assunto³⁵⁰.

³⁴⁷ Os autores que se ‘arriscaram’ a definir museologia foram: Villy Toft Jensen; Wolfgang Klausewitz; Awraam M Razgon e o próprio Vinos Sofka. (*Museological provocations 1979. Four attempts to define the concept of museology by the Editorial Board. MuWoP*, no. 1: 11-13).

³⁴⁸ SOFKA: *Point for discussion: WHAT IS MUSEOLOGY? Introduction by the Editor view – Europe 1975. MuWoP*, no. 1: 6.

³⁴⁹ A *Museum* deu seqüência à *Museion* publicada pela Organização Internacional de Museus na época da Liga das Nações (início do século XX).

³⁵⁰ Em 1990, a *Museum* elabora um número sobre revistas na área (168, vol. XLII, no. 4 – *La bonne parole: les revues muséales*). No Editorial o redator chefe Arthur Gillette, comenta que dentre 50 títulos, resultado de um inventário provisório, foram selecionados alguns para serem apresentados na revista. Commenta que não estão representadas

O russo A. Razon afirmava que nesse período haviam “mais de 600” revistas³⁵¹.

Salientar o objeto de estudo da Museologia representava, na medida em que se delimitavam suas fronteiras, atentar para a espécie de conhecimento particular que a diferenciava e a caracterizava de outras áreas. O grupo de colaboradores focou seus esforços para dominar esse objetivo. Não bastava denominá-la ‘ciência’, fazia-se efetivo propor teorizações e, estruturando raciocínios, focalizar seu objeto de estudo. Este seria o fator decisivo para torná-la “genuína disciplina acadêmica”, surgente na medida em que deslindava a “intenção cognitiva da museologia” (cf. van Mensch). Para ser genuína a disciplina deveria responder a uma necessidade social e identificar sua contribuição para o conhecimento geral e para os que trabalhavam em museus. Em todos os casos, importante, explicitá-la³⁵².

Passamos à síntese e categorização realizada por Peter van Mensch³⁵³, muito próximo ao comitê, com acesso às fontes e autores que referencia. O que

todas as regiões geoculturais, até porque nem todas responderam ao chamado da *Museum*. Cita-se: *SAMA – A Journal of museology* - África do Sul, publicada pela Associação dos Museus Sul-Africanos; *Muse News* - Austrália; *Neues Museum* - Áustria; *Bangladesh Lalit Kala* (Bangladesh); *Museumleven* e *La vie des musées*, Bélgica; *The Zebra's Voice*, Botswana, África; *Muse*, Canadá; *Chinese Museum*, China; *Museumsaviesse*, Dinamarca; *Boletín del Museo del Prado*, Espanha; *Museum Studies*; *Aviso*; *Curator*; *Museum Magazine*; *Museum News* - Estados Unidos da América; *Museo*, Finlândia; *Musées et collections publiques de France* e *Revue du Louvre et des musées de France*, França; *Journal of Indian Museums*, Índia; *Museu e Gallerie d' Italia*, Itália; *Gendai No Me, Hakubutsukan Kenkyu Museum Studies*, *Museum* - Japão; *Ndiwuala*, Malawi; *Bulletin bimestriel du Musée Franz Mayer*, México (com artigo comentado); *Museumsnytt*, Noruega; *Museumjournaal*, Países-Baixos; *Biblioteka, muzealnictwa i ochrony zabytków*, Polônia; *Informationen für die Museen in der DDR, Neue Museumskunde. Zeitschrift für Theorie und Praxis der Museumsarbeit*, República Democrática Alemã; *Deutsches Museum. Abhandlungen und Berichte, Kultur und Technik, Museumskunde*, República Federal Alemã; *Revista Muzeelor si Monumentelor. Muzeu*, Romênia; *AIM Bulletin*; *Briths Museum Society Bulletin*, *Museums Journal*; *Scottish Museum News*, Reino Unido; *Svenska Museer*, Suécia; *Information VMS/MAS*, Suíça; *Muzejní a Vlastivdná Práce, Múzeum, Múzeum, metodický, studijný a informacný materiál, Národní Muzeum V praze. Časopis: Rada Historická*, Tchecoslováquia; *Soviet Museum*, *Museum News*, URSS; *Vijesti Muzealaca I konzervatora Hrvatske*, Iugoslávia.

As revistas comentadas em artigos específicos são: *Revista Muzeelor*, rumena; Bucarest iniciada em 1964 com interrupções por razões políticas; *Museumskund*, República Federal Alemã, iniciada em 1905; *Neue Museumskund*, República Democrática Alemã, início em 1958; *Múzeum*, eslovaca; após 1984 (não consta da lista anterior); *Musée soviétique*, publicada pelo Ministério soviético da Cultura e a Acadêmica de Ciências da URSS – a data de início da publicação não é mencionada, exceto que Y. P. Pischulin tornou-se seu redator chefe após 1983; *Svenska Museer*, Suécia, nascida em 1932, publicada Associação de Museus Suecos; *Museum Journal* - apresentando *The Newt* 1989), crônica mensal dirigida à conservadores; *Muse* - Canadá; publicada pela Associação de museus canadenses, reformulada a partir de 1983; o boletim do México; o *AGMANZ*, da Nova Zelândia. Além disso uma nota sobre a pesquisa de Jacqueline Falk Maggi e Gaël de Guichen, sobre o pouco noticiário sobre museus na imprensa cotidiana européia (*op.cit.*, 214). A maioria é publicada por associações, não é raro comentarem sobre as dificuldades financeiras; os objetivos em geral são voltados para as instituições e profissionais; algumas foram iniciadas no começo do século XX, tiveram sua denominação alterada, e sob regimes totalitários foram fechadas e reabertas.

³⁵¹ Van MENSCH; 1992: *The museology discourse*: 1 de 14.

³⁵² Van MENSCH; 1992: *Purpose of understanding* : 1 de 7.

³⁵³ Refiro-me à duas partes: *Object of knowledge* e *Purpose of understanding* (tese: 1992).

se segue não exaure as múltiplas seqüências de conceitos sobre objetos de museu, museus e museologia emitida nos anos 1980, bem como as interrelações propostas por aqueles colaboradores. Alguns deles não se furtaram a ajustes de suas próprias concepções, alterando-as ou refazendo-as com o passar dos anos, caso por exemplo do tcheco Z.Z.Stransky³⁵⁴, apontando para o fato de que, se o processo de teorizar a museologia já havia se iniciado muito antes³⁵⁵, o terreno ainda era movediço.

O ângulo inicial da museologia como ciência dos museus foi se abrindo em leque. Surgiram bifurcações, cada uma delas agrupando traços comuns. Stransky preferiu delas dizer "tendências de conhecimento" para a busca do objeto de conhecimento³⁵⁶, e van Mensch de 'escolas' (aspas usadas pelo autor)³⁵⁷ para

³⁵⁴ Stransky mudou de idéia afirma van Mensch, caso da explanação que apresenta sobre musealidade. A explanação de musealidade (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 2 e 3 de 11).

³⁵⁵ O primeiro a discutir a natureza do objeto de conhecimento da museologia foi o checo Jiri Neustupny, nos anos 1950. Nos anos 1960 na República Democrata Alemã, um grupo o definiu como sendo "a totalidade do trabalho em museu", discussão que teve continuidade no primeiro simpósio sobre a teoria da museologia, ocorrido em Brno em 1965 (Tchecoslováquia). Os participantes, narra van Mensch, não chegaram a "qualquer conclusão". Com base num levantamento realizado em 1983 por A. C. Zijdeveld, o ICOFOM procura em 1986 num *workshop* (realizado em Berlim, e Alt Schwerin) fazer um balanço do 'estado de arte' da museologia (tendo no grupo como convidados: Mathilde Bellaigue; Carrillo; Decarolis, Desvalées, Gluzinski, Jensen, Sofka, Šola, Spielbauer, Schreiner, Stransky, Tsuruta, Grote e o próprio van Mensch). Os resultados desse trabalho nunca foram publicados cf. van Mensch (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* - 1 e 10 de 11).

³⁵⁶ Van MENSCH; 1994:1

³⁵⁷ Peter van Mensch diz que pouco foi publicado sobre teoria da museologia que não estivesse vinculado ao grupo do ICOFOM. Outros grupos seriam na Europa: em 1980, um grupo germânico de teóricos de museus, surgidos 'repetentinamente' mas não formavam um grupo estruturado. Tinham idéias similares inspiradas em autores pós-modernos Walter Benjamin, Jean Baudrillard, Henri Pierre Jeudy e Herman Lübbe. Numa publicação em alemão *Die Welt als Museum* (1987), no qual o ponto central é o conceito de 'musealização', o único autor também participante do ICOFOM foi Zbynek Stránský. Este "grupo" (em aspas de van Mensch) não participava das atividades do comitê com influência restrita aos falantes de língua germânica em parte da Europa.

Um outro grupo seria formado pelo Departamento de *Museums Studies* (Leicester University) e teria forte tendência ao estruturalismo. Pós-modernos seguiam autores como Foucault, Barthes, Bourdieu, dirigidos por Susan Pearce, contando com Eileen Hooper-greenhill e Gaynor Kavanagh. Assentavam-se na idéia de museologia/atividades de museu. Produziram muitas publicações, entre elas "A nova museologia" (*The new museology*, com uma conexão clara para van Mensch com o movimento francês da 'nova museologia' (muséologie nouvelle). Eles não se interessavam, tal como o grupo germânico, pela museologia como disciplina acadêmica, completa. Ainda na Europa, van Mensch comenta que em 1991 não se podia avaliar as conseqüências, da "abolição da museologia marxista-leninista".

Estados Unidos: teria vindo a influência de uma maior preocupação com os monumentos e sítios (arqueológicos), gerando e introduzindo termos na museologia como 'gerenciamento de patrimônio' (*heritage management*) e 'gerenciamento de recursos culturais' (*cultural resource management*). Esses termos teriam chegado à Europa após um congresso realizado em Southampton (*The World Archaeological Congress*), em 1986 (van MENSCH; 1992: *Introduction*: 2 e 3 de 5).

Em outra parte de sua tese van Mensch afirma que o primeiro a discutir o objeto da museologia foi J. Neustupny em 1950. Após 1965, com as discussões sobre o objeto da museologia na República Democrática Alemã, em Brno, elas proliferaram e se "cristalizaram em poucas bem-definidas escolas de pensamento" (van MENSCH; 1992:

dizer da orientação cognitiva da museologia³⁵⁸.

O que van Mensch agrupa por objeto de conhecimento (as tendências de Stransky), são uma série de perspectivas, geradas a partir de três pontos: o objeto de museu, o museu e as funções de museu. Haveriam então 'museologias'³⁵⁹, já que as perspectivas se alternam e se interseccionam, fazendo brotar outras alternativas, mas que não se afastam muito desse tripé. Dentre os aspectos procurados esperava-se mapear leis que regessem a museologia³⁶⁰.

A museologia articulada sobre o objeto de museu ('herança' recebida³⁶¹) seria uma decorrência da aplicação da metodologia dialética-materialista³⁶², pela qual os objetos passam a ser vistos como fontes primárias de conhecimento. Nesse caminho, a Museologia choca-se com as chamadas disciplinas de base uma vez que, para estudar esses objetos materiais, recorre-se a outras disciplinas³⁶³.

Para tentar realizar a secção tendo no horizonte a Museologia, Stransky, por exemplo, propôs o critério de 'musealidade'³⁶⁴ ressaltando o valor documental do objeto ou o objeto percebido como documento já que representativo de certos valores sociais. Um outro ponto de secção é dado pelo croata Ivo Maroevic: a museologia lidaria com a informação "estocada dentro da estrutura material [da] museália" e não com o objeto em si³⁶⁵. Dessa forma se distingue a 'informação

Object of knowledge: 1 de 11). O francês André Desvallées refere-se em 1987 à 'escola tcheca' mas para van Mensch esta denominação não se baseava num conhecimento insuficiente da situação na República Tcheca (*idem*, 2 de 11).

³⁵⁸ Van Mensch; 1992: *Purpose of understanding* : 1 de 7.

³⁵⁹ Todos os autores citados por van Mensch, são do Leste Europeu: 1950 (Neustupny); 1960 (com pessoas da República Democrática Alemã); 1966 (com Stransky). De 1970 a 1980, um salto nos autores citados por van Mensch: 1980 (Jensen); 1981 (Benes), 1983 (Gluzinski; Hofmann); 1986 (Schreiner); 1988 (Razgon) (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 1 de 11).

³⁶⁰ van MENSCH; 1992: *Object of knowledge*

³⁶¹ Aspas do autor (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 1 de 11).

³⁶² Um eixo que teria sido iniciado nos anos 1930 (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 2 de 11). Note-se que nesses anos desenvolve-se na URSS estudos de cultura material, que vão influenciar a Arqueologia.

³⁶³ Como Arqueologia, Etnologia, História da Arte, e assim por diante, na dependência, num primeiro momento, do tipo de objeto, o que não os exime de serem colocados sob ângulos de análise múltiplos.

³⁶⁴ De Stransky: "O objeto de conhecimento adquire intenção da museologia é musealidade, concebido no contexto de sua história completa, e função social presente e futura". Depois Stransky a relacionou com autenticidade; depois como "aspecto específico da realidade" mudando nessas alturas (1980), também sua interpretação de museologia ("A missão da museologia é interpretar cientificamente a atitude do homem com a realidade [*i.e.* a atitude específica na qual encontra sua expressão de inclinação para adquirir e preservar autênticos valores] que nos faz compreender musealidade no seu contexto histórico e social"). Frente a essas alterações, van Mensch refere-se ao conceito de musealidade de Stransky como o 'velho' e o 'novo' conceito. O alemão (da Alemanha oriental) Klaus Schreiner o critica, dizendo que o conceito de musealidade é produto do "pensamento burguês", e o considera somente como "uma parte da teoria museológica". (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 2 e 3 de 11).

³⁶⁵ Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 3 de 11.

cultural' de interesse da museologia, da 'informação científica' de interesse das disciplinas de base.

Contudo, a perspectiva da Museologia-objeto de museu nele não estancou. Passou para 'fenômeno', o que dá a entender uma relação mais ampla sustentada pela noção de patrimônio. O deslocamento se faz do 'objeto' para 'valor', e de 'objeto de museu' para 'patrimônio', segundo van Mensch. O foco vai se extrapolando. Tomislav Šola, concebeu uma disciplina denominada 'heritologia' açambarcando, sob a Museologia, outras áreas como arquivística, biblioteconomia, preservação histórica³⁶⁶.

A museologia apoiada nas funções dos museus³⁶⁷, *grosso modo* corresponderia às atividades específicas também sobre objetos, ou seja o estudo das atividades de museu, ou dos trabalhos de museu (cf. V. S. Schimpff; 1982)³⁶⁸, ressaltando o trabalho e profissão como algo próprio e particular de museus, e sua também particular atribuição social, sua missão.

Subjacentemente, no entanto, permanece a intenção de diferenciar o objeto de museu como fonte original de informação, ou em razão de sua autenticidade, como foco de fenômenos cognitivos (cf. Razgon), ou como fulcro principal de atividades (seleção, preservação, interpretação, investigação, exposição e comunicação). Da compreensão desse apanhado ter-se-ia o conhecimento específico da Museologia.

Esta visão foi rebatida com o argumento de que as atividades seriam somente parte da museologia e não seu objeto primeiro (cf. Ilse Jahn, 1981), pois poderiam ser desenvolvidas para além do objeto de museu, ou seja, sobre o patrimônio natural e cultural. Seguindo esse raciocínio haveria uma museologia "fora dos museus" (cf. van Mensch, Pouw & Schouten, 1983, e Deloche)³⁶⁹. Uma vez aceita esta proposição, outras expressões lhe seriam mais adequadas – "gerenciamento de patrimônio", "recursos de patrimônio", "recursos culturais" – as quais significativamente, diz van Mensch, não eram empregadas nos documentos

³⁶⁶ *Idem*

³⁶⁷ Peter van Mensch agrega a essa categorização de museologias orientadas para a função, várias concepções de museologia (Razgon, 1978, 1982 e 1983), dos alemães orientais Ilse Jahn, Klaus Schreiner, Schimpff, **Jensen**, Sofka (1981), Benes (1981), Bedekar 91987), a sua própria associada Pouw & Schouten (1983), Šola (1992), Hodge (1983), Myles (1983), Schubertova (1979 e 1982), Gluzinski (1988), Stransky (1974, 1981, 1983), Gregorova (1980), Carrillo (1988), Rússio (1981, 1983), Tsuruta (1980), Spielbauer 91986), Horta (1987), Taborsky (1982), Desvallees (1987) (van Mensch; 1992: *Object of knowledge* : 4 a 7 de 11).

³⁶⁸ Todas essas concepções e seus respectivos autores estão apresentadas em van Mensch; 1992, incluindo Shimpff, citado no decorrer do texto mas não na bibliografia. (SHIMPFF *apud* van Mensch; 1992: *Object of knowledge*: 4 de 11).

³⁶⁹ Entre os autores e concepções de museologia van Mensch cita em primeiro lugar os do leste europeu; as dele (& Pouw e Schouten; 1983); Deloche, francês. Escreve: "*Contrary to the East Eurpoean approaches (...) the activities are not seen as exclusively implemented within the context of the museum institution. In other words: there is also a museology outside museums*" (van Mensch; 1992: *Object of knowledge* : 4 de 11).

do ICOFOM, sugerindo-lhe uma falta de alerta para com as “novas tendências no campo cultural”³⁷⁰.

Os deslocamentos da rota inicial vão se desdobrando³⁷¹, tendo como ponto de partida o objeto de museu para a relação estabelecida entre atividades e objetos, destes para as emoções que eles podem acionar chegando-se, num “mais alto nível de abstração”, ainda van Mensch, à relação dentro dos museus entre homem e realidade³⁷². O autor dessa noção é nomeado: o tcheco Zbyněk Z. Stransky³⁷³. Esta concepção difundiu-se pela *MuWoP/DoTraM* (no. 1; 1980) num artigo da tcheca Anna Gregorova³⁷⁴. Entretanto, na análise de van Mensch essas abordagens estariam mais vinculadas à prática do que à teoria, sem uma distinção (‘clara’, escreve) entre as funções institucionais do museu e as funções da museologia. Para o norte-americano Ellis Burcaw, essa abordagem (que ele denomina “a dos alemães”) era “uma tendência fatal”. Eles estavam indo “longe demais”³⁷⁵.

Na museologia orientada para os museus, a perspectiva “mais popular entre os que trabalham em museus” corresponde à organização dos museus³⁷⁶. Posteriormente se expandiu, e além da organização, corresponderia também ao estudo da história dos museus, do seu papel na sociedade, da sua pesquisa

³⁷⁰ Van Mensch; 1992: *Object of knowledge* : 4 de 11.

³⁷¹ De museologia como ciência social que estuda processos e leis da preservação da informação social e a transferência de conhecimentos e emoções através de objetos, para museus como fenômeno (do ponto de vista histórico) (cf. Razgon), para as propriedades e leis do processo de coleta e suas decorrências dentro do museu tendo no objeto móvel a fonte autêntica de conhecimento e experiências emocionais (cf. Schreineir, 1985); teoria das atividades e meios através dos quais a sociedade, com a ajuda de instituições especiais, seleciona, preserva, e utiliza autênticos objetos ilustrando o desenvolvimento da natureza e da sociedade humana (cf. Benes, 1986); conceitualização profissional e uma interpretação profissional recomendativa de procedimentos válidos para alcançar os objetivos dos serviços de museus (cf. Bedekar, 1987); todo o complexo de teoria e prática envolvendo o cuidado e uso da herança cultural e natural (cf. van Mensch, Pouw & Schouten, 1983); conjunto de estratégias especificamente orientadas para esse objetivo (cf. Deloche) Van Mensch não refere a data desta concepção, mesmo na bibliografia desta parte (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 5 de 11).

³⁷² Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 6 e 7 de 11.

³⁷³ Zbynk Z. Stransky, é apresentado em 1980 na *MuWoP/DoTraM* com diretor do departamento de museologia do museu da Morávia (Brno; Tchecoslováquia), e diretor do departamento de museologia da Faculdade de filosofia na *Jan Evangelista PurkynK Universit*, na mesma cidade.

³⁷⁴ Havia simultaneamente (publicados na *MuWoP*, no. 1) outros conceptores influenciados por Stransky ou Gregorova : Gluzinski (como ‘fator-M’, 1983), Waldisa Rússio (com ‘fato museal’, 1981 e 1983); Spielbauer (com uma museologia ‘ativa’ em dinâmico intercâmbio entre indivíduo/audiência/comunidade; 1988). Ou de outras concepções como as de Edwina Taborsky dentro de uma perspectiva semiótica (museus lidam com a preservação e produção das imagens sociais e delas geram conhecimento; 1982), seguida pela brasileira Maria de Lourdes Horta (1987) (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 4 a 6 de 11).

³⁷⁵ Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 7 de 11.

³⁷⁶ Concepção relacionada à definição de museologia de 1958 (pela UNESCO, Rio de Janeiro) (cf. van Mensch; 1992 *Object of knowledge* : 7 de 11).

específica, da conservação, da educação, do relacionamento com o meio-ambiente físico e da classificação de diferentes tipos de museus (ICOM;1972), agrupados nos chamados "estudos de museu"³⁷⁷.

Desse núcleo também partiram outras concepções como a de W. Gluzinski (1983), em sua "Museologia Postulada" propondo-a como "essência [de] museu", o "fator M", referindo-se à transmissão simbólica de valores impregnados nos objetos, uma questão de comportamento cultural específico manifestado nos museus, envolvendo questões de classes sociais, já que a forma (do objeto) estaria por eles marcada³⁷⁸.

Críticas feitas a esta abordagem recaem sobre o fato de que o museu não pode ser objeto de conhecimento, mas só sua base de referência (Jahn; 1981), seu ponto apriorístico. Nesse aspecto uma analogia bastante utilizada e divulgada procura demonstrar que museologia não é a ciência dos museus. Ei-la: da mesma forma que a pedagogia não é a ciência das escolas, não existe, escreve Šola, a 'escolologia', ou 'igrejologia', ou a medicina dos hospitais, o que há são princípios gerais teóricos aplicáveis – para as escolas, os princípios pedagógicos. Igualmente não há, portanto, deve-se concluir, uma 'ologia dos museus' (*museum-ologia*) como a ciência de museus, mas sim a museologia como princípio geral³⁷⁹.

Desde Neustupny (anos 1950) o museu não poderia ser um objeto de estudo pois instrumento condicionado historicamente para a integração de várias disciplinas³⁸⁰.

Para o norte-americano³⁸¹ Ellis Burcaw tratava-se de uma questão de intenção do termo que, no entanto, não poderia ser aplicado ao trabalho de museus privados, comerciais ou não-profissionais, nem aos museus típicos do passado, nem aos trabalhos de museus do futuro³⁸². Para Tomislav Šola, restringir os museus às atividades, mesmo que dentro do seu campo, e ter uma atitude idêntica com relação ao ambiente e à sociedade, seria repetir as limitações, uma visão estreita³⁸³.

As concepções ao serem expostas são criticadas e, no rebate, os autores vão apresentando argumentos e contra-argumentos³⁸⁴. Vejamos um exemplo

³⁷⁷ Visão de um "empirismo estreito", segundo van Mensch (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 7 de 11).

³⁷⁸ Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 7 de 11.

³⁷⁹ ŠOLA *apud* van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 7 de 11.

³⁸⁰ Van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 8 de 11.

³⁸¹ Peter van Mensch afirma com base em dados numéricos sobre o perfil do ICOFOM naquele período que os norte-americanos estariam menos inclinados a participar deste comitê (van MENSCH; 1992 *International Committee for Museology*: 11 de 20).

³⁸² BURCAW; 1995: 14.

³⁸³ *Idem*, 8 de 11.

³⁸⁴ Klaus Schreiner critica Stransky que critica Šola e a concepção de 'heritologia' com o

mais detalhado desse diálogo entre 'museologias' acompanhando a posição de Ellis G. Burcaw, num documento do *ISS* (1983) e, num contraponto, poucos anos depois, com a do iugoslavo Tomislav Šola, num artigo para a *Museum*, na seção Tribuna Livre (1987), que na *ISS* participa da discussão sobre ecomuseus. Ambos compreendiam que a museologia seria uma ciência independente mas de ângulos diferentes. Para Burcaw era o resultado do cruzamento das atividades internas dos museus e nada mais, perspectiva partilhada por alguns europeus. A museologia-ciência seria algo para descrever, organizar e prescrever³⁸⁵. Para Šola, a museologia-ciência deveria ser mais ação do que instituição, deixando de ser obsoleta na medida em que assimilava o que lhe era contemporâneo.

Ellis G. Burcaw, um personagem que aparece no *ISS* e *MuWoP/DoTraM*, não tinha dúvidas sobre a museologia como ciência embora afirmasse não ter nela pensado como disciplina teórica e filosófica³⁸⁶. Para ele o termo museologia era necessário, mas algo próprio dos profissionais de museu: "um termo que pertence aos museus contemporâneos da forma como é definido pelas nossas organizações profissionais, e como é descrito e promovido pelos periódicos e convenções [dos] museus"³⁸⁷.

Atribuiu e responsabilizou outros significados para museologia em razão das diferenças entre regimes políticos³⁸⁸, aplicando para os museus a mesma divisão então em vigor do mundo – países capitalistas de um lado, socialistas do outro - sem esquecer de declarar a importância da cooperação internacional, troca de idéias e informação³⁸⁹.

Os socialistas (a *MuWoP/DoTraM* é considerada por ele como um jornal dos países socialistas), é que tinham a necessidade de atribuir um nome para "essa nova ciência". Recomenda: "Deixe-os escolher um outro nome", mas, museologia usada no sentido tradicional criaria menos confusão "para a maior parte do mundo". Para Burcaw, o sentido tradicional vinculava museologia com teoria de museu, e não com a "realidade material da humanidade", tal como

argumento de que o que cabe ao museu é "específica relação do homem com a realidade" (em 1984). Hofmann critica o conceito de 'objeto de museu'; Schreiner, Ilse Jahn e Benes criticam a distinção de Maroevic para informação cultural e a científica, que teria sido influenciada pelo conceito de musealidade de Stransky (Ver van Mensch; 1992: *Object of knowledge* : 2-4 de 11). Novamente Burcaw, no contra-argumento, declara acreditar que cada teoria tem sua aplicação prática. Na contra-argumentação de Bedekar, a museologia e museu são "nomes dados (...) para enfatizar dois aspectos de um único empreendimento humano", aqueles que pensam o contrário, diz, fazem "uma tragicomédia da museologia contemporânea". O alvo de Bedekar, Stransky (van MENSCH; 1992: *Object of knowledge* : 8 de 11).

³⁸⁵ Van MENSCH; 1989:20 ou 21.

³⁸⁶ BURCAW; *ISS*, no. 1, 1995: 13.

³⁸⁷ BURCAW; *ISS*, no.1, 1995:14.

³⁸⁸ BURCAW; *ISS*, no.1 ,1995:12.

³⁸⁹ BURCAW; *ISS*, no. 1, 1995: 13.

empregado pelos socialistas, uma vez que não necessariamente esta concepção estava em conexão com os museus³⁹⁰.

'Deixar' a museologia como se apresentava era torná-la "mais científica, mais intelectual, mais eficiente, mais sistemática enquanto ainda serve como ciência de museu". O esquema proposto de museologia geral, museologia especializada e museologia aplicada (museografia) acomodava, no seu entender, as necessidades dos museus em relação aos contextos culturais como para a profissão internacional³⁹¹.

Burcaw, diante de tais argumentos, defende uma única museologia geral, igual em qualquer lugar do mundo e, também, uma unicidade de profissão. Mas não os museus. Os de 'posição comunista', servindo a propósitos marxistas-leninistas, encorajavam o público a aceitar a política e padrões econômicos dos seus governos; estavam a serviço da disseminação de uma doutrina. Isto o fez questionar o que de fato seria estar "à serviço da sociedade"³⁹².

Suas idéias foram rebatidas, por não ser possível aceitar uma museologia dividida em leste e oeste, pois o comando das decisões sobre os museus não seria da alçada política mas uma tarefa que deveria estar na mão de curadores³⁹³; outros, reutilizando a mesma expressão (deixe - *let* em inglês) sugerem, na contra-mão das idéias de Burcaw, que ele sim deixasse que fosse proposta uma teoria da museologia no sentido de ciência. Respondem: deixe-nos testar uma teoria com o melhor de nossas habilidades, ou ainda, deixe-nos ter mais diálogo e avaliação crítica dos nossos respectivos pontos de vista³⁹⁴.

Despontam aí sugestões para que se refaçam as definições do ICOM com o argumento de que a de museu já havia mudado no decorrer dos anos, mas a de museologia, "não era tão velha"³⁹⁵. Um comentador compartilha com Burcaw a idéia de denominar a tal nova ciência não de museologia, mas "ciência

³⁹⁰ Aceitar a definição do ICOM (daquele período) significava partilhar a idéia de que museologia se referia ao estudo da instituição museu, e museografia dos assuntos práticos (BURCAW; *op.cit.*,14-15).

³⁹¹ BURCAW; *ISS*, no. 1, 1995: 14-15.

³⁹² A título de exemplo: no artigo escrito por Dieter Eckhardt, *The Goethe Museum, Weimer (Museum)*; no. 1/2:67), o autor declara a intenção de que o museu sirva como meio de educação. Se as tomadas de posição ideológicas se afinizam com a política em vigor, o que Burcaw deixa de comentar é o inverso, o papel ideológico dos museus norte-americanos, voltados desde seus primórdios para a educação do público, um serviço necessariamente a ser prestado.

³⁹³ (BURCAW; 1955: pg. 57 – *ISS*, no. 1). Não se identifica completamente os autores dos *Comentários* dessa primeira publicação, embora nos *Contents*, no tópico 'Sumário e análise dos documentos preparados para o simpósio', a norte-americana Judith K. Spielbauer (Oxford; EUA) é apresentada como autora de um balanço geral sintetizando as idéias de cada uma das respostas enviadas, autor por autor. As páginas estão numeradas em ordem sequencial e para o *ISS* no.1 – onde se encontra este *paper* de Burcaw, conta-se com cinco comentários.

³⁹⁴ *ISS*, no. 1: 70.

³⁹⁵ *ISS*, no. 1: 69.

material" ("*material science*"), ou de "heritologia"³⁹⁶, seguindo a proposta de Tomislav Šola. Um outro alerta sobre a confusão criada por Burcaw entre "teoria" e "ideologia" ou "filosofia política"³⁹⁷. Outro retruca que os museus deveriam ser guiados pelo tipo de trabalho com coleções, preservação, exposições, educação, e não por diferenças ideológicas, essas desnecessárias³⁹⁸.

A posição de Burcaw não foi um episódio único, nem tão completamente desarticulado do que se pensava sobre a necessidade de identificar o ponto no qual a museologia se fazia disciplina independente. A posição assumida por este representante norte-americano (o que não diz da maioria, mas naquele momento um colaborador presente nos escritos do *ISS* e *MuWoP/DoTraM*³⁹⁹), provavelmente correspondia a um pragmatismo, menos tendente a complexificar a relação que lhe parecia inútil desatar entre museologia e museu.

Em terras européias a independência era esperada a "mais de um século", segundo Šola, num texto traduzido do servo-croata⁴⁰⁰. A independência deste conhecimento particular, disciplina acadêmica ou disciplina científica – expressões muitas vezes empregadas como sinônimos – viria, na sua visão, do estabelecimento de um sistema, este o "traço distintivo de qualquer ciência", e de uma "terminologia museológica digna desse nome". Para ele (ou quantos mais?) era desalentador perceber que, embora houvesse esforço por parte de especialistas para tentar formular proposições, no sentido de mostrar as origens da museologia, elas eram numerosas, complexas e incorretas. Centrar a museologia nos museus, além de ser um "difícil trabalho de parto"⁴⁰¹, demonstrava a situação caótica, uma museologia sem o caráter de ciência. Era frustrante. Para que a museologia se tornasse ciência, seu conselho era de que se deveria aceitar em primeiro lugar a obsolescência de concepções e de métodos.

Explicava o que era obsoleto.

A museologia tradicional, a da "ciência dos museus", não conseguia justificar nem mesmo a existência do museu clássico⁴⁰² presa à lógica do século

³⁹⁶ Aspas duplas do autor (*ISS*, no.1: 95).

³⁹⁷ *ISS*, no. 1: 78.

³⁹⁸ *ISS*, no. 1: 111-112.

³⁹⁹ Os laços entre Europa e Estados Unidos se estreitam através das associações, caso da *American Association of Museums*, que cita entre suas definições de museu a do ICOM.

⁴⁰⁰ O trecho a seguir e as citações são do mesmo texto de ŠOLA; 1987

⁴⁰¹ ŠOLA; 1987: 47

⁴⁰² Para Šola, o museu tradicional era resultado de uma "ambição escatológica", uma manifestação do "complexo faraônico" da humanidade. Lugar solene, reservado a iniciados sugerido pelas entradas majestosas refletindo sobre os objetos que expõe. Neles, a peça de coleção é antes de tudo um objeto de valor (por seu material, trabalho, raridade), com função de fomentar o prestígio dos colecionadores. Sem "querer abolir o Louvre", para este autor este tipo de museu seria transformando num "monumento do patrimônio histórico e cultural" (ŠOLA; 1987:47).

XIX (o autor não explicita), aos conhecimentos práticos e centrada na instituição, desta forma redutiva, afirma. Também não dava conta de justificar nem a “segunda geração de museus”⁴⁰³. Šola procura com sua crítica, mesmo considerando a museologia “inexistente”⁴⁰⁴, encontrar lugar e justificativas para falar de museologias, no plural, o que estava ao mesmo tempo correto e incorreto. Vai aos argumentos: correto se pensarmos que ciência é universal, uma e única; incorreto, pois a museologia tradicional “é (...) ineficaz e incapaz de ser aplicada fora do contexto cultural que lhe deu origem”.

O que Šola procurava defender são os caminhos que chamou de alternativos, impossíveis, naquela altura, de serem suprimidos. Referia-se aos ecomuseus (ecomuseologia), experiência irradiada da França, quadro que pode ser ainda mais ampliado por outras expressões: museologia comunitária ou popular, museologia ativa ou experimental, museologia antropológica⁴⁰⁵. Era tão forte essa presença alternativa que o próprio ICOM tinha sido levado a reconsiderar (desde o período de sua criação, afirma) suas funções, objetivos e métodos. Uma vez que *‘tudo’*⁴⁰⁶ poderia ser considerado peça de museu, agora eram as idéias e não mais os objetos (ou coleções; a esfera física, material) o foco da museologia pois, conclui, sua esfera “é de caráter metafísico”. Categórico, diz: “O verdadeiro objeto de museu é a transmissão de informação pertinente, cuja forma de apresentação não é necessária e exclusivamente o objeto tridimensional”⁴⁰⁷. Informação e comunicação passam a freqüentar os discursos sobre museus.

As conseqüências dessa mudança, pensava Šola, eram “imprevisíveis”, o museu poderia pertencer até mesmo ao passado⁴⁰⁸.

2.4.2 Nova Museologia

Não havia dúvidas sobre a função de preservação e educativa (ou função pedagógica)⁴⁰⁹ desempenhada pelos museus *para* a sociedade, essa

⁴⁰³ No contexto dos ecomuseus, a primeira geração de museus seria dos parques naturais regionais; a segunda a do museu da comunidade urbana (área industrial) de Le Creusot – Montceau-les-Mines, França (cf. Marcel Evrard; 1980) um museu “aberto” (éclaté), operando na forma de “antenas” com centros de animação, coleta, pesquisa, atividades educativas e culturais (EVRARD; *op.cit.*, 227). Após Le Creusot, seriam os ecomuseus de ‘terceira geração’, “museus da recessão”, cf. François Hubert (HUBERT; 1985: 188). Outra concepção de museus em geração Ver PADILLA, Jorge: 2001.

⁴⁰⁴ ŠOLA; 1987:47.

⁴⁰⁵ THIVIERGE; 1985:4-6.

⁴⁰⁶ Itálico do autor, ŠOLA; 1987: 47.

⁴⁰⁷ ŠOLA; *op.cit.*, 47

⁴⁰⁸ *Idem*, 49.

⁴⁰⁹ A função educativa dos museus foi firmada num seminário organizado pela UNESCO e o ICOM, no Rio de Janeiro, em 1958 (de 7 a 30 de setembro) (Ver ARAÚJO, Marcelo Mattos;

compreendida como sua verdadeira missão. Outros, no entanto, se não desconsideravam a importância dessas funções, questionavam a posição dos museus estratificada numa hierarquia “de cima para baixo” ou da instituição para o público. A inquietude vinha da constatação de que essa hierarquia não correspondia de fato às necessidades da sociedade, especificamente de determinados grupos sociais mais vulneráveis às mudanças econômicas e políticas.

Nesse contexto, os museus e os objetos de museu seriam o limite do patrimônio? Contrapunha-se aqui, no plano das concepções, a ação do museu tradicional (sintetizado na conservação/preservação, edificação, objeto e público), e possibilidades de ação considerando-se os problemas da sociedade. A inquietação levou ao descontentamento, e o ICOFOM chegou ao ano de 1984 com uma questão interna para resolver, a de integrar ou não os movimentos novos que reivindicavam seu lugar e fala⁴¹⁰. A museologia tradicional se encontrou, e se defrontou, com a Nova Museologia⁴¹¹.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; 1995).

⁴¹⁰ O português Mario Canova Moutinho relata no seus comentários sobre a Declaração de Quebec, de 1984 no Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, da tentativa que houve para intercambiar experiências da ecomuseologia e da nova museologia, e também de relacioná-las com a museologia em geral. Nesse encontro, um grupo de museólogos desiludidos com a “atitude desagregadora do ICOM e em particular do ICOFOM (...) claramente manifestada na reunião de Londres de 1983, rejeitando liminarmente a própria existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da museologia instituída”, reuniu-se de ‘forma autônoma’ para avaliar, conceitualizar e dar forma a uma outra organização alternativa para uma também museologia alternativa. Esta se opunha à museologia de coleções a favor de uma museologia de caráter social. Foi criado o MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia que contribuiu para o “reconhecimento no seio da MUSEOLOGIA, do direito à diferença” (ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; 1995:26 e 29).

⁴¹¹ André Desvallées diferencia o período do conceito de nova museologia e sua oficialização. Esta teria ocorrido em 1982, numa assembléia da Associação dos conservadores franceses quando Évelyne Lehalle com Chantal Lombard, Alain Nicolas e Willian Saadé, estabelecem os estatutos de uma associação – M.N.E.S – *Museologia nouvelle et experimentation sociale*. Numa retrospectiva possível das fontes diferentes das quais poderia ter nascido (ou influenciado) o conceito de nova museologia, aponta: **1957** - Freenam Tilden lança a visão de interpretação do patrimônio que teria revolucionado a museografia dos centros de interpretação; **1962** - George Henri Riviére, presidente do ICOM desde 1946, e Hugué de Varine – como conceptores do ecomuseu; **1966** - os primeiros museus *in situ* de parques naturais. Ou também na reunião em Aspen (Colorado) em que Sidney Dillon Ripley, secretário do *Smithsonian Institution*, lança a idéia de um museu de vizinhança experimental e dá a Kinard a possibilidade de desenvolver seu projeto em Anacostia. **1969** - o seminário ocorrido no *Bedford Lincoln Neighborhood Museum* (Brooklyn; Estados Unidos) sobre “museus de vizinhança” (*neighborhood museum*) e o “papel do museu na coletividade” do qual participou Emily Dennis-Harvey e John Kinard fundador do *Neighborhood Museum* no bairro de Anacostia em Washington. **1971** - entre Paris, Dijon e Grenoble, quando ocorre uma conferência geral do ICOM com o tema “O museu à serviço dos Homens, hoje e no futuro?”. Em Dijon, pela primeira vez, Robert Puoujade primeiro ministro lança na França o termo *ecomuseu*. Em Grenoble, Duncan F. Cameron fala da “linguagem de comunicação nos museus”; John Kinard expõe idéias sobre o museu comunitário em Washington; Stanislas Adotevi, do Dahomey, fala do elitismo nos museus do Terceiro e Quarto mundos, nos quais a população não entrava. **1972** - com a mesa redonda realizada em Santiago do Chile, organizada pela UNESCO com o tema “Papel dos museus na América Latina”, ou com um colóquio realizado em França nesse mesmo ano com o tema “Museu e meio-ambiente”. **1978** - ‘mais conscientemente’ usa-se pela

Os adeptos desta filosofia de ação preconizavam uma "museologia popular"⁴¹², cujo aspecto significativo seria compreender e empregar as atividades de preservação do patrimônio - o zelo pela Cultura - como operadoras concretas de transformações auxiliando inclusive na revitalização de postos de trabalho, retomando artesanias, atividades agrícolas e industriais⁴¹³.

Há evidentemente nessas propostas aspectos políticos e econômicos explícitos. Atravessava-se dos anos 1970 para os 1980, uma das fases de recessão econômica mundial⁴¹⁴. Esta ação, sob a análise do francês Marcel Evrard, seria um projeto experimental, um instrumento de "compreensão e (...) matriz de mudanças econômicas, sociais e culturais"⁴¹⁵.

Para Pierre Mayrand, elas instalavam transformações radicais nas finalidades da museologia e, em consequência, na mutação da mentalidade e atitudes dos "museólogos"⁴¹⁶. Essas mudanças não vieram repentinamente⁴¹⁷ e chegam ao ICOFOM (em Londres, 1983)⁴¹⁸ na forma de descontentamento dos

primeira vez a expressão 'nova museologia' (DESVALLÉES; 1992;15 a 19).

⁴¹² MAYRAND; 1985:200.

⁴¹³ MOUTINHO; 1995: 27.

⁴¹⁴ HOBBSAW; 2000.

⁴¹⁵ Marcel Evrard reinterpreta o museu "eclaté" da comunidade urbana de Le Creusot - Monteceau-les-Mines, na França (EVRARD; 1980: 227).

⁴¹⁶ Aspas duplas do autor (MAYRAND; 1985:199).

⁴¹⁷ Após a Segunda Guerra os museus europeus passam por uma reestruturação. Os museus norte-americanos, voltados desde o início para o atendimento do público, particularmente na sua educação (Ver SUANO; 1986), parecem ser uma fonte de exemplos. Pode-se observar nesse clima uma série de artigos da *Museum* publicada em 1949 (*Museum*; 1949, vo. II/no. 2 :1-10; o primeiro número é de 1948), várias experiências norte-americanas de atividades educativas em museus são apresentadas. Grace Morley, por exemplo, tece comentários sobre a reestruturação geral e apresenta um painel sobre museus em países em diferentes continentes (África, América Latina, Ásia, Oriente Próximo) além, naturalmente, dos museus europeus. Apresentando a UNESCO como uma porta de compreensão internacional, comenta a importância do papel dos museus na educação - "relativamente recente" -, e como contribuidores "para ilustrar programas escolares ordinários". Emprega a expressão 'serviço educativo', no sentido de atividades desenvolvidas pelos museus para se aproximar do 'grande público' (MORLEY; 1949: 9). O museu, continua, passa a ser considerado cada vez mais uma instituição ativa de educação pós-escolar, ao mesmo tempo em que o público passa a entendê-lo como um elo de "estudo e distração". Mais a frente, no mesmo artigo, diz que os museus não são um luxo, mas "servidores indispensáveis à civilização de hoje", um meio de familiarizar o público com a "arte, a cultura e a ciência" (*op.cit.*, 9 e 10).

Depreende-se que, se por um lado há a preocupação de que os museus se abram para dar acesso à cultura, (e não se pode esquecer as intenções governamentais ou de organismos como a ONU, os visitantes, por sua vez, passam a requisitar maior entendimento do que vêem, comportamento explicitado num outro artigo do mesmo ano escrito por M. D. Gebhard sobre os museus de ciência. Os visitantes, diz, "pedem pela a interpretação e avaliação dos fatos científicos". Este autor advoga uma maior "humanização" (aspas do autor) das exposições de museus (GEBHARD; 1949: 164, 165 e 166).

⁴¹⁸ As primeiras manifestações públicas ocorreram na Conferência Geral do ICOM em Londres (1983); depois em Québec (Canadá; 1984; ano da Declaração de Quebec), no primeiro Atelier Internacional sobre ecomuseus e nova museologia; o segundo em Lisboa, Portugal (1985) no qual surgiu a proposta de criação de uma federação internacional da nova museologia (MAYRAND; 1985:200).

participantes com reclamos de que as resoluções emitidas na Mesa Redonda de Santiago do Chile (ICOM;1972) não eram seguidas. Principalmente a ala jovem dos museólogos estava insatisfeita com o monolitismo das instituições e a marginalização das experiências que estavam ocorrendo⁴¹⁹. Segundo Huges de Varine-Bohan, nesse encontro da América Latina ficou estabelecida a função do museu como instrumento de desenvolvimento, gerando efeitos sobre sua função social e sobre os museólogos chamados à responsabilidade política⁴²⁰. Mais do que especializações disciplinares, importavam as questões de identidade e de territórios de populações, momento no qual proliferam as “museologias nacionais ‘incultas’”⁴²¹.

Um grande polo difusor das novas idéias foram as experiências desenvolvidas na França, qualificadas de profundas por Varine-Bohan, marcando museus, transformando a disciplina e realizando uma revolução radical⁴²². Ele, o homem que inventou o vocábulo ‘ecomuseu’⁴²³ considerou que, embora George Henri Rivière tenha procurado dar forma e significação à palavra⁴²⁴, sua aplicabilidade variava de um lugar para o outro – “de centro de interpretação a instrumento de desenvolvimento, de casa do parque a museu artesanal, de conservatório de etnologia a centro de cultura industrial”⁴²⁵- bem como ao modo de adaptar essa filosofia de transformação a diferentes condições locais. Tanto Varine-Bohan como Rivière tinham fortes laços com posições políticas em seu

⁴¹⁹ MAYRAND; 1985:200.

⁴²⁰ VARINE; 1995:19.

⁴²¹ Aspas do autor (VARINE; 1995:19).

⁴²²VARINE; 1995;17.

⁴²³ Segundo François Hubert, a primeira experiência do Le Creusot-Montceau-les Mines, em 1974, recebeu o nome de *ecomuseu*, sendo o prefixo “eco” usado para designar a levada em conta do meio natural e social. Este autor aponta como preocupação essencial de Rivière, de um lado a ecologia e a etnologia regional, de outro a participação e autogestão, para criar um novo tipo de museu. Isto levaria a um novo “sistema museográfico” associando ateliês, documentação, “magasin” de objetos, e assim por diante – as conhecidas ‘antenas’ ou ‘comunidades associadas’ (HUBERT; 1985:187).

⁴²⁴ Huges de Varine-Bohan refere-se à *Définition évolutive de l'écomusée*, cunhada por George Henri Rivière, que passou por várias versões (a última de 1980). Em síntese e *grosso modo* ela circunda a noção de ecomuseu em instrumento, espelho, expressão do homem e natureza, expressão do tempo e do espaço, um laboratório, um conservatório, uma escola. O encaixe mais significativo é a inserção da população de um dado território para conhecê-lo em profundidade (sua história e as gerações que os precederam, os aspectos geograficos, etc.) obtendo elementos de análise e crítica que os fizesse compreender e interferir no seu futuro (Ver RIVIÈRE; 1985:182-183). François Hubert explica que da interrelação da ecologia e etnologia regional com base numa concepção de sistema museográfico organizado ao redor da idéia de que esse tipo de museu comporia o museu do tempo, o museu do espaço, um laboratório de campo, comunidades associadas (antenas, apontando para a associação de itinerários), geridos por um comitê composto de usuários, gestores e pesquisadores, ter-se-ia a “escola mútua”, com a meta de desenvolvimento da comunidade (HUBERT; 1985:187).

⁴²⁵ VARINE; 1995;17.

tempo⁴²⁶.

O cerne dessa concepção de museu localizava-se numa noção ampla de patrimônio, dito "patrimônio total" e compreendendo, conforme Mathilde Bellaigue, "as paisagens, sítios, edificações, como os objetos que são portadores de história ou de memória"⁴²⁷. Esta proposição casa-se com a proposta de que os museus se dessacralizassem, socializassem e se envolvessem com populações ou comunidades⁴²⁸, guiados pela aproximação com elementos do patrimônio, ampliando a noção deste e do que poderia ser um acervo (e não os preterindo)⁴²⁹. A inserção da comunidade no processo seria de tal monta que todos poderiam se tornar "conservadores de museu"⁴³⁰.

Um "instrumento para o desenvolvimento", valorativo de um conjunto de fatores potenciais de um território (aspectos físicos, culturais, humanos e econômicos)⁴³¹, dava ensejo, a depender de condições locais, como zonas em degradação, a políticas de aproveitamento, incentivadoras, em alguns casos, do turismo em regiões empobrecidas⁴³². A idéia de museu, um meio, um bom meio, poderia então auxiliar num processo de retomada, mobilizando todo um grupo de um dado território, mais técnicos, especialistas, pesquisadores, e as instâncias administrativas do Estado, uma outra forma de estatuto associativo (no caso dos ecomuseus, e na França)⁴³³.

Os museus tornavam-se, ou poderiam se tornar, generalizando-se a experiência do primeiro museu em área industrial, a do Creusot-Montceau-Les Mines (França), adjuntos de militância política e meios para a auto-gestão de uma comunidade⁴³⁴.

Uma linha de ação de museus descrita por André Desvallées como um

⁴²⁶Varine-Bohan fundou uma ONG internacional (Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos) (1972) tendo confiado ao brasileiro Paulo Freire, a presidência desse organismo (VARINE; 1995;17). Rivière foi ligado ao Front Popular (partido socialista francês)(BARBUY; 1995: 211 e 215).

⁴²⁷ BELLAIGUE *apud* BARBUY; 1995: 211.

⁴²⁸ BARBUY; 1995: 209.

⁴²⁹ H. Barbuy explica que houve uma tendência "anti-patrimonialista" mas contra o excesso de espírito classificatório herdado, na França e outros países da Europa (Itália, Alemanha, Áustria, e outros), dos naturalistas. A noção de acervo, que muitos erroneamente pensam abolida nos projetos de ecomuseus, é ampliada, pois os conceituadores dos ecomuseus se centraram justamente num sentido específico de patrimônio, que viam neles informação, carga afetiva e simbólica. A pesquisa em torno desses bens seria um outro traço diferencial e forte dos projetos de Rivière (BARBUY; 1995:210-211).

⁴³⁰ EVRARD; 1980: **227**

⁴³¹ de WALLE *apud* BARBUY; 1995: 221.

⁴³² BARBUY; 1995: 215.

⁴³³ HUBERT; 1985:187.

⁴³⁴ Sobre a experiência do Le Creusot-Montceau-Les Mines, Ver EVRARD, Marcel (1980) *Le Creusot – Montceau-les-Mines: la vie d'un écomusée bilan d'une décennie. Museum* Vol. XXXII, no. 4: 226-234.

movimento de pensamento, de resistência, uma escola de contestação⁴³⁵, e para François Hubert como uma intensa efervescência cultural e ideológica⁴³⁶. Para Heloisa Barbuy, um traço de permanência, já que atrelado às raízes da cultura francesa com longa tradição museológica, decorrente de um processo de maturação surgido no século XIX, envolvendo o interesse pela chamada cultura popular⁴³⁷. Esta forma de museu, explica Hubert, tinha nascido em tempos de prosperidade⁴³⁸ (pensando-se desenvolvimento, ecologia e questões regionais), tornando-se, pela pressão econômica, em "museus da recessão"⁴³⁹. Havia diferenças entre os ecomuseus. Alguns poderiam ser denominados 'ecomuseus comunitários', movidos pela filosofia de autogestão e autodesenvolvimento, opondo-se aos 'ecomuseus institucionais' (tutelados administrativamente) mais sujeitos à manipulações políticas do que os primeiros⁴⁴⁰. Estas ações não estavam isentas de riscos, como o reforço de dogmatismos, pois tocavam diretamente na noção de identidade cultural⁴⁴¹, marcando um nóculo central e problemático dos ecomuseus entre o caráter revolucionário ou conservador da construção das identidades culturais, segundo Heloisa Barbuy, e em suas palavras⁴⁴². Ocorreram dificuldades para equilibrar a teoria emanada dessas experiências e a prática⁴⁴³, e até mesmo um certo romantismo nas formas de

⁴³⁵ DESVALLÉES; 1992:15-39.

⁴³⁶ A crise econômica fez nascer, depois da fase de prosperidade econômica, numerosos "pequenos ecomuseus" (HUBERT; 1985:187).

⁴³⁷ H. Barbuy identifica o interesse pela cultura popular em várias expressões da cultura francesa. A autora exemplifica: na Exposição Universal de 1889, extremamente didática, apresentava-se mostras retrospectivas sobre o trabalho com a reconstituição do interior de uma casa camponesa ou de uma oficina. A tipificação de culturas e tipos regionais, foi usada, explica a autora, nessa exposição com a intenção de que o visitante se identificasse com seu ofício e seus costumes. Realizando uma síntese por 'imagens-signos', a intenção era de ensinar 'pelo aspecto' conceitos ou definições de cultura (aspas da autora). Durante a exposição é realizado o I Congresso Internacional de Tradições Populares, ocasião em que é apresentado por Armand Landrin, um projeto de museus das províncias (de artes e tradições populares) para a França, propostos como centros de estudos, vistos assim como museu científico (cf. DIAS *apud* BARBUY; 1995: 213-214). Os museus de etnografia regionais e os de cultura local (museus de folclore) vinham como um contraponto aos museus de belas artes, ou os enciclopédicos de história (guiados pelos fatos oficiais), os de história natural, e os de antropologia na esteira então dos interesses imperailistas (BARBUY; 1995: 212-213;215).

⁴³⁸ Os ecomuseus foram uma adaptação realizada por G. H. Rivière, dos museus a céu aberto (ou museus ao ar livre) escandinavos (o primeiro em Sansken, Suécia, meados do século XIX, com a construção de casas de regiões deste país num parque) (BARBUY; 1995; HUBERT; 1985). Em 1967, a criação de parques naturais regionais (na França) proporcionou ocasião para que ele propusesse a adaptação (HUBERT, *op.cit.*).

⁴³⁹ Aspas duplas do autor (HUBERT; 1985:188).

⁴⁴⁰ HUBERT; 1985:188.

⁴⁴¹ MENESES *apud* BARBUY; 1995:223.

⁴⁴² BARBUY; 1995: 222.

⁴⁴³ Ver HUBERT; 1985.

interagir (ou idealizar) com as comunidades, segundo esta autora⁴⁴⁴.

Uma experiência nada tradicional para os padrões europeus e que se encaixava com facilidade em continentes como a América Latina e a África, com menores recursos e nos quais as populações se encontravam bastante distanciadas dos museus. Através da implementação dessas ações inovadoras (ou similares), essas populações poderiam encontrar nos museus um outro e novo apoio⁴⁴⁵. Tais propostas, num avesso da museologia dita oficial embasada nos museus e suas coleções, foram captando seus defensores e propagadores. Se estaria num outro momento, um outro tempo em que, como advogava Waldisa Rússio, os museus deveriam ser reconhecidos pelas comunidades, seria mesmo um resultado delas, de seu empenho e de sua participação. Invertiam-se, assim, os papéis: os museus não deveriam ser feitos *para* a comunidade, mas *com* ela⁴⁴⁶. Essas propostas se reproduziram em várias partes do mundo com a denominação "ecomuseu"⁴⁴⁷ – então a "forma mais avançada da museologia contemporânea"⁴⁴⁸.

No ICOFOM pela ISS, o tema "Museus, território, sociedade: novas práticas, novas tendências", foi tratado em 1983 em Londres, na mesma reunião em que foi discutida a metodologia da museologia e seus aspectos profissionais⁴⁴⁹. Vinos Sofka, seguindo seu método de trabalho, propôs tópicos relacionando aspectos teóricos relativos a ecologia e ecomuseu, e práticos para debater as atividades desse museu, incluindo projeções para o futuro⁴⁵⁰. Na *MuWoP/DoTraM* George Henri Rivière ao explicar a dinâmica da interdisciplinaridade na instituição museu apresenta os ecomuseus como "um novo sistema cultural e social"⁴⁵¹.

Para Peter van Mensch o emprego do termo 'nova museologia' conecta-se com as mudanças de papel dos museus no que diz respeito à educação e para com a sociedade como um todo e foi monopolizado por duas organizações – a

⁴⁴⁴ BARBUY; 1995: 210.

⁴⁴⁵ Ver as resoluções e comentários sobre as Resoluções da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972); Declaração de Quebec (1984); e na década de 90, a Declaração de Caracas (1992) (ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; 1995).

⁴⁴⁶ Itálico da autora (RUSSIO; 1983:60)

⁴⁴⁷ Ver *Museum*, no. 148, vol. XXXVII, no. 4 - *Images de l'écomusée*. Neste número pode-se encontrar algumas experiências no Canadá, Suécia, Portugal, continente Africano, América Latina, incluindo o Brasil.

⁴⁴⁸ RUSSIO; 1983:60.

⁴⁴⁹ Ver ISS, no. 2; reedição de 1995.

⁴⁵⁰ Para a ecologia, na parte teórica, apresentação de seus objetivos, objeto de estudo, sistema e relação com outros ramos científicos, os resultados da disseminação desses para o público, e o papel do museu nessa conexão. Para os ecomuseus: os fundamentos históricos, objetivos e tarefas, lugar e relações dentro do escopo da tipologia de museus (Ver ISS, no. 2, 1995 - *Guidelines for the organization of the symposium*: 4-5).

⁴⁵¹ RIVIÈRE – *The dynamics of the role of interdisciplinarity in the museum institution*; *MuWoP/DoTraM*, no. 2: 54-55.

Association 'Muséologie Nouvelle et Experimentation Sociale' (MNES), fundada em 1982 na França, e *Movement Internationale pour la Muséologie Nouvelle* (MINON), em 1985, por um "grupo de pessoas não satisfeitas com a política do ICOFOM"⁴⁵².

Fato é que essa movimentação e as expectativas de mudança acabam acarretando, no âmbito institucional do ICOM, uma seqüência de conceitos expressados em documentos oficiais: o de "museu integral"⁴⁵³, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto do seu meio material e cultural (Chile; 1972)⁴⁵⁴; o de Nova(s) Museologia (s), "ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa", como modo de gestão importante para o desenvolvimento das comunidades (Declaração de Québec, 1984)⁴⁵⁵, e alguns anos mais à frente, de "museu integrado" da Declaração de Caracas (1992), "termo não formulado, mas implícito nas propostas e postulados do Documento", propondo ações e processos contemplando particularidades de contextos específicos, de acordo com Maria de Lourdes Parreiras Horta⁴⁵⁶.

As idéias dessa 'ala' da Museologia foram sendo incorporadas e empregadas na área acrescentando conceitos novos a sua linguagem de especialidade. Na prática, essas experiências se espraiaram muito pelo desejo de que os museus agissem de forma mais socializante. Paralelamente a essas novas experiências, procurou-se no comitê articular o sistema da museologia: a organização sistêmica – do que lhe seria orgânico, pode-se dizer – pensando-se o campo do conhecimento em interação em si próprio, e com disciplinas próximas.

3. Entre teoria e prática segundo o ICOFOM

Compatibilizar teoria e prática para os colaboradores do ICOFOM demandou reflexões – e também tato e diplomacia, cf. Geoffrey D. Lewis⁴⁵⁷ – sobre o que viria a ser a estrutura interna da museologia enquanto disciplina, o que fez os colaboradores se voltarem para a relação entre teoria da museologia e

⁴⁵² Van MENSCH (1992) *Purpose of understanding*: 4 de 7

⁴⁵³ Dele diz Maria de Lourdes Parreiras Horta que veio revolucionar o conceito de museu como instituição, e que ainda deixava perceber uma "visão de dentro para fora, e uma 'função social' do Museu com laivos didáticos ou 'catequéticos'" (aspas da autora) (HORTA; 1995: 32).

⁴⁵⁴ ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira, p.20-24.

⁴⁵⁵ Ver *Museum*, no. 148, vol. XXXVII, no. 4:201; ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira; 1995.

⁴⁵⁶ HORTA; 1995: 35.

⁴⁵⁷ LEWIS, *The systematics of museology, its application to ICOM's international committees and the role of ICOFOM, MuWoP/DoTraM*, no. 2: 74.

a prática exercida pelos museus. Uma estruturação da disciplina com disciplinas 'vizinhas' e, em seu próprio terreno do que se denominou 'domínios conexos'. Um estudo para alguns anos dessa museologia *in statu nascendi*, segundo Jan Jelínek⁴⁵⁸, que considerou relevante essa discussão dentro do comitê pelos seguintes aspectos: a) para configurar a estrutura e o campo teórico da museologia; b) para os cursos em universidades e c) prover uma dada organização para as estruturas dos museus⁴⁵⁹.

Estas demarcações, por sua vez, os levaram a duas instâncias de relações consideradas estruturais, envolvendo os comitês do próprio ICOM, que refletiam a área, pelas especializações de que tratavam⁴⁶⁰, e os programas de cursos de formação ou treinamento. Dessa forma ter-se-ia a composição dentro da sistemática da museologia, tanto a museologia como a museografia, atendendo também aos programas de formação para fortalecer o aprendizado formal, uma vez que haviam muitos que trabalhavam em museus guiados somente pela experiência prática, ainda segundo Jelínek⁴⁶¹.

Paralelamente aos aspectos formativos havia a faceta propriamente científica. Para fundamentá-la Z. Z. Sránský buscou inspiração na Teoria Geral dos Sistemas (concebida pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy)⁴⁶², procurando demonstrar as vantagens dessa aplicação - um modelo teórico então contemporâneo da moderna ciência - aos museus. Os resultados apontavam, no seu entender, o traçado da museologia como ciência especial e independente, possibilitando observar os museus em relação com o meio (para Stránský, o museu e suas realidades) e não mais isolados em si mesmos, ou seja, a "realidade do museu como um todo"⁴⁶³.

⁴⁵⁸ JELÍNEK; 1981: 69.

⁴⁵⁹ Van MENSCH; 1992 - *The structure of museology*: 1 de 7.

⁴⁶⁰ Segundo Jelinék, nos anos 1980 havia somente um comitê internacional de Arte, sendo que estes seriam a maioria dos museus existentes no mundo (JELÍNEK; *MuWoP/DoTraM*, no. 2: 69).

⁴⁶¹ (JELÍNEK; 1981: 69). O tema *Sistemática e sistemas na museologia* foi tratado no encontro anual do ICOFOM, ocorrido durante a 12ª Conferência Geral e 13ª Assembléia Geral do ICOM no México, em 1980, tópico que coube à Jelinék (SOFKA; *MuWoP/DoTraM*, no. 2: 67-68).

⁴⁶² A teoria geral dos sistemas, um sistema de ciência, concebe sistema como um arranjo interrelacionado e não estático de elementos, propõe a análise de suas propriedades e relações de forma organizada, estruturada e hierarquizada, explicando o comportamento (ou funcionamento) de um dado sistema, cujos resultados seriam ou iriam além desse agregado. (STRÁNSKÝ *The theory of systems and museology* - *MuWoP/DoTraM*, no. 2: 70-73). Stránský, citando outro autor (V. N. Sadovsky, 1974), refere-se à penetração dos métodos matemáticos e lógicos nas ciências naturais e sociais. Lembre-se que nos anos 80 a análise de sistemas tecnológicos estava em voga. Fala-se em sistemas abertos e fechados e por essa teoria têm-se a máxima: a soma das partes de um sistema é maior do que os elementos que contêm, seu efeito denominado sinérgico.

⁴⁶³ Documento elaborado para o encontro no México, 1980. Stránský cita rapidamente o uso da perspectiva sistêmica em museus em aspectos organizacionais, na informática, arquitetura, nas exposições e desta perspectiva para a teoria da comunicação, estética e

Empregar esse modelo serviria como prova de verificação do estágio em que a ciência-museologia se encontrava, na medida em que se fazia um paralelo entre o processo de desenvolvimento da ciência em geral e o desta em particular⁴⁶⁴. O argumento foi o de que a museologia não poderia estancar no nível empírico-descritivo em que se encontrava. Ele não seria a “típica feição da museologia”. Importava situar as ‘esferas adjuntas’ do sistema da museologia e, eventualmente, da própria museologia. Analisando-se os museus sob essa perspectiva poderia se auferir e, assim, esclarecer o impacto de determinadas combinações, como a relação entre pedagogia e museu (e em museu, a pedagogia de museu), a sociologia (particularmente a sócio-psicologia na avaliação das técnicas de apresentação, portanto, das exposições), da teoria da comunicação, da informática – o impacto mais radical no pensamento museológico – no entender de Stránský. O ponto aqui era identificar alguns problemas de interção de tal modo que a museologia alcançasse o nível teórico para tornar-se companheira de outras disciplinas científicas, chegando assim a uma real integração e bilateralidade de elos⁴⁶⁵.

É no emprego da informática nos museus que Stránský situa (mas não explicita), os problemas de terminologia, pode-se inferir por causa das descrições a se fazer sobre os objetos e, então, da própria implantação dos sistemas informatizados.

Os colaboradores se submeteram a um exercício para organizar o conhecimento museológico em “modelos”, expressão usada por van Mensch⁴⁶⁶. Uma divisão ou modelo consagrado separava em duas categorias básicas esse conhecimento: museologia geral correspondendo à teoria (no plano geral), e museologia prática ou museografia (como prática de museu, ou como trabalhos com a exposição ou ainda montagem de exposições). Desse derivam subdivisões na dependência do encaixe daquilo que, partindo de uma certa visão do objeto de conhecimento, ou da área como conjunto articulado, poderia ser tomado como teoria ou prática.

Um outro modelo se baseava numa divisão tripartida: museologia geral (a

semântica (STRÁNSKÝ *The theory of systems and museology - MuWoP/DoTraM*, no. 2: 70-71).

⁴⁶⁴ No primeiro estágio a museologia como teoria operaria como ferramenta metodológica para nos ensinar “como fazer um museu”. Trata-se do estágio empírico descritivo da teoria e nesse nível seria menos uma ciência, mas métodos e técnicas das práticas de museu. O segundo estágio sistemático-teorético no qual se separaria museologia do museu, e um terceiro estágio compondo “qualidade e quantidade” (STRÁNSKÝ, *The theory of systems and museology - MuWoP/DoTraM*, no. 2: 71-72).

⁴⁶⁵ Neste documento Stránský cita também trabalhos seus em que anteriormente procurou resolver a posição da museologia no sistema das ciências (STRÁNSKÝ, *The theory of systems and museology - MuWoP/DoTraM*, no. 2: 72 e 71).

⁴⁶⁶ van MENSCH; 1992 - *The structure of museology*.

teoria na qual a prática de museus se apoiava), museologia especial (as teorias particulares desenvolvidas para a aplicação de diferentes disciplinas dentro do contexto do museu) e museologia aplicada (a aplicação dessas teorias na prática dos museus, a museografia) (cf. Geoffrey D. Lewis)⁴⁶⁷. Um outro desdobramento propôs quatro módulos: sócio-museologia (ou museologia social), histórica, teórica e aplicada (de Stranský). Um outro em cinco módulos: museologia geral, teórica⁴⁶⁸, aplicada, especial e histórica⁴⁶⁹.

CAPÍTULO 3 – O CONTEXTO DAS PALAVRAS

Publicações, o terreno da difusão e divulgação

1 – As idéias em seus suportes

Avaliar algumas publicações impressas do ICOFOM e da UNESCO permite a apresentação, respectivamente, do terreno da teoria enunciada e da prática divulgada. Elas se constituem em meios para a divulgação de idéias sobre museologia e museus para segmentos diferentes de público – pesquisador e profissional -, com o intuito de, entre outros objetivos, promover uma linguagem de especialidade para uma comunicação mais eficiente. Naquelas se encontra registrada e portanto documentada, a formulação de idéias que não são desencarnadas, pois a forma material do objeto de leitura em que estão inscritas institui, pelas práticas, a produção de sentido, como bem situa Roger Chartier⁴⁷⁰.

Por tais razões, essas publicações permitem observar um panorama do desenvolvimento teórico e técnico da área da Museologia, que abre perspectivas para o leitor de hoje acompanhar as discussões e os debates realizados e para instituí-la como área de conhecimento, expondo dificuldades, tentativas, reflexões sobre pontos de vista e valoração dada à questão terminológica. Nas publicações estão encaixados os conceitos em emprego efetivo.

É necessário ter claro que se manifesta, pelas revistas, uma faceta particular da comunicação, concretizada neste caso pela linguagem escrita, que naturalmente

⁴⁶⁷ LEWIS, *The systematics of museology, its application to ICOM's international committees and the role of ICOFOM, MuWoP/DoTraM*, no. 2: 74.

⁴⁶⁸ Stranský divide os campos da museologia teórica em três esferas eurísticas: seleção, tesaurização, comunicação (van MENSCH; 1992 *The structure of museology*: 3 de 7).

⁴⁶⁹ Esta divisão usada desde 1982 na *Reinwardt Academie* (Holanda), aonde van Mensch ministra cursos de Museologia, serve também para a classificação de documentos da biblioteca desta Academia, e é considerada como uma "divisão metodológica-didática" para um "consistente campo de conhecimento", sua estrutura científica (van MENSCH; 1992 *The structure of museology*: 1 e 2 de 7).

⁴⁷⁰ CHARTIER; 1991:180.

integra um vocabulário de especialidade. Ao promover o fluxo de mensagens, essa comunicação aciona uma série de funções, dentre as quais informar, persuadir e convencer que pretende um consenso de opinião, se não de todos, ao menos de um certo número de pessoas, pelas opções efetuadas, responsáveis pela consolidação de determinados significados em detrimento de outros no emprego do vocabulário. Trata-se de uma comunicação com características particulares, denominada para fins de terminologia, de comunicação especializada⁴⁷¹.

Quanto às publicações, de modo geral fazem parte de iniciativas para inscrever, garantir ou fortalecer um projeto de difusão e divulgação que, no caso de temas especializados, têm um círculo especial de destinatários. Por essas razões elas também se investem de funções a desempenhar e missões a cumprir, na medida em que, circulando, informam, propagam, atualizam, instruem e, dependendo do objetivo editorial, são um foco do qual se espraiam regras, recomendações, indicações de práticas, de leituras e assim por diante.

A própria apresentação das publicações impressas, tais como as características gráficas, as formas de estruturação dos sumários, índices e seções, as capas, as imagens usadas, nos dão indicações sobre as escolhas e opções dos editores por determinados elementos, sendo fruto de uma série de ações planejadas para “tocar” ou desenhar um público, como ressalta Maria Rita de Almeida Toledo⁴⁷².

A publicação de revistas para áreas de especialização pode ser vista como estratégia planejada para dar força tanto à formação como à disseminação do corpo da área no seu conjunto, particularmente as publicações temáticas com assuntos específicos voltados para um leitor também específico.

As revistas *MuWoP/DoTraM* (*Museological Working Papers* ou *Documents de Travail sur la Muséologie*)⁴⁷³ e *ISS* (*ICOFOM Study Series*) publicadas pelo ICOFOM, e a *Museum* publicada da UNESCO, cobrem duas instâncias partícipes de um mesmo circuito dinâmico, que é denominado por Carlos Vogt de *cultura científica*⁴⁷⁴.

Por meio deste conceito Vogt procura explicar o fenômeno da divulgação científica, inserindo temas de ciência e tecnologia justapostos no cotidiano de nossa sociedade, que abarca um conjunto de interações que se inicia com a produção, segue em direção ao ensino, para chegar ao ponto da divulgação da ciência. A esta espiral do desenvolvimento científico, em movimento contínuo e em evolução (a *espiral da cultura científica*)⁴⁷⁵, corresponde um material formativo de relações inerentes e necessárias entre ciência e cultura. Trata-se de um esquema que, como o próprio autor adianta, não esgota a variedade e multiplicidade de formas da

⁴⁷¹ CABRÉ; 1993; 1999.

⁴⁷² Aspas duplas da autora, cf. TOLEDO; 2001:100.

⁴⁷³ Uma denominação inspirada numa publicação tcheca denominada *Museological Paper*, segundo E. Burcaw, cf. BURCAW; *MuWoP/DoTraM*, n.º 2:83.

⁴⁷⁴ VOGT, 2003: 3 de 6.

⁴⁷⁵ Itálico do autor, cf. VOGT, *op. cit.* 4 de 6.

interação do indivíduo com esse desenvolvimento⁴⁷⁶, mas apresenta o funcionamento da cultura científica baseado na comunicação.

São três as etapas interconectadas deste processo: a produção e difusão da ciência, o ensino (ensino e formação, e ensino para a ciência) e a divulgação da ciência; sobre essas etapas Vogt propõe quatro categorias constitutivas ou quadrantes, como as denomina.

A primeira categoria refere-se à produção e circulação do conhecimento científico entre pares, formando o quadrante da difusão da ciência. A segunda categoria é a do ensino da ciência e da formação de cientistas; a terceira do ensino para a ciência e, complementando o ciclo a quarta categoria composta pelas atividades próprias da divulgação da ciência. Para cada uma dessas categorias Vogt referencia os destinadores, destinatários e instituições que podem exercer a função comunicativa.

Para a categoria da difusão científica os destinadores e destinatários são os próprios cientistas, e dentre instituições cita, como exemplos, as universidades, centros de pesquisa, órgãos governamentais, agências de fomento, congressos e revistas científicas.

Na segunda categoria, do ensino da ciência e da formação de cientistas, são destinadores os cientistas e professores, e os destinatários os estudantes, tendo como instituições prováveis novamente as universidades, o sistema de ensino fundamental e médio, e a pós-graduação.

Na terceira, do ensino para a ciência, os destinadores são os cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais e os destinatários os estudantes, especialmente o público jovem que, com a mediação de equipamentos culturais, interagem com o conhecimento científico como, por exemplo, através de museus e feiras de ciências.

Na quarta categoria, a da divulgação da ciência, os destinadores são os jornalistas e cientistas, e os destinatários a sociedade organizada (sociedade civil, o cidadão) em suas diferentes instituições com o apoio das revistas de divulgação científica, jornais voltados para o tema, os programas de televisão, etc.⁴⁷⁷

Por esta categorização, observa-se a inserção das revistas científicas no plano da produção e difusão da ciência num círculo mais restrito, uma vez que é formado pelos pares e ao mesmo tempo agentes produtores.

Um outro tipo de publicação são as revistas de divulgação científica, situadas no plano da interlocução e interação da ciência e tecnologia com um público não necessariamente conhecedor dos temas tratados na primeira categoria. Estão diferenciadas, portanto, em pontos distantes mas conexos da espiral, as revistas científicas e as revistas de divulgação de ciência. Vogt não se refere a outras ações

⁴⁷⁶ VOGT, *op. cit.* 3 de 6.

⁴⁷⁷ VOGT, *op. cit.* 5 e 6.

que são acompanhantes dessa produção, mas exemplifica e deixa em aberto a possibilidade de aplicação de suas categorias.

Essa concepção espiralada da comunicação permite integrar no mesmo processo produtivo em prol da cultura científica da área de museologia, as ações de produção e divulgação promovidas pelo ICOFOM nas quais se inserem as revistas *MuWoP/DoTraM* e *ISS* com seus respectivos destinadores e destinatários, bem como a revista de divulgação *Museum* da UNESCO. Neste fluxo situamos a produção de terminologia, no sentido de conjunto de termos da área de museologia, justificada por ser a base da comunicação e fator imprescindível para a transferência do conhecimento entre especialistas e/ou profissionais, como afirma Cabré⁴⁷⁸. Nesse sentido, a terminologia corresponde a um bloco restrito de vocabulário utilizado por especialistas que se comunicam entre si⁴⁷⁹.

Assim tem-se a comunicação especializada, nesse primeiro momento, como elemento constitutivo de produção e circulação de conhecimento, fundada prioritariamente na terminologia e, caracterizada como de natureza teórico-científica pelo próprio plano em que se encontra, regulada por critérios científicos ou profissionais. Esses critérios de rigor tendem à concisão e precisão, o que não significa necessariamente que alcancem este objetivo.

Alguns traços característicos mapeiam o limite entre a comunicação especializada e outras comunicações, caso dos temas e formas de tratamento a que estão sujeitos e, naturalmente, a linguagem que empregam, que repercute nos textos. Na vertente de uma terminologia voltada para a comunicação⁴⁸⁰, a linguagem especializada, que pese o que se possa compreender por 'especializado'⁴⁸¹, abarca um conjunto de possibilidades que intervêm em cada ato

⁴⁷⁸ CABRÉ, 1993:103.

⁴⁷⁹ CABRÉ; 1999:60.

⁴⁸⁰ Esta é concepção de Maria Tereza Cabré propõe uma teoria para a terminologia que dê conta dos termos como unidades singulares, admitindo a variação conceitual e denominativa levando em conta a dimensão textual e discursiva dos termos. A ela a autora denomina Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cf. CABRÉ; 199:109-127.

⁴⁸¹ Há abordagens diferenciadas para o que venha a ser 'especializada'. Cabré apresenta várias definições como a de Hoffaman (1979) que entende que cada linguagem de especialidade é uma simples variante da linguagem geral; como simples variações léxicas da linguagem geral caso da posição de Rondeau (1983) e dos lingüistas procedentes da lingüística teórica ou descritiva caso de Alan Rey (1976) e Quemada (1978). Uma terceira caracterização da linguagem de especialidade as considera como subconjuntos fundamentalmente pragmáticos da linguagem no sentido global, caso de Varantola (1986) e Picht e Draskau (1985). Um obstáculo para definir as linguagens de especialidade se assenta na dificuldade em defini-la com parâmetros estritamente lingüísticos como apontam Sager, Dungworth e McDonald (1980), Beaugrandre (1987). Com base num elenco de aspectos apresentados por Kocourek (1982) Cabré aponta uma definição assentada na caracterização de que se tratam de a) conjuntos "especializados" pela temática, pela experiência, no âmbito de uso dos usuários; b) como conjunto com características interrelacionadas (e não com fenômenos isolados), c) mantêm a função comunicativa predominante sobre outras funções (CABRÉ; 1993:130-135). Sendo assim, para esta autora as 'linguagens de especialidade' ou 'linguagens especializadas' são 'subconjuntos da linguagem geral caracterizados pragmaticamente por três variáveis: a temática, os usuários e as situações de comunicação' (aspas duplas da autora)(idem:139).

de comunicação e que são determinadas pelos interlocutores (emissores e destinatários, cf. Cabré), as circunstâncias comunicativas e os propósitos ou intenções a que se propõe este ato de comunicação⁴⁸². Mas se nesse ato comunicativo é empregada a linguagem de especialidade, esta compartilha com a linguagem comum (ou linguagem geral) a sintaxe, morfologia e parte do léxico⁴⁸³.

Supõe-se que, sob tais condições, exista na comunicação entre os pares uma certa semelhança de competência dos destinadores e igualmente de destinatários, o que nos faz imaginar um compartilhamento vocabular sem nenhum ou com muito poucos problemas. Mas, de fato, conta-se com uma gama de variações atreladas, conforme Cabré, aos graus de abstração em que se apresenta a informação. Não se pode perder de vista portanto, que ocorrem diversificações, variações discursivas, ajustes ou adequações a diferentes situações comunicativas⁴⁸⁴. Isto nos fala sobre a importância da observação das circunstâncias em que ocorre essa comunicação, influenciando, pelas características dos interlocutores e seu nível de conhecimento, no tipo de texto produzido que avaliam, descrevem, argumentam, ordenam, classificam, mas mantêm prioritariamente a função referencial⁴⁸⁵ uma vez que a linguagem neles empregada tende a ser mais objetiva⁴⁸⁶.

A temática ou temas, e a forma de tratamento dos mesmos são traços possíveis para distinguir as diferentes áreas de conhecimento. Elas constituem o mundo de referência, delimitando simultaneamente uma dada área, instituindo o solo da terminologia que, para fins de distinção, não faz parte do conhecimento geral dos falantes de uma língua⁴⁸⁷.

Conta-se, para expressar esses mundos de referência, com formas expressivas próprias de um domínio e com um sistema conceitual com um maior grau de formalização do que aquele da linguagem geral. Tais formas são interiorizadas pela aprendizagem, requerendo um vocabulário específico apreendido intencionalmente por vias formais, através dos ensinamentos acadêmicos ou pela experiência transmitida por profissionais. Essas formas surgem naturalmente nos textos⁴⁸⁸.

⁴⁸² CABRÉ, 1993:129.

⁴⁸³ CABRÉ; 1999: 154.

⁴⁸⁴ CABRÉ; 1999: 157 e 154.

⁴⁸⁵ CABRÉ; 1993: 104-105.

⁴⁸⁶ Trata-se, no entanto, de uma tendência pois nesses mesmos textos há outros aspectos da das funções da linguagem que os interlocutores fazem intervir no ato comunicativo. Mesmo sendo mais objetivos poderá ocorrer emotividade mesmo que em menor grau (CABRÉ; 1993:225).

⁴⁸⁷ A questão temática não é exclusiva, alerta Cabré, pelas seguintes razões: as atividades cotidianas para a maioria dos indivíduos se desenvolve em âmbitos especializados, favorecendo que a especialização passe despercebida e porque se dá o fenômeno de banalização na medida em que transladamos os temas especializados para a vida cotidiana (CABRÉ; 1993:136).

⁴⁸⁸ CABRÉ; 1999: 153

Vê-se na relação entre comunicação especializada, temas, forma de tratamento dos temas e linguagem de especialidade, a urdidura na qual esses elementos se entrelaçam para montar o sistema conceitual representado pela terminologia. De fato, como afirma M. Fátima Tálamo⁴⁸⁹, a terminologia constitui-se num vocabulário caracterizado por um conjunto conceitual de natureza teórica integrando conceitos teóricos e práticos⁴⁹⁰.

Convêm explicitar que a palavra *terminologia* designa três conceitos diferentes: a) o conjunto de princípios e bases conceituais que regem o estudo dos termos; b) o conjunto de diretrizes que se utiliza no trabalho terminográfico e c) o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade. A elaboração de terminologias no sentido de conjunto de termos de uma determinada área são resultantes de procedimentos terminológicos resultando em trabalhos sistemáticos sobre terminologias especializadas para fixar formas consideradas padronizadas, ou valorizar outras usadas correntemente como designações de um mesmo conceito. Objetiva também a ordenação e normalização⁴⁹¹.

O significado de 'teórico' refere-se ao sistema conceitual ou estrutura nocional de uma área pois, os conceitos, não se encontram isolados mas se estabelecem uns em relação aos outros. Eles descrevem, explicam e predizem objetos, aqueles objetos que um dado grupo seleciona como sendo particulares de sua realidade⁴⁹² para modelar o campo de conhecimento ou disciplina. Sendo assim, no sistema de conceitos está representada a forma como a área compreende a si mesma⁴⁹³. É dentro deste quadro que, na comunicação especializada, por necessidade de delimitação, especialistas denominam um conceito de sua disciplina cunhando termos que vão circular em textos orais ou escritos.

Por essas razões, apreender o sistema conceitual e os termos de uma área, torna-se fundamental no processo de transmissão e aprendizagem de temas.

Uma vez que a linguagem de especialidade permeia esta comunicação especializada, bem como todo processo de produção do conhecimento de uma área, pode-se contar com uma aproximação entre temas e terminologia, visível, neste caso, nos próprios títulos das revistas ou nos artigos das publicações⁴⁹⁴.

As revistas especializadas, nas quais estão inseridos os textos escritos, são vistas como valiosos documentos⁴⁹⁵, e espaço natural da terminologia⁴⁹⁶, em que

⁴⁸⁹ Cf. TÁLAMO, notas de aula 2000.

⁴⁹⁰ TALAMO; notas de aula: 2000; ECA/USP.

⁴⁹¹ CABRÉ; 1993:82

⁴⁹² Diz Cabré que os conceitos não existem na realidade mas 'só (...) os objetos'.

Fundamenta seu argumento no princípio de que a linguagem permite somente uma interpretação da realidade de tal forma que os símbolos expressam o que foi interiorizado pelo indivíduo e a comunidade (CABRÉ; 1993:97-98).

⁴⁹³ CABRÉ; 1993:101.

⁴⁹⁴ Cf. TÁLAMO, notas de aula 2000

⁴⁹⁵ H. Felber (1984) inclui as revistas na categoria de 'documentos terminológicos' para o trabalho de levantamento dos termos (FELBER *apud* CABRÉ; 1993:229-230).

encontramos as unidades terminológicas - os termos -, cunhados por especialistas para informar sobre uma parcela do saber em foco.

Pode-se situar no primeiro quadrante, o da produção e disseminação de conhecimento científico correspondente ao momento de comunicação entre os pares, a terminologia denominada por Cabré de *científica* e *técnico científica*, aquela empregada por cientistas ou técnicos que conhecem um dado domínio⁴⁹⁷. É nesse quadrante que se produz também os conceitos que carregam os termos de uma área. Os usuários naturais (os destinatários de Vogt) são em maior ou menor grau especialistas de uma matéria, comunicam-se tendo em mente que compartilham, em princípio, um determinado grau de informação sobre o tema e conhecimentos em pauta.

Da mesma forma pode-se situar na quarta categoria um vocabulário com maior grau de linguagem comum, entretanto ainda um *léxico especializado*, que se escora na linguagem técnica para veicular os conceitos operacionais. Segundo M. F. Tálamo, a distinção entre terminologia e léxico especializado vincula-se ao circuito da comunicação, mais ou menos expandido, aos temas mais teóricos e mais operacionais, e ao vocabulário com conceitos mais abstratos (como museologia) e conceitos mais concretos (de uso no cotidiano)⁴⁹⁸.

É sob o foco do primeiro quadrante (de produção e difusão) que nos podemos aproximar das publicações da *MuWoP/DoTraM* e da *ISS*, nas quais ressalta-se o interesse em imprimir um cunho científico para a área, particularmente na *MuWoP/DoTraM* cujo objetivo foi o de procurar esclarecer o seu objeto de estudo.

Na *ISS* são os temas que marcam o mundo de referência, proporcionando um dado perfil da museologia. As duas publicações visavam, com seus artigos, instituir bases teóricas, de certo modo para conscientizar, pelo debate, o comitê e seus participantes (além do ICOM) dos problemas que seriam específicos da museologia, para que esta fosse abordada como ciência.

Na *MuWoP/DoTraM* apresentam-se situações de época narradas em suas próprias páginas. Nela ressaltamos as intenções editoriais, a estrutura das seções,

⁴⁹⁶ Cabré diferencia esse espaço natural – textos escritos ou orais -, para a terminologia e lugar dos termos, de um léxico ou dicionário que não são produzidos espontaneamente mas resultado de um processo de trabalho técnico. Por essa razão, a documentação é um dos elementos primordiais afirma, para todo o trabalho terminológico, o ponto de partida para a seleção, análise e tratamento que serve para analisar, classificar e armazenar (em suporte impresso ou magnético) os dados de interesse terminológico para que sejam recuperados para múltiplas finalidades, incluindo estandarização e implantação da terminologia (CABRÉ, 1993:226). Diferencia também léxicos especializados (LS) e terminologia científico-técnica (TST) para a qual os pesquisadores de denominações de conceitos específicos serão os cientistas e técnicos (CABRE, 1999:61-62).

⁴⁹⁷ Segundo Cabré os cientistas e técnicos são os melhores pesquisadores das denominações dos conceitos específicos (itálico da autora)(CABRÉ; 1999:61).

⁴⁹⁸ TÁLAMO, notas de aula: 2000.

os autores e suas credenciais, e retomamos trechos que refletem os problemas surgidos quando, ao debater o que tratava a museologia, encontraram como obstáculo o 'problema terminológico'. Os artigos desta publicação são denominados 'documentos de trabalho'⁴⁹⁹. São textos sucintos com o objetivo de discorrer sobre a natureza da museologia, aquilo que seria seu núcleo.

Na *ISS* se encontram os chamados 'documentos básicos'⁵⁰⁰, através dos quais os colaboradores desenvolvem temas sobre questões apontadas como de interesse pelo ICOFOM, selecionados previamente para serem debatidos nos encontros deste comitê ou nas reuniões do ICOM.

O foco do quarto quadrante, o mundo da divulgação, se situa na revista *Museum* da UNESCO. Nesta é um outro conjunto de aspectos que ressaltamos: as propostas editoriais, o tratamento material da revista através das imagens de suas capas, os temas que dissemina para informar e atualizar os profissionais da área de museus.

Pelas próprias características já assinaladas sobre a comunicação especializada, os textos de cada uma dessas publicações se estruturam diferentemente. Nas revistas do ICOFOM eles são redigidos pelos colaboradores vinculados ao comitê (os membros participantes), que procuram desenvolver a temática através de argumentos que descrevem e analisam a vertente teórica do tema proposto. Na revista *Museum*, além da diversidade de autores e de sua procedência, os artigos não seguem um pré-roteiro, diferindo, portanto, do que ocorre nas citadas publicações do ICOFOM.

Para o ICOFOM a idéia de elaborar publicações surgiu em seus primórdios⁵⁰¹, providenciando a formação de um comitê editorial⁵⁰² com a tarefa de elaborar um plano temático que concentrasse e publicasse documentos de trabalho, expressão

⁴⁹⁹ 'Working papers' em inglês.

⁵⁰⁰ 'Basic papers' em inglês.

⁵⁰¹ Publicações já estavam nas preocupações de Jan Jelinék, primeiro diretor do ICOFOM, como o Tratado de Museologia pensado para responder as necessidades de formação e trabalho diário em museus, o que o levou a levar recomendações para o encontro realizado na Polônia em 1978. A pesquisa de museus e em museus, a pesquisa das coleções (incluindo coleta e documentação) e a interdisciplinar, as condições de trabalho do pesquisador de museu, a formação de um centro internacional para facilitar o intercâmbio de idéias e dos resultados das pesquisas desenvolvidas ajudando a implementar a cooperação entre museus, a instalação de institutos museológicos ou departamentos de museologia em todos os países para a formação de pessoal também estavam incluídas no rol de recomendações (*MuWoP/DoTraM - Report form the second meeting of the ICOM International Committee for Museology* - n.º 1:57). A aprovação para a publicação dos documentos básicos (*basic papers*) foi dada no encontro da Itália (1979), com a recomendação de que o ICOM indicasse o nome dos autores através dos comitês nacionais (*MuWoP/DoTraM- Report form the 3rd meeting of the ICOM International Committee for Museology/ICOFOM/ October 22-26, 1979, in Torgiano, Italy-* n.º 1:60).

⁵⁰² O comitê editorial indicado (em 1978) foi formado por G. Dieszner, W. Klausewitz, A Razgon e Vinos Sofka (coordenador), com escritório situado em Estocolmo (cidade aonde morava Sofka)(*MuWoP/DoTraM - Report form the second meeting of the ICOM International Committee for Museology* - n.º 1:57).

usada para os artigos da *MuWoP/DoTraM*, que acabou sendo mais conhecida pela denominação em inglês. Esse comitê editorial tinha como primeira tarefa definir o 'termo museologia', e deste ponto é que partiria o plano temático a ser discutido por autores selecionados entre pessoas que atuavam em museus, e tidos por Vinos Sofka como 'eminentes especialistas', com a meta de esboçar uma definição comum de museologia⁵⁰³. Como veremos, essa tarefa exporia diferenças de opiniões, demonstrando que, nesse momento de produção e difusão da museologia, contava-se mais com a conjunção de esforços para uma reflexão, ainda que houvesse por parte de europeus orientais uma certa continuidade na forma de abordar a questão da museologia.

Da perspectiva do ICOFOM, discutir as bases da museologia – pouco debatidas, segundo Vinos Sofka –, pretendia ativar uma verdadeira cultura científica desta área, ao mesmo tempo em que, engajando este comitê nos projetos da UNESCO, desenvolveria e efetivaria a cooperação internacional para a pesquisa em museologia e, através desse elo, desenvolveria o intercâmbio de experiências entre museus. Um meio de contribuir para o fluxo contínuo de informações entre as instituições e seus profissionais, respondendo portanto ao objetivo da UNESCO.

Discutir museologia no âmbito do ICOFOM ajudaria, pela condensação de teoria e prática, a criar ou fundamentar elementos teóricos para subsidiar o Tratado de Museologia, este um objetivo do ICOM. É dentro desse espírito que são elaborados os documentos de trabalho, com vistas à divulgação dos debates sobre os problemas fundamentais de museologia⁵⁰⁴, servindo como prospecção teórica para o Tratado, visando suplementá-lo e dinamizá-lo e não com ele competir⁵⁰⁵. O cunho a ser dado a esses documentos seria 'teorético e metodológico'⁵⁰⁶, dirigido para os que trabalhavam em museus⁵⁰⁷, firmando o pretendido fluxo e intercâmbio de informações.

Por se tratar de textos teóricos, o coordenador do comitê editorial (Sofka) solicitou que fossem redigidos nas línguas de trabalho do ICOM (inglês ou francês), ou que os próprios autores os traduzissem para um desses idiomas⁵⁰⁸.

⁵⁰³ As primeiras definições foram esboçadas por Klausewitz, Razgon e Sofka. Houve um encontro de trabalho em Estocolmo, do qual só participaram Sofka e Razgon. No encontro da Itália, narra Sofka, muito tempo foi dedicado para discutir o conceito de museologia e o esboço do programa para ser seguido nos documentos de trabalho. Houve a necessidade de de discussões mais amplas passadas para o encontro anual de 1979 (*MuWoP/DoTraM - Report on the activities of the Editorial Bord of the ICOM International Committee for Museology (ICOFOM) during the period 1978-10-28 - 1979-10-20*. n.º 1:58-59).

⁵⁰⁴ Cf. Sofka, no questionário de 29 de fevereiro de 1980 (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:65).

⁵⁰⁵ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1, documento n.º 4 - To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees, 1980 :60-61.

⁵⁰⁶ Teorético, do grego *theoretikos*, o mesmo que teórico (cf. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1988).

⁵⁰⁷ SOFKA; *MuWoP/DoTraM*, n.º 2:87.

⁵⁰⁸ Sofka pedia textos com não mais de 8 páginas, em uma das duas línguas do ICOM

Havia, portanto, uma estratégia elaborada, planos delineados e objetivos definidos – um projeto ambicioso, segundo van Mensch⁵⁰⁹ -, que foi suspenso por falta de suporte financeiro. O material acumulado, recebido pelo editor, foi redirecionado para as páginas do *ISS*.

O *ISS (ICOFOM Study Series)*⁵¹⁰ dava vazão aos documentos produzidos para os simpósios anuais do ICOFOM. Ajustava-se ao conjunto de suas iniciativas para desenvolver um programa científico e de pesquisa implementado por Sofka, no depoimento de Martin R. Schäer⁵¹¹. Distribuído entre participantes do comitê, um circuito restrito de destinatários, acabou por isso contrapondo-se à própria proposta original de que as idéias geradas pudessem, pela via impressa, atingir um grupo mais numeroso de pessoas⁵¹².

Um boletim informativo sobre as atividades do ICOFOM – *Museological News (MNs)*⁵¹³ -, completava a sua linha de publicações, com estudos de caso, anúncios sobre conferências, seminários internacionais e respectivos temas, relatórios, propostas e outras contribuições sobre aspectos da museologia⁵¹⁴.

A *MuWoP/DoTraM* e o *ISS* alinham-se ao principal objetivo enunciado pelo ICOFOM, o de tratar a museologia como área de pesquisa, ciência e disciplina acadêmica. Embora com a intenção, diretriz e destino dirigido para os profissionais de museu e abertas em suas propostas à participação de todos os interessados e a eles voltada, sua natureza teórica pressupõe um destinatário bastante interessado e com certo repertório de conhecimentos sobre a área. Por difundir e pôr em foco o debate sobre problemas tidos como fundamentais, essas revistas podem ser perfiladas, mesmo que indiretamente, como instrumentos formativos, seja pela originalidade das idéias que apresentam, pela autoridade advinda dos cargos ocupados pelos colaboradores em museus, caso de diretores e curadores, ou de reconhecida competência na área de pesquisa, ou ainda pela posição de professores de cursos sobre museus, o que os faz referendar, por suas credenciais, a importância da discussão que era realizada.

(*MuWoP/DoTraM*, n.º 1, documento n.º 4 *To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees*, 980:61). Um trabalho efetuado sem remuneração a ser retribuído com cópias complementares para cada colaborador, pois nem o ICOFOM nem o comitê editorial contavam com verbas disponíveis (*idem ibidem*).

⁵⁰⁹ Van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology*: 6 de 20.

⁵¹⁰ Uma série de cadernos do *ISS* foi ree impresso em 1995 por iniciativa de Martin R. Schäer (Presidente do ICOFOM, e Peter van Mensch)(SCHÄER; 1995: *Foreword/Avant-Propos*, s/no). Sofka declara no ano de 1988, que haviam mais de 300 páginas ainda não publicadas em razão da falta de verbas para tal (*ISS*, n.º 15:7).

⁵¹¹ SCHÄER; 1995: *Foreword/Avant-Propos*, s/n.º SOFKA; *idem*:2.

⁵¹² Van MENSCH; 1992: *International Committee for Museology*:6 de 20.

⁵¹³ *Museological News (MN)* - boletim informativo lançado em maio de 1981, editado por André Desvallés e Gerard Turpin. Após os dois primeiros números Vinos Sofka assume esta produção. Foi bi-anual, depois anual. O primeiro objetivo desta publicação foi o de informar os membros do comitê sobre assuntos administrativos, passando gradualmente a referir-se aos temas dos encontros. Muitas comunicações apresentadas em seminários do ICOFOM foram publicados na MN (Van MENSCH; 1992 - *International Committee for Museology* :6-20).

⁵¹⁴ SOFKA; MN – *Museological News – ICOFOM information bulletin* - 1992: s/n.º

Essas publicações constituíam um aspecto forte da estratégia do ICOFOM para enraizar, reforçar e expandir sua presença junto aos participantes e, por serem impressos, com chances de ir além deles. Com funções similares – debater ou apresentar idéias –, pode-se dizer que carregavam o ideário teórico que passa a ser mais veiculado e reconhecido como fundamental para a vida dos que trabalhavam em museus e os próprios museus. Os participantes, espalhados aqui e ali por diversos países⁵¹⁵, e possivelmente transformados em porta-vozes regionais, contaram com o respaldo das publicações para disseminar suas idéias e de seus colegas, mesmo com o problema de distribuição limitada. A *MuWoP/DoTraM* e a *ISS*, consideradas como pedras de toque do ICOFOM⁵¹⁶, possibilitavam a participação “em espírito”, na expressão de Sofka, daqueles que não podiam comparecer pessoalmente nos encontros⁵¹⁷.

Com outra proposta, a de informar e divulgar atividades práticas de museus para seus profissionais e comercializada, a revista trimestral *Museum*, publicada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)⁵¹⁸, vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU)⁵¹⁹, está engajada

⁵¹⁵ Entre 1983 e 1989 houve, cf. van Mensch, um aumento do número de membros participantes do ICOFOM. Em 1983 havia 113 membros, em 1989 606 participantes. A maior parte dos colaboradores eram do Primeiro Mundo (69 membros em 1983) para 7 do Segundo Mundo, e 24 do Terceiro Mundo. Durante o período de 1977-1989, 149 diferentes museólogos (*museologists*) de 39 países diferentes contribuíram para os comitês dos simpósios e nos escritos da *MuWoP*. Mais da metade eram europeus (60%), mostrando a predominância do pensamento ocidental. Quanto ao perfil e participação se dá um maior envolvimento de museólogos da África, América Latina e Ásia, e menor dos norte-americanos. A partir de 1986 aumenta a participação dos museólogos dos países do Terceiro Mundo com a conferência anual em Buenos Aires (van Mensch; 1992: *Professionalism and museology*). Na América Latina em 1990 se forma o sub-comitê, ICOFOM – LAM (América Latina e Caribe), reconhecido pelo ICOM (SCHEINER; 2000:2).

⁵¹⁶ BELLAIGUE cita em 2000 o seguinte conjunto de trabalhos do ICOFOM: *MuWoP/DoTraM* (1 e 2); *ICOFOM Study Series (ISS)* de 1 a 30; duas memórias sobre o ICOFOM pela Escola do Louvre no trabalho de Caludia Rubin de Cerin & Nada Gandhour (*Extension et évolution de la théorie muséologique de l' ICOFOM*) e o de Nadine Fattouht e Nadia Siméon (*ICOFOM – Orientatins muséologiques et origines géographiques des auteurs*) sob sua orientação e de Michel Menu em 1997 (BELLAIGUE; 2000: nota 1: 5).

⁵¹⁷ Aspas do autor; SOFKA; 1995: 20.

⁵¹⁸ A UNESCO foi estabelecida em 4 de novembro de 1946 tendo 20 países como signatários. Seus propósitos são: ‘Contribuir para a paz e segurança mediante o fomento da colaboração entre as nações através da educação, da ciência e da cultura, e das comunicações, de modo a incentivar o respeito universal pela Justiça, pelo império da lei e pelos direitos humanos e liberdades fundamentais, que sem distinção de raça, sexo, idioma ou religião são assegurados a todos os povos do mundo pela Carta da ONU’. Para realizar seus objetivos segue duas linhas mestras paralelas e complementares: a cooperação internacional intelectual nas áreas de sua competência, e atividades operacionais para o desenvolvimento que tenham dimensões sociais, culturais e econômicas. Opera através de Conferência Geral (composta de representantes dos estados membros, reunidos a cada dois anos para deliberar sobre o programa, orientação e orçamento; uma Junta Executiva (composta por 45 membros eleitos pela Conferência Geral), se reúne pelo menos três vezes ano e é responsável pela supervisão do programa aprovado na Conferência; Secretariado constituído por um Diretor Geral e quadro internacional de funcionários. Sua sede é em Paris, França (ABC DAS NAÇÕES UNIDAS; 1991:20-21). É uma agência especializada, organismo especializado, ou ramo de

diretamente na política editorial daquele organismo⁵²⁰. Como revista especializada de atualização do profissional de museu (*museum professionals* em inglês; *muséologues* em francês) auxilia a formar opiniões⁵²¹.

Seu projeto editorial a propõe como 'tribuna internacional de informação e reflexão sobre museus de todos os gêneros'⁵²² e para isso procura publicar artigos de autores e instituições de todos os continentes, sintonizando-se com o projeto de publicações da UNESCO no sentido de cuidar da educação e cultura e cooperar com a paz, compromisso firmado desde seu primeiro número (1948). Esta proposta faria de suas páginas impressas o passaporte para transpor barreiras políticas e ideológicas.

A *Museum*, sem esquecer seu viés ideológico pela proposta de disseminação dos objetivos traçados pela UNESCO, é dirigida aos profissionais, transmitindo conselhos práticos, reconhecendo nos museus o potencial de educação. Procura ser fundamentalmente técnica, centrada no que se denomina museografia, a parte aplicada da museologia ou aquilo que se executa. São raros os artigos de cunho propriamente teórico se tivermos como parâmetro a museologia emitida pelo ICOM.

subdivisão de trabalho da ONU. Inclui em seus projetos o apoio as tradições orais; promove o livro e fomenta a leitura; os direitos do autor; apoia reconstruções (caso da Biblioteca de Alexandria, Egito) e no plano regional atividades para promover artes e espetáculos; artes plásticas; programas internacionais de artesanato, produção audiovisual, criação de redes de intercâmbio artísticos e proteção de artistas e artesãos (*QUÉ ES LA UNESCO?*, 1992:8-9). Além dos museus (sob os cuidados do ICOM que em 2 de outubro de 1947 assina acordo de cooperação com a UNESCO), é foco de proteção e preservação o patrimônio cultural e natural (cf. <http://www.icom.org/chronology>).

⁵¹⁹ A ONU instalada no final dos anos 40 do século XX, substituiu a Liga das Nações.

⁵²⁰ As publicações da UNESCO são consideradas instrumentos de execução de seu programa, que dão a conhecer suas atividades e os resultados obtidos. Imprime revistas, documentos, publicações especializadas e obras destinadas ao grande público. **Revistas:** mensal *El Correo de la UNESCO* (em 36 idiomas e em braille), com temas de interesse universal, por autores de nacionalidades e horizontes culturais diversos, informa sobre o progresso da pesquisa e ação da UNESCO. *Fuentes UNESCO*, publicada em francês, inglês, espanhol e português, distribuída gratuitamente, resenha mensalmente as principais atividades da organização. Revistas especializadas: *Perspectivas* (trimestral; educação); *Museum*; *Revista internacional de Ciencias Sociales*; *Impacto: ciencia y sociedad*; *La naturaleza y sus recursos*; *Boletín de derechos de autor*; *Boletín de la Oficina Internacional de Educación*. Outras obras: em diferentes idiomas o *Anuario Estadístico*; *Index Translationum* (repertório internacional de traduções); *Estudios en el extranjero*; *Derecho internacional: balance y perspectiva*; *Informe sobre la Comunicación en el Mundo*. Sobre História: *Historia General de Africa* (em inglês, francês, espanhol, árabe, chinês, português, japonês e italiano; e em algumas línguas africanas como hausa e swahili); (em 1992 estava em preparo: *Historia de América Latina y el Caribe*; *Historia de Asia Central* (sobre diferentes aspectos da cultura islâmica) e uma nova edição de *Historia del desarrollo científico y cultural da humanidad*. Uma coleção sobre Patrimônio da Humanidade, com 14 livros em francês (cada um dedicado a um sítio cultural ou natural inscrito na *Lista do Patrimônio Mundial*; atlas e mapas científicos (*QUÉ ES LA UNESCO?*, 1992: 12-13).

⁵²¹ De acordo com Andrew Wheatcroft, só a *Museum International*, o *Journal of Museum Management and Curatorship* e *Notícias del ICOM* tem difusão internacional. Boletins e outras informações especializadas têm 'difusão reduzida, limitada a uma região ou a um grupo especializado'. Este autor apresenta como revistas mais antigas, sem que apresente as datas, *Museum News* (EUA) e *Museums Journal* (Inglaterra)(WHEATCROFT, 1993:10).

⁵²² Informação contínua na contra-capa da revista.

Sua apresentação material foi se transformando ao longo do tempo, nas capas diagramadas, em cores, com ilustrações e muitas imagens que a tornam uma revista atraente; sua estrutura interna, dividida em seções, têm os artigos organizados sob o tema principal e outros assuntos (ou crônicas, notícias, etc.), didatizando seus conteúdos. O tema selecionado como titular do exemplar segue muito proximamente os assuntos em debate no ICOM, e os autores são apresentados com suas credenciais⁵²³.

A esta revista cabe propriamente a denominação de periódico, contando com mais de cinquenta anos de existência sob o mesmo título (a primeira, com essa denominação, foi publicada em 1948), sucedendo a anterior *Mouseion*, publicada pela O.I.M (Organização Internacional de Museus, pela Liga das Nações). Após 1993, passou a ser denominada *Museum International*⁵²⁴. Sob essas três denominações – *Mouseion*, *Museum*, *Museum International* – perfaz uma longa trajetória com mais de oitenta anos.

Um aspecto a se referenciar é o sobre os idiomas em que são impressas. A *MuWoP/DoTraM*, bilíngüe, foi publicada primeiramente em francês e inglês. Na *ISS* os documentos são ou em inglês ou em francês. A *Museum*, também teve suas primeiras publicações também bilíngüe (inglês e francês)⁵²⁵.

Os artigos, que são gerados por autores de diversas nacionalidades (e idiomas), muitas vezes passam pelo processo de tradução, para se adequar às línguas oficiais ou de trabalho do ICOM.

Essas publicações, *MuWoP/DoTraM*, *ISS* e *Museum*, se apresentavam com objetivos distintos, mas o elo é feito pelo ICOM, como órgão consultivo internacional sobre museus. Mesmo diferindo em suas propostas editoriais, periodicidade, formato, objetivos imediatos e público ao qual se dirige, mais restrito ou mais amplo, referem-se a museus, o ponto forte de ligação entre elas.

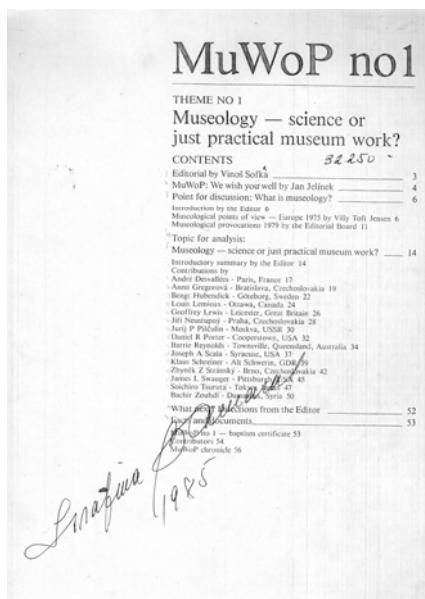
⁵²³ Esses currículos eram apresentados nas últimas páginas da revista, depois passaram ou para o final do artigo ou logo à princípio abaixo do nome do autor. Data de nascimento, formação acadêmica, cargos que ocupou, livros publicados, são alguns dados que constam dessa informação.

⁵²⁴ No EDITORIAL da revista n.º 177, vo. XLV n.º 1, 1993, justifica-se a mudança do nome de *Museum* para *Museum Internacional* de forma a que ‘...corresponda com maior exatidão tanto a sua temática como a seu público’. Assinado – M.L..p.3

⁵²⁵ A *Museum* a partir de 1990 tem suas edições publicadas também em árabe e russo.

2 - A teoria enunciada

2.1. MuWoP/DoTraM



A *MuWoP/DoTraM*⁵²⁶ nasceu para criar um espaço de debate entre especialistas sobre problemas que circundavam a museologia e seu estatuto científico. A missão desenvolvida no projeto editorial, guiado e apresentado por Vinos Sofka (editor, emissor das normas de publicação e relator),⁵²⁷ previa vários objetivos simultâneos, como o de instituir um foro aberto de discussão com força institucional e capacidade de divulgação, que registrasse opiniões sobre os

temas escolhidos e, paralelamente, de imprimir uma direção aos profissionais, lhes dando elementos de formação com 'seus próprios e indispensáveis instrumentos', na palavra de Jan Jelinék⁵²⁸. Viria a constituir-se numa plataforma 'teórica e especulativa profissional' de nível universitário para tornar a museologia uma atividade profissional específica e uma disciplina científica, com uma possibilidade maior de assentá-la nas universidades. Em suma, a aparelhagem para que eles tivessem um nível de conhecimento que correspondesse a tal estatuto. Esta é a plataforma direta e formadora de um corpo de conhecimentos para legitimar o ICOFOM como grupo encarregado de 'pensar' a museologia.

A *MuWoP/DoTraM* viera para preencher a lacuna das discussões teóricas⁵²⁹, um aspecto que incluía na perspectiva dos editores a avaliação contínua dos museus, suas atividades e sua profissão⁵³⁰.

O alicerce teórico da museologia viria, na visão de Jelinék, do estudo de sua própria história, métodos, necessidades presentes e reflexões sobre seu futuro, condição para a institucionalização disciplinar e a aproximação de teóricos de outras áreas, como a da documentação, a da antropologia social aplicada às atividades culturais dos museus modernos, a da conservação, e a da educação. Jelinék sublinhou o valor informativo das coleções, no seu entender o coração da

⁵²⁶ A *MuWoP/DoTraM* n.º 1, foi publicada pelo Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM/ICOM e *States historiska museum* (SHM, Museu Nacional de Antiguidades), Estocolmo, Suécia. Vinos Sofka foi o coordenador do projeto.

⁵²⁷ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1; s/n.º

⁵²⁸ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1:5.

⁵²⁹ Para justificar a publicação e as razões para a existência da revista como elemento de intercâmbio contínuo, Sofka argumenta que nem todos podiam participar dos simpósios, haviam falhas para disseminar informações pela falta de fundos e canais competentes impossibilitando o acompanhamento de projetos e respectivos resultados (que assim poderiam se perder); o Tratado de Museologia refletiria somente um momento do estado de conhecimento (SOFKA; 1981).

⁵³⁰ SOFKA; 198.

museologia científica em tempos em que imperavam imagens televisivas e outras mídias⁵³¹.

O primeiro plano temático da publicação planejava discutir os seguintes temas: 1. Museologia, ciência ou somente um trabalho prático?; 2. A interdisciplinaridade na museologia; 3. Pesquisa museológica básica e ciências aplicadas, e um quarto tema inquirindo sob se era possível ou desejável guiar as funções dos museus através da museologia⁵³².

O que sobressai neste primeiro número, além de ter sido um ponto de encontro para definir o objeto de estudo, foi o embate sobre a compreensão desta teoria e, como decorrência, o 'problema terminológico' para o qual a *MuWoP/DoTraM* funciona como reflexo das dificuldades.

2.1.1. O reflexo das dúvidas e o problema terminológico – MuWoP n.º 1

A *MuWoP/DoTraM* n.º 1⁵³³ é anunciada, em seu espaço editorial como se fosse o nascimento de uma criança. Vinos Sofka apresenta seu nome, tamanho e peso (*MuWoP*; 67 páginas, 203 g.). A analogia com um bebê, o leva a situar a revista como parte de uma grande família de museus composta pelas agências do ICOM e seus membros⁵³⁴.

As justificativas para esse nascimento⁵³⁵ se faziam em nome das novas demandas postas aos museus e, aos que neles trabalhavam, em razão das mudanças incessantes e aceleradas da sociedade. Como o ajuste a essas novas condições dependia dos profissionais, eles precisavam de análises e reflexões feitas em seu próprio tempo. Esta era a melhor razão para a revista. Mas havia outras: a de torná-lo fórum de discussões aberta a todos, e meio de intercâmbio entre os profissionais e instituições.

Sofka finda no editorial a cerimônia de apresentação proclamando o futuro que ali se iniciava e que, afinal teve vida curtíssima: dois números.

A primeira parte da revista com o tema 'Museologia – ciência ou somente um trabalho prático?', estrutura-se com o editorial, os votos de boas vindas por Jan

⁵³¹ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1.

⁵³² Report on the activities of the Editorial Board of the ICOM Internacional Committee for Museology (IcofoM) during the period 1978-10-28 – 1979-10-20 presented at the IcofoM Annual Meeting in Torgiano, Italy, October 1979 (*MuWoP/DoTraM* – n.º 1:63).

⁵³³ Segundo Sofka, a idéia dessas discussões não surgiu repentinamente, foram germinadas por volta de 1975, toma corpo em 1978, na gestão de Jan Jelínek, Presidente do Comitê de Museologia e anterior Presidente do Comitê Consultivo do ICOM, que propôs a formação de um Conselho Editorial para acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos e manter as metas previamente estabelecidas; em 1979 surge a proposta de uma publicação (SOFKA; 1981:1).

⁵³⁴ SOFKA; 1981:1

⁵³⁵ Dando continuidade à analogia com um nascimento Sofka tece comentários sobre o nome da revista, e tal como o futuro de uma criança explica para quem é endereçada, seus objetivos e propostas (SOFKA; 1981).

Jelínek⁵³⁶, pontos de discussão (O que é museologia?), e pontos de vista anteriores e provocações⁵³⁷.

O ponto de discussão - O que é Museologia? -, apresentado por Villy Toft Jensen nos dá uma idéia de com quais questões se pretendia sistematizar e articular a área: 1 Base e objetivos; 2 As razões para lidar com museologia; 3 Os conteúdos da museologia; 4 Algumas direções teóricas dentro da museologia, e um quinto e último tópico com algumas conclusões.

Essas idéias são transformadas em esquemas cruzando categorias e características teóricas. Por 'Categorias' tem-se: I) a 'Museologia como ciência aplicada', II) 'Museologia como ciência independente'; III) por 'Características teóricas' três variáveis - Base da teoria, Natureza da teoria e Objetivos finais da teoria -. Do cruzamento das categorias I, II e III com as variáveis se estabelecia um plano para identificar a Museologia.⁵³⁸

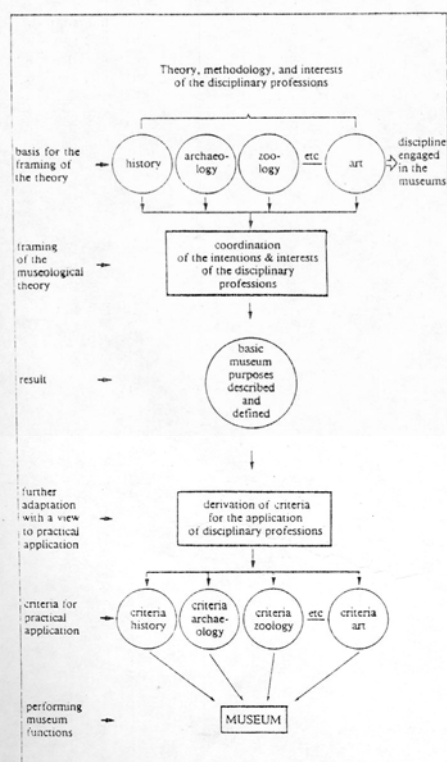
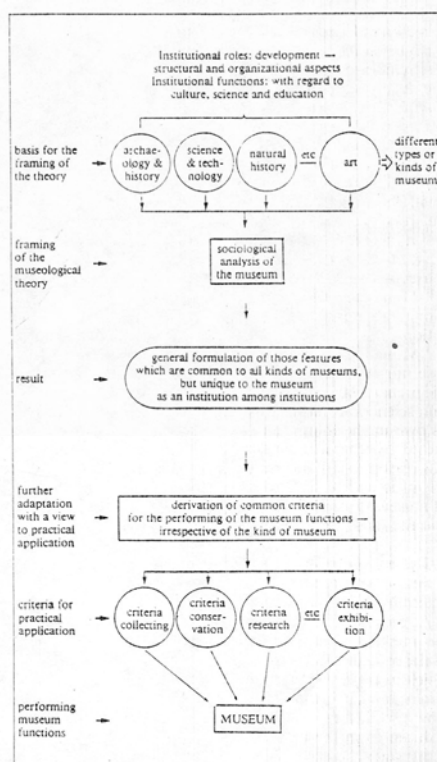
⁵³⁶ Jan Jelínek, Presidente do ICOM de 1971 a 1977, representa, no nosso entender, a voz oficial que dá aporte à *MuWoP*. Apresenta os estágios por que passaram suas reflexões sobre 'como os museus deveriam desenvolver suas profissões e suas atividades para cobrir as necessidades culturais da sociedade contemporânea' (*MuWoP/ DoTraM*, n.º 1:4)

⁵³⁷ Com uma breve introdução por Sofka, e um painel suscinto de levantamentos sobre o que seria a Museologia, realizados em 1975 e 1979.

⁵³⁸ Dois outros esquemas (Figura 1 e 2) explicitam visualmente o fluxo das Categorias I e II que saem de noções diferentes, e terminam ambas no museu. Na Categoria I, o ponto de partida são as 'Teorias, metodologia e interesses da disciplina profissional', e na II os 'Papéis institucionais: desenvolvimento estrutural e aspectos organizacionais, e Funções institucionais: com relação à cultura, ciência e educação' (*MuWoP/ DoTraM*, n.º 1:6-10).

A schematic survey of the museological categories

Theoretical characteristics	Museology as applied science		Museology as an independent science	
	Category I	Category II	Category III	
Basis of the theory	Interests, theory, and methods of the disciplinary professions	The institutional roles and functions of the different kinds of museum		Theoretical considerations: what is "museumlike" and what is not?
Nature of the theory	Interdisciplinary interpretation of museum activities	Sociological interpretation of the museum and museum work		Meta-theoretical interpretation of museum activities
Final goal of the theory	Criteria for the application of the concerned disciplines in the museums	Common criteria for the performing of museum functions — irrespective of the kind of museum		

Fig. 1
Framing of a museological theory according to category IFig. 2
Framing of a museological theory according to category II

Esquemas das categorias por Villy Toft Jensen – Museological points of view
– Europe 1975. MuWoP/DoTraM, no.1: 10

O editor apresenta assim chaves de leitura procurando demonstrar que o problema-museologia, vinha sendo abordado desde já algum tempo. Por exemplo, em 'Provocações' a palavra 'confusão' é usada para apresentar o estado da museologia como ciência através de pequenos comentários servindo de elemento para as discussões. Os autores partem de pontos de vista diferentes convergindo no museu como foco da razão de ser da museologia, assim Villy Toft Jensen, advogou a museologia como ciência cujo objeto de estudo caracteriza como 'a seleção, pesquisa e disseminação do conhecimento de todas as "coisas", incluindo o seu inter-relacionamento com o [que] o homem encontra como suficientemente

valorizado para proteger e preservar para o futuro'; Wolfgang Klausewitz a entende como um campo de investigação do museu; Awraam M. Razgon, como um ramo científico da teoria de origem e desenvolvimento dos museus, e Vinos Sofka como estudo dos museus e suas atividades ⁵³⁹.

As partes seguintes⁵⁴⁰, excetuando-se o conjunto dos documentos teóricos, reforçam direções para as futuras publicações e as metas a serem alcançadas que, de acordo com Sofka eram: discutir problemas comuns, sem obstáculos ou limitações, exortar a importância das opiniões pessoais, manter o fundamental intercâmbio de idéias de modo a atravessar continentes numa ativa cooperação internacional. Nessa ocasião o editor apresenta as dificuldades para deslanchar a revista incluindo a maior participação daqueles que trabalhavam em museus⁵⁴¹.

O coração deste número está desenvolvido em 'Tópico para análise: Museologia – ciência ou somente um trabalho prático de museu?'. Sofka se utiliza de comentários para relatar como obteve a participação dos colaboradores⁵⁴², ressalta suas qualidades como especialistas proeminentes na área - mas não caracteriza nem a especialidade nem a proeminência, fazendo-nos inferir essa

⁵³⁹ (aspas duplas de Villy T. Jensen). Provoações museológicas 1979 comentada Villy Toft Jensen; Wolfgang Klausewitz, Awraam M. Razgon, Vinos Sofka, com o sub-título "Quatro tentativas de definir o conceito de museologia pelo Comitê Editorial" (*MuWoP/ DoTraM*; n.º 1:11-12).

⁵⁴⁰ Sofka reforça suas intenções diretivas para a publicação no tópico 'O que vem a seguir? Direções do Editor' e na última parte, 'Fatos e documentos', comenta sobre a forma de protótipo deste primeiro número. Recorre novamente a analogia com uma criança e o crescimento de seus primeiros dentes para comentar das dificuldades para deslanchar a revista (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1: 53). Segue-se um 'certificado de batismo' com a função de rerepresentar os colaboradores que contribuíram para este número. Um modelo de curriculum vitae para ser preenchido pelos futuros colaboradores e os dados coletados sobre os colaboradores deste primeiro exemplar. Em 'Crônica da MuWoP', lista alguns excertos de documentos: o do segundo encontro do Comitê Internacional de Museologia, setembro, 1978, na Polônia (Documento n.º 1); o Relatório de atividades do Comitê Editorial do ICofoM – Comitê Internacional de Museologia, durante o período de 1978 (de 10 a 28), e 1979 (de 10 a 20) (Documento n.º 2); Excertos do Relatório do 3º encontro do IcofoM, realizado em Torgiano, Itália, outubro, 1979 (Documento n.º 3); Carta do Diretor e secretários de todos os comitês internacionais do ICOM (Janeiro 20, 1980) (Documento n.º 4); publicação do projeto do *Museological Working Papers* do ICOM, para o encontro do Conselho Executivo do ICOM, maio de 1980 (Documento n.º 5), e excertos de Minutas da 47ª seção do Conselho Executivo do ICOM, 20-21 de maio, 1980, Paris (Documento n.º 6) (*MUWoP/DoTraM*, n.º 1:57-67).

⁵⁴¹ Após os artigos o editor retoma a palavra para expor suas expectativas (*What next? Directions from the Editor*). Investe sobre o leitor procurando estimular a participação, conclamando-os à participação. Deixa as dificuldades nas entrelinhas colocando a continuação da revista como um sonho (ou uma loucura diáfana), justificada se fosse transformada numa plataforma de idéias variadas, vindas de todo o mundo, a serem apresentadas, confrontadas, solidificadas e polidas. Observe-se o tom do citação a seguir que não deixa escapar a necessidade de maior participação dos familiares dos museus, em nome da museologia: 'Ajude-nos a levar [a MuWop] a diante! Escreva-nos suas próprias idéias. Este é o tempo da museologia. É uma ciência ou não? O que é? Nós precisamos dela? (...). Escrevam já! (*MuWoP/DoTraM*; n.º1:52 ss)

⁵⁴² Os nomes dos autores dos comentários haviam sido enviados em resposta à requisição feita no começo dos anos 80 pelo coordenador da MuWoP, dirigindo-se a todos os comitês nacionais e internacionais do ICOM solicitando nomes de pessoas de museu ou outros especialistas, considerados pelos comitês como 'particularmente adequado para o exercício intelectual esperado'. Foram distribuídas 176 cartas-circulares, e dez comitês nacionais e cinco internacionais retornaram com respostas, menos do que o esperado mas um número de autores potenciais (*MuWoP/DoTraM*; n.º 1:14).

informação dos créditos que acompanham cada um dos autores em suas apresentações -, e também como tinham se aventurado ‘... à batalha museológica’, sem que tivessem tido discussões prévias, sem instruções por parte do Comitê Editorial, sem que se conhecessem uns aos outros⁵⁴³. Mas, nota-se pelas referências bibliográficas que havia um trânsito de publicações entre alguns deles⁵⁴⁴.

O editor, bastante presente em toda a edição, recorre à excertos para ilustrar a variedade de opiniões existentes, situando a procedência dos autores para dizer da ampla cobertura geográfica⁵⁴⁵, o que ilustra, por outro lado, quanto desta museologia era formulada por profissionais europeus.

Ocupando cada um no máximo duas folhas e meia, em coluna dupla, tem-se os artigos para caracterizar e definir a museologia. As opiniões variam numa gradação polarizada que vai da museologia como ciência de museus, ou de museologia como arte. No quadro a seguir pode se visualizar as idéias básicas e seus respectivos autores, procedência, cargos e áreas em que atuavam⁵⁴⁶, sobressaindo-se diretores e curadores de museus, os vínculos com universidades para ministrar aulas sobre museus (em cursos dirigidos à estudos de museu, cultura material, ou de estética), ou museologia em Faculdades de Filosofia ou de Educação.

IDÉIA	AUTOR E PROCEDÊNCIA	CARGO E ÁREA DE ATUAÇÃO
• Um debate antigo	André Desvallées - Paris, França	Curador da <i>L'inspection générale des musées classés et contrôlés, Direction des musées de France, Ministère de la Culture et de la Communication</i>
• Um problema intrigante	Anna Gregorová ; Bratislava, Tchecoslováquia	Pesquisadora assistente do <i>Central Office of Museums and Picture Galleries</i>
• Um tipo de conhecimento sobre museus e suas funções, uma ‘pobre ciência’, mas tendo no trabalho institucional a ciência e a prática	Bengt Hubendick ; Goteborg, Suécia	Diretor do <i>Museum of Natural History</i>
• Um trabalho prático e não uma ciência	Louis Lemieux ; Ottawa, Canadá	Diretor do <i>National Museum of Natural Sciences</i>
• Um termo (museologia) com uma história respeitável sem que pudesse se dizer o	Geoffrey Lewis ; Leicester, Grã-Bretanha	Diretor do <i>Museum Studies, University of Leicester</i>

⁵⁴³ *MuWoP/DoTraM*; n.º 1:14

⁵⁴⁴ Os autores que fazem citações bibliográficas ou notas são: Geoffrey D. Lewis (no decorrer do texto e bibliográficas, dentre elas constam trabalhos de Jelinék, Neustupný, Razgon, Stránský e Tsutura, Rivière, e inclui uma nota de rodapé); Jiri Neustupný (obras suas); Jurij P. Piščulin (de outros autores russos); Daniel R. Porter; Barrie G. Reynolds (incluindo Jelinék e trabalhos seus); Klaus Schreiner; James L. Swauger. Stránský, por exemplo, remete-se à vários autores (citados pelo sobrenome e ressaltados por tipos gráficos em caixa alta), sem que apresente, no final, a bibliografia.

⁵⁴⁵ França, Grã-Bretanha, Suécia, Tchecoslováquia, antiga USSR, antiga República Democrática Alemã; América do Norte (Estados Unidos e Canadá); Oceania (Austrália); Oriente (Japão), Oriente-Médio (Síria).

⁵⁴⁶ Seguem-se as opiniões segundo cada um dos autores: (Os artigos da *MuWoP/DoTraM*; n.º 1, ocupam da página 17 a 51).

mesmo do seu objeto de estudo		
<ul style="list-style-type: none"> Uma disciplina necessária para compreender o papel dos museus na cultura contemporânea 	Jiří Neustupný ; Praga, Tchecoslováquia	Curador senior do <i>National Museum</i> , Director do <i>Center for Education in Museology</i> , docente de pré-história e museologia da <i>Faculty of Philosophy of the Charles University</i>
<ul style="list-style-type: none"> Uma ciência aplicada que deveria recorrer a métodos de outros campos como a sociologia, psicologia, estatística e matemática para analisar cientificamente os próprios problemas teóricos 	Jurij P. Piščulin ; Moscou, URSS	Vice-diretor e chefe dos laboratórios de museologia (museology laboratories) no <i>State museum of the revolution of the USSR</i>
<ul style="list-style-type: none"> uma sub-disciplina sujeita à História em razão dos artefatos 	Daniel R. Porter Cooperstown, EUA	Professor e administrador da <i>Cooperstown Graduate Programs na State University College at Oneonta, NY</i>
<ul style="list-style-type: none"> uma ciência embrionária e uma disciplina acadêmica sobre museus 	Barrie G. Reynolds ; Townsville, Austrália	Professor de cultura material, Diretor da <i>Material Culture Unit at the James Cook University of North Queensland</i>
<ul style="list-style-type: none"> um estudo de aspectos estéticos, comerciais, práticos, administrativos, acadêmicos e de público 	Joseph A Scala ; Syracuse, USA	Diretor do <i>Joe and Emily Lowe Art Gallery</i> , Charmain of the <i>Graduate Museology Program at the College of Visual and Performing Arts</i>
<ul style="list-style-type: none"> uma disciplina científica social com objeto de estudo complexo, estrutura e leis envolvendo o processo de aquisição, preservação, decodificação, pesquisa e exposição de objetos originais selecionadas da natureza e sociedade como fontes primárias de conhecimento 	Klaus Schreiner ; Alt Shwrin, República Democrática Alemã	Diretor do <i>Museum of agrarian history in Alt Schwerin</i> , membro do Conselho do Ministério da Cultura
<ul style="list-style-type: none"> um termo (museologia) equivalente à teoria de museu, cobrindo um campo específico sobre o fenômeno museu 	Zbyněk Z. Stránský , Brno, Tchecoslováquia	Diretor do departamento de museologia do <i>Moravian Museum</i> em Brno; diretor do departamento de museologia da <i>Faculty of philosophy na Jan Evangelista Purkyne University</i>
<ul style="list-style-type: none"> um corpo de técnicas de museu para ser empregado na organização de museus pelos funcionários de museu em suas tarefas diárias, com possibilidade de algum dia se tornar uma ciência 	James L. Swauger , Pittsburgh, USA	<i>Senior scientist-anthropology no Carnegie Museum of Natural History</i>
<ul style="list-style-type: none"> uma ciência dos museus 	Soichiro Tsuruta , Tóquio, Japão	Professor de museologia, Departamento de Educação da <i>Faculty of letters of the Hosei University</i>
<ul style="list-style-type: none"> a ciência dos museus e estes como santuário da alma dos homens 	Bachir Zouhdi – Damasco, Síria	Curador do <i>Museum of Greco-romam Antiquities and Byzantine Art at Al Mathaf al-Watani (National Museum)</i> ; <i>lecturer of esthetic studies University of Damascus</i>

O foco, definir o objeto da Museologia, exigia um empreendimento simultâneo para elucidar o campo de estudo e disciplinar definições, ora aproximando-a da noção de disciplina acadêmica, ora do conjunto associado de atividades da instituição, como coleta, documentação, conservação e montagem de exposições.

Nos textos os autores dissertam sobre suas idéias, as expõem, fundando suas análises em suas experiências práticas – reforçando assim a irrefutabilidade pela força dos fatos -, muitas das quais passam pela caracterização da profissão, ou então, numa direção oposta, no desenvolvimento de um raciocínio explanatório de natureza teórica.

Dentre os autores, André Desvallées, Geoffrey D. Lewis, Jiří Neustupný e Soichiro Tsuruta, resvalam pela necessidade de, em primeiro lugar, elucidar o significado da palavra museologia. Os argumentos dos tchecos Anna Gregorová e Zbyněk Z. Stránský distinguem-se dos demais pelo trato com o tema e sua reflexão, diga-se pela experiência anterior mencionada pela citação que fazem de publicações, sobre a importância das definições para evidenciar as características essenciais da museologia, que não estariam propriamente no museu, mas sim no ‘fenômeno museu’ e nas relações não imediatamente presentes das atividades que a instituição desempenha.

O tema conduzia a uma interrogação sobre as premissas da museologia e para isto era necessário chegar a um consenso sobre o significado das palavras, os motivos, no entanto, não são os mesmos.

Desvallées, por exemplo, sugere que o emprego do termo museologia seria uma questão de opção: os que trabalhavam em museus poderiam aplicá-lo, ‘se quisessem’, ao se comunicar com seu público, ou então, ao se referirem ao campo de pesquisa como um todo (entenda-se o campo da museologia) ainda que, a seu ver, essa pesquisa se relacionasse com ciências que poderiam existir sem o museu, e através das quais, afirma, os profissionais exercem suas atividades⁵⁴⁷.

Geoffrey D. Lewis recorre a definições que encontra em dicionários de léxico e depois vincula o emprego da palavra museologia ao contexto do trabalho de museu⁵⁴⁸. Jiří Neustupný recorre ao significado de determinadas palavras em alemão⁵⁴⁹ para demonstrar a relação entre museologia e museografia, e conclui que museologia refere-se à teoria e metodologia de trabalho em museus⁵⁵⁰. Soichiro Tsuruta desenvolve sua argumentação a partir de algumas definições de museologia e museografia emitidas pela UNESCO e pelo ICOM, e apresenta sua

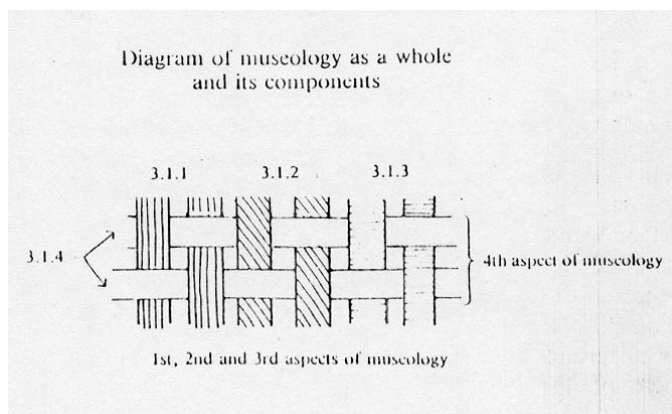
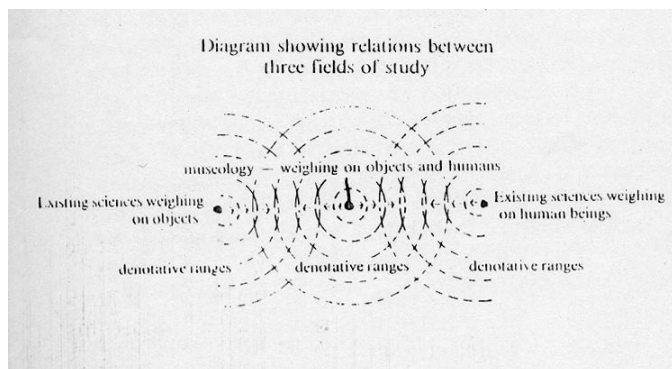
⁵⁴⁷ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1:18

⁵⁴⁸ *MuWoP/DoTraM*; n.º 1: 26-27.

⁵⁴⁹ Como *museumkunde* - a ciência dos museus; *muzeoznawstwo* - a teoria dos museus, ou tecnologia dos museus - e, *museumswissenschaft* - ciência dos museus -, como um ‘sinônimo perfeito’ para museologia incorporando teoria e prática (*MuWoP/DoTraM*; n.º 1://).

⁵⁵⁰ *MuWoP/DoTraM*; n.º 1: 28-29.

definição, concebida em 1956⁵⁵¹. Seu esforço dirige-se para propor uma organização dos campos de estudo no sentido de estudo científico da classificação, do estudo das formas e estruturas externas e internas, e estudo das funções dos museus -, para lhe dar a base científica⁵⁵².



Diagramas explicativos das relações da Museologia. Autoria: Soichiro TSURUTA, *MuWoP/DoTraM* no.1 :48

Anna Gregorová⁵⁵³ e Zbynek Z. Stránský apresentam outros elementos para definir museologia. Gregorová, citando Stránský, relaciona as questões terminológicas com o plano mais teórico da museologia, o da museologia geral. Compreendia que a falta de precisão visível nas definições da museologia derivava

⁵⁵¹ Tsuruta retoma as definições de museologia e museografia: a de 1958 (Rio de Janeiro, UNESCO) que dá a museologia como um ramo do conhecimento relativo aos estudo e organização de museus, e museografia como um corpo de técnicas relacionadas à museologia. A de 1972 emitida pelo ICOM: museologia é a ciência dos museus (estudo de sua história, seu papel na sociedade, seus sistemas específicos de pesquisa, conservação, educação e organização, relações com o meio físico e classificação das diferentes espécies de museus) e museografia como métodos e práticas das atividades dos museus em todos os seus aspectos. Sua definição de museologia como ciência aplicada em desenvolvimento para estudar os objetivos dos museus e métodos para que os realizem (*MuWoP/DoTraM*; n.º 1: 47-48).

⁵⁵² *MuWoP/DoTraM*; n.º 1: 47-48.

⁵⁵³ Gregorová declara: 'Durante anos recentes no meu trabalho com a Slovak National Museum em Bratislava eu lidei mais profundamente com problemas [relativos] à museologia - como filósofa esses problemas sempre me intrigaram. Meus esforços resultaram num manuscrito extenso de 400 páginas, do qual retiro algumas idéias básicas que (...) conecto com o tema n.º 1 do programa do ICOFOM (...)' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:19).

do fato de que elas se fundavam na função institucional e não na sua essência. Uma falha lógica, escreve, pois as definições não se referiam ao gênero próximo e ao elemento diferenciador para caracterizá-la.⁵⁵⁴ Assim explica que o elemento diferenciador não era a relação da museologia com o museu, mas sim a relação específica entre o homem e a realidade *no* museu, sendo este o gênero próximo. Propõe três categorias de análise para abordar essa relação com a realidade: museu e realidade; museu e sociedade; museu, museologia e atividades de museu⁵⁵⁵; Estes são os parâmetros a partir dos quais cunha sua definição de museologia⁵⁵⁶, concebendo-a como um sistema complexo de conhecimento com um dado objeto de estudo (as relações entre museu e realidade e museu e sociedade). Sua definição de museu conecta-se à de museologia: 'um instituto no qual a relação específica do homem com a realidade é naturalmente aplicada e realizada'⁵⁵⁷. O objetivo de Gregorová, como o dos demais, era demonstrar a museologia como ciência independente com objeto de estudo particular⁵⁵⁸.

Z. Z. Stránský, compatriota de Gregorová, procura ressaltar as características individualizantes da museologia, seguindo um esquema lógico⁵⁵⁹ para evidenciar propriedades, o *genus proximum* do 'real fenômeno museu'. Nas suas explicações recomenda verificar a intenção ao operar com um termo ou termos, uma vez que respondem por certos aspectos da realidade com características particulares – são parte do todo.

⁵⁵⁴ \ ... a definição *per genus proximum et differentiam specificam* (deff.pgp)' (MuWoP/DoTraM, n.º 1:20).

⁵⁵⁵ Gregorová evidencia na relação museu e realidade aspectos de uma 'atitude de museu' que o homem desenvolveria a partir da tri-dimensionalidade da realidade a qual o homem preserva e protege, o que lhe dá o 'senso da história', de duração. Perpassa os componentes gnoseológicos, físicos e éticos dessa atitude como forma de todo desenvolvimento humano, e dos valores de documento (dos objetos/coleções) e o 'valor museu' como tarefa a ser desenvolvida por especialistas ou cientistas (*scientific worker*). Um segundo aspecto é o da relação entre museu e sociedade (com a realidade material, com a realidade social) o que a tornaria uma ciência interdisciplinar. Estuda-se a função social dos museus: os aspectos culturais, os educacionais e os sociológicos sendo que cada um desses aspectos recorreria à outras disciplinas como aporte (MuWoP/DoTraM, n.º 1:19-20).

⁵⁵⁶ Sua *definição* de museologia: "Museologia é a ciência que estuda a específica relação do homem com a realidade, [e] consiste numa proposital e sistemática coleta e conservação de objetos selecionados inanimados, materiais, móveis e tri-dimensionais [que] documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais é feito um uso científico e cultural-educacional' (itálico da autora)(MuWoP/DoTraM, n.º 1:20).

⁵⁵⁷ MuWoP/DoTraM, n.º 1:20.

⁵⁵⁸ Para argumentar Gregorová usa de uma analogia com a Estética formada pela *específica relação estética do homem com a realidade*, não com um prédio ou a instituição que coleta e exhibe obras de arte. Da mesma forma o museu não pode ser o objeto da museologia (itálicos da autora)(MuWoP/DoTraM, n.º 1:20).

⁵⁵⁹ Stránský formula a questão (Museologia, ciência ou somente trabalho prático?) da seguinte forma: '\.. temos que decidir quando a A tem B ou C propriedades. A variável quantitativa A é coberta pelo termo "Museologia", contendo algo de algumas características de b (-logia), o que influencia nossas conclusões. Ao mesmo tempo a questão lida com A como um fenômeno objetivo. B (ciência) tem que ser posta em contraposição com C (trabalho prático). O advérbio "somente" significa que há algo ambíguo. Isto quer dizer que temos que saber quando A é B ou C no presente, mas também que temos que perguntar quando A *is what it has been up to now*, i.e, [que] presumimos algumas mudanças'. (MuWoP/DoTraM, n.º 1:42).

A característica particular, o traço individualizante e distintivo deveria ser substancial, condição mesma da existência de tal particularidade. Desse ponto – que é um percurso próprio da elaboração de conceitos e denominação dos termos –, Stránský volta-se para demonstrar, como traço substancial, o museu como fenômeno, na seguinte linha de raciocínio: um traço substancial é aquele que subsiste ao longo do tempo, uma prova de que o fenômeno existe e têm continuidade. Ora, se o fenômeno está condicionado histórica e socialmente, têm-se a prova de sua missão e propósito, portanto, há razão para a existência social dos museus. É na instituição que ele identifica o denominador comum – ou traço substancial –, de algumas palavras como “Museologia”, “Museografia”, “Teoria de Museu” e “Museístico” (esta última um pouco à parte, escreve)⁵⁶⁰, que para ele são designativas de uma área, sem que necessariamente tivessem relação direta com o mesmo fenômeno⁵⁶¹.

Este autor conclui sobre a permanência do fenômeno museu no tempo, da mesma forma que a museologia como teoria da prática de museus, dando sustentação para a produção museológica. Portanto, o traço distintivo característico da museologia não seria esboçado pela instituição, mas por um fenômeno particular, cujo plano teórico conjugaria teoria e prática⁵⁶².

Dos autores do primeiro volume da *MuWoP/DoTraM*, Stránský é o que parece detalhar com mais profundidade a chamada questão terminológica a ponto de referir-se ao vocabulário da área como as ‘nossas próprias palavras para este fenômeno (...)’. Um fenômeno tão concreto quanto ‘... o termo “trabalho prático em Museu”’⁵⁶³.

A respeito dessa complexidade explanatória vale lembrar uma observação de Peter van Mensch: os trabalhos da *MuWoP/DoTraM* não fazem jus ao conjunto do pensamento de determinados autores, pois as idéias estão recortadas de outras publicações. Mais do que por mera curiosidade, convêm apresentar um comentário bastante significativo de Gregorová, feito no final do seu texto e que corrobora a observação de van Mensch: ‘Por falta de espaço não somos capazes aqui de lidar com este problema em detalhes’⁵⁶⁴.

Os textos deste primeiro número da *MuWoP/DoTraM* cumprem o objetivo do projeto editorial de iniciar um processo identificatório dos sinais particulares de um campo de estudos envolvendo o museu. No que diz respeito à terminologia, destacam-se as reflexões dos tchecos – reforçando a tão comentada origem européia e, especialmente, européia oriental da museologia –, fazendo sobressair a importância de traços distintivos para diferenciar palavras de termos. Entretanto, o

⁵⁶⁰ (aspas duplas do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:43).

⁵⁶¹ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1:43

⁵⁶² *MuWoP/DoTraM*, n.º 1:44.

⁵⁶³ (aspas duplas do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:43).

⁵⁶⁴ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1:44.

que vai sendo delineado é a arquitetura pretendida daquilo que vai se esculpindo como área⁵⁶⁵.

Na apresentação das dúvidas enunciam-se também as diferenças de opinião trazendo a reboque, e em conseqüência do processo de 'pensar a ciência museologia', as questões sobre a linguagem de especialidade no nível da terminologia científica de comunicação entre os pares.

O compartilhamento do vocabulário - note-se de *termos em contexto* -, não mais de palavras sem referência, inicia de fato um procedimento de consenso. Contudo, isto não faz com que os autores deixem de se deparar com 'problema terminológico', do qual o norte-americano Ellis G. Burcaw, convidado por Sofka para tecer as críticas deste primeiro número, ressalta entre aspas as dificuldades para lidar com o 'léxico de Brno', referindo-se à palavras pouco conhecidas no outro lado do Atlântico.

2.1.2 O léxico de Brno - MuWoP n.º 2

Nesta segunda revista⁵⁶⁶, o tema abordado, 'Interdisciplinaridade na museologia', foi proposto originalmente como 'A ciência multidisciplinar na Museologia, Pesquisa Básica em Museologia e Ciência Aplicada' (cf. Sofka)⁵⁶⁷. Na revista há mais seções formando o tópico 'Conteúdos', saltando de sete da primeira publicação para onze⁵⁶⁸, dando a impressão que a publicação tomaria fôlego, firmando sua continuidade como periódico de debate e divulgação de notícias. Ainda que com o maior número de páginas (noventa e oito) aconteça justamente o contrário. O anúncio de seu provável fim é a primeira notícia apresentada. A responsabilidade pela sobrevivência da revista deveria ser transferida para os leitores se quisessem que ela continuasse a ser publicada, uma espécie de teste de lealdade⁵⁶⁹.

⁵⁶⁵ Marilda Lopes Ginez de Lara define o sentido de área como: 'parte do saber cujos limites são definidos segundo um ponto de vista particular de uma ciência ou técnica' (LARA; 2002:7)

⁵⁶⁶ A diagramação do revista n.º 2 segue o modelo da MuWoP n.º 1, com pouco destaque para títulos das seções e respectivos subtítulos.

⁵⁶⁷ *MuWoP/DoTraM*, n.º 1, documento n.º 4 To the chairmen and secretaries of all national and international ICOM committees, 1980 :61.

⁵⁶⁸ Mantiveram-se o 'Editorial', 'Tópico para análise' (a interdisciplinaridade)', 'O que vem a seguir: Direções do Editor' e 'Fatos e Documentos' acrescidos de partes dirigidas à comentários sobre novidades na área de museus ao modo de noticiário como 'Pontos novos', 'Novidades museológicas', 'Novas pesquisas e tecnologia'; 'Contatos, Opiniões e Confrontações'. O necrológio de Jiri Neustupný (In memoriam de Jiri Neustupný) redigido por Z.Z. Stránksý que relembra a trajetória de vida, seus trabalhos em museus, e o apresenta como uma das principais figuras que influenciou na formação de um pensamento museológico. Uma autoridade científica no panorama internacional, deixando como herança a contribuição para a formação da museologia e sua inclusão na educação universitária (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:6-7).

⁵⁶⁹ No 'Vai em frente, *MuWoP!*', é lançado um apelo pelos suecos Rolando Palsson & Olov Isaksson. Expressam-se em nome do governo, de fundações e do Museu de Antiguidades Nacionais (*Statens historiska museum*), sediado em Estocolmo, para comunicar as razões

Os leitores não passaram nessa prova, embora o plano, a política editorial, a linha editorial, a estrutura e o programa de edição estivessem creditados pelo ICOFOM e pelo ICOM⁵⁷⁰. Sofka se empenhou em defender a continuidade da revista, que para ele ficava entre o sonho em mantê-la⁵⁷¹, e a realidade de ter que suspendê-la pela falta de subvenção para sua publicação⁵⁷². Ele esperava a expansão [do quê?], o

do término das subvenções. Dizem que se a cooperação internacional entre os museus era tão significativa não haveria problemas em dar continuidade à publicação. Propõem um 'teste de lealdade e interesse' a ser cumprido pelos museus e profissionais de museu. No caso dos leitores serem aprovados no teste, o Museu de Antiquidades Nacionais reassumiria o trabalho editorial por algum anos a mais. Caso respondessem à altura certamente esta 'boa iniciativa' (a de uma revista para debates), provavelmente ela não teria sido em vão (*MuWoP/DoTraM*; no.2)

⁵⁷⁰ O plano editorial previa discussões relativas ao objeto da museologia e o sistema da museologia, seguido de comentários sobre atividades de coleta dos museus, e o papel dessas instituições na pesquisa e educação. A linha editorial seria conduzida pela apresentação de documentos básicos escritos por vários autores de 'todos os cantos do mundo (...)', e os temas selecionados contariam com várias opiniões a fim de confrontá-las. (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:4).

⁵⁷¹ No espaço do Editorial Sofka apresenta sua resposta e defesa. Defende a validade do empreendimento, buscando reforço e autoridade num parecer do ICOM recomendando a continuidade da *MuWoP*, transcrito em itálico: *A MuWoP deve continuar como fórum para discussões de níveis teóricos e metodológicos, sob a edição da Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) – Programa Trienal do ICOM – 1981 – 1983, par 37.* (13º Reunião Geral, México, 1980)(p.4). Apresenta provas que validam a publicação, enaltece a satisfação da comunidade. O fato de tratar-se de um fórum vivo e útil para os profissionais servindo-os estava acima da própria responsabilidade de cumprir com obrigações assumidas por parte do Comitê Editorial da *MuWoP*, e do Editor perante o ICOFOM de assegurar sua publicação uma vez por an.º Procura comprovar os resultados obtidos e explica que os representantes suecos tinham a convicção de que a *MuWoP* era necessária e iria sobreviver. Lembra os votos de longa vida dados por Jan Jelinék. Uma frase destacada - 'O futuro é feito de visões e a realidade que a circunda' - introduz a segunda parte do texto em defesa da continuidade da revista. Sofka convida o leitor a sonhar um pouco, mas faz seu o que seria um sonho coletivo na medida em que acrescenta a pergunta: 'O que são as visões do Editor em relação ao futuro da *MuWoP*?' Alguém lhe dissera num tom irônico: 'Sonhos, inúteis sonhos'. Para ele o sonho não era irreal, poderia tornar-se realidade sem grandes dificuldades uma vez que a reação dos leitores havia sido favorável. A *MuWoP* n.º 2 era a primeira emissão regular; progrediam as discussões museológicas - o principal objetivo da publicação -; era maior o número de contribuições para a discussão do tema 'Interdisciplinaridade'; haviam novas seções para comentar novidades, os simpósios e conferências ou novas invenções, o intercâmbio de idéias estava sendo encorajado através da seção de Contatos, sendo assim o futuro parecia ir bem. O necessário e imediato era tornar a revista base de cooperação, uma rede dentro e fora do ICOM para aprofundar discussões ou confrontá-las. Muito importante eram as opiniões de todos os continentes ou de outros ramos da ciência. Na análise de Sofka, já havia muito conhecimento acumulado e experiência que devia ser feita por 'nossa conta'. Sua expectativa era de que revista se mostrasse como uma agência mais efetiva do ICOM. Uma frase curta encerra esse texto e tópicos conclamando os leitores para se unirem nesse objetivo comum: 'Façamos desse nosso objetivo' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 4-5).

⁵⁷² Havia condições favoráveis (apoio do ICOFOM, ICOM e UNESCO), mas não o pré-requisito essencial a subvenção financeira. Sofka sugere alternativas para cobrir os custos de traduções, correções, impressão e distribuição: a primeira recai, tal como o fizeram os suecos, sobre a 'mais simples e lógica solução' - a de conclamar os trabalhadores de museus, museus, universidades, bibliotecas para comprar ou subscrever a revista -. Eram necessárias 2.500 subscrições, o que não lhe parecia muito. A segunda obter o patrocínio de fundações, e a terceira encontrar uma editora capaz de assumir a parte técnica da revista em colaboração com o ICOFOM, responsável pela edição. Adiantando-se a um possível comentário declara que uma 'boa revista se venderia por si mesmo'. Uma série de frases em seqüência findas com pontos de exclamação e interrogação repassa o tom de urgência: 'Nós precisamos sua ajuda para esta tarefa vital - efetiva e rapidamente!', para a primeira alternativa, a dos leitores/subscritores; 'Vocês teriam qualquer recomendação, sugestão ou contatos para oferecer?' para os patrocinadores, e 'Se vocês tem alguma idéia, por favor deixe-nos conhecê-la.' para a indicação de um editor ou editora. Para a

fortalecimento temático, a capacidade informativa da revista monitorando os mais importantes desenvolvimentos que ocorriam nos museus, notas sobre outras publicações de relevância e sobre os mais importantes simpósios e conferências, resenhas, ensaios, conclusões teóricas e metodológicas de encontros ou trabalhos experimentais. Esperava ainda que, a revista como fórum, servisse para o refinamento e desenvolvimento de uma terminologia, declarando:

‘ ... como as coisas estão no momento [a] falta de uma terminologia comum torna a escrita e a edição uma aventura repleta de interpretações errôneas ou nunca previstas’⁵⁷³.

Na seção Ponto de discussão: MUSEOLOGIA – CIÊNCIA OU SOMENTE UM TRABALHO PRÁTICO?⁵⁷⁴, uma pergunta dramática que também encerra o primeiro número, evidenciada pelo uso de letras capitais, inicia a apresentação de Sofka, voltada ainda para o tema da primeira revista, e nos dá um pouco da dimensão da complexidade que rondava o mapeamento da museologia. Ei-la:

EM NOME DO CÉU, O QUE É MUSEOLOGIA?⁵⁷⁵

Esta ‘desesperada questão’ – expressão de Sofka -, reina suprema. O editor situa: nem ele, nem os autores pretendiam resolvê-la no primeiro número, mas somente mapear uma situação. A *MuWoP/DoTraM* n.º 2, representava um segundo *round* de discussões. Um milagre seria esperar soluções⁵⁷⁶.

Naquela etapa já era possível agrupar um espectro de diferentes pontos de vista. Apresenta o estado das opiniões divididas entre um grupo maior que indicava a museologia como disciplina, uma ciência ou ciência emergente e um outro menor que considerava simultaneamente ciência e trabalho prático, ou uma arte ou ciência aplicada⁵⁷⁷.

A expressão ‘combatentes’ é empregada por ele referindo-se aos seis autores⁵⁷⁸ que enviaram suas opiniões sobre o tema (da primeira revista) com

captação de fundos, pergunta: ‘podemos assumir essa responsabilidade e levar a revista adiante?’ (*MuWoP/DoTraM*. No. 2: 5)

⁵⁷³ *MuWoP/DoTraM*; n.º 2:5

⁵⁷⁴ ‘Introdução pelo Editor’, e ‘Contribuições por’, esta composta por frases selecionadas de textos de seis colaboradores que dão continuidade ao tema do primeiro número da *MuWoP*.

⁵⁷⁵ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 8

⁵⁷⁶ *Idem ibidem*

⁵⁷⁷ *Idem ibidem*.

⁵⁷⁸ Uma outra ‘Introdução sumária do Editor’ abre esta seção, seguida da seleção de frases destacadas pelo uso de letras maiores e em negrito para ressaltar o nome do autor e aspas marcando a frase escolhida mantendo assim o padrão gráfico usado da revista n.º 1. Os autores e os respectivos cargos são: ▪ Josef Benes (Praga, Tchecoslováquia; Secretário da Divisão de Patrimônio Cultural do Ministério da Cultura da CSR, Praga), ▪ Ilse Jahn (Berlim, República Democrática Alemã; Professora de museologia no *Museum für Naturjinde of the Humboldt-Universität zu Berlin*), ▪ Flora S. Kaplan (Nova York, E.U.A;

reflexões que não fogem ao diapasão anterior de uma museologia em formulação ou em processo de se tornar uma disciplina independente.

O corpo principal deste segundo número da revista, com artigos de quinze autores⁵⁷⁹ alguns dos quais estão novamente neste número, é formado pela seção 'Tópico para análise: Interdisciplinaridade na museologia', segundo Sofka, um passo além no desenvolvimento das idéias sobre museologia. O propósito era compor um certo número de apontamentos interconectados em "gradação temática", abordando a interdisciplinaridade relacionada com a museologia e, nos números subseqüentes (3º e 4º), o projeto era o de analisar mais detalhadamente o objeto da museologia, seguindo-se os problemas relativos aos sistemas da museologia⁵⁸⁰.

Sofka percebeu pela diversidade de interpretações conceituais que, da mesma forma que ocorreu no primeiro número, não houve homogeneidade entre os escritos, o que expôs mais uma vez '(...) o problema da uniformidade terminológica (...)'⁵⁸¹, muito proveitoso, na sua avaliação, pois criava a oportunidade de apresentar as diferentes opiniões para que se trabalhasse sobre elas.

O tema sobre a interdisciplinaridade foi abordado por dois ângulos, formando dois conjuntos de textos e grupos de discussão. Um, o "grupo da museologia" apresentando os pontos de vista entre interdisciplinaridade e museologia desenvolvido pelos seguintes autores:

Autor	Procedência	Cargo e área de atuação
Michaela Dub	Haifa, Israel	Curadora do <i>Museum of Modern Art</i>
Anna Gregorová	Bratislava, Tchecoslováquia	
Ilse Jahn	Berlim, República Democrática Alemã	<i>Lecturer of museology at the Museum für Naturjunde of the Humboldt-Universität zu Berlin</i>
Jirí Neustupný	Praga, Tchecoslováquia	
Awraam M Razgon	Moscú, URSS	Diretor do <i>Department of cartography at the Gosudarstvennyj istoriceskij muzej (the State Historical Museum)</i>
Waldisa Rússio	São Paulo, Brasil	<i>Technical assistant in the Cabinet of the Secretary of the State of S. Paulo, Museu da</i>

Diretora do *Museum Studies Program* e *Assisatn Professor of Anthropology at the Graduate School of Arts and Science, New Yor University*), ▪ Judith K. Spielbauer (Oxford, E.U.A; Instrutora de museologia e antropologia no *Department of Sociology and Antropology, Miami University, Oxford, Ohio*), ▪ Zbynek Z. Stránský (Brno, Tchecoslováquia) – não é citado o cargo, mas referenciada a sua apresentação na revista anterior e, ▪ Jerzy Swiecimski (Cravóvia, Polónia; Chefe da seção de exposições do *Institute of Systematic and Experimental Zoology of the Polish Academy of Sciences, Lecture of museology at the Jagiellonian University in Kraków and the Nicolaus Copernicus University in Torún, Poland*).

⁵⁷⁹São os seguintes colaboradores do 'Tópico de análise: interdisciplinaridade na museologia': G. Ellis Burcaw; Michaela Dub, Anna gregorová, Ilse Jahn, Flora S. Kaplan, Louis Lemieux, Domènec Miquel & Eulália Morral, Jiri Neustupný, Robert W. ott, Aweann M. Razgon, George Henri rivièrè, Waldisa Rússio, Klaus Schreiner, Tibor Sekelj, Jerzy Swiecimski. (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2).

⁵⁸⁰(aspas duplas do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 25).

⁵⁸¹*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 25.

		<i>Indústria, Comércio e Tecnologia</i>
Klaus Schreiner	Alt Shwrin, República Democrática Alemã	
Jerzy Swicimsky	Torún, Polônia	<i>Head of the exhibition section at the Institute of Systematic and Experimental Zoology of the Polish Academy of Sciences; Lecture of museology at the Jagiellonian University in Kraków and the Nicolaus Copernicus University</i>

E o “grupo de museu”, comentando a interdisciplinaridade na relação entre museu e suas atividades:

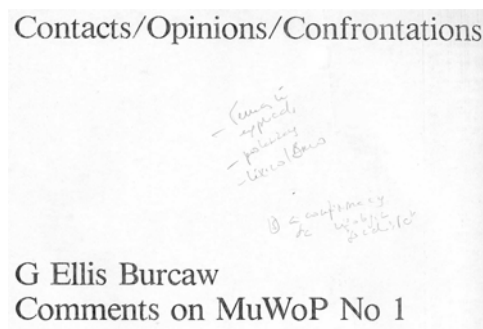
Autor	Procedência	Cargo e área de atuação
G. Ellis Burcaw	Moscou, EUA	<i>Diretor da University of Idaho Museum, Charmain of Museum Studies; professor Museology and of Anthropology at the University of Idaho</i>
Louis Lemieux	Ottawa, Canadá	
Domènec Miquel i Serra & Eulàlia Morral i Romeu	Barcelona, Espanha	respectivamente: Membro da <i>Comissió Assessora del Servei de Museus, Departament de Cultura i Mitjans de Comunicació, Generalitat de Catalunya, Collaborator at at the Museu d'Història de Sabadell</i> e Colaboradora técnica do <i>Generalitat de Catalunya, Departament de Cultura i Mitjans de Comunicació, Servei de Museus</i>
Robert W. Ott	Pennsylvania, USA	<i>Professor associado do Art Education at the Pennsylvania State University, College of Arts and Architecture, University Park</i>
Georges Henri Rivière		<i>Senior Curator Emeritus of the French National Museums, First Director and Permanent Advisor of the International Council of Museums</i>
Tibor Sekelj	Subotica, Yugoslávia	<i>Former director of the Gradski muzeji</i>

As outras seções deste número são dedicadas às atualizações na área de museologia (“Novos pontos” e “Novidades Museológicas”)⁵⁸², seguidas por uma sobre pesquisa e novas tecnologias, outra sobre contatos, opiniões e confrontações, uma específica para as direções dadas pelo editor (‘O que vem a seguir?’ Direções do Editor) e, para finalizar uma seção sobre Fatos e Documentos ⁵⁸³.

⁵⁸² Em Pesquisas e novas tecnologias Sofka sintetiza as informações de um *folder* distribuída por um dos representantes desse produto na Holanda, explicando os componentes do sistema e os procedimentos de reprodução sobre as possibilidades de uso nos museus do sistema de cópia por estéreo, desenvolvido por uma companhia japonesa para reprodução de cópias tridimensionais a ser usada por cegos. Há também comentários sobre publicações mais recentes na área de museus; acontecimentos também recentes do ICOFOM (o Simpósio de 1980) comentado por Vinos Sofka; ‘Conferências’ desenvolvidas por quatro autores, e ‘Pontos de vista’ por Judith K Spielbauer (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2::81e 79)

⁵⁸³ As últimas seções voltam-se para regras de apresentação dos documentos e para que os leitores opinem sobre o nome da revista e, seguindo a estrutura do primeiro número, a seção de ‘Fatos e documentos’, e ‘Crônica [da] *MuWoP*’. Na seção ‘Um novo nome para a *MuWoP*?’ um espaço para sugestões para uma outra denominação para a revista. Reapresenta as raízes lançadas em 1978 e 79 em eventos do ICOFOM, e ao ICOM em 1980. O adjetivo “*museological*” foi adicionada posteriormente, e o nome *Museological*

A seção 'Contatos – Opiniões – Confrontações' desenvolvida em dois tópicos e em quatro páginas (83 a 86) traz, em primeiro lugar, os comentários do norte-americano G. Ellis Burcaw (diretor do museu da Universidade de Idaho, presidente de Estudos de Museu, e professor de museologia e antropologia desta mesma universidade⁵⁸⁴) – convidado pessoalmente por Sofka⁵⁸⁵ – para criticar a MuWoP n.º 1. A estes segue-se os 'Comentários sobre os comentários pelo Editor', a resposta de Sofka. Como indica o próprio título têm-se um confronto, um esgrimir polido⁵⁸⁶ entre Burcaw e o editor que responde as críticas ponto a ponto.



Burcaw concorda que a revista tinha uma missão a cumprir, ressaltava seus méritos e reafirma seu papel de agência efetiva do ICOM pois não havia uma publicação internacional dedicada à teoria de museu. Já era tempo, escreve, de considerar seriamente o 'que são e para onde vão nossos museus'. Tece críticas ao som 'feio e cômico' produzido pelo acrônimo *MuWoP* em inglês⁵⁸⁷, sugerindo o uso do nome por extenso; explicita que a denominação da revista tinha sido inspirada num periódico tcheco (*Museological Papers – Muzeologiché sesity* em tcheco,

Working Papers foi sendo abreviado, mas como dada a natureza bilíngue do ICOM, explica, passou a se chamar *DoTraM – Documents de travail sur la muséologie*, em francês, mas se estabeleceu na denominação em inglês por preferência dentro do próprio Conselho Internacional (no outono de 1980) o que parecia suficiente. Em 'Fatos e Documentos' apresentam-se os créditos, uma lista dos nomes dos colaboradores com os respectivos endereços. Os documentos (exertos) são os seguintes: Documento n.º 7 do Encontro do ICOM *Advisory Committee and Executive Council*, outubro/novembro 1908; o n.º 8 parte do Relatório de Atividades do Comitê Editorial (EB) do ICOFOM, outubro 1979; outubro 1980, outubro/novembro 1980, México; o n.º 9 que reproduz na íntegra uma carta do Editor – Dr. Vinos Sofka -, dirigida ao Presidente e Secretarias de todos os comitês internacionais do ICOM onde os informa sobre a situação em que se encontrava a revista. Comenta sobre os esforços, apoios recebidos do governo e instituições suecas; repassa os objetivos da revista, relata os sucessos, e procura, tal como é realizado neste segundo número, incentivar à participação de todos quer sob a forma escrita, quer pela divulgação e indicações (15 de abril de 1981, Estocolmo).

⁵⁸⁴ Cf. créditos na apresentação (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:29).

⁵⁸⁵ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 83.

⁵⁸⁶ Burcaw agradece à Sofka e ao ICOFOM o serviço que prestam, e a consideração para com seus comentários (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 83).

⁵⁸⁷ Sofka responde sobre o acróstico que se tratava de uma brincadeira; a denominação da revista poderia mudar, fato deixado em aberto numa curta seção para que os leitores sugerissem um novo nome para a revista (*A new name for MuWoP?* - p. 89). O editor relembra a Burcaw as estranhas composições (e, possivelmente o som emitido) de siglas de outros quinze comitês do ICOM: o CIMUSET, ICME, ICMAH, ICAA, CIMAH, ICAMT, CIMCIM, ICFA, IAMAH, SIBMAS, AIMA, CIDOC, CECA, ICMS, MP e pergunta: 'o que acha ...?' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 86).

promovido pelo *Moravian Museum*) acrescido da palavra *'working'* para distingui-la. Crítica, ainda, a posição centralizadora do editor, do ICOFOM, a seleção dos colaboradores (Europa do Leste, particularmente os tchecos)⁵⁸⁸, a seleção dos temas, que não era *'necessariamente má'*, mas sem explicações poderia significar um ponto fraco do comitê editorial. Solicitava o empenho do editor e do comitê para que esclarecessem os assuntos teóricos, de tal forma que outros, além deles, também pudessem compreender as questões em discussão e as perspectivas propostas, caso contrário era o mesmo que convidar oponentes para jogar um jogo sem explicar suas regras⁵⁸⁹.

A dificuldade sobre a natureza dos temas o faz confessar sem timidez:

*' (...) não compreendi nenhum deles'*⁵⁹⁰.

Percebe que, alguns colaboradores, tinham apreendido o tema sobre museologia no sentido de corpo de conhecimentos e atitudes comuns a todos os trabalhos de museu, levando-o a inquirir se haveria – e fica velado um *'de fato'* –, algo como museologia, ou ciência de museu tal como era pensado nos países do leste europeu⁵⁹¹.

A explicação encontrada por Burcaw para as diferenças nas abordagens recai sobre a capacidade de dominar o significado das palavras. Um domínio que era notório para os representantes dos países socialistas, fazendo-os se revelar no tema, enquanto os representantes dos países ocidentais tendiam a perambular, escapar ou respondê-lo superficialmente; uma decorrência de não terem sido avisados do *'léxico de Brno'*⁵⁹². Ele não esconde suas próprias dificuldades para lidar com esse léxico, fazendo do leitor seu parceiro:

⁵⁸⁸ A sua crítica sobre a seleção dos autores baliza de algum modo a posição do ICOM perante os profissionais de museu. Burcaw relata que grande número de profissionais não pertenciam às organizações nacionais caso da *American Association of Museums*, e *'muito menos'* ao ICOM. Questiona: *'Se metade dos museus e trabalhadores de museu do mundo são da América do Norte, pode o Comitê Internacional para a Museologia e seu ramo editorial lidar completa e acuradamente com a museologia do modo como está agora constituído?'* O ICOFOM era formado por três alemães, dois tchecos e um cidadão da União Soviética. Uma outra queixa recai sobre a representação: *'Vastos países, populações, nações e culturas não estão [nele] representados'* (*MuWoP/DoTraM*; n.º 2: 83-84).

⁵⁸⁹ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 83

⁵⁹⁰ *Idem ibidem*

⁵⁹¹ *Idem ibidem*

⁵⁹² (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 83). Um dos Comentários da *ISS* n.º 1 é provavelmente feito por Burcaw. Nele ele diz que os artigos escritos pelos autores do continente europeu e publicados em inglês são difíceis de serem compreendidos. Sugere uma revisão antes da publicação por um *'falante nativo da língua'*, recomendando que os autores sejam cuidadosos no uso de termos que não são comumente compreendidos. Diz ter encontrado nos documentos básicos *'palavras que não são comuns no uso inglês – semiótica, heterômico, teleological, axiológico, reprografia, gnoseological, eidetical, fenetic, fileti, e e outras. Não propõe aos colegas ilustres que restrinjam seu vocabulário, mas recomenda que nos foruns internacionais, quando ainda não havia um acordo ou mesmo os 'termos básicos de nossa profissão', se usasse palavras simples. Palavras que não constam dos*

'... (pense que alguns de seus termos, "musealidade, museístico, musealium, thesaurus de objetos, etc.") não são comuns no Ocidente⁵⁹³.

Por sobre o domínio deste léxico – que do modo como Burcaw a ele se refere mais parece um dialeto, e uma vez de Brno, um dialeto tcheco -, tece uma outra observação sobre as concepções de museologia: uma européia de base filosófica para tratar as coleções de museus, e a norte-americana, técnica. Por base filosófica refere-se à concepção particular de museologia concebida pelos tchecos como a relação do homem com a realidade tridimensional, e ao uso eficiente das coleções para propósitos educacionais, a museologia aplicada, completa entre parênteses.

A abordagem técnica norte-americana visava:

'... como fazer amigos, como obter financiamentos, como servir [ao público] com necessidades especiais, como criar belos ambientes, como elevar o moral de grupos minoritários, como ensinar às crianças fatos da natureza, como preservar coleções, como os *trustees* podem fugir de processos das leis, e assim por diante'.

Esta polarização era, no seu entender, mais interessante que o próprio tema em debate⁵⁹⁴.

Declara, apoiando-se na sua experiência e participação em eventos que, nem mesmo nos encontros sobre museus nos Estados Unidos, tinha visto qualquer chamada para tratar diretamente com museologia tal como apresentada no sentido europeu⁵⁹⁵, ou seja, a museologia do ICOFOM (e do ICOM).

Uma outra diferença que destacou para lembrar, relaciona-se à visão do que se compreendia sobre aqueles que trabalham em museus, não 'necessariamente museólogos', a depender do que a eles estava concernente (Burcaw não explicita, deixando subentendido uma provável atribuição de tarefas) num país ou noutro⁵⁹⁶.

Ao encerrar elogiosamente suas críticas sobre o trabalho avançado e exploratório desenvolvido por este comitê propôs uma 'confortável acomodação' entre as duas posições: a pragmática, ministrada nos cursos da Universidade de Idaho (E.U.A), produtiva a curto prazo, e a filosófica, a da teoria de museu,

dicionários comuns, deviam ser definidas, já que muitos dos participantes não são fluentes na 'linguagem de trabalho' (*working language*). Concorda que todos violaram a regra, mas uns mais do que outros (*ISS*, n.º 1:18-19).

⁵⁹³ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 84

⁵⁹⁴ *Idem ibidem*

⁵⁹⁵ *Idem*: 84

⁵⁹⁶ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 84.

ministrada na Universidade de J. E. Purkyne, em Brno, Praga, interessante a longo prazo⁵⁹⁷.

Concluiu que, embora os profissionais de museu não compreendessem ou concordassem com a abordagem do comitê, a profissão precisava dessa forma de conceber a museologia (ele diz, forma de pensar). Uma posição estranha, arremata, para alguém que tinha sido um oponente do ICOFOM na sua origem, e revertida (ele também fazia parte do ICTOP, comitê para o treinamento profissional) em razão de ter ele mesmo e, outros deste comitê, percebido que, ao ministrar museologia para estudantes universitários, deveria se estar envolvido necessária e profundamente com a teoria museológica⁵⁹⁸. Estava convencido que a museologia seria ciência `.... um dia`⁵⁹⁹.

Nos `Comentários sobre os comentários pelo Editor`, Sofka vai ao rebate agradecendo primeiro as críticas por ele aceitas como demonstração de interesse e progresso da revista⁶⁰⁰.

Ater-nos-emos, dentre as respostas de Sofka, naquela que foca o aspecto da terminologia. Opondo-se duramente ao comentário de Burcaw sobre a seleção temática como um ponto fraco do comitê por não explicá-los, vincula tema e terminologia – sem retomar a expressão `léxico de Brno` -. Revidou argumentando que se estava trabalhando em conjunto para elucidar os vários problemas museológicos.

Assim, a variabilidade de opiniões deveria ser aceita como premissa e além disso, não poderiam evitar que as pessoas não interpretassem ou não compreendessem os temas. Lembra à Burcaw que não haviam trabalhado ainda numa terminologia comum, vendo nisso um estímulo para a discussão, e não uma desvantagem⁶⁰¹.

Na seção seguinte (`O que vem depois? Direções do Editor`⁶⁰²) procura esclarecer um `certo número de problemas terminológicos`, talvez como efeito das críticas de Burcaw.

Ao apresentar o tema `do momento` - "O objeto da museologia" -, previsto para a revista de n.º 3⁶⁰³, procura explicitar o "objeto" e "museologia". A elas

⁵⁹⁷ *Idem*: 83

⁵⁹⁸ *Idem*: 84

⁵⁹⁹ *Idem ibidem*:

⁶⁰⁰ Sofka descreve suas impressões ao receber a carta de Burcaw, mostrando sua crença na atitude aberta por parte do ICOFOM, e da importância da livre expressão e intercâmbio de idéias. Refuta os comentários sobre a centralização do grupo em determinados países e de uma `certa visão da museologia` (uma representação territorial que estava sendo discutida); explica que a linha editorial era recebida do ICOFOM, e discutida em encontros anuais. Sobre o problema da escolha dos colaboradores lança de volta à Burcaw numa pergunta (`Diga-me, como encontrá-los, e quem poderia decidir sobre a inclusão ou exclusão das pessoas ou das organizações? Não estaria certo começar uma revista publicada (...) através do contato com o ICOM e toda sua rede de organizações?`)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 85-86).

⁶⁰¹ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 86.

⁶⁰² Esta seção compõe-se de três tópicos: `E agora? Uma lista de verificação`; `Tema 3 – o objeto da museologia` e `Nossa cooperação – algumas regras` (*MuWoP/DoTraM*: 87-88)

refere-se simultaneamente como conceito ou palavra⁶⁰⁴. Isoladas, escreve, teriam seus próprios conteúdos, mas interrelacionadas e, no contexto do tema, explicariam quais "(...) os focos da museologia". Procura detalhar: a palavra "objeto" não era auto-explicativa, podendo ser compreendida de acordo com a visão pessoal do colaborador. Alguns autores preferiam usar "o assunto". Com "da museologia", seu argumento é sintético e deixa em aberto a possibilidade de interpretações dúbias: ela delimitava o campo de análise⁶⁰⁵. Essa sua preocupação em explicar as palavras, narra, decorria do fato de ter percebido que os temas propostos para o encontro de 1980 (no México)⁶⁰⁶, não tinham ficado explícitos apontando para isso duas causas: o modo como tinham sido formulados, e pela falta de uniformidade da terminologia museológica dando margem a variação interpretativa dos termos.

Para Sofka, o problema terminológico não era novo, mas acompanhava a também recente busca para fazer surgir um outro terreno museológico⁶⁰⁷. Numa outra publicação, anos depois, diz estar previsto e pronto para ser editado na revista n.º 3 um 'Glossário da MuWoP'⁶⁰⁸.

Podemos apreender na MuWoP/DoTraM, a tentativa de enunciar a Museologia. Seu esboço foi sendo desenvolvido num questionamento articulado entre ciência ou trabalho prático, para traçar a teoria e, na interdisciplinaridade relacionada à museologia para a questão do método. Diga-se os seus dois grandes temas iniciais.

O senso mais partilhado, como vimos, foi o de que os museus, nos seus aspectos operacionais, formariam as suas margens. Com tais parâmetros marcando o horizonte, os colaboradores/pares passam a perceber que não bastaria discutir os aspectos que consideravam profundos da museologia.

A 'questão terminológica', segundo André Desvallés, estava nos planos de Sofka, que pretendia criar uma seção de terminologia na MuWoP/DoTraM⁶⁰⁹. Este editor em 1982, escreve Desvallés, tinha a noção de que não havia concordância dos termos nem mesmo dentro de um mesmo grupo lingüístico, menos ainda de uma língua para outra, necessitando reunir autores, revisores e redatores para

⁶⁰³ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 88.

⁶⁰⁴ Sobre o tema 3 ("O objeto da museologia") Sofka escreve: 'O cabeçalho compreende dois conceitos: "o objeto" e "museologia". (...) "A palavra "o objeto" relacionada à "da museologia", foi usada no título [do tema] no sentido de "qual o foco da museologia" (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 88).

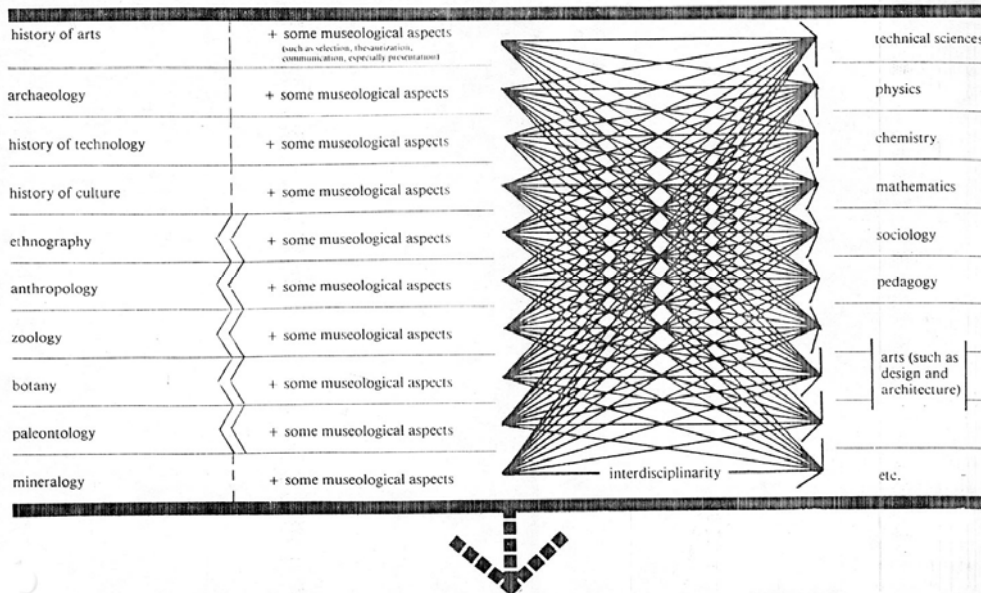
⁶⁰⁵ (aspas duplas do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 88).

⁶⁰⁶ Interdisciplinaridade na museologia; O objeto da museologia; O sistema da museologia; Museus – a teoria, métodos e critérios para as atividades de coleta em museus; O museu – um banco de informações?; O museu – um instituto de pesquisa?; O museu – um meio de comunicação de massa? (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 88).

⁶⁰⁷ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 88.

⁶⁰⁸ Cf. SOFKA em Survey of topics taken up at ICOFOM activities 1978-1988 and their breakdown into sub-topics (SOFKA, 1992: s/n.º)

⁶⁰⁹ DESVALLÉS; 2000:8.

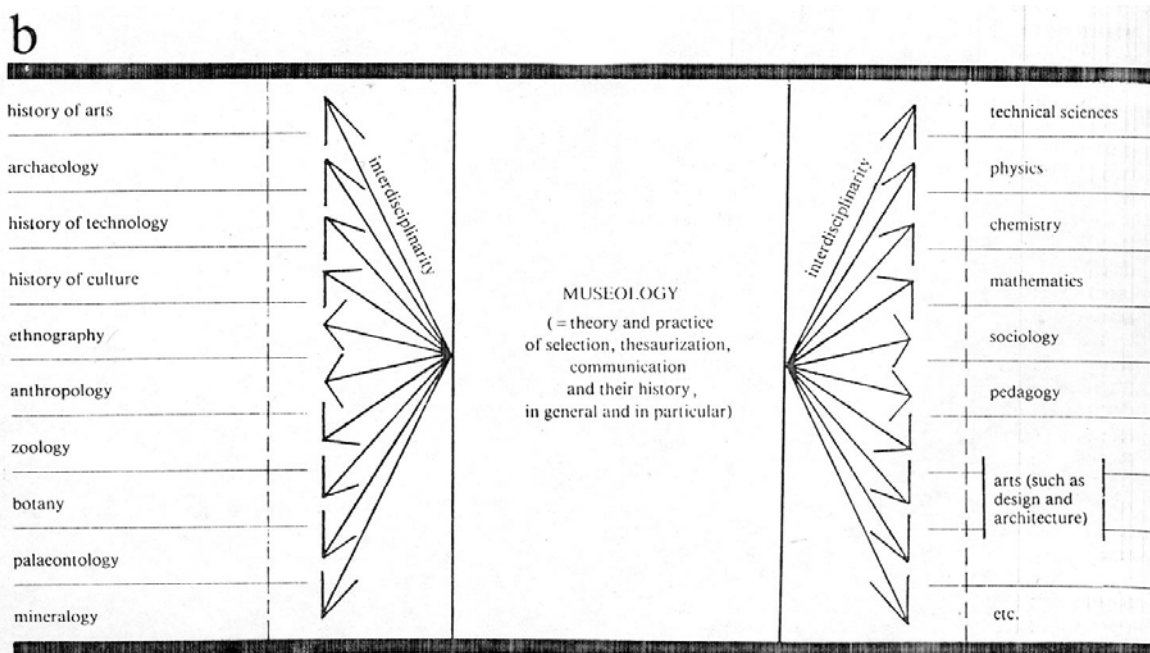


'...elaborar uma base conceitual comum para o debate.'⁶¹⁰. Uma questão, contudo, que foi ficando paralela, indicando a premência em desenvolver temas para serem apresentados nos encontros.

No interior deste processo de construção da área é que a série de estudos do ICOFOM Study Series (ISS) torna-se, com a finalização da MuWoP-DoTraM, o veículo de difusão dos temas debatidos entre os pares, indicando os rumos do que Mathilde Bellaigue denomina 'campo museológico', delineado por um temário ajustado aos pontos de vista do ICOFOM, ainda segundo esta autora, ou seja, balizado por uma dada concepção de museologia como veremos a seguir⁶¹¹.

⁶¹⁰ DESVALLÉS; 2000:8

⁶¹¹ BELLAIGUE; 2000:4.0,



Interdisciplinaridade na Museologia, segundo Ilse Jahn. *MuWoP/DoTraM*, no. 2:38

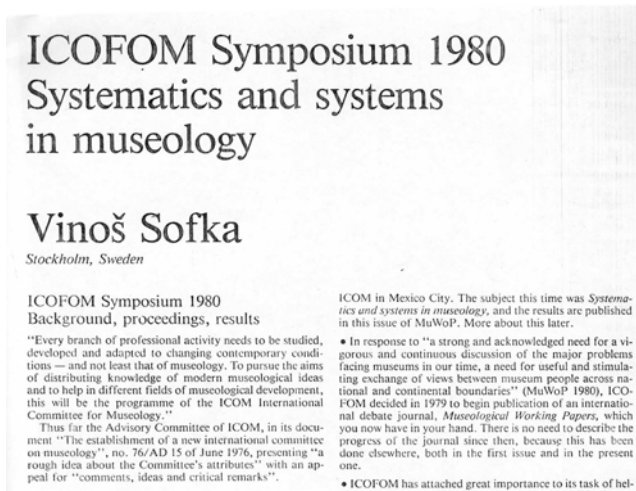
2.2. O ISS – ICOFOM Study Series⁶¹²

Peter van Mensch (1992, 2000), Tereza Scheiner (2000), Mathilde Bellaigue (2000), são unânimes em referir-se às publicações⁶¹³ do ICOFOM como elementos importantes para reforçar elos entre os participantes dos encontros, delas nascendo o que se entende hoje por teoria do museu, o alicerce para a disciplina universitária, segundo Scheiner⁶¹⁴.

⁶¹² Ao nos referirmos à *ISS – ICOFOM Study Series* – estamos nos remetendo à sua reedição, realizada em 1995. Pelo fato de terem sido distribuídos entre participantes raramente são encontrados em bibliotecas. Na Biblioteca do MAE/USP encontra-se a série ree impressa, porque foram depositados, conforme fui informada, pela museóloga Maria Cristina Bruno. Nesta biblioteca elas cobrem o período de 1983 a 1991.

⁶¹³ Sofka insere no conjunto de impressos do ICOFOM duas publicações uma de 1978 e outra de 1979. A de 1978 tratou de 'Possibilidades e limites na pesquisa científica típica para museus' (ICOFOM Volume n.º 1), e a de 1979 sobre 'Aspectos sociológicos e ecológicos nas modernas atividades dos museus à luz da cooperação com outras instituições relacionadas' (ICOFOM, Volume n.º 2) Na primeira os museus regionais e o trabalho científico; a pesquisa nos museus arqueológicos, a pesquisa sobre e nos museus, os cientistas de museus e a *mídia* (que como vimos estavam dentro das preocupações de Jan Jelinék). No segundo, sobre os aspectos sociológicos e ecológicos, o objetivo foi discutir monumentos museológicos, e os museus em relação aos monumentos, monumentos históricos, parques naturais e jardins zoológicos, além do lugar dos museus no sistema das instituições sociais. (SOFKA; 1992: s/n.º *Survey of topics taken up at ICOFOM activities: 1978-1988 and their break-down into sub-topics*).

⁶¹⁴ SCHEINER; 2000: 2.



O *ISS*, após a interrupção da *MuWoP/DoTraM*, torna-se, de acordo com Peter van Mensch, a prova do potencial acadêmico desse comitê, a 'mina-de-ouro' em sua expressão, que poderia ser explorada fora do contexto dos simpósios⁶¹⁵. Na visão interna do ICOFOM, tomando-se as palavras de Martin R.Schäer, essa coleção de documentos básicos trata de questões fundamentais da museologia⁶¹⁶, reflete diferenças regionais de abordagem e são comprovantes do esforço realizado para consolidar a museologia como ciência⁶¹⁷.

Entenda-se essa consolidação como relativa, se levarmos em conta que esta publicação enfrentou problemas de distribuição, realizada somente entre colaboradores e participantes dos encontros. Isto criou um conflito entre a proposta firmada de servir como fórum aberto de idéias, e o alcance real que teve, dados os próprios limites da distribuição, que foi aquém, portanto, do pretendido objetivo de que fosse de acesso a todos. Esse foi um obstáculo que interferiu na transferência

⁶¹⁵ MENSCH; 1992 - International Committee for Museology : 6 de 20.

⁶¹⁶ Na reimpressão de 1995 estão assim constituídos:

LIVRO 1: (1983) *Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle 1*, Londres; (1983); *Musée-territoire-société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques 2*, Londres; (1983) *Méthodologie de la muséologie et la formation professionnelle*; 3 - (1983) *Méthodologie de la muséologie et formation professionnelle*; *Musée-territoire société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques*; 4 - *Musée-territoire société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques*; 5 *Méthodologie de la muséologie et la formation professionnelle*; 6 *Collectionner aujourd'hui pour demain (1)*, Leiden, 1984; e 7 *Collectionner aujourd'hui pour demain (2)*,

LIVRO 2: (1985) *Originaux et objets substitutifs dans les musées 1*, Zagreb; (1985) *Originaux et objets substitutifs dans les musées 2*.

LIVRO 3: (1986) *Muséologie et identité 1*, Buenos Aires; (1986) *Muséologie et identité 2*.

LIVRO 4: (1987) *Muséologie et musées 1*, Helsinki; (1987) *Muséologie et musées 2*.

LIVRO 5: (1988) *Muséologie et pays en voie de développement - aide ou manipulation 1*, Hyderabad/Varanasi/New Delhi; (1988) *Muséologie et pays en voie de développement - aide ou manipulation 2*.

LIVRO 6: (1989) *La prospective - un outil muséologique? Muséologie et futurologie*, Den Haag; (1998) *Museology et environnement*, Livingstone/Mfuwe; Zambia (1990) e mais um livro que não foi publicado (o que seria de no. 18)

LIVRO 7: (1991) *Le langage de l'exposition 1 (Vevey)*; (1991) *Le langage de l'exposition 2*. (*ISS*,no.1: 26.27).

⁶¹⁷ SCHÄER; 1995: s/n.

de idéias de um simpósio para outro, justificando, na avaliação de van Mensch, as poucas referências a esta série, diferentemente da *MuWoP/DoTraM*, mais citada⁶¹⁸. No aspecto material da publicação não estava prevista qualquer modificação editorial⁶¹⁹, sob a alegação de falta de verbas e de tempo, o que se refletiu na produção gráfica, resultando numa apresentação singela, e na ausência de traduções ou revisões dos documentos, recebidos nas línguas de trabalho do ICOM⁶²⁰.

Numa leitura hoje desses documentos tem-se a impressão de se estar frente aos documentos originais, nos quais se fixou o frescor da idéia. Alguns desses textos trazem correções manuscritas sobre a datilografia de base⁶²¹. Vê-se colchetes inseridos no meio da frase para completar uma palavra ou idéia, ou ainda traços de junção para unir uma palavra, ou letras acrescentadas corrigindo a escrita em inglês ou francês, ou traços colocados para separar palavras ou vírgulas que, provavelmente, foram esquecidas no momento da datilografia, o mesmo ocorrendo em esboços e diagramas.

A declaração de falta de verbas nos faz supor dificuldades às quais o próprio comitê estava sujeito – sem muito apoio, pensa-se –, e na sua dependência do esforço de poucos. A falta de tempo sugere um trabalho sob pressão para a produção desses documentos.

Os textos elaborados por pessoas de nacionalidades diversas e, assim, concebidos em línguas diferentes entre si, redigidos necessariamente em inglês ou francês, poderiam sugerir um ajuste, ao menos relativo, entre os significados das palavras. Mas este é um fato aparente. Waldisa Rússio, por exemplo, abre um documento comentando que malgrado houvesse ‘problemas de semântica’ e questões ideológicas, ter-se-ia que buscar um outro ponto comum que unisse os colaboradores e esforços deveriam ser envidados para encontrar esse elo de união⁶²².

A série tem uma estrutura geral formada por documentos básicos, comentários, sumários e, às vezes, um documento introdutório⁶²³. A escolha dos temas, bem como toda a seqüência de trabalho, fazia parte de um programa desenvolvido por Sofka como ‘Modelo dos simpósios do ICOFOM’ arquitetado para funcionar em quatro fases. Os temas eram determinados na primeira fase, a conceitual, quando eram traçadas as bases de discussões e pontuados os sub-

⁶¹⁸ MENSCH; 1992 - International Committee for Museology : 6 de 20.

⁶¹⁹ SOFKA; *ISS* 2, 1995:2.

⁶²⁰ Talvez, pelos mesmos motivos, nada do original tenha sido alterado mesmo nas reimpressões.

⁶²¹ Os manuscritos apresentam-se tal como foram enviados pelos autores, o que explica, para Martin R. Schärer a diferença na qualidade das impressões marcada pela diversidade tipográfica (SCHÄER; 1995: n.º 1, s/n).

⁶²² RÚSSIO; *ISS* n.º 5: 32.

⁶²³ SOFKA; 1992: *Model for ICOFOM symposia.s/no*

temas. Seguia-se a fase preparatória, a de discussão, e a de atividades posteriores incluindo a adição de documentos básicos ou de comentários, sumários, conclusões e uma nova distribuição⁶²⁴ ou, redistribuição. Esta estratégia do editor que se colocava como mediador entre o comitê e os colaboradores⁶²⁵, imprimiu uma dinâmica que foi apresentando resultados concretos, na medida em que recebia os textos por escrito em menor número do que esperava⁶²⁶. 'Colocar as idéias por escrito', uma requisição do editor, um convite e uma sutil recomendação⁶²⁷, assegurava a produção de textos e garantia a presença do ICOFOM nos encontros.

Por vezes, antecedendo os temas, reflexões prévias eram enviadas, escritas por Sofka ou algum convidado. São as 'provocações'⁶²⁸, uma outra forma de estimular as discussões, com o intuito de apontar um caminho a ser comentado pelos autores. Um traço importante desta publicação é o tom de diálogo, notado nos comentários que uns tecem sobre as idéias dos outros, reforçando a produção feita entre pares através da troca e geração de idéias que assim iam se desenvolvendo.

Os colaboradores também foram escolhidos entre pessoas eminentes, ativas em museus ou universidades visando manter um alto nível intelectual para as discussões realizadas nos encontros e, conseqüentemente na produção dos documentos⁶²⁹. Este procedimento nos diz, novamente, da necessidade de referendar, pela competência dos participantes, a qualidade do debate.

O tratamento dos temas era dado nos seus primeiros tempos, pela perspectiva europeia de museologia, de modo predominante, fato não despercebido por Sofka⁶³⁰. A escolha dos temas, relata este editor, nem sempre se dava de modo

⁶²⁴ Na fase preparatória (a Segunda) constavam os seguintes momentos: a de escrita dos documentos básicos, a dos comentários e análise dos sumários (com tempo previsto de escrita de dois a três meses antes do simpósio). Para cada fase Sofka planejava um tempo de preparação, impressão, distribuição dos documentos aos participantes, para o grupo de discussão, para os que preparavam os sumários e aos participantes inscritos no simpósio. Na fase de atividades posteriores a idéia era de que um relatório de atividades, abstrats, sumários e conclusões fossem publicados na MuWoP (SOFKA; 1992:s/no) (VER *ISS*, n.º 13 – *Museologia e museus*: 7-8).

⁶²⁵ SOFKA em 1988 aponta dois princípios para a participação nas 'atividades científicas' do ICOFOM: 1) o simpósio estava aberto à todos os interessados 'especialmente aqueles dos museus e de departamentos ou instituições de estudos de museus', fossem ou não membros do ICOFOM ou do ICOM. A participação – voluntária, porque o comitê não contava com verbas para custear passagens, acomodações, etc.-, era um direito dos membros do ICOFOM, e um convite para outros. Poderia ser pessoalmente ou 'em espírito' (para encorajar os membros aos trabalhos e troca de idéias e experiências). 2) Para assegurar uma apresentação ampla de idéias e pontos de vista um chamado para a produção de documentos endereçado e um convite personalizado era enviado (SOFKA; 1988:17)

⁶²⁶ VER Report on preparations of the symposium – *ISS* 2, 1995:2.

⁶²⁷ SOFKA, 1005:2.

⁶²⁸ Cf. Before you write your paper. Some words from the *ISS* Editor apresentando a '...provocative check list by Zbyněk Z. Stránský' (*ISS* 6, 1995: 7-9)

⁶²⁹ Para Sofka as contribuições de alto nível importavam para o sucesso dos simpósios, organizando para isso grupos de trabalho com especialistas comentando as idéias de um co-contribuinte ou que tomassem parte nos painéis (VER *ICOFOM symposium 1984, its aims and organization by Vinos Sofka. ISS* 6; 1995: Leiden, October/octobre 1984;3).

⁶³⁰ O próprio Sofka escreve que o número de museólogos da Europa no ICOFOM era muito

pacífico, mas não ele explicita os motivos das discordâncias ou critérios de escolha⁶³¹ e sua aprovação era conferida nos encontros entre membros ativos e participantes do comitê, formando um circuito relativamente fechado de transmissão e circulação das idéias.

Para Mathilde Bellaigue, partícipe do grupo francês da ecomuseologia e nova museologia, o conjunto de trabalhos do ICOFOM (conferências, encontros, seminários, etc.) resultou num 'campo museológico ampliado'⁶³², graças à um quadro de referência específico do comitê.

Este quadro referencial fundava-se numa outra noção de objeto da museologia e de patrimônio extenso, escreve Bellaigue, e o explica como uma noção de objeto de museologia antes relacionada à museologia/museu/coleções para a de museologia/homem-sociedade-realidade, conforme contribuição de Anna Gregorová (*MuWoP/DoTraM* n.º 1), ou de museologia como "fato museal"⁶³³ explicitado como a relação entre museologia/homem-sociedade-homem, este sendo capaz de interferir na realidade (*MuWoP/DoTraM* n.º 2)⁶³⁴. Rússio, desse modo dá denominação a esse conjunto de traços que podem definir 'museologia'. Por patrimônio passa-se compreender além da dimensão material (de objetos, pode-se dizer) as manifestações imateriais, o cultural e o natural⁶³⁵, acompanhando, segundo van Mensch, o desenvolvimento do conceito de Cultura trabalhado pela Antropologia⁶³⁶. Da junção dessas duas noções – a de objeto da museologia e de patrimônio extenso – passa-se a contar com o escopo 'alargado' do campo da museologia, que deveria fundamentar o trabalho de museus com base num princípio no qual é o homem que se sobrepõe ao objeto de museu, e não o seu contrário (cf. van Mensch, de acordo com Bellaigue)⁶³⁷. Esta a grande missão dos museus. Por isso a idéia de patrimônio/"instrumento" que tais instituições deveriam colocar a serviço da sociedade "... (...) para sua memória, educação e desenvolvimento"⁶³⁸. De acordo com Bellaigue, foram essas as duas idéias essenciais sistematicamente analisadas pelo comitê⁶³⁹.

Formou-se um prisma através do qual vai se procurar abordar a questão da museologia e museus nos temas do ICOFOM.

maior do que de outros continentes, fator que responde pela desproporção por exemplo do recebimento de 17 documentos dos quais 11 eram de europeus, 4 da América; 2 da Ásia para o encontro em Leiden, 1984 (*ISS* 6; 1995: Leiden, October/octobre 1984;4).

⁶³¹ SOFKA; 1995:2.

⁶³² BELLAIGUE; 2000:4-5.

⁶³³ "Fato museal" como a relação profunda entre homem sujeito que conhece, e o objeto; a parte da realidade a qual pertence, e sobre a qual tem o poder de agir (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:56-57).

⁶³⁴ *MuWoP/DoTraM*, n.º 2:56-57.

⁶³⁵ BELLAIGUE; 2000:4-5.

⁶³⁶ van MENSCH; 1989^a

⁶³⁷ BELLAIGUE; 2000:4

⁶³⁸ *Idem ibidem*.

⁶³⁹ *Idem ibidem*.

Matilde Bellaigue fez no ano 2000 um balanço da produção de vinte e dois anos do ICOFOM. Ela não se propõe a categorizar essa produção, mas a organiza em grupos por questões tratadas: em primeiro lugar o objeto teórico e o método (nos textos da *MuWoP/DoTraM*, n.º 1 e 2), o 'objeto museal', a museologia e ciências humanas e da sociedade, os referentes à "museologia social", os de aplicação da teoria museológica em tipos de museus, e a museologia como partícipe das ciências sociais e ramo da filosofia⁶⁴⁰.

Os temas que versavam sobre o 'objeto museal', por ela arrolados, são os que tratam sobre Coleta ('Coleta hoje para o amanhã'; nos encontros; *ISS*, n.º 6 e 7; 1984); Preservação ('Originais e substitutos em museus'; nos n.º 8 e 9; 1985); Pesquisa ('A linguagem das exposições'; n.º 19; 1991) e Informação e Comunicação ('Objeto - documento?'; 1994).

Sobre a museologia e ciências humanas e da sociedade: "Metodologia da museologia e a formação profissional" (*ISS*, 1983); "Museu, território, sociedade. Novas tendências/novas práticas" abarcando conceitos como ecomuseologia (com Rivière, a própria Bellaigue, Desvallés e Mayrand), "nova museologia" (com André Desvallés), e de "museu total" (com Sola)⁶⁴¹ presentes na *ISS* de 1983.

Os temas relativos a "museologia social", com cunho também político⁶⁴² são 'Museologia e identidade' (n.º 10 e 11; 1986); 'Museologia e museus' (1987); 'Museologia e países em desenvolvimento - ajuda ou manipulação?' (n.º 14 e 15; 1988); 'Museologia e meio-ambiente' (n.º 17; 1990); 'Museologia, espaço e poder, 1993'; 'Museu e comunidade I & II (1994 e 1995).

O de aplicação da teoria museológica dentro da ótica de "museu total", ou seja, aquela que enfoca o museu numa perspectiva global e 'valiosamente antropológica' -, no colóquio "Museologia e museus de arte" (1996). Neste ponto, Bellaigue pondera sobre a dificuldade em projetar esta abordagem na prática em se tratando de museus de Belas-Artes. Valemo-nos de suas próprias palavras: 'certos temas (...) [são] manifestamente pertinentes para museus de etnologia, história natural, de técnicas...'⁶⁴³.

Nos temas sobre museologia como partícipe das ciências sociais e ramo da filosofia, existem os colóquios: 'Museologia e futurologia' (n.º 16; 1989); 'Museologia e memória' (1997); 'Museologia e mundialização' (1998); 'Museologia e filosofia' (numa reunião anual, 1999).

Bellaigue não comenta sobre o compromisso de cooperação entre o ICOM e a UNESCO⁶⁴⁴, que influi sobre os temas dos encontros, particularmente naqueles

⁶⁴⁰(aspas duplas da autora)(BELLAIGUE; 2000:4-5).

⁶⁴¹ (aspas duplas da autora)(BELLAIGUE; 2000:4.

⁶⁴² *Idem*:4-5).

⁶⁴³ *Idem*:4.

⁶⁴⁴ Em 2 de outubro de 1947 foi assinado acordo entre a UNESCO e o ICOM para estabelecer as modalidades de cooperação (*L'Unesco et l'ICOM: trente-quatre ans de coopération. Museum*, vol. XXXII; n.º 3, 1980: 154-162). Temas amplos tratados pela UNESCO/ICOM

que tratam dos museus em relação com as questões mundiais (museus em países em desenvolvimento – África, Ásia e América Latina, entre outros).

Dentro da perspectiva 'icofoniana' – especula-se, para empregar uma expressão usada por Tomislav Šola⁶⁴⁵, faz-se prospecções para sondar esse relacionamento no futuro quer da museologia e museus, quer aspectos da profissão, profissionais e museus, e assim por diante. Sem dúvida, é o enfoque sobre o tema que distingue a abordagem. Relembremos o objetivo do comitê de dar feição a museologia guiado por uma pergunta que os acompanha: se existia um conhecimento desenvolvido a partir dos museus, e se este conhecimento poderia ser chamado de Museologia, qual a trama a ser evidenciada entre museologia e museus? Ou dito de outro modo, quais as relações a estabelecer entre a 'essência' e teoria e prática⁶⁴⁶?

Sofka⁶⁴⁷ roteiriza o tema em sub-temas para não correr o risco de formulações muito gerais, é o que declara, por exemplo, ao comentar os tópicos a serem abordados em 'Coleta hoje para o amanhã' (Leiden, 1984), para o qual estipula: 1) O objeto de museu – o que e porquê?; 2) Critérios de seleção de objetos de museu e limites de seleção; 3) A dimensão global da coleta e reavaliação das coleções novas e correntes; 4) Política corrente de aquisição e adaptação às necessidades de amanhã⁶⁴⁸. Ou, no ano anterior, para o encontro em Londres (1983) cujo tema 'Museu – Território – Sociedade. Novas práticas – novas tendências', tratado do ponto de vista da ecologia e dos ecomuseus, dividido em 'A parte teórica', 'A parte prática', a 'Teoria e prática – interação ou confronto?', 'Discussões e conclusões' (com o 'O futuro dos ecomuseus')⁶⁴⁹.

No quadro a seguir têm-se as inflexões para temas pontuadas pelo próprio Sofka⁶⁵⁰:

referem-se à problemas dos países em desenvolvimento, ecologia e meio ambiente, diversidade cultural, Aids, pobreza, violência, entre outros. (VER BAGHLI, BOYLAN, HERREMAN; 1998:13-37)

⁶⁴⁵ ISS, n.º 16:276

⁶⁴⁶ Esse objetivo fica explícito em várias passagens. Ao apresentar as linhas para a organização do simpósio de Londres (1983; 'Museu – território – sociedade'), o objetivo promulgado por Sofka era o de fazer a interação e confrontação entre teoria e prática e não somente apresentar algumas atividades selecionadas dos ecomuseus (SOFKA; 1995; n.º 1:4).

⁶⁴⁷ Relembra-se que Sofka implementou um método de trabalho para o ICOFOM, que segundo Peter van Mensch, acaba se tornando um modelo (van MENSCH; 1992: XX)

⁶⁴⁸ SOFKA; 1995: vol.6: 3 e 4; 5 e 6.

⁶⁴⁹ Sofka assim pontua: Ecologia (objetivos, objeto de estudo, sistema e relações com outros ramos; resultados de pesquisa e a disseminação da informação para o público, e o papel do museu nessa conexão) a serem comentados por 'três proeminentes pesquisadores [em] ecologia', e os Ecomuseus (histórico, objetivo, tarefas, lugar e relações dentro do escopo da tipologia de museus) (SOFKA; 1995:n.º 2:5).

⁶⁵⁰ SOFKA ; 1992: s/no

Tema 1 – Metodologia da museologia e treinamento profissional (1983) Com: 13 documentos básicos, 13 comentários e 2 sumários	O objeto da museologia; Qual a natureza do conhecimento museológico?; Qual o sistema da museologia e como percebe as relações interdisciplinares entre os diferentes campos? Quais os objetivos do conhecimento museológico? Métodos do conhecimento museológico. Métodos para a museologia
Tema 2 – Museu – Território – sociedade: novas tendências – novas práticas (1983) Com: 11 documentos básicos, 4 comentários e 2 sumários	Ecologia e o papel dos museus na disseminação da informação sobre seus resultados; O ecomuseu dentro do escopo da tipologia de museus: o trabalho nos ecomuseus
Tema 3 – Coletando hoje para o amanhã (1984) Com: 20 documentos básicos e 4 comentários.	O objeto de museu – o que e porquê?; Critérios para a seleção de objetos de museu, e limites de seleção; A dimensão global das coleções e retribuição das novas e atuais <i>holdings</i> ; Política de aquisição e sua apropriação para as necessidades futuras
Tema 4 – Originais e substitutos em museus (1985) Com: 1 documento introdutório, 29 documentos básicos e 11 comentários	Originais <i>versus</i> substitutos, conceitos e definição; Substitutos justificados e não justificados – as implicações éticas e aspectos legais; Tipologia dos substitutos; Substitutos – implicações no trabalho de museus.
Tema 5 – Museologia e identidade (1986) Com: 1 documento introdutório, 43 documentos básicos, 15 comentários, 2 sumários	Definição de identidade compreendendo sua dimensão natural e cultural; Abordagem dos museus para com a identidade; Papel da museologia.
Tema 6 – Museologia e museus (1987) Com: 1 documento introdutório, 40 documentos básicos, 12 comentários, 4 sumários, 1 conclusão	O conceito mutável do museu no tempo, no espaço e no geral, com definição de museu como é vista hoje, com formulação de seus objetivos e papel, classificação dos tipos e categorias; Museologia, museus e suas inter-relações; Museus e instituições relacionadas; Aplicações práticas para o mundo dos museus
Tema 7 – Museologia em países em desenvolvimento (1988) Com: 1 documento introdutório, 43 documentos básicos, 14 comentários, 8 sumários e conclusões	Herança cultural e natural, museologia e museus em países em desenvolvimento; Herança cultural e natural, museologia e museus em países desenvolvidos; Museologia e desenvolvimento – o desenvolvimento da museologia: conclusões.

A geografia do mapa teórico da museologia, esboçada nas publicações *MuWoP/DoTraM* e no *ISS*, indica interesses icofonianos mais formais e generalizadores tendo em mente uma teoria que tudo explicasse. Uma operação feita à base de temas e perguntas-tópicos para induzir a interpretação que levou a organização e estruturação da área sob o rótulo 'museologia', deixando de ser uma adjetivação de qualquer coisa referente a museus, mesmo que muitos temas tenham mantido o discurso *a partir* dos museus. Não se discute a validade ou não da teoria – passa-se a acreditar nela -, pois vê-se suas propriedades e a compatibilidade esclarecida pouco a pouco entre o eixo (museologia, a teoria) e ação (o empírico, museu/práticas).

Os temas exigiram reflexão, noções foram transformadas, e uma estrutura foi surgindo. O campo museologia adquire margens, e margens que vão além da instituição. Inseguras, talvez, mas margens. Destinadores e destinatários icofonianos as empurraram para além do museu.

Nesse plano, o da produção e circulação do conhecimento científico entre pares e da difusão da ciência, retomando as categorias de Vogt para o campo Museologia, o ICOFOM proporcionou nesse período o grupo, a matéria, as discussões para produzir o conhecimento, os debates orais e escritos e o terreno para uma terminologia científica (nos moldes de Cabré), mesmo com os problemas que se apresentaram.

3 - A prática divulgada

3.1. A Museum

3.1.1 Alguns antecedentes: a *Mouseion* e o primeiro número da *Museum*



A *Museum* dá seqüência à *Mouseion*, uma das revistas européias sobre museus⁶⁵¹, cuja publicação perdurou de 1922 a 1946 sob os auspícios do

⁶⁵¹ Cita-se: *Museum Journal* (Grã-Bretanha datada de 1902); *Museumskunde*, Alemanha, 1905; *Museum Work* (Estados Unidos da América, 1919)(MAIRESSE; 1998:25). Quanto às publicações da OIM cita-se: *Traité de Muséographie* (sobre arquitetura e aménagement de museus de Arte; dois volumes; 1935); *La Conservation des Monuments d'Art et d'Histoire* (sobre administração e técnicas de conservação de monumentos históricos; 1933); *Les Dossiers de l'Office International des Musées* (dois trabalhos: *La conservation des monuments d'art et d'histoire*, Conclusões da Conferência de Atenas; *Documents sur la conservation des peintures dans les musées*, trabalhos dos comitês especializados deste organismo); *Répertoire International des Musées* (France, 1933; Pays-Bas et Indes Néerlandaises, 1933; Pologne, 1935); *Muséographie des Collections Spécialisées* (*La technique muséographique des collections ethnographiques. Le Musées de Hambouroug*, 1935; *La signification, la tache et la technique muséographique des collections d'instruments de musique*, 1935); *Publications périodiques - Mouseion* - revista de estudos administrativos e técnicos sobre os problemas museográficos e sobre a administração e conservação dos Monumentos históricos; *Informations Mensuelles*, sobre a atividade corrente dos museus; a conservação de monumentos históricos e sobre os resultados de escavações arqueológicas; notícias sobre o movimento do pessoal administrativo e de referências bibliográficas. *Les Grands Musées et les problèmes muséographiques* (1. *The Toledo Museum of Art*, 1935). *L'activité de l'Office International des Musées* (1. *Rapport annuel pour l'exercice 1932-1933*; 2. *do exercício de 1933-1934*). *Relevés topographiques des champs de fouilles* (1. *Italie: année 1933*; 2. *Italie: anée 1934*). *Répertoires et catalogues* (1. *Répertoire de reproductions photographiques d'oeuvres d'art*, 1927; 2. *Catalogue de l'exposition internatinale des chalcoghaphies de Madrid, Paris et Rome*, 1927; 3. *Catalogue des principales pièces de moulages des ateliers d'Athènes, Berlin, Bruxelles, Florence, Londres e Paris*, 1929; 4. *Catalogue de l'exposition muséographique de Madrid*, 1934) (*Mouseion*, vol. 31-32, 1935 : contracapa).

Organização Internacional de Museus (O.I.M)⁶⁵². Para François Mairesse elas são fruto de idéias generosas⁶⁵³.

A *Mouseion*, amparada pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual foi criada para facilitar a aproximação dos povos e os conduzir a uma compreensão durável entre eles⁶⁵⁴. Sua publicação foi interrompida antes da Segunda Guerra e retomada, sob a denominação de *Museum*, pela UNESCO para propagar técnicas museográficas, para todos os profissionais de museu - os museógrafos -, dos quais dependeria, pelo seu interesse, a continuidade de sua existência⁶⁵⁵.

No ato constitutivo da *Museum* é declarado que ela vêm para auxiliar no avanço e difusão do saber, velar para a conservação e proteção do patrimônio universal de obras escritas, de arte e monumentos de interesse histórico ou científico⁶⁵⁶, dentro de um programa de cooperação internacional⁶⁵⁷.

Seus objetivos imediatos⁶⁵⁸ eram o de assegurar os intercâmbios profissionais e conselhos técnicos, encorajar os museus e seus técnicos a servir mais eficazmente o grande público; esforçar-se para atingir um público em escala

⁶⁵² A Organização Internacional de Museus (*L'Office International des musées*) foi um organismo ligado ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual - IICI - (*Institut International de Coopération Intellectuel*), e este à Organização Internacional do Trabalho (OIT), resultado de um pedido do governo francês à Liga das Nações, Assembléia ou Sociedade das Nações, para que aceitasse, acolher em Paris, esse instituto de cooperação internacional. O OIM pretendia uma cooperação intelectual entre especialistas e servir de coordenadora internacional da conservação de obras de arte e monumentos históricos. Preocupava-se em organizar, criar normas legislativas e administrativas para gerir o patrimônio artístico e 'os múltiplos problemas da museografia técnica e administrativa'. Seus grupos de trabalho dividiam-se em quatro atividades principais: estudos administrativos e pesquisas técnicas, trabalhos de coordenação, acordos internacionais e serviço de documentação (*Mouseion. Rapport annuel pour l'exercice 1934-1935*, vol. 31-32, 1935 : 233-257). Segundo Daifuku, mesmo durante os conflitos da Segunda Guerra, quando a Liga das Nações demonstrava sinais de enfraquecimento, não cessaram os trabalhos do IICI. Em 1946 os arquivos deste organismo foram transferidos para a recém formada UNESCO (DAIFUKU, 1998:9). François Mairesse, conta um pouco diferente esse percurso: em 1925 o historiador de arte Henri Focillon, lança a idéia de criação do OIM (MAIRESSE; 1998:25).

⁶⁵³ MAIRESSE; 1998:25

⁶⁵⁴ *Idem ibidem*.

⁶⁵⁵ *Museum*, 1948.

⁶⁵⁶ MAYOR; 1998: 4.

⁶⁵⁷ A *Museum*, vo. I, n.º 1-2, 1948 é assim apresentada: "Unesco takes pleasure in launching *Museum* for the museums of the world, on whom Unesco calls directly for co-operation programme and for aid in its work of establishing the intercultural and in understanding basic to the peace of the world". Em inglês e francês - Assinado Diretor Geral. 1948 - *Museum*, successor to *Mouseion*, is published by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, in Paris. *Museum* serves as a quarterly survey of activities and means of research in the field of museography. Opinions expressed by individual contributors are not necessarily those of Unesco. A UNESCO contava com uma 'Divisão de museus e monumentos', rebatizada posteriormente como 'Divisão do Patrimônio' que lançou a publicação seriada "Museus e monumentos" mantendo uma linha de atividades e preocupações com a preservação de monumentos históricos (DAIFUKU; 1998:11).

⁶⁵⁸ Para cumprir a missão da revista instala-se um comitê consultivo de redação, os secretários são nomeados e elaboram o plano de trabalho com a tarefa de levantar o estado dos museus depois da guerra, estabelecer as perspectivas futuras, estipular os sumários de cada número. A opção por uma coleção se deu em virtude do programa vasto a ser cumprido (*Museum*):

mundial, indo além dos limites do continente europeu, e contribuir para a realização dos objetivos da UNESCO no engajamento de especialistas na luta comum pela difusão do conhecimento e da compreensão internacional indispensáveis à paz⁶⁵⁹. Um periódico de informação e instrumento de pesquisa no domínio da museografia, tal como está inscrito nos créditos de apresentação⁶⁶⁰.

A *Museum* herda, assim, um caminho aberto e uma tradição, com outras perspectivas e num outro momento da conjuntura mundial.

Para Raymonde Frin esta revista “destinada aos museus do mundo”, propiciou a discussão de questões de fundo sobre museus, tornando-se um ‘órgão de uma comunidade mundial’: foi conselheira mundial, exerceu influência útil nos países, definiu funções institucionais inovadoras, contribuiu para que as próprias comunidades assumissem sua parte na responsabilidade de cuidar de seus museus, auxiliou para que fossem reconhecidos cada vez mais como instrumentos de educação notória⁶⁶¹.

Na análise de Mairesse a *Museum* foi mais internacionalista do que a antecessora, fato demonstrado pela proveniência de autores de mais de quarenta países⁶⁶², alterando a cena internacional de uma museologia antes latina (no período da *Museion*), para uma museologia de orientação anglo-saxônica, marcando sua hegemonia⁶⁶³.

Uma outra diferença entre ambas, esclarece Mairesse é que a *Museion* – internacional nas vistas da O.I.M -, dedicava-se quase que exclusivamente aos museus de arte e história, e foi contemporânea da Europa colonialista que procurou impor sua cultura ao resto do mundo.

A *Museum*, ao contrário, interessou-se por museus do mundo inteiro, ampliando a noção de ‘internacional’, mas ainda eurocêntrica. Interessou-se e publicou artigos sobre todos os tipos de museus – da ciência ao esporte - ⁶⁶⁴.

François Mairesse compara o folhear dessas duas revistas com a sensação de nostalgia que temos ao rever um “álbum de família”, pois nos faz evocar o passado na história dos museus, percebido nas imagens das reproduções fotográficas, das técnicas de exposição que se tornaram obsoletas, de invenções

⁶⁵⁹ Para Frederico Mayor a *Museum*, mesmo alterando sua denominação para *Museum International*, não se desviou de seu princípio de transmitir a substância, o espírito, desse novo ambiente museológico, oferecendo-se como tribuna para todos os ‘museus, grandes ou pequenos, ricos e meio ricos, enciclopédicos ou especializados’ (MAYOR;1998:4)

⁶⁶⁰ *Museum*, 1948. Folha de índice.

⁶⁶¹ (aspas duplas do autor)(FRIN; 1998:.5-8).

⁶⁶² MAIRESSE; *op. cit.*:26.

⁶⁶³ No período da *Museion* a França e a Itália encabeçavam a lista seguidos pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha. No período da *Museum* se amplia o leque internacional, mas os ‘grandes nomes’, escreve Mairesse, são os Estados Unidos, França, Inglaterra, Alemanha e Rússia. Os países antes “mudos” surgem então na cena internacional, como o México, Brasil, Índia e Canadá (aspas duplas do autor)(MAIRESSE; 1998:29).

⁶⁶⁴ MAIRESSE; *op. cit.*:28-29.

então “revolucionárias” que se tornaram depois comuns como o cinematógrafo, radiodifusão, utilização de raios infravermelhos para análise de obras de arte...⁶⁶⁵.

Valemo-nos da descrição de um exemplar da *Mouseion* que, se reforça a sensação captada por Mairesse, também apresenta um aspecto por ele não explorado em seu artigo e que nos interessa particularmente, nos dando, pela estrutura das seções, um panorama específico dos assuntos tratados sob a rubrica ‘museu’.

Percorremos o índice do exemplar *Mouseion* de 1931; n.º III, vol. 15⁶⁶⁶: os assuntos tratados na primeira e grande seção, sem titulação, apresenta articulistas credenciados – professores, doutores – (outros são apresentados somente por seus nomes), com artigos sobre conservação e restauro relatando sobre o uso de técnicas mais novas para cuidar das obras de arte⁶⁶⁷.

A seção seguinte é de ‘*Museografia geral*’, com um artigo sobre os perigos no transporte de obras de arte, e outro sobre exposições (neste caso, de museus alemães, no período de 1920 a 1930).

Ainda mais específica é a seção – ‘*A conservação de obras de arte:*’ sobre a conservação de estuques (da Porta Maggiore), e de salas das termas de Baia. Relatórios de atividades da O.I.M. são divulgados na ‘*A atividade do Organização Internacional de Museus*’, e na seção seguinte as novidades: a ‘*A vida dos museus*’ apresentando novas salas de exposição (*Uma seção chinesa no Museu de Leipzig, Alemanha*); novos museus (*Um novo museu de Arte em Portland, Estados Unidos*), novas exposições de obras de arte (nos museus regionais da França), e informes sobre precauções de conservação e distribuição (exposição) das obras com o ‘desejo sincero de melhorar a apresentação e divisão das obras’, além de notícias sobre museus na Grécia, Itália⁶⁶⁸, Noruega e Turquia⁶⁶⁹.

Bibliografias recentes são apresentadas (Anuário dos Museus e das Galerias de Arte das Ilhas Britânicas; Anuário de Belas Artes na Suíça; Relatório da 15^o

⁶⁶⁵ Este artigo refere-se a um exemplar comemorativo dos cinquenta anos da *Museum*. (MAIRESSE; 1998:25)

⁶⁶⁶ Uma das dificuldades na pesquisa com os periódicos antigos é as falhas nas séries, segundo Ana Luiza Martins (Martins; 2001:17). O número citado é o mais antigo que conseguimos localizar dentre as bibliotecas da USP. Encontra-se na biblioteca do Museu Paulista.

⁶⁶⁷ Os temas técnicos deste número tratam da micrografia aplicada ao estudo da técnica de Rembrandt; agentes atmosféricos e conservação de obras de arte; métodos de restauração para as pinturas das escolas holandesa e flamenga; procedimentos científicos para restauração de pinturas; questões sobre umidificação do ar e aeração dos museus; conservação de objetos preciosos e para objetos antigos de ferro; métodos de análise química de terracotas antigas; limites da restauração das obras de arte; e comentários sobre o Museu dos Médicis em Florença.

⁶⁶⁸ Observa-se nas notícias sobre a Itália, um informe sobre o Conselho Superior de antiguidades e de Belas-artes apresentando os membros que o constituem e responsáveis pela organização e aquisição (de obras de arte e de peças arqueológicas) presidido pelo Ministro da Educação, vice-presidência de um príncipe, e para cada seção (de Antiguidades, Arte Medieval e Moderna, Arte Contemporânea, Arte Musical e Dramática) os respectivos professores, um arqueólogo, um príncipe e um conde (*Mouseion*; 1932:105).

⁶⁶⁹ *Mouseion*; 1932:102; 104 e 106.

Reunião dos Museus de Arte de Cleveland). Publicada em francês, conta com suplementos curtos em inglês, alemão, espanhol, e italiano com cinco páginas dedicadas a cada um deles. A revista é ilustrada com fotos P/B e numa delas se vê uma sala de exposição com pesado mobiliário em madeira⁶⁷⁰.

A palavra 'doutrina' faz às vezes de 'questões teóricas', observável na contraposição a 'problemas de ordem técnica', dos quais se pode acompanhar o emprego no relatório de uma das reuniões do comitê diretivo da O.I.M (nesse mesmo exemplar), expondo em sua pauta projetos de estudos a serem realizados por uma comissão consultiva de especialistas para o ano de 1932.

Dentre as questões a serem estudadas, todas voltadas para obras de arte, se encontra a conservação, um repertório sobre obras de arte desmembradas, a organização de um centro de documentação de reprodução (de obras de arte), estudo de diferentes legislações sobre legados para as coleções públicas, a organização 'mais racional' de reservas e depósitos nos museus, a regulamentação uniforme de dispositivos relativos ao direito de cópia nos museus, 'etc..., etc....'⁶⁷¹.

Nas grandes linhas para o programa de uma conferência internacional a ser realizada (em 1932), estavam os problemas de ordem administrativa e legislativa e os de ordem técnica e jurídica, e um terceiro grupo de questões, destacado dos anteriores - 'as (...) de doutrina' -, para os quais o comitê consultivo esperava que se chegasse à 'conclusões de princípio' para que 'administradores competentes dos diferentes países pudessem se inspirar'⁶⁷².

As diferentes legislações sobre conservação e proteção de monumentos de arte e história estavam inseridas nas questões administrativas e legislativas, e nas de técnica, especialistas qualificados seriam chamados para tratar de 'métodos novos aplicados à conservação de monumentos de arte bem como de problemas conexos'⁶⁷³.

Dando continuidade a esse histórico - sem perder de vista que o objetivo perseguido nessa publicação de divulgação é o de apresentar práticas -, fazemos uma aproximação mais detalhada da *Museum* pela variedade de temas de interesse nessa revista de questões 'puramente técnicas, matérias museográficas'⁶⁷⁴,

⁶⁷⁰ Uma das fotos refere-se à Sala dos Grã-Duques, Museu dos Médicis de Florença (Prancha XVIII). No primeiro plano uma vitrine central em madeira entalhada com a parte superior em forma triangular e tampas em vidro. Pode-se contar nas paredes aproximadamente vinte e oito quadros de tamanhos diferentes, além de uma série com mais vinte pinturas (?) de pequenas dimensões simetricamente colocadas em linha reta na parede, acompanhadas na parte inferior de um outro mostruário em madeira e vidro e, na parte superior com quadros de maiores dimensões - numa escala que vai do pequeno ao grande da altura do olhar para cima. Entremeadas às pinturas, fragmentos de captéis, e bustos esculpidos. Cadeiras e bancos em madeira (com entalhes) estão encostados na parede (VER, *Mouseion*: 1948: 97).

⁶⁷¹ *Mouseion*; 1931:92.

⁶⁷² *Mouseion*; 1931:92

⁶⁷³ *Idem ibidem*

⁶⁷⁴ *Museum*; 1948: 3 e 5

endereçada para um público especializado de profissionais - um 'público cultivado em geral' -⁶⁷⁵.

O lançamento da revista, sob nova denominação, se fez em julho de 1948, num número bilíngüe (inglês e francês), levou um ano para ser completado⁶⁷⁶, e resultou num volume de mais de cem páginas. Relembramos o momento em que ela renasce, em meio a um clima de reconstrução da Europa que sofrera destruições de toda natureza no rastro da Segunda Guerra, inclusive a de museus. Rapidamente se forma em nossa mente uma paisagem em destroços exigindo esforço, trabalho, recuperação. É justamente nesse tom que é impresso o primeiro exemplar dedicado aos museus franceses.

A tônica de renovação é forte, e as imagens das fotos P/B reforçam ainda mais essa sensação mostrando a recolocação de peças⁶⁷⁷, andaimes, serviços de limpeza, a remoção de telas de caixas de madeira, e assim por diante ou, ao contrário, de salas de exposição já rearranjadas.

Um trabalho que foi levado à cabo por muitas pessoas, dentre eles os museógrafos⁶⁷⁸. Os autores dos artigos são apresentados como ativos profissionais de museus e responsáveis pela condução dos trabalhos de reorganização⁶⁷⁹, obra que não se delimitava somente a fazer voltar as peças em seus lugares anteriores⁶⁸⁰ mas, exigia o rigor das classificações.

Ao redor do tema central⁶⁸¹ - a reinstalação das exposições ou de museus -, os autores vão detalhando os critérios usados em seus trabalhos com as coleções,

⁶⁷⁵ *Museum*; 1948: 3

⁶⁷⁶ Dentre os vinte e sete os membros da comissão de redação, dentre os quais o brasileiro José Valladares, da Bahia, ao lado de representantes da Suécia, Grã-Bretanha, Canadá, China, Estados Unidos da América, Equador, França, Alemanha, Áustria, Tchecoslováquia, Austrália e Bélgica (*Museum*, n.º 1: 1948).

⁶⁷⁷ Descrevemos a primeira foto ocupando página inteira mostrando uma passarela de tábuas entre imensos arcos, e um pouco mais ao fundo andaimes. A escala da amplitude e grandiosidade desse espaço pode ser inferida a partir da imagem de um homem recostado na base da coluna de um arco na proporção de cinco para um, o que dá, aproximando, dez metros de altura para a passagem em arco. Ele é observado por um outro homem de jaleco branco que volta os olhos voltados para uma carreta em ascensão numa passarela construída entre os vãos dos arcos, e um outro, à sua frente, parece empurrá-la. Ela sustenta a *Vitória de Samotrice* sendo recolocada na 'antiga posição no topo de uma grande escadaria' (*Museum*, 1948: 12).

⁶⁷⁸ *Museographers of Europe*, em inglês; *muséographes* em francês (*Museum*, 1948: 2 e 4).

⁶⁷⁹ Sugere-se 'aos colegas estrangeiros' que as idéias pudessem ser adaptadas (*Museum*, 1948: 4).

⁶⁸⁰ A guerra tinha esvaziado os museus, explica George Salles então Diretor Geral dos Museus Franceses, uma vez voltando à vida 'habitual de um povo civilizado' (SALLES, 1948:9)

⁶⁸¹ Este número está subdividido em quatro seções distintas. Um grande foco é o Louvre que teve seus acervos transladados para museus regionais. Muitos são os artigos sobre os Museus na França (MUSÉES DE FRANCE/FRENCH NATIONAL MUSEUMS), comentando sobre a reorganização do Louvre e seus departamentos (o de Pinturas e da Grande Galeria; o de Coleção de Antiguidades Gregas; o das antiguidades orientais, o das coleções egípcias); um sobre a Escola do Louvre, e sobre outros museus como o do Impressionismo, Museu de Arte Moderna, a museografia no Museu Guimet, os da província e do Castelo de Compiègne. Um segundo bloco de temas traz artigos sobre o museu de História Natural, de ciências e técnica (*Palais de la Découverte*), e museus municipais. Os autores comentam sobre dificuldades gerais e específicas para os trabalhos de

descrevendo a situação de muitos departamentos do Louvre, o grande foco desta publicação. Os autores transmitem conselhos práticos e fazem sugestões.

Alguns, no mesmo sentido de rememoração apontado por Mairesse, são saborosos, curiosos, estranhos, ou nos parecem familiares e vão desde como selecionar peças dentro de coleções específicas à montagem interna de vitrines⁶⁸².

Um aspecto que chama a atenção é sobre a preparação profissional desenvolvida pela Escola do Louvre⁶⁸³, nos dando um panorama da 'ciência da museografia', criada aos poucos e em substituição aos ensinamentos transmitidos por tradição de um conservador para o outro.

O curso com duração de três anos oferecia matérias de arqueologia e epigrafia, história, e museografia composta por uma parte teórica com ensinamentos sobre história, princípios gerais de organização e apresentação dos museus e das coleções particulares (na França e no exterior); administração,

reorganização, de montagem ou remontagem de exposições, sobre as dificuldades em trabalhar com o próprio espaço especialmente no Louvre, amplo e de arquitetura consagrada. No caso das exposições há sugestões para lidar com coleções em séries caso, por exemplo, das obras de antigüidade grega ou romana, a ser trabalhada segundo o tipo de material, temas ou sub-temas, ou cronologia (VER *Museum*, 1948).

⁶⁸² Lê-se sobre a dificuldade de trabalhar com o espaço do Louvre, bastante amplo, de estrutura arquetônica consagrada, e com um grande volume e variados tipos de peças. Sobre coleções extensas de peças arqueológicas Jean Charbonneaux aconselha a 'eliminar o medíocre' (CHARBONNEAUX; 1948: 21), no que é acompanhado em parte por André Parrot, responsável pelo departamento de antigüidades orientais, sugerindo somente a mostra de peças características e típicas, excluindo-se objetos muito fragmentados ou mutilados de forma a ressaltar os 'documentos-tipos' que deveriam ser convenientemente legendados (PARROT; 1948: 26). Para bem montar vitrines, ainda segundo Charbonneaux, devia-se levar em conta o gosto e 'senso de apresentação' para distribuir as peças nas vitrines, sem deixar de acompanhar o desenvolvimento científico em que se encontrava determinadas disciplinas como história da arte e arqueologia (CHARBONNEAUX; idem: 20; PARROT; 25). Para o arranjo interno das vitrines Pierre Verlet recomenda o abandono do "estilo clínico" ("*style clinique*" em francês, e "*dispensary style*", em inglês) com o uso de placas de vidro e suportes metálicos substituídos por forrações em veludo, por ele adotada para as vitrines da Galeria de Apolo, pela preciosidade dos objetos. O interior desse mobiliário, escreve, deveria dar a impressão de uma grande e semi-aberta caixa de jóias. Uma moda copiada das lojas refinadas. Faz outras recomendações: as de segurança das vitrines, o uso de material transparente (*plexiglass*), os tons quentes e a harmonização das linhas e volumes entre os objetos ((VERLET; 1948:XXX). As vitrines, aconselha Jean Cassou, diretor do Museu de Arte Moderna, deveriam ser discretas e pouco pedantes e, no caso de objetos de arte, para mostrar que ela faz parte da vida e não fenômeno isolado, deveriam ser acompanhadas de documentos sobre determinada escola ou movimento, indicação de datas, uso de fotografias ou manuscritos, enfim de material para explanar tanto as transformações do gosto como para evidenciar aspectos didáticos (CASSOU: 46). O autor do artigo 'Museografia no Museu Guimet', Philippe Stern recomenda um didatismo sem exageros, cuidadoso e discreto para que o visitante não perdesse a oportunidade da contemplação estética, pois a exposição de museu não era o mesmo que uma escola (STERN; 51ss). Legendas são lembradas como elementos importantes para identificar as peças para o público, que deveria contar também com catálogos permitindo a ele 'percorrer as salas em busca exatamente do que querem ver', segundo André Parrot (PARROT: 28) O imenso volume das coleções do Louvre leva o citado Jean Charbonneaux a sugerir que se fizesse um 'museu [para] trabalho', ou um 'museu secundário', para guardar o resto das coleções, desde que convenientemente reagrupadas e classificadas (CHARBONNEAUX, 1948: 21).

⁶⁸³ O programa dessa escola foi sendo mudado para acompanhar as mudanças aceleradas nos museus e o programa administrativo governamental, e também para capacitar um maior número de pessoas com formação científica uniforme pois, explica Aubert, a diplomação era exigida para todos os candidatos à conservador que fossem atuar nos museus nacionais, departamentais ou municipais franceses (VER *Museum*; 1948).

organização, funcionamento e valor dos museus; técnicas ministradas por 'especialistas de entretenimento', ensinamentos sobre conservação e restauração de obras de arte repassado por especialistas. Faziam parte da formação estágios e visitas aos diferentes departamentos do Museu do Louvre e outros museus franceses e um trabalho final de conclusão de curso⁶⁸⁴. Esta atividade profissional, segundo George Salles, Diretor dos Museus de França, exigia disciplinas 'precisas e minuciosas'⁶⁸⁵. Para Salles, os museus deviam estar adaptados 'à todas as disciplinas e a todos os públicos, (...) um meio de estudo e um espetáculo sugestivo, um conservatório e um órgão de grande difusão (...)'⁶⁸⁶.

Em quase 80 anos de publicação, pode-se perceber temas constantes entre a *Mouseion* e a *Museum*. Para Mairesse, na *Mouseion*, já se encontravam assuntos que ainda estão na pauta dos profissionais de museus, assim os apresenta: o papel dos museus na sociedade, a educação, as funções de pesquisa, as de aquisição, conservação e comunicação, os problemas de construção dos edifícios, os de inventário e catálogo de coleções, e mesmo as questões com campanhas publicitárias⁶⁸⁷.

Quanto aos temas da *Museum* para Raymonde Frin eles estão ligados aos programas da UNESCO, valorizam a cooperação entre os países num mundo cujo primado é o da diversidade⁶⁸⁸.

Mairesse divide em três períodos os temas da *Museum*: entre 1946 e 1973; de 1972 a 1985, e de 85 aos nossos dias, com marcos assumidamente arbitrários⁶⁸⁹. No primeiro período a prioridade é sobre as atividades educativas e de exposição, com menor insistência sobre os problemas de conservação e pesquisa, e também a formação profissional.

A preocupação dos museus com o ensino e o serviço para todos são assuntos recorrentes desde o seu lançamento. De 1972 a 85, paralelamente a crise econômica, se dá o questionamento do papel dos museus na sociedade, com maior cuidado sobre a participação da coletividade e as questões de identidade cultural. São tempos de uma 'nova cultura', da "nova museologia" e os ecomuseus. Tempos de ação, quando se publica artigos sobre museus e desenvolvimento e museus e

⁶⁸⁴ AUBERT; 1948: 37-38.

⁶⁸⁵ Este diretor geral dos museus nos dá uma indicação indireta da política de museus na França nesse período. Para por 'ordem na casa' o redirecionamento instaurado por ordenamento de lei datado de 13 de julho de 1945, transformou a *direção dos museus nacionais* em *direção dos museus da França*. Deu-se uma centralização com o mérito (cf. Salles) de repartir os recursos pela nação, e desmérito de 'congestionar' a capital. A lei, para Salles, não modificava a situação de que as coleções fossem vistas como 'patrimônio exclusivo da coletividade', associando o Estado à conservação, ao entretenimento, aos valores científicos e estéticos (itálico do autor)(SALLES; 1948: 10 e 7).

⁶⁸⁶ SALLES, 1948: 7.

⁶⁸⁷ MAIRESSE; 1998:26.

⁶⁸⁸ FRIN; 1998: p.7-8.

⁶⁸⁹ MAIRESSE; *op. cit.*30.

meio ambiente⁶⁹⁰. Um terceiro período abarca temas sobre financiamentos de museus (amigos dos museus, marketing, mecenato, privatização)⁶⁹¹.

Um assunto que mereceu edição especial, categorizado por Mairesse dentro dos temas sobre a 'prática museológica', foi o do emprego de microcomputadores em museus discutido em meados dos anos 70, e que chega aos 80 incorporado como equipamento importante para tarefas de documentação (especialmente os inventários), ou meio de comunicação.

Dois aspectos: o técnico e a mudança dos centros de interesse, são ressaltados como pontos de influência no desenvolvimento dos museus: os técnicos que ampliaram os limites geográficos chegando ao ciberespaço, e temas que mostraram o deslocamento dos chamados 'centros de interesse' como novas expressões de arte, esporte, cinema, a cidade, a fome.⁶⁹²

Essas publicações, editadas quase sem interrupção, atravessaram no século XX períodos de guerras em território europeu, de crescimento econômico, transformações sociais e tempos de 'incerteza e crise' justamente após os anos 70⁶⁹³. O trânsito dos temas se fez na esteira dos desenvolvimentos (das ciências, o técnico e o tecnológico) que tocaram também os museus, e no projeto da UNESCO e do ICOM. Esses são os dois esteios que enquadram as situações rotineiras relativas às esferas de atividades dos museus, mas, atualizadas técnica e tecnologicamente, como as pautas sobre reflexão sobre os museus mediadas pelos fatos e acontecimentos do seu tempo. Se podemos identificar aí um expediente de contemporaneidade para manter o profissional de museu, para Mairesse houve continuidade numa história 'de família com ancestrais prestigiosos'⁶⁹⁴.

⁶⁹⁰ MAIRESSE; *op. cit.* 29-30.

⁶⁹¹ MAIRESSE; *op. cit.* 30.

⁶⁹² *Idem ibidem.*

⁶⁹³ O historiador Eric Hobsbawm estrutura os acontecimentos do 'Breve século XX' em trípico ou 'sanduíche histórico': a Era da Catástrofe (de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial); a Era do Ouro (do final desta guerra até os inícios dos anos 70), seguida de um novo período de 'decomposição (...)' (ou uma nova era da Catástrofe) especialmente para 'grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa'. De 1980 a 1990, o estado de espírito foi de 'crescente melancolia *fin-de-siècle*' (HOBSBAWN; 1995:15-16). As guerras – como ele nos faz lembrar -, não aconteceram somente em território europeu, mas se espalharam pelo Oriente.

⁶⁹⁴ MAIRESSE; 1998:30.

3.2 A *Museum* de 1980 a 1990

3.2.1 Temas

A apresentação⁶⁹⁵ da *Museum*, de tiragem trimestral, mudou como decorrer desse longo tempo de existência. Publicada em inglês e francês, a partir de 1972, a comissão editorial comunicou a introdução de resumos em espanhol e russo.

Ao Editorial, pode ou não seguir-se uma introdução (como 'Neste número'), acompanhado – e isto é relativamente constante – de uma primeira seção de artigos referentes ao tema em apresentação.

Os títulos das seções não mantêm um mesmo padrão: ora os artigos são sequenciais sem compor propriamente uma seção, ora são agrupados sob uma denominação adequada ao tema que a revista trata como em 'Casos de estudos' para o tema *Museum e Interdisciplinaridade* (vol. XXXII, n.º 1 e 2; 1980), 'Museus, homens e sociedade' idêntico ao tema da revista (vo. XXXIII, n.º 1, 1981); 'Dossier: Museus de Belgrado' (vol. XXXIII, n.º 2, 1981), 'Responsabilidades' para o tema *Museum e pessoas com deficiências* (vol. XXXIII, n.º 3, 1981) com uma seção relatando experiências com deficientes em várias partes do mundo; 'Diálogos' para o tema sobre a conservação e questões profissionais (vol. XXXIV, n.º 1, 1982), e assim por diante. Há algumas seções mais constantes como 'Tribuna Livre', 'Crônica', 'Restituição e retorno de bens culturais'.

Observa-se que há flexibilidade para introduzir outros assuntos num mesmo fascículo que não relacionados ao tema principal.

Um painel por amostragem dos temas tratados na década de 70 – um outro pode ser acompanhado através da indexação por assunto da *Museum* de 1948 - 1973⁶⁹⁶-, cujas capas trazem somente a denominação da revista, bem ilustram a preocupação editorial em manter uma relação sincrônica entre os museus e problemas de ordem prática – de como vão se desenvolvendo as atividades dentro dos museus e o emprego de novas técnicas e a sociedade de modo geral – preferencialmente, em museus espalhados pelos diferentes continentes. Além disso, a *Museum* se encarrega de disseminar as resoluções dos encontros internacionais, repassando para um público maior os mais novos conceitos (cita-se o de 'museu integral' cunhado em 1972 na Mesa Redonda de Santiago do Chile), bem como – como se pode observar em muitos artigos -, o que há de novo, as novas direções, perspectivas, e assim por diante, sugerindo desta forma direções a serem compartilhadas por outros museus.'

⁶⁹⁵ As capas ou coberturas são informantes da apresentação de um produto, podem significar mudanças de orientação editorial, revelam a identidade de uma coleção, auxiliam a firmar posição no mercado e a vendê-lo (TOLEDO; 2000: XX). As mudanças podem também estar relacionadas à introdução de recursos tecnológicos inovadores, permitindo o tratamento e manipulação de imagens aliadas aos desejos editoriais.

⁶⁹⁶ *Museum, Index* - Volumes I – XXV, 1977 (VER TABELA; ANEXO I)

1970/1971: 'Museus e computadores' (vol. XXIII), com artigos sobre os computadores no mundo dos museus, a questão dos sistemas informatizados e sistemas de informação nos museus, a integração da documentação a esses procedimentos.

1972: 'Museus do Reino Unido e da Irlanda do Norte' (n.º 2). Aqui os artigos tratam da relação entre tradição e progresso; os museus à céu aberto; da interação entre museu e comunidade; museus universitários; museus e educação; conservação das coleções do Reino Unido; exposições itinerantes; a profissão museal no Reino Unido.

1973: 'Museu e meio ambiente' (n.º 1/2) com artigos sobre o museu como instrumento de conservação, como instrumento para conscientizar sobre problemas de meio ambiente; exemplos em monografias representativas com uma lista de documentos sobre conferências, colóquios, convenções e recomendações, e bibliografia selecionada. No exemplar n.º 3, dedicado à Mesa redonda organizada pela UNESCO em Santiago do Chile (1972), o tema enfoca *O papel dos museus na América Latina hoje* com artigos comentando a relação entre o museu e sociedade nesse continente (Museu e desenvolvimento cultural no meio rural; museu e urbanização; museu e desenvolvimento científico e técnico; museu e educação permanente) e exemplos de museus na América Latina com a presença da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Costa Rica, Equador, Guatemala, Panamá, Peru e Uruguai, acompanhado de um série de documentos anexos (Princípios básicos do museu integral; resoluções tiradas no encontro do Chile, as apresentadas pela UNESCO, a lista de participantes, a de associações de museus e dos comitês nacionais do ICOM, um lista de museus na Bolívia).

1974: Os museus e roubos de objetos de arte com artigos sobre a questão dos roubos de bens culturais, a de aquisição dos museus, notícias sobre o colóquio internacional sobre segurança nos museus, e legislações (n.º 1); Os museus e as ciências exatas e naturais. Problemas e perspectivas. Algumas realizações (n.º 2).

1975: *Museu na República Democrática Alemã, Bangladesh, Dinamarca, Países-Baixos, Canadá e Suíça* relatando experiências, como novas técnicas de exposição de objetos tradicionais, o futuro dos museus (em Bangladesh), museus de barcos vikings; ateliês de história; novas orientações para os museus etnográficos;; o museu de Belas Artes em Montreal, ensaio para a cooperação(n.º 1). Reflexões e experiências sobre o *Museu moderno, museu vivo* (n.º 2); Os edifícios históricos que se tornam museus (n.º 3); Conservação de bens culturais na Ásia do Sul e Sudoeste (n.º 4).

1976: *Museus vivos e Museus que ensinam a viver*. Museus em crescimento croissance (n.º 1); Uma arquitetura audaciosa no sítio histórico do Vaticano. Três museus face ao turismo (n.º 3)

1977 – *Os museus e seus amigos* para discutir a unidade e diversidade de ações ao serviço dos museus com estudos de caso (n.º 1); *Novos aspectos dos museus de história* (n.º 2/3)

comentando os museus nacionais (Mongólia, Qatar, Berlin), os museus municipais, variações 'museais' sobre temas históricos, e uma seção denominada *Álbum* com artigos sobre museu agrário, de história, arqueologia, de antigüidades, o de história no Azerbaijão (Baku), o da cidade de Osaka (Japão), o de Moudjahid (Argélia), um da África Ocidental, uma exposição comemorativa em Boston, Estados Unidos; e sobre museus e coleções em Cuba.

1978 – *Apresentação das obras de arte em Milão e Pádua. Exposições e museus de história: Reino Unido, Nova Zelândia, França e Noruega* (n.º 1). Vários temas no exemplar n.º 2 (vol. XXX) explicando as justificativas em museus de países de terceiro mundo, com exemplo de Ilhas do Pacífico; os *Novos museus, novas formas de museus* sobre o Centro Nacional de Arte e Cultural Georges Pompidou (Paris); o Centro de arte britânico – museu e centro de estudo; proposição para um museu da terra (Noruega), o museu do Homem Panamenho (Panamá), trazendo ainda artigos sobre monumentos e cidades-museus para o tema *Monumentos e cidades-museus* (n.º 3/4). Museus e microcomputadores (edição especial comentada em nota do editor sobre o número duplo, dada a 'riqueza e complexidade do assunto e a abundância do material reunido').

1979 – Retorno e restituição de bens culturais (n.º 1); A programação para os museus com artigos para comentar 'Aspectos teóricos' que envolvem questões de programação em museu, e complementando, estudos de caso (n.º 2). *O museu e a criança* comentado em 'Aspectos teóricos' e 'Estudos de caso', além de uma seção ('Álbum') com artigos sobre a República Federal Alemã, Dinamarca, Grécia, Itália, Romênia e Reino Unido (n.º 3); Quatro museus: experiências e reflexões (Nepal, Cidade do Vaticano, Espanha, Austrália) (n.º 4)

Algumas décadas depois – no início do século XXI -, a *Museum Internacional* – continuidade da *Museum* -, mantêm os cuidados com a atualização das relações entre museus e sociedade, e museus e tecnologias. Quatro dossiês formam o primeiro conjunto na entrada dos anos 2000: um sobre os museus e a *Internet* tratando dos museus virtuais, emprego da *Web*, informática cultural e interação e cibernética; outro sobre museus universitários (1 e 2)⁶⁹⁷, e seções como 'Perfil', 'Inovações', 'Exposições', 'Gestão'. Um terceiro sobre museus de ciências e tecnologia, com um artigo teórico para explicar o "museu contextual" (de Ivo Janousek)⁶⁹⁸. No ano seguinte (2001), o dossiê sobre museus de história social (n.º 1), um exemplar para os museus de casas históricas (n.º 2), um outro dossiê para exposições (produção de conhecimento e exposições; exposições e relações entre culturas e interculturais; os discursos da exposição e novas mídias/novos objetos.

⁶⁹⁷ Com artigos sobre coleções, os conservadores de museus universitários, o público, museus universitários e Internet, um novo museu para uma terra antiga para comentar o museu de ciências e tecnologias da Universidade de Patras; os museus universitários no Brasil, a universidade e os museus no México, e o museu de arte da Universidade de Oregon (*Museum International*; 2000:n.º 2).

⁶⁹⁸ *Museum International*; 2000:n.º 4.

As capas nos dão um bom indício de como são apresentados os temas merecendo por isso comentários.

Em meados dos anos 70, são introduzidas imagens em cores para ilustrá-la, substituindo o antigo padrão monocromático, com a impressão unicamente do nome da revista numa linha quebrada e, depois, para uma linha horizontal, facilitando a leitura do título e sua identificação. Essa nova diagramação sem dúvida a deixa com um aspecto mais chamativo, dando a compreender que a UNESCO investe na sua apresentação, notada, inclusive, na construção do índice que também recebe tratamento gráfico auxiliando a ordenação das seções que variam.

Com a introdução de imagens se tem um elemento a mais para criar associações entre a denominação da revista (*MUSEUM*), e o assunto abordado pelo tema específico. O leitor é previsível: profissionais de museus. As imagens escolhidas, percebe-se, são escolhidas de forma a não deixar dúvidas, ou deixar poucas, do laço museu/tema e, algumas reforçam a idéia de que museus guardam, preservam, expõem objetos para um público. Museus podem guardar qualquer coisa. Museus guardam o tempo. Museus são lugar de deleite e aprendizado, de um aprendizado conquistado pelo olho, pelo ver.

A *Museum* propaga a imagem dos museus, faz e refaz a sua representação para seus leitores. Para o observador relativamente preparado, as imagens das capas reafirmam a associação entre Museus e Cultura em geral, ou Museus e Arte, ou com peças de todas as espécies que, naturalmente, os museus podem expor. Algumas capas consagram o já consagrado sobre museus: museus e arquitetura, museus e arqueologia, museus e arte, museus e história (no sentido que se convencionou chamar de 'memória'); museus e etnografia. O sujeito da revista é o museu: museus de, museus com, museus para, museus e.

Um jogo de combinações em pares de opostos das imagens das capas publicadas nos anos 80, resulta:

- antigo/novo - como na imagem de edificações antigas (caso do interior do Mosteiro Madre de Deus em Lisboa) transformadas em museu para mostra de peças também antigas (n.º 142), ou novas (edificação do século XVII e a obra de Picasso; n.º 151);
- tradicional/arrojado - no casamento entre edificações como plano de fundo para uma obra contemporânea (n.º 149), ou ao inverso,
- arrojado/tradicional no recorte da estrutura de I. M. Pei em aço e vidro, como fundo do móvel de Alexander Calder (n.º 164; ou na composição do grafismo moderno e o tema 'Lembranças sobre países de expressão Portuguesa, n.º 161).
- presente/passado (na mesma imagem acima citada n.º 142, a do

Mosteiro), ou

- presente/futuro (n.º 145 com as cabines audiovisuais do Museu de Osaka, Japão; ou n.º 162, uma visitante observando os efeitos de luz de um experimento(?); ou na cobertura posterior da revista n.º 167);
- inovação/desenvolvimento (seria 'progresso?') tecnológico (como nas revistas de n.º 145 e 162).

Outras reforçam o:

- típico ou folclórico como no detalhe de bordado em ponto cruz em desenhos típicos da Hungria (n.º 140);
- exótico ao apresentar um grupo de mulheres e crianças em trajés e adornos de uso cotidiano, pés descalços da vila de Kharoro Charan (distrito de Thar Parkar, província de Sind, Paquistão; n.º 139);
- precioso em detalhe de um cálice em prata 'representante dos aristocratas encontrado no túmulo de Gaimonova Magila, região de Zaporzhie. Museu dos tesouros históricos da R.S.S. da Ucrânia' (vol. XXXIV, n.º 3, 1982);
- o tesouro numa peça de joalheria (em ouro e pedras preciosas) da coroa do rei Cristiano IV da Dinamarca, executada em 1596, ressaltada nos seus detalhes destacando a parte central (n.º 160)
- o raro ou, raríssimo como conjunto de caixas/mostruário no formato de livros feitos com cascas de árvores ou arbustos (e portanto, com diferentes essências) para guardar espécimes vegetais da xiloteca da seção botânica do Museu da Terra de Styrie, Áustria, século XIX (n.º 151).

Outras capas ressaltam as atividades internas dos museus em imagens que ilustram aspectos de conservação, de restauro, montagem de exposições permanentes, temporárias e/ou vitrines. Os serviços de atendimento ao público (educativos, de monitoria, de atendimento à deficientes), ou temas de interesse bem específico como as profissões de museu.

O 'novo museu' – os relacionados com a Nova Museologia -, nas *Imagens do ecomuseu* (n.º 148), acentuando a participação da comunidade o tema *O museu e a comunidade* numa imagem que ocupa a capa na frente e verso, com detalhe do quadro de Pieter Brueghel (1564-1638), *Bauernkirmes* (Alte-Galerie, Berlin), com muito movimento de camponeses e cheio de cores (n.º 155).

O museu e a comercialização no exemplar que trata as 'lojas de museus' (n.º 157). O museu como lugar de eventos temporários (Festival da Índia, por exemplo, n.º 4, 1982). Os tipos de museus (etnográficos, ecomuseu, de ciência e tecnologia, portuários). Os museus e suas próprias lembranças), e seus próprios meios de divulgação (n.º 168, 1990), a auto-comemoração (cinquenta anos da

Museum, n.º 163, 1989). Museus e gerações futuras na figura de um jovem *punk* com o sugestivo título 'O papel educativo nos museus' (n.º 144); ou no grupo de crianças estudando dentro de uma exposição (n.º 159).

Oito temas nomeiam explicitamente museus de países (México, China, Belgrado, América Latina, Kiev, Hungria, Noruega, Portugal), o que não significa que outros não estejam ocultos sob os títulos.

Um outro arranjo temático pode agrupar assuntos relativos aos museus e questões da sociedade em geral, ou como partícipes da Cultura também em geral;

- Museus, homens e sociedades (n.º 1, 1981)
- Museus e deficientes (n.º 3, 1981)
- Convergências culturais (n.º 4, 1981)
- Museus, património e políticas culturais [da América Latina e Caribe] (n.º 2, 1982)
- Museus etnográficos, princípios e problemas (n.º 139, 1983)
- Museus e agricultura (n.º 143, 1984)
- Museu e a comunidade (n.º 155, 1987)
- Museus e artesanato (n.º 157, 1988) (diz respeito às lojas de *souvenirs* dos museus)
- Museus e o "mundo real" (n.º 162, 1989)
- Museus, analfabetismo e alfabetização...e questões museais no Pacífico (n.º 165,1990).

Alguns sugerem uma reflexão sobre os próprios museus:

- Museu e interdisciplinaridade (n.º 1 e 2, 1980)
- Reflexões e mudanças (n.º 138, 1983) Papel educativo nos museus (n.º 144,1984)
- Projetos e balanço (n.º 142, 1984)
- Orientações novas (n.º 145, 1985)
- Balanço e reflexões (n.º 151, 1986)
- Projetos e experiências (n.º 153, 1987)
- Evoluções recentes (n.º 159, 1988)

Baseados na palavra museologia e suas associadas, com quatro títulos (12%) que as usam explicitamente:

- Museologia na Hungria (n.º 140, 1983)
- Lembranças sobre a prática museológica (n.º 141, 1984)
- Arquitetura museal (n.º 164, 1989)
- Museus, analfabetismo e alfabetização... e questões museais no Pacífico (n.º 165; 1990).

Na listagem dos artigos da Museum indexados no período de 1948 a 1973 (vinte e cinco anos), e de 1984 a 1992 (oito anos - trinta e três anos somados), pode-se agrupá-los nas seguintes categorias temáticas:

- Museus e Arquitetura
- Museus e Administração
- Museus e Finanças
- Museus Coleta e Aquisição
- Museus e Coleções
- Museus e Exposições
- Museus e Conservação
- Museus e Restauro
- Museus e Documentação
- Museus e Educação
- Museus e Pesquisa
- Museus e Visitantes
- Museus e Patrimônio
- Museus e organismos de gerência internacional
- Museus e Sociedade
- Museus na Sociedade
- Museus e Desenvolvimento
- Museus Passado e Futuro
- Associações de Museus
- Escolas de museus
- Escolas para formar profissionais de museus
- Política de Museus
- Projetos de Museus
- Serviços de Museu
- Tipos de museus

Mas não é assim que eles se apresentam (VIDE Anexos, TABELA I). Uma operação matemática⁶⁹⁹ sobre o volume dos temas indexados, nos dá *grosso modo* os seguintes dados:

Total de assuntos indexados: **554**

Assuntos indexados sob a rubrica 'museu' (*museum*): **119**

Assuntos indexados sob a rubrica 'museologia' (*museology*): **6**

⁶⁹⁹ O cômputo dos dados da Tabela I sobre os temas indexados (os critérios não são explicados na revista) foi realizado por Roberta Amado de Lima; Economia/FEA/USP, em janeiro 2002.

Entre 1948 a 1992, 332 temas foram excluídos (59%), 150 incluídos (29%) e 17 mantidos (12%). Os temas gerais representam 72%; os sobre tipos de museus 13%; discussões sobre museus 14%; museologia e museografia 1%. Num Gráfico em porcentagens sobre assuntos indexados sob a rubrica 'museologia' (*museology*) têm-se 1%, assuntos mantidos sobre 'museu' 3%, outros sob 'museu' 21% (*museum*), outros assuntos 75% (VIDE Anexos, GRÁFICO *Assuntos indexados na Museum de 1948 a 1973; 1984 a 1992*)

A partir dos temas conclui-se que a *MuWoP/DoTraM* e a *ISS* operam os temas teóricos - a teoria enunciada entre pares, o plano da produção e difusão científica. Na *Museum* os temas práticos, ou a prática divulgada. Esta variedade deve se refletir no vocabulário técnico científico e no léxico especializado. Embora, no seu conjunto todas as revistas possam ser caracterizadas como um projeto de concretização de uma cultura científica para a área de conhecimento, a *Museum* realiza melhor esse empreendimento pela variedade temática.

O menor percentual de temas teóricos da museologia 'icofoniana', por exemplo é coerente mesmo que surja menos na revista de divulgação (a *Museum*) pois a produção da teoria é mais complexa, lenta e quantitativamente menor. Corresponde, grosseiramente, ao paradigma que serve como pano de fundo para os temas mais práticos e operacionais, pelo qual as diferenças concretas e os problemas aparecem e devem ser enfrentados.

Fato é que, sob o aspecto comunicacional (lembremos da espiral de Vogt) para a consolidação da área de conhecimento Museologia, ela envolve um repertório mais amplo para firmar os mecanismos da cultura científica: não se limita assim, aos repertórios exclusivos de uma teoria, mas abrange a variedade, e tece a complexidade que apresenta.

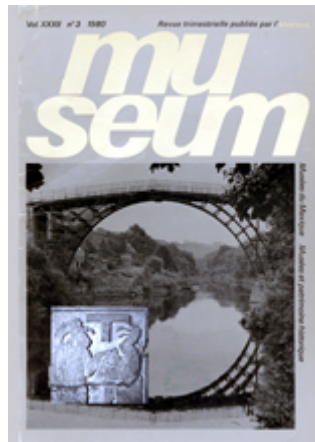
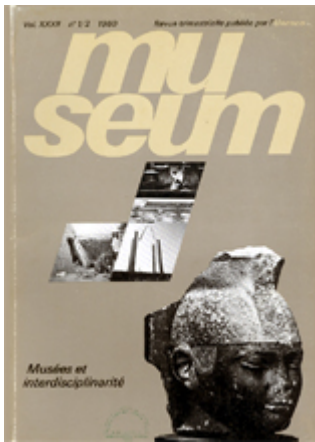
Exemplos de ilustrações de capas e seus temas na *Museum*:

1980

Museus e interdisciplinaridade

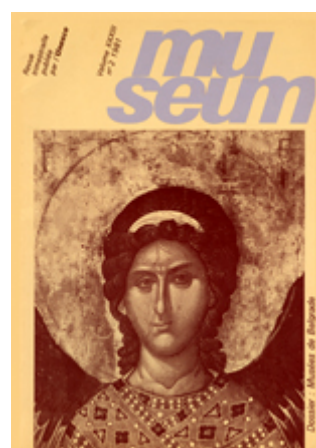
Museus do México. Museus e patrimônio histórico

Museus na China



1981

Museus, homens e sociedade Dossier: Museus de Belgrado



Museus e pessoas com necessidades especiais

Convergências Culturais



1982

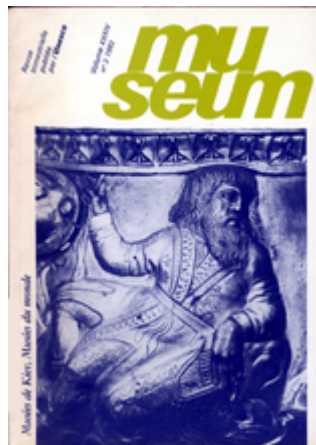
Museus, patrimônio e políticas culturais na América Latina e nas Caraíbas

A conservação: um desafio a profissão



Museus de Kiev, Museus do mundo

O festival da Índia em Londres e a atualidade museológica



1983

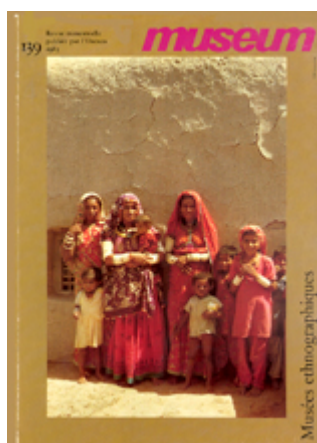
Museus e patrimônio sub-aquático

Reflexões e mudanças



Museus etnográficos:
princípios e problemas

Museologia na Hungria



1984

Olhares sobre a prática
museológica

Projetos e balanços



Os museus e agricultura nos
anos 80

O papel educativo do museu



1985

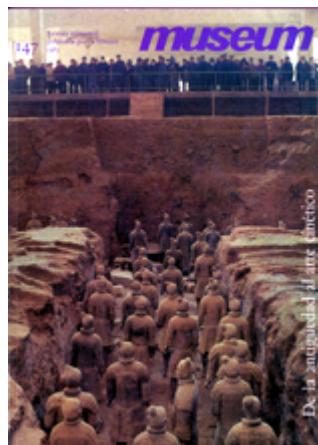
Novas orientações

Vitrines



Da Antigüidade à Arte cinética

Imagens do Ecomuseu



1986

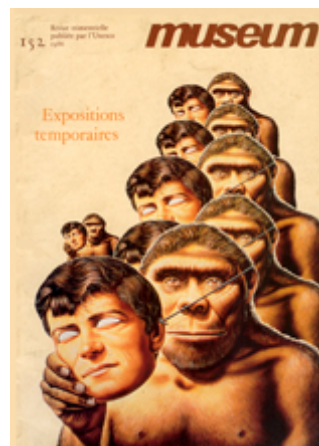
Do passado ao presente

Museus de Ciências e Tecnologias



Balances e reflexões

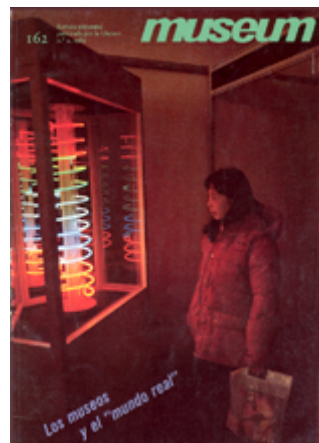
Exposições temporárias



1989

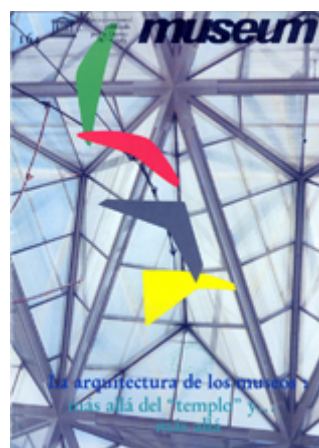
Olhares sobre os países de expressão portuguesa

Os museus e "o mundo real"



Museum em seus 40 anos

Arquitetura museal



CAPÍTULO 4 – O EMPREGO

1. A linguagem de especialidade e as variações discursivas

O saber construído sobre museu marca para a Terminologia, um campo⁷⁰⁰ de especialidade distinto de outros circunscrito por um determinado segmento do conhecimento, o que pressupõe limites identificáveis em relação a outros campos ou ao conhecimento geral. Critérios intelectuais e funcionais pré-determinados são os fatores que delineiam o campo que, não se pode esquecer, estão carregados de intencionalidade⁷⁰¹.

Pode-se identificar ao menos dois critérios intelectuais em ação nas publicações consultadas delimitando o campo de conhecimento.

Para o ICOFOM, tendo em vista especificar a Museologia as apreciações estavam, no período em questão, ancoradas na formulação de princípios teóricos ou princípios fundamentais⁷⁰². No âmbito deste comitê procurou se observar e explicar as relações entre museologia e museu, de tal forma que, descrevendo-as, a Museologia fosse compreendida e considerada uma área específica de conhecimento com estatuto acadêmico.

O ICOFOM, instância de produção 'pensa' a Museologia, e esta foi a pré-condição para a sua formação e linha condutora para que os colaboradores participassem das discussões cuja missão primeira foi identificá-la.

Vimos como as opiniões foram sendo emitidas e afloraram pontos em comum e divergentes nas respostas dos roteiros prévios que se registraram nos textos (no caso de textos escritos os da *MuWoP/DoTram* e o *ISS*).

A busca pela delimitação conceitual do campo nasceu particularmente de duas perguntas: uma sobre seu estatuto científico – seria a museologia uma ciência ou somente um trabalho prático? – e, outra, sobre os limites disciplinares e as características distintivas de outras áreas do saber (como História, Arqueologia, Antropologia e Etnografia, História da Arte...) uma vez que essas áreas se utilizam, para estudos, dos objetos e coleções preservados em museus. As concepções para essas respostas estão registradas na *MuwoP/DoTraM/ICOFOM*.

Na série de estudos *ISS/ICOFOM* – um conjunto de documentos que

⁷⁰⁰ Maria Tereza Cabré emprega "campo de especialidade" ou área de especialidade (CABRÉ; 1999:25). Marilda Lara situa "área" como "parte do saber cujos limites são definidos segundo um ponto de vista particular de uma ciência ou técnica" (LARA; 2002:8).

⁷⁰¹ Qualquer segmentação deriva de hipóteses de organização feita sob a ótica do enunciador (LARA; www.dgzero.org/dez01/Art_03.htm: 6 de 12)

⁷⁰² Teoria, explica Lakatos e Marconi, "se refere a relações entre fatos (...) à ordenação significativa desses fatos, consistindo em conceitos, classificações, correlações, generalizações, princípios, leis, regras, teorias, axiomas, etc."; ou "teoria não é especulação, mas um conjunto de princípios fundamentais, que se constituem em instrumento científico apropriado na procura e, principalmente, na explicação dos fatos" (LAKATOS & MARCONI: 1988:86).

antecediam os encontros deste comitê -, o objetivo era problematizar a relação da museologia em aspectos determinados sobre as atividades de museu envolvendo o objeto e coleções de museu, a coleta, a exposição, e assim por diante, mas também elaborar reflexões sobre adequações, o futuro da instituição, as mudanças que vinham ocorrendo, uma delas presente na concepção de ecomuseus, e sobre o papel dos museus perante alguns problemas mundiais criando, nesse aspecto, um arco entre o ICOFOM e temas postos em discussão pela UNESCO e ICOM.

No conjunto destas publicações fica-se frente a uma Museologia em blocos, e blocos diversificados, considerando-se os discursos por elas emitidos. Têm-se a museologia objeto de estudo, a museologia pesquisa e método de pesquisa, a museologia e museus e suas atividades, a museologia e a transformação dos museus, a museologia e museus e sua função social como equipamento cultural.

Um outro critério intelectual foi seguido pela *Museum*, a revista de divulgação. Ele se baseou, e se baseia ainda hoje, no viés pragmático, descrevendo e propalando as atividades de museu.

Por este periódico se têm um panorama do 'como' fazer (coletar, conservar, restaurar, estocar, documentar, apresentar), o 'porquê' (preservar, comunicar, informar, disseminar, educar, servir), 'aonde' (nos vários tipos de museus como os tradicionais na sua gama diversificada, os ecomuseus, ou mesmo centros culturais), 'por quem' (curadores, museólogos, conservadores, restauradores, entre outros).

Em seus artigos com descrições e relatos fundamentalmente sobre atividades e funções, observa-se o vínculo com o *pensamento* museologia, uma vez que reportam os fatos da prática e experiência aos princípios teóricos emitidos pelo ICOM, cujos membros fazem parte do Conselho Consultivo da revista.

Uma vez situada a documentação e as diferenças que nela se manifestam, têm-se parte do percurso para um exercício exploratório sobre o *conceito museologia*, tal como ele se apresenta no *corpus* de referência, pois o entendemos como elemento chave de compreensão desta área de especialização que leva a denominação Museologia.

Um conceito é definido como 'unidade de pensamento', expresso comumente por signo lingüístico e, reza a norma ABNT, 'como o pensamento está indissolúvelmente unido à linguagem, tem, com esta um caráter claramente social. Assim, o conceito deixa de ser apenas síntese mental de um único sujeito e passa a ser também a síntese mental de um grupo'⁷⁰³.

Na definição de M. T. Cabré um conceito é "uma unidade do plano do conteúdo integrada por um conjunto sistemático de características de tipos distintos"⁷⁰⁴, ou "são representações mentais de objetos, fruto de um processo de

⁷⁰³ ABNT – *Princípios e métodos da atividade terminológica* (maio 1994. Projeto de Revisão da Norma) :4.

⁷⁰⁴ CABRÉ; 1993: 196.

seleção das características relevantes que definem uma classe de objetos e não objetos individuais”⁷⁰⁵. Características são assim as propriedades dos objetos - suas representações mentais - que, combinadas, formam o conceito.

Para Cabré o conceito é prévio, pode ser concebido independentemente da denominação do termo que o designa⁷⁰⁶, isto significa que os traços ou características que o formam encontram-se espalhados na documentação, sendo assim devem ser procurados e tornam-se inteligíveis por procedimento metodológico analítico. Esclarece-se, com isso, que as associações entre os conteúdos e as denominações empregadas de modo espontâneo estão nos textos. ‘Termo’ é designação representativa dessas associações.

Instala-se, para o levantamento das características dos conceitos, procedimento comparativo que permite a identificação dos traços semelhantes e os diferentes. São eles que vão situando cada conceito dentro do sistema de conceitos ou nocional, na medida em que revelam as relações entre eles, as quais, determinam a estrutura desse sistema⁷⁰⁷.

Importa apresentar a seguinte ressalva: um dado sistema conceitual não é - e não pode ser único⁷⁰⁸ -. De um mesmo estoque de documentos é possível gerar-se vários modos de organização de um sistema e, conseqüentemente, das representações conceituais que se pretende alcançar. O que se faz é uma opção por um dado ponto de vista orientador.

Este ponto de vista, para fins desta pesquisa, foi selecionado num caminho diverso daquele trilhado pela *MuWoP/DoTram* que perguntava “o que é Museologia?”. Não compete à terminologia afirmar o que um termo define, mas descrever os conceitos associados aos termos. Decorre disso nossa pergunta: quais as características, as propriedades, as representações mentais que foram concebidas e associadas que lhe dão feição. Este o caminho para responder nosso ponto de inquietação - a Museologia.

⁷⁰⁵ CABRÉ; 1993: 196.

⁷⁰⁶ CABRÉ; 1999: 23.

⁷⁰⁷ Nenhum conceito se apresenta isoladamente, o que significa que está ligado a outros conceitos. A imagem de ‘rede’ pode facilitar o entendimento de um sistema conceitual. Imagine-se um nódulo da rede - que são os pontos de sustentação da tessitura da malha - o qual se interliga a outros. Cada nódulo é um conceito que se revela a partir das relações que estabelece com um outro conceito. Os fios que fazem a junção entre os nódulos são os traços característicos (tipos de características mais freqüentes atribuídas a uma classe de objetos); algumas são intrínsecas, extrínsecas, dependentes ou independentes. Deste procedimento de identificação das características resulta uma determinada posição que o conceito assume em relação a outro; os nódulos ficam portanto situados e ligados entre si. Têm-se uma rede formada pelo conjunto de nódulos e fios característicos e, nela, a posição de cada conceito. Esta ‘rede’, que é o sistema conceitual, reflete uma determinada organização interna de uma área de conhecimento.

⁷⁰⁸ Da mesma forma que ocorre com qualquer outra construção de estruturas de informação, estas não podem ser avaliadas como ‘certas’ ou ‘erradas’, mas como mais ou menos adequadas, pois respondem a propósitos determinados, que optam por uns aspectos em lugar de outros, como explica Marilda Lara. Qualquer proposta de classificação universal é ‘datada, “parcial, momentânea e centrada num ponto fixo de enunciação” (LARA; www.dgzero.org/dez01/Art_03.htm: 6 de 12)

Na linguagem geral a palavra 'museologia' vincula-se à 'museu' por um elo semântico intuitivo, em razão da raiz comum, o que nos faz remeter a algo relativo aos conhecimentos decorrentes sobre museus ou as atividades neles desenvolvidas. Diversamente, para perspectiva terminológica, eles são propositadamente identificados no interior da linguagem de especialidade, em "uso real" - na expressão de Maria Tereza Cabré -, tal como são empregados por seus usuários nas diversas situações comunicativas.

A Teoria Comunicativa da Terminologia⁷⁰⁹, perspectiva advogada por Cabré, considera que se opera e incorpora no trabalho terminológico, os efeitos das variações discursivas, gerados em razão de adequações dessa linguagem particular.

Na área de Museologia, essas variações podem ser observadas nas publicações e são conseqüências de alguns fatores apontados nos capítulos anteriores como os objetivos das propostas editoriais para os trabalhos de produção (*MuWoP/DoTraM* e *ISS*, divulgação) e o de disseminação (da *Museum*); as respostas dos colaboradores aos roteiros preestabelecidos ou as reflexões sobre determinados temas, cuja intenção foi incitar discussões; as posições dos colaboradores sobre museu e museologia decorrentes de suas perspectivas, experiências e mesmo ideologia, e da apresentação e comentários, por parte de profissionais, de artigos para informar e atualizar.

Para ilustrar essas variações no emprego da linguagem de especialidade apresentamos a amostragem a seguir com trechos sobre museu, objeto de museu, preservação e interdisciplinaridade na Museologia, pinçados nas publicações citadas.

Neles pode-se perceber o matizado da função referencial para os textos aqui considerados teóricos (provindos do ICOFOM), cuja tendência é informar de modo mais objetivo e despersonalizado (cf. Cabré), e os dos informes profissionais (*Museum*)⁷¹⁰.

⁷⁰⁹ A proposta de M. T. Cabré se apoia em sua "Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)". Para Cabré a teoria de Wüster é insuficiente para dar conta de quatro aspectos da terminologia: a) a poliedricidade denominativa, cognitiva e funcional da terminologia; b) as duplas funções duplas de representação e comunicação; c) a definição de elementos operativos d) a diversidade aplicada, determinada pelas características pragmáticas da comunicação. Esta teoria ressalta a base comunicativa. Ela parte da realidade, considerando a variação dos dados (o uso real) de forma a ser computada e representada ao se associar os termos (CABRÉ; 1999:129 e 140).

⁷¹⁰ Comentando sobre os aspectos funcionais da linguagem de especialidade, M. T. Cabré remete-se às funções da linguagem apresentadas por Roman Jakobson (função referencial, função expressiva ou emotiva, função conotativa, função fática, função metalingüística e função poética). Em situações especializadas, algumas dessas funções não ocorrem com freqüência, pois a função básica das linguagens de especialidade é "informar e intercambiar informação objetiva sobre um tema especializado", um matiz que, segundo esta autora, se mostra mais nas linguagens técnico-científicas e menos nas áreas de administração e serviços. Cabré aponta como elementos que refletem essa tendência o uso da primeira pessoa do plural como fórmula de modéstia, a utilização dos verbos no presente, a ausência de exclamações, o uso de frases curtas, a falta de redundância com relação aos destinatários do texto, a utilização freqüente das fórmulas impessoais, a atenção centrada nos sintagmas nominais, o recurso a outros sistemas de

Visamos ressaltar o intercâmbio das noções entre os planos teórico e prático (e vice-versa). Se a preocupação dos colaboradores (quadrante da produção) é criar um cerne de valor conceitual para a prática nota-se, por parte dos autores dos artigos de divulgação (quadrante de divulgação), a apreensão e emprego desse núcleo conceitual conjugando, nas suas argumentações, relatos das experiências e os objetivos ou concepções sobre Museologia emitidos pelo ICOFOM e ICOM.

No quadro sinóptico abaixo situa-se a categoria da difusão e a de divulgação da ciência, referenciando-se os documentos consultados:

TEORIA / Museologia 'icofoniana'	PRÁTICA / Museus
ESPIRAL DA CULTURA CIENTÍFICA	
↓	↓
1ª Categoria: DIFUSÃO DA CIÊNCIA Produção e circulação entre pares	4ª Categoria: DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA Divulgação científica
EMPREGO DA LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE	
DOCUMENTOS	DOCUMENTO <i>Museum</i> (UNESCO)
<p><i>MuWoP/DoTraM</i> : Theme n.º 1 – Museology – science or just practical museum work? Theme n.º 2 – Interdisciplinarity in museology</p> <p><i>ISS</i> : <i>Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle</i> 1 (Londres;1983); <i>Musée-territoire-société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques</i> 1 (Londres; 1983); <i>Muséologie et musées</i> 1 (Helsinki; 1987)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Vol. XXXII, n.º 1, 1980 – Tema e Seção <i>Musées, hommes et sociétés</i>. Artigo: <i>Le musée de la ville de Risselsheim</i>. p. 35-50. (Traduzido do alemão) • Vol. XXXVIII, n.º 151. Artigo: <i>Le musée, scène de l'action symbolique</i>, p.168-171 (traduzido do inglês). • Artigo: <i>Le Joanneum, musée du Land de Sturie: 175 ans au service de la communauté</i>, p.158-164 (traduzido do alemão) • Vol. XXXVI, n.º 2, n.º 142 (1984) – Projets planned, ventures assessed - Artigo: <i>The Industrial Heritage Centre: an original venture in Geneva</i> p. 64- 70 (Traduzido do francês).

MUSEU

MuWoP/DoTraM:

Klaus Schreiner: "The institution of the museum itself is neither a scientific discipline nor a part of it, but a necessary institutional base. Medical science is not the science of hospitals, neither is pedagogy the science of schools, so museology cannot be the science of museums. Museums are the institutional bases of a complex of different scientific disciplines, but not themselves essential parts of sciences. Museology comprises museum theory, museum methods, and the history of museum affairs." (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 58)

ISS:

Peter van Mensch: "(...) it is useful to distinguish between institution and institute (...). An institution is a structuralistic category that empirically only can be observed as a historical and socio-cultural defined institute (...) There seems to be some confusion caused by the use of the word museum for both the institute and the institution. (...) the word museum should be used exclusively for the institute. Cabinets, heritage centres, galleries, ecomuseums, etc. are other institutes that are the expression of the same institution. This 'structuralistic category' can be described as the purpose: full preservation and use of material evidence of mankind and its environment".(aspas do autor) (*ISS*, n.º 16:48).

Museum**Vol. XXXII, n.º 1, 1980 – Tema** Musées, hommes et sociétés**Seção:** Musées, hommes et sociétés**Artigo:** *Le musée de la ville de Risselsheim*. p. 35-50. (Traduzido do alemão)**Autor:** Peter Schirmbeck

“(…) Le musée conserve, incorporé aux objets dont il a la garde, le travail, les rêves, les souffrances, les espoirs, les luttes, les victoires, les utopies et une multitude d’autres choses encore qui ont tissé l’histoire de l’homme. Le musée a l’heureux et fascinant privilège de contribuer à édifier la conscience humaine, au sens historique du terme, c’est-à-dire employant tout ce qui concerne l’homme. L’institution, le lieu “musée”, nous donne l’une des dernières occasions que nous ayons de connaître notre monde comme étant celui de relations, de connexions complexes.”

OBJETO DE MUSEU:***MuWoP/DoTraM:***

Waldisa Rússio: “Once in the museum area, the relationship between man and the object not only depends upon the communication of all the material evidence of the object, but also on its place within the museum as an *agent of museological transference*. The observer is conscious of the object as part of the natural world and he transfers into an image, a concept: that is to say he incorporates it into his intellectual world by “interiorizing” it in the sociological sense of the word. (...) At the same time, the person becomes acquainted with the object (part of a reality in which it also participates and may even intervene) and proceeds from a passive behaviour of simple enjoyment to a potentially active and creative behaviour. He is not only able to judge, but also to transform (...) This deep relationship between man and the object which at first was fostered with material objects, has now spread to abstract creations, in so far as they can be materially recorded.”(itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

Waldisa Rússio: “(...) the objects must be ‘museumized’– that is to say, the material objects become object-concepts. Objects which are only remains can also be the subject of a museum processing, as the material proof of the existence of man and of his environment, of his natural milieu or of one modified by man himself. This museum processing concerns objects which have a value as a *witness*, as a *document*, and are *authentic* in relation to man and nature”. (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

ISS:

Wojciech Gluzinski: “The basic factor of the activity of museums is the scientific accumulation, elaboration, and evidence of museum objects/ a classificatory or typological diagnosis together with selection, full diagnosis, scientific description with accompanying documentation, which together creates knowledge about individual material sources.”(*ISS*; n.º 1: 26)

Museum**Vol. XXXII, n.º 1, 1980 – Tema** Musées, hommes et sociétés**Seção:** Musées, hommes et sociétés**Artigo:** *Le musée de la ville de Risselsheim*. p. 35-50. (Traduzido do alemão)**Autor:** Peter Schirmbeck

“(…) en établissant des rapports entre objets provenant de différents champs d’activité, le musée permet une vision d’ensemble de ces activités, quelles qu’elles soient. Derrière la naissance des objets de musée – et partie intrinsèque d’eux-mêmes – se découvrent une masse de facteurs, reflets de différents mobiles qui animent les hommes et qui ont eu leur part dans sa genèse. Ils lui ont donné sa forme spécifique et leur ensemble dessine le cadre historique dans lequel cet objet a été créé. (...) Cette résurgence des dimensions historiques est, dans une certaine mesure, indépendante de la nature de l’objet d’exposition. Outil de travail, objet culturel, meuble, machine, oeuvre d’art ou utensile ménager, son intérêt réside, (...) dans sa fonction, ses relations avec les traditions établies, les opinions de son créateur, l’innovations, l’empreinte dont l’ont marqué les dernières époques. (...)”

Museum

Vol. XXXVIII, n.º 151

Artigo: *Le musée, scène de l'action symbolique*. p.168-171 (traduzido do inglês)**Autor:** Sheldon Annis

“Un musée est une sorte de réserve culturelle, un lieu où des objets soustraits à leur contexte naturel sont en magasinés, reclassés et exposés. Lorsqu'ils sont présentés dans le cadre d'une exposition, ils se transforment et revêtent des significations nouvelles. (...) Sur le plan de la signification, les objets-symboles oscillent entre deux mondes, celui d'où ils viennent et celui que est créé par l'exposition. En les présentant, les musées donnent aux visiteurs l'assurance que ces objets ont une validité et qu'ils s'insèrent dans des champs de significations plus larges. Les conservateurs de musée, après tout, ont pour vocation d'être des communicateurs. En sélectionnant des objets et en les disposant d'une certaine manière, ils leur confèrent une légitimité. Implicitement, le conservateur invisible dit au public: "Ces objets ont un sens; prenez-les au sérieux".

PRESERVAÇÃO:**ISS:**

Peter van Mensch; Piet J. M. Pouw, Frans F.J. Schouten: "Central in this conception of museology is the preservation of the cultural and natural heritage. This is the starting point of all museological activities (...). (...) In both cases (t.i. museology in a narrow sense, concerned with artifacts and naturalia, and in a wide sense, aimed at the complete cultural and natural heritage) there is an independent scientific discipline interpreting the relation between man and his environment, the position of man in space and time, specifically the influence of the cultural and natural heritage on the cultural identity of persons and groups. Museology in this sense takes a holistic view on man which takes the various approaches from the specific scientific fields (anthropology, social and natural history, history of art, etc.) into consideration". (ISS, n.º 1: 82)

Peter van Mensch: "Preservation is (...) a means, not an end. (...) Where almost all authors agree upon the social importance of preserving heritage, they seem to hold quite different opinions as to the purposes that should be served by preservation. I mentioned already socio-economic purposes (...). Very outspoken socio-political purposes can be traced in the DDR (...). As to socio-cultural purposes mention has been made of strengthening national identity (...), validation and re-validation of experiences (...), knowledge and understanding of our present society (...), and raising environmental awareness (...) (...) at this point museology as a scientific discipline should strive for 'substantial rationality'. (...) Aims and purposes of museological institutes should be defined by the individual people and/or the community concerned, and not prescribed by museology." (ISS, n.º 13: 50)

Museum:**Artigo:** *Le Joanneum, musée du Land de Stirie: 175 ans au service de la communauté*. p.158-164 (traduzido do alemão)**Autor:** Friedrich Waidacher

“Le travail de conservation ne se limite cependant pas aux collections et aux ensembles architecturaux (...) Les menaces croissantes (...) exigent (...) une participation active à la protection du patrimoine naturel et culturel: il est sollicité pour ses connaissances spécialisées (...).”

MUSEOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE:

MuWoP/DoTraM:

Anna Gregorová: 'Part of the subject of museology is also the study of the mutual relations of the museum as an institution to society (as a whole, and also to its members and groups), and vice versa. The relation of museums to material reality (...), similarly the relation of museums to *social reality* (...) create the necessary conditions for museology to become an *interdisciplinary science*. (...) Three basic aspects of the museum's social function come to the foreground; cultural, educational and sociological aspects.' (itálico e aspas do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:20).

Vol. XXXVI, n.º 2, n.º 142 (1984) – Tema Projecs planned, ventures assessed

Artigo: *The Industrial Heritage Centre: an original venture in Geneva* p. 64- 70

(Traduzido do francês)

Autor: Marc A Balan; Maruro Riva

"(...) an interdisciplinary approach (...) emphasize the relations between man, machines and the environment; presentation of the industrial heritage affords the opportunity of eliminating the unfortunate dichotomy between technological and humanistic culture, between knowledge and know-how".

Na *MuWoP/DoTraM* e *ISS* a tendência é explicar, classificar e organizar o pensamento essencial da Museologia que tem o museu como um de seus focos. Na *Museum*, imperam descrições detalhadas das singularidades de várias de suas atividades aos mais diversos tipos de museu.

O museu, no plano teórico, é situado como base institucional para a ação de diversas disciplinas científicas (Schreiner), um instituto, expressão histórica e sócio-cultural de um tipo de instituição que se caracteriza em preservar e usar as evidências materiais da humanidade e seu ambiente (van Mensch et alli). Na prática, ele é a base, o "lugar" que nos dá ocasião para conhecer as relações complexas do nosso mundo e que faz evidenciar a 'massa de fatores' imbricadas aos objetos (Schirmbeck).

Na teoria ressalta-se o papel dos objetos como 'agente de transferência museológica'. Eles são as 'evidências materiais', os 'objetos-conceitos', as 'provas', os 'testemunhos' passíveis de 'musealização', uma parte da realidade que se amplia para 'criações abstratas' além da sua materialidade (Rússio). São o 'fator básico' das atividades de museu, sujeitos de procedimentos particulares como 'descrições científicas' registradas em documentação apropriada e particular de museu (Gluzinski).

Na prática, eles refletem parte da gênese dos homens, fazem reavivar a lembrança de histórias e da História, quaisquer que seja sua proveniência (Schirmbeck). O museu esta 'reserva cultural' que 'reclassifica' e transmuta as evidências materiais em 'objetos-símbolos' (Annis), ressalta através e nos objetos o 'trabalho, os reveses, dores, esperanças, lutas e vitórias, utopias' (Schirmbeck) impregnando de sentimentos a matéria e este equipamento cultural.

Categoriza-se, na teoria, a preservação esta 'concepção central da

museologia' em 'sentido estreito' (artefatos e naturália), e 'amplo' (a completa herança cultural e natural) e uma Museologia 'holística' pode dar cobertura à 'relação entre homem e seu ambiente, a posição do homem no espaço e tempo, as influências da herança cultural e natural sobre a identidade de pessoas e grupos' (van Mensch et alli). A preservação 'é meio e não fim' (van Mensch), um meio que na prática exige 'participação ativa', a ação, dependente de conhecimentos especializados (Waidacher).

Na teoria o museu realiza, ou possibilita, a relação entre o homem e a 'realidade material', e entre a instituição e a 'realidade social', interações que para serem explicadas necessitam da interdisciplinaridade (Gregorová). Na prática, a interação homem/objeto pode ser expressa sob as mais diferentes formas como entre 'homem, máquinas e ambiente' visando eliminar a 'dicotomia infortunada' entre cultura humanística e o conhecimento técnico (Balan & Riva).

A interligação propiciada pela comunicação ativa a linguagem de especialidade da área promovendo o intercâmbio e repercussão das idéias, evidenciando o compartilhamento entre palavras e termos. Conta-se, ao mesmo tempo com palavras funcionais e léxicas, próprias da linguagem comum – afinal, intervêm o pragmatismo que nos leva a usar o termo mais viável, fácil, natural ou conciso independentemente do grau de qualidade lingüística⁷¹¹ -, e palavras e termos peculiares dessa linguagem caracterizada pela temática em foco.

Neste ponto cabe a explicação de Maria Tereza Cabré de que a terminologia de uma área pode se formar com palavras e termos. O emprego das palavras se dá porque o falante é simultâneamente 'de uma língua e profissional de uma matéria', o que leva ao compartilhamento. Por essa razão Cabré pontua: 'os termos não formam um sistema a parte de um sistema independentemente das palavras' que são multidimensionais. As unidades terminológicas, por essa perspectiva, são interdisciplinares e participam ou carregam em si características e propriedades das palavras da linguagem natural⁷¹².

2. O trabalho terminológico sobre a linguagem de especialidade

O universo da pesquisa em Museologia, da mesma forma que outros campos do conhecimento, é complexo, variado e multiforme. Para cingir o domínio⁷¹³ museologia – um dos subconjuntos do sistema de noções da Museologia (a área) -, realizamos levantamentos sucessivos em caráter exploratório visando captar as características do *conceito museologia*.

O trabalho terminológico, no geral, ocorre e é produto de um processo

⁷¹¹ CABRÉ; 1999: 217-218.

⁷¹² CABRÉ; 1999:119.

⁷¹³ 'Domínio: "subconjunto de uma área determinadas por um sistema de noções" (LARA; 2002:7).

sucessivo de operações sendo que um procedimento alimenta o seguinte.

Vai-se aos documentos, coletam-se as características dos conceitos de determinadas palavras candidatas à termos, faz-se a sua descrição agrupando-as em traços similares e distintivos.

A análise das similaridades e distinções resultará, como explica Marilda Lara, num 'único conjunto de características que tipifica um dado conceito'⁷¹⁴.

Trata-se de uma combinação singular de características que localiza o conceito dentro do sistema (conceitual, nocional; para Cabré, campo de conceitos). Um conceito só existe em relação a outro, assim não há conceitos isolados⁷¹⁵. Uma vez situado num sistema adquire valor informativo, critério válido para os termos ao se relacionarem entre si tendo em vista o mesmo campo especializado⁷¹⁶.

Uma outra etapa deste processamento se dá pela estruturação sobre os conceitos e suas denominações (os termos) pelo estabelecimento das relações lógicas, baseadas nas semelhanças, comparando-os, e interrelacionando-os (do genérico para o específico; relações genéricas espécie/gênero) ou por relações ontológicas por proximidade situacional dos elementos da realidade (por coordenação - parte/todo, ou por encadeamento causa/efeito)⁷¹⁷. Percebe-se o escalonamento hierárquico sucessivo e interdependente.

Em nossa pesquisa nos ativemos à coleta, uma proposta de categorização e análise de características visando o domínio 'museologia', nossa unidade concreta de referência.

No elencar as características, encontram-se registrados nos textos, as variações discursivas e também pontos de vista até mesmo contrários. Tais variações de concepção podem ser atribuídas na área de Museologia às diferentes formações dos participantes, suas preferências, experiências com museus, e mesmo seus compromissos ideológicos, enfim, os múltiplos aspectos formadores de suas bagagens culturais e, particularmente, cultural profissional.

Vimos como houve modos de concebê-la com base numa certa tradição de pensamento que, no âmbito do ICOFOM, encontra espaço para rerepresentá-la como as concepções em circulação na Europa oriental ou, ao contrário, como elas foram geradas a partir da experiência prática em museus ou docência. Basta lembrar os comentários do norte-americano Ellis Burcaw e suas declarações sobre o desconhecimento das idéias e 'léxico de Brno'⁷¹⁸.

Fato é que, essas variações são perceptíveis, e demonstram não só diferenças no emprego da linguagem de especialidade como também no grau de conceitualização.

⁷¹⁴ LARA; 2002: 9

⁷¹⁵ *Idem, ibidem.*

⁷¹⁶ CABRÉ; 1993:201

⁷¹⁷ CABRÉ; 1993:202-206.

⁷¹⁸ Ver Cap. 3; item 2.1.2. "O léxico de Brno" - *MuWoP* n.º 2.

Um exemplo – sem qualquer julgamento de valor – pode nos ajudar a ilustrar o grau de conceitualização. Contrapomos a definição de Museologia de Anna Gregorová, a de Ivo Maroevic que a advogava como partícipe da Ciência da Informação, e a de Ellis Burcaw:

A Museologia é uma ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, e consiste na coleta e conservação sistemática e seletiva de objetos, especialmente os tridimensionais) que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade.

Da mesma forma que a relação do homem com a realidade é objeto de várias outras disciplinas sociais, as humanidades, a Museologia nela se localiza pois também estuda essa relação mas de modo específico, ou seja, através dos objetos de museu.

Museologia lida com o estudo sistemático de emissão de informação estocada nos objetos da cultura material. Museologia lida com questões práticas e teóricas para identificar a musealidade da estratificação de valor documental e informação imanente dos objetos de museu reais ou potenciais.

A transmissão, disseminação, explanação e uso da informação intrínseca a museália pode ser realizada pela seleção, coleta, avaliação, elaboração científica e profissional, proteção, arquivamento, mostra e editoração através das publicações de museu, criação de coleções de museu e através de exposições permanentes e temporárias de museus.

Museologia diz o que os museus são.

Anna Gregorová: "Museology is a science studying the specific relation of man to reality, consisting in purposefull and systematic collecting and conservation of selected inanimate, material, mobile (especially three dimensional), objects documenting the development of nature and society" (...) From this definition follows as a priority the specific *relation* of man to reality. If the object of study of a certain scientific discipline is not reality proper (objective material reality) but the relation of man to reality (material or spiritual), the role of the given discipline within the framework of other scientific disciplines also stands out. The relation of man to reality is being dealt with by various *social-scientific* disciplines (the so called humanities, including, in a wider context, psychology, aesthetics, philosophy, philosophy of man, etc), while their classification is based exactly on the concrete, and at the same time specific relation, i.e. on the *thype* of their relation, to reality (...) If follows therefore that museology proper, if we take as a starting point the definition of museology mentioned above, belongs, with regard to the object of its study, unequivocally among the humanities.' (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:33).

Ivo Maroevic: 'Museology deals with systematic study of the process of emitting information which are stored within material structure of musealia. It constantly deals with theoretical and practical questions of identifying museality, of stratification of documental value and information immanent to potential and real museum objects. (...) transmission, dissemination, explanation and using of information intrinsic to musealia can be realised by selecting, collecting, evaluating, scientific and professional elaborating, protecting, storing, displaying and editing of musealia through museum publications, creating of museum collections and through museum permanent exhibitions and temporary exhibitions.'(*ISS*, n.º 5: 44).

Ellis G. Burcaw: 'Museology says what a museum is.' (*ISS*, n.º 1: 15)

Operar com variações nos leva a considerar o posicionamento admitido pela Teoria Comunicativa da Terminologia em não cristalizar relações monossêmicas entre conceito e termo. Tal cristalização, segundo análise de Maria de Fátima Tálamo⁷¹⁹, configura uma ilusão limitadora e restritiva para a produção do conhecimento pois, sob a ótica da comunicação, o fundamental é identificar qual ou quais conceitos fundamentam o jogo da linguagem.

As variações também refletem os conflitos espontâneos no interior de uma

⁷¹⁹ TÁLAMO; comunicação pessoal.

área do saber. Nas palavras de Tálamo⁷²⁰: ao se erigir um campo disciplinar relacionado à uma prática secular – o que se aplica aos museus -, a comunidade científica põe suas forças contraditórias para trabalhar – o que se aplica aos membros do ICOM/ICOFOM - que, como vimos, se não propriamente cientistas em atuação nesses organismos, tinham em sua maioria formação acadêmica, e ali estavam como especialistas propostos a cumprir essa missão. Os que se ‘arriscaram’ a desvendá-la, lembrando-nos de Vinos Sofka.

Nos voltamos para elencar os atributos da Museologia, e o passo preliminar foi compor um inventário agrupando-os.

2.1. O inventário

A pesquisa desenvolveu-se a partir da leitura do documentos da *MuWoP/DoTraM* e alguns selecionados da *ISS*⁷²¹, tendo como guias as rubricas ‘museologia’, ‘museu’ e ‘museografia’ que, nesta primeira etapa, não se apresentam como denominação conceitual, mas unicamente etiquetas de identificação aplicadas aos assuntos e seus desdobramentos conforme comentários dos próprios autores.

Trechos (o emprego) foram sendo registrados sob as rubricas no idioma em que foram escritos, resultando uma listagem cujo propósito foi somente agrupar, com certo ordenamento, os assuntos surgentes.

Denominamos a listagem de ‘inventário’ e a numeração seqüencial empregada teve função operacional, por isso a denominamos ‘numeração operativa’.

Sob ‘museologia’ foram elencados os seguintes assuntos ou temas:

- museologia como disciplina científica ou como disciplina acadêmica
- estatuto científico
- definições
- objeto de estudo
- teoria
- características da museologia
- campo de estudo da museologia
- museologia inserida no sistema das ciências
- sistema da museologia
- museologia e patrimônio
- objeto museológico
- ensino
- pesquisa
- treinamento
- profissão
- orientações políticas da museologia

⁷²⁰ *Idem* .

⁷²¹ *MuWoP/DoTraM* : Theme n.º 1 – Museology – science or just practical museum work? Theme n.º 2 – Interdisciplinarity in museology. *ISS* : Methodologie de la muséologie et la formation professionnelle 1 Londres;1983) ; Musée-territoire-société. Nouvelles tendances/nouvelles pratiques 1 (Londres; 1983); Muséologie et musées 1 (Helsinki; 1987).

- museologia e museu
- museologia como prática
- museologia e museografia
- linguagem da museologia.
- museologia e o ICOFOM.

No inventário esses elementos foram assim organizados:

Rubrica composta ⇒ 20 (n.º operativo) MUSEOLOGIA/MUSEU	Desdobramentos segundo assuntos ⇒	(20.1) Museu/museologia (20.2) Museu/museu/realidade (20.3) Museologia/museu/sociedade (20.3.1) Museologia e interdisciplinaridade (20.3.1) Museu e interdisciplinaridade (20.4) Museologia/ Estudos de Museu
---	--	--

INVENTÁRIO

1 MUSEOLOGIA/DISCIPLINA :

- 1.1 Museologia como disciplina científica; 1.1.1 Museologia abordagem filosófica; Museologia [como] filosofia
1.2 Museologia como disciplina acadêmica

2 CIÊNCIA

- 2.1 Museologia ciência aplicada
2.2 Fato museológico (*museological fact*)
2.3 'Fato museu' (*museum fact*)
2.4 Museologia/ciência dos museus
2.5 Museologia/ciência do trabalho em museu
2.6 Museologia/trabalho em museu
2.7 Museologia (como) ciência social
2.8 Museologia (na) ciência da informação

3 DEFINIÇÃO

- 3.1 Museologia/denominações
3.2 Museologia/definição profissional

4 OBJETO DE ESTUDO

- 4.1 Objeto da museologia
4.2 Musealidade
4.3 Museologia/tarefa da [museologia]
4.4 Museologia/estudo

5 TEORIA

- 5.1 Teoria: questões e problemas
5.2 Museologia Real (*RM museology*); 5.2 Museologia Postulada (*PM museology*)
5.3 Museologia/abordagem [da] Filosofia/ abordagem filosófica
5.4 Museologia/ objeto da museologia
5.5 Museologia/ natureza do conhecimento museológico; 5.5.1 Museologia/Objetivos do conhecimento museológico;
5.5.1 Museologia/conhecimento museológico; 5.5.1 Museologia/Método de conhecimento
5.6 Museologia/ tendência do conhecimento [da museologia]
5.7 Museologia/Campo de conhecimento
5.8 Museologia/discurso
5.9 Museologia/fenômeno; 5.9.1 Fenômeno museológico
5.10 Museologia como teoria de museu

6 CARACTERÍSTICAS

- 7 CAMPO DE ESTUDO - 7.1 Museologia/ estudo

- 8 MÉTODO - 8.1 Museologia e interdisciplinaridade

9 MUSEOLOGIA NO SISTEMA DAS CIÊNCIAS

- 10 SISTEMA DA MUSEOLOGIA - 10.1 Esquema

11 PATRIMÔNIO

- 11.1 Preservação
11.2 Patrimônio local
11.2.1 Patrimônio cultural e natural

12 OBJETO MUSEOLÓGICO

13 ENSINO

- 13.1 Museologia [na] Universidade

13.2 Formação; 13.2.1 Museologistas; museólogos/ 'curador'
13.3 Formação profissional

14 PESQUISA

14. 1 **Museologia e pesquisa em museus**

14. 2 **Trabalho em museu**

15 TREINAMENTO – 15.1 Emprego

16 PROFISSÃO

16.1 Museologistas; museólogos

16.2 Curador

16.3 Trabalhadores de museu (museum workers)

16.4 Pessoal de museu

16.5 Empregados de museu

17 ORIENTAÇÕES POLÍTICAS

18 MUSEOLOGIA/ [como] PRÁTICA - 18.1 Prática da Museologia

19 MUSEOGRAFIA

19.1 Museografia

19.2 Exposição

19.3 Sistema museográfico

19.4 Conhecimento museográfico

20 MUSEOLOGIA/MUSEU

20.1 Museu/museologia

20.2 Museologia/museu/realidade

20.3 Museologia/museu/sociedade

20.3.1 Museologia e interdisciplinaridade

20.3.2 Museu e interdisciplinaridade

20.4 Museologia/ Estudos de Museu

21 ICOFOM

22 MUSEOLOGIA/LINGUAGEM

Sob 'museu' resultaram:

- Definições
- funções do museu
- teoria de museu
- domínio dos museus
- museu como campo de estudo
- ecomuseus
- museu como empreendimento comercial
- museu e turismo
- museu e orientações políticas
- trabalho em museu
- pesquisa em museu
- disciplinas de museu
- objeto e coleção de museu
- comunicação em museus e/ou comunicação museológica
- centros museológicos.

23 MUSEU/DEFINIÇÃO

23.1 Museu (*museum facti*)

23.2 Museu/instituição

23.3 Museu/instituição social

23.4 Museu/lugar

24 FUNÇÃO

24.1 Museu/ Instituição de educação pública

24.2 Museu/ Preservação

- 24.3 Museu/ Memória
- 24.4 Museu/ Educação
- 24.5 Museu/ Sistema de estoque e recuperação de informação
- 24.6 Museu/ Exposição
- 24.7 Museu/ Disseminador [de] conhecimento
- 24.8 Museu/ Programas de museu; 24. 8.1 Público/Audiência

25 TEORIA DE MUSEU - 25.1 Museu como fenômeno

26 DOMÍNIO DOS MUSEUS

- 26.1 Museu/ domínio de atividades
- 26.2 Área de museus (*museum field*)
- 26.3 Museu/Administração/Negócio
- 26.4 Museu/Arquivo/Biblioteca

27 CAMPO DE ESTUDO

28 TIPOLOGIA DE MUSEU –

- 28.1 Museu/*Ecomuseu*; 28.1.1 Histórico; 28.1.1 Concepção; 28.1.1 Contradições; 28.1.1 *Ecomuseu/Nova Museologia*;
- 28.1.2 Patrimônio/identidade/cultura local; 28.1.2 Terceiro Mundo; 28.1.2 Museu de Território; 28.1.2 “Territorialidade”;
- 28.1. 2 Museu Comunitário; 28.1. 2 ‘Museu integrado’; 28.1. 2 Integração/grupos minoritários
- 28.2 *Ecomuseu*/objetos
- 28.3 Gestão
- 28.4 Organização estatutária
- 28.5 Visitante
- 28.6 Museu/Tradicional
- 28.7 NÃO MUSEUS
- 28.8 Museu regional/políticas/orientações

29 EMPREENDIMENTO COMERCIAL

30 TURISMO

31 ORIENTAÇÕES POLÍTICAS - 31.1 Museu/ideologia

32 OBJETO DE MUSEU/COLEÇÃO

- 32.1 Objeto de museu
- 32.2 Objeto/Documento
- 32.3 Objeto/categorias de informação
- 32.4 Objeto/comunicação; 32.4.1 Objeto/‘Linguagem das coisas’
- 32.5 Objeto museológico
- 32.6 Tesaurização
- 32.7 *Museumização (museumization)*
- 32.8 Cultura Material
- 32.9 Artefato
- 32.10 *Musealia*
- 32.11 Incorporação do objeto
- 32.12 Objeto/ preservação

33 TRABALHO EM MUSEU

- 33.1 *Staff*
- 33.2 Curador

34 PESQUISA EM MUSEU

- 34.1 Museu/pesquisa
- 34. 2 Museologia/pesquisa

35 DISCIPLINAS DE MUSEU

36 COMUNICAÇÃO EM MUSEUS/ COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA

37 CENTROS MUSEOLÓGICOS

Este conjunto mostra uma determinada cartografia da temática ‘*museologia*’ segundo a perspectiva ‘*icofoniana*’, afirmando a existência do campo de conhecimento. No entanto, primam as diferenças de opiniões entre os autores fazendo com que ocorra a variação das características ou atributos segundo

aspectos que eles consideraram mais significativos abrindo linhas paralelas para o domínio museologia.

Observe-se os diferentes posicionamentos sobre o tema Museu/Museologia e mais uma vez os níveis de generalização conceitual:

Anna Gregorová: 'Within the framework of this concept, i.e. *museum* relation to reality *three basic groups of problems can be studied*: museum and reality, museum and society, and finally terminological questions in connection with the analysis of the function of museum' (itálico da autora) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:19)

Klaus Schreiner: 'The institution itself is neither a scientific discipline nor a part of it, but a necessary institutional base of scientific disciplines. Hence museums, for instance, are the institutional bases of a complex of different scientific disciplines, but they themselves are not parts of scientific disciplines, which is proved by the history of museum system.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:40)

Judith K Spielbauer: 'The museum is not a pan-human institution, currently or historically. What is pan-human is the necessity of a relationship between people and "reality", however specifically defined. (...)' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:18).

Zbynek Z. Stránský: '(...) the museum is only of the forms of objectivization of a specific relation of man to reality that has risen throughout history. The museum has – as we can document – its pre-forms and this is not a single given form, but it will continue changing and in the future it will have eventually completely new forms.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:21)

Flora S Kaplan: 'Museums and museology are products of human beings, not products of manifestations of immutable and universal laws that belong to a physical universe in the sense of scientific phenomena (...)' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:40)

Lynne Theather: 'Museology (...) becomes the definition of the processes that transpire in these types of buildings, and the learning of the skills necessary to function in them. The tendency of this outlook is to start from the definition of the museum as it is now; the conceptual basis will tend to be descriptive, empirical, pragmatic, the 'how to do' approach to museum in the contemporary situation as evidence in that society. Training or research activities based on this model tend to work with in the parameters of the established institutions, ie. The large nineteenth century depending on the age of the region, established museums, with an occasional bow to the local museum.' (aspas do autor) (*ISS*, n.º 5: 25)

Maria Horta Barreto: '(...) without the development of Museology, there's no survival possibility for Museums in the modern world. (...) Without Museology, Museums are at risk, and they would be easily substituted (...) by all these "wonders" created by contemporary societies to mitigate the consumistic needs of their members, their individual needs of individual experiences, of Power illusions, of "fast-food" delights, keeping the pace with the ever increasing rhythm of scientific, social and political change in the present world (...)' (aspas e sublinamento do autor) (*ISS*, n.º 13: 154)

Maria Horta Barreto: 'Museology goes far beyond Museums – their specific field of demonstration and communication – digging deeply on different disciplines and theories which are in the roots of its specific theory: the theories of Memory, of Psychology and Social Psychology, of antropology and sociology, of Psychoanalysis, of Social History, Cultural History and of course the more recent studies on Material Culture.' (*ISS*, n.º 13: 156)

Maria Horta Barreto: '(...) Museology and Museums are a Communication affair, and by that we may extend the field and the nature of our theory through the consideration of the principles and theories of Communication and Perception, of Learning and Education.' (*ISS*, n.º 13: 156)

Flora S Kaplan: 'The museum is the locus where legitimation of meanings of the symbols of society takes place; and the means by which this is accomplished is the subject matter of museology. Both are interdisciplinary in nature (...); (...) both are inevitably intertwined. (...) Museology is predicated on the existence of artifacts/collections. It represents the body of knowledge, theory and practice that is found and transmitted in museums. It goes beyond any single discipline, to provide an overarching view of the museum as a social institution.' (*ISS*, n.º 13: 166-167).

Nelly Decarolis: 'Museology allows for the understanding of the underlying theoretic unity of all the functions performed by museums.' (*ISS*, n.º 13: 163).

Temos, num mesmo conjunto aspectos referentes ao: objeto da Museologia (museu relação com a realidade; museu base institucional; museu uma forma de objetivação da específica relação homem e realidade; museus como base conceitual descritiva para a museologia); funções (museus como campo específico de demonstração e comunicação da museologia; museus e museologia como produtos mutáveis); finalidade dos museus (instituição não pan-humana) ou da museologia (elemento de sobrevivência para os museus não se tornarem parques de diversões); local (museu como lugar de legitimação dos símbolos da sociedade); instrumentos (no sentido de teorias ou propostas de teorias: - Museologia e Museus

como assuntos da Comunicação; Museologia como diretriz teórica para as funções realizadas pelos museus).

Prosseguindo passamos a cotejar as ocorrências ou características com o objetivo de ressaltar o similar e o diferente. Características, escreve Dahlberg, são atributos das coisas designadas e são encontrados por análise⁷²².

2.2 A delimitação das características

Ao se trabalhar com as características se está no plano da conceituação que corresponde a enunciados formulados sobre conceitos individuais ou gerais. Os conceitos individuais referem-se à coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos, etc., e os gerais aos 'objetos situados fora do tempo e do espaço', ainda segundo Dahlberg⁷²³. Uma característica geral pode ser considerada categoria - um conceito na sua mais ampla extensão -.

Há tipos de características - simples e complexas -, distingüidas em espécies: essenciais constitutivas e consecutivas; acidentais gerais e individualizantes⁷²⁴.

Ordenamos o material coletado (contexto de uso), destacando características que consideramos constitutivas e consecutivas sintetizando-as num enunciado⁷²⁵:

Características do conceito Constitutivas Consecutivas	Contexto
---	-----------------

MUSEOLOGIA

1 MUSEOLOGIA TENDO POR BASE O MUSEU

<p>Constitutiva: Museu tem especificidade. A disciplina que trata de museus se distingue da prática museográfica. Museologia é algo que se relaciona com os que trabalham em museus. As ciências que dão apoio a pesquisa em museus podem ser realizadas sem eles.</p> <p>Consecutiva: Museologia é um campo de pesquisa.</p>	<p>André Desvallées:'(...) a museum specificity is incontestable, and if a discipline exists which can be distinctly set apart from simple museographical practice, it is up to museum people to specify either that they wish to apply the term museology only to the language which they use to communicate with the public, or to the entire field of research and thought which allows them to practice their profession, even if the greater part of this research and reflection relate to sciences which would exist</p>
---	--

⁷²² DAHLBERG; 1978:102.

⁷²³ De acordo com Ingetraut Dahlberg a linguagem é o instrumento que nos faz capaz de nos relacionarmos com os objetos que nos circundam e de elaborar enunciados sobre eles. No texto de Dahlberg o Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT) ilustra o exemplo de objeto individual, com os seguintes enunciados: "é uma instituição, situada no Rio de Janeiro, relacionada com a coordenação dos sistemas de informação no Brasil (...)". A soma total dos enunciados verdadeiros sobre o IBICT fornece o conceito do mesmo. Para conceito geral o exemplo foi dado com 'Instituição' ('é constituída de um grupo de pessoas; que trabalham com determinada finalidade, possuindo administração comum, localizada em determinado lugar, durante determinado tempo, etc.'), no qual cada enunciado faz referência a algum dos elementos do conceito. (DAHLBERG; 1978: 101-102).

⁷²⁴ *Op. cit.*, p. 103.

⁷²⁵ Justifica-se a exemplificação por sua extensão e volume.

	without the museum.' (<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:18).
Constitutiva: O conhecimento [derivado] dos museus e suas funções formam a Museologia.	Benqt Hubendick: 'Museology (...) is the knowlgedge of museums and museum functions.' (<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:22).
Constitutiva: Um bom museu é o produto final da Museologia. Consecutiva: Não há modelos que a Museologia pode Seguir.	Louis Lemieux : ' (...) the end product of museology is a good museum: a complex organism performing in a manner difficult to appraise. (...) experience has show that there exists no absolute model that courses in museology can follow.' (<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:24)

MUSEU

1 A BASE DO MUSEU - 1.1 A BASE DO MUSEU É O HOMEM E SUA VIDA

Constitutiva: A base do museu é o homem e sua vida. Consecutiva: Esta base requer abordagem de grande variedade de campos científicos. Interdisciplinaridade é um metodo de pesquisa e ação na Museologia.	Waldisa Rússio : 'In fact, man and his life are always the basis of the museum itself, which means that the <i>methods</i> used in museology are essencially <i>interdisciplinary</i> since the study of man, of nature, and of life depends on a great variety of scientific fields. When museums and museology, in the broadest <i>sense</i> of the term, study the environment, man or life, they are obliged to bring together discilines which today's over-specialization had completely separated up until now. Interdisciplinarity must be a method for research and action in museology, and therefore the work method of museums and of training courses in museology for museum personnel.' (itálico da autora)(<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º2:57).
---	--

1.1.1 O TEMA E OBJETO DO MUSEU É SEMPRE O HOMEM

Constitutiva: O assunto e o objeto do museu são sempre o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas idéias e esperanças.	Waldisa Rússio: 'The subject and the object of the museum are always man and his environment, man and his history, man and his ideas and his hopes.'(<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º2:57).
---	--

1.2 NO MUSEU SE REALIZA A RELAÇÃO ESPECÍFICA DO HOMEM COM A REALIDADE

Constitutiva: No museu instituto se realiza a relação específica do homem com a realidade. Consecutiva: Essa relação se realiza e se aplica naturalmente aos museus	Anna Gregorová: 'A museum is an institute in which the <i>specific relation of man to reality is naturally applied and realized</i> .' (itálico da autora) (<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:20)
--	---

MUSEOGRAFIA

1 MUSEOGRAFIA É A APLICAÇÃO PRÁTICA DA MUSEOLOGIA

Constitutiva: Museografia é a aplicação prática da museologia. Consecutiva: Museografia faz parte do conhecimento museológico.	Ellis G. Burcaw: 'The objectives of museological knowledge are simply a) to accomplish good public service today (through museography, the practical application of museology), and 2) to facilitate the evolution of the museum for the better service of society in the future.' (<i>ISS</i> , n.º 1: 16).
---	--

2 MUSEOGRAFIA É PERÍCIA.

Constitutiva: Museografia é a aplicação prática do conhecimento museológico. A perícia museográfica envolve habilidades, técnicas, métodos de trabalho, o uso de outras disciplinas, destreza, ocupações e tecnologia. Museografia diz respeito ao como o museu trabalha. Consecutiva: O conhecimento museográfico refere-se à habilidades práticas desenvolvidas em museus.	Ellis G. Burcaw: '(...) Fundamental museological knowledge will have wide application, and specialized aspects will serve particular social, political, and subject matter needs. The practical application of museological knowledge engenders a vast body of museographical expertise involving skills, techniques, work methods, the use of other disciplines, crafts, occupations, and technology. Museology says what a museum is. Museography says how a museum works.' (<i>ISS</i> , n.º 1: 15).
---	---

3 MUSEOGRAFIA É DESCRITIVA, PRÁTICA E TEÓRICA SOBRE OS TRABALHOS DE MUSEU

Constitutiva: Museografia é descritiva, prática e teórica sobre os trabalhos de museu. É a soma de todos os trabalhos de caráter criativo e exploratórios relativos às atividades práticas dos museus. Consecutiva: A palavra <i>museografia</i> por muito tempo foi usada no sentido do que chamamos hoje de museologia.	Jirí Neustupný: 'For a long time <i>museography</i> has appeared in literature about museums in a sense which also includes what we now refer to as museology. (...). (...) we would like to include in museography all purely descriptive as well as practical aspects of theoretical considerations of museum work. In this concept museography is a sum of all work which is not of a creative character but which projects such creative, exploratory work on to the practical activities of museums.' (itálico do autor)(<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:28)
--	---

4 MUSEOGRAFIA É UM CONJUNTO DE TÉCNICAS RELACIONADAS À MUSEOLOGIA

Constitutiva: Museografia é um conjunto de técnicas relacionadas à Museologia	James L. Swauger: '(...) must be added (...) definition of "museography" as <i>the body of techniques related to museology</i> ". (itálico do autor)(<i>MuWoP/DoTraM</i> , n.º 1:45)
--	--

O resultado agrupado em tabela apresenta as seguintes variações⁷²⁶:

MUSEOLOGIA	
VARIAÇÕES ⇒	<p>1 MUSEOLOGIA TENDO POR BASE O MUSEU</p> <p>2 MUSEOLOGIA COM ALGO A MAIS DO QUE MUSEU</p> <p>3 MUSEOLOGIA RELACIONADA AOS OBJETOS DE MUSEU E/OU CULTURA MATERIAL</p> <p>4 MUSEOLOGIA LIDA COM PRESERVAÇÃO E PATRIMÔNIO</p> <p>5 MUSEOLOGIA E RELAÇÃO COM OUTRAS DISCIPLINAS</p> <p>6 INDEPENDENCIA DA MUSEOLOGIA ENQUANTO DISCIPLINA</p> <p>7 OBJETO DA MUSEOLOGIA</p> <p>8 MÉTODO DA MUSEOLOGIA</p> <p>9 SISTEMA DA MUSEOLOGIA</p> <p>10 MUSEOLOGIA COMO ESTUDO</p> <p>11 PESQUISA EM MUSEOLOGIA</p> <p>12 METODOLOGIA da MUSEOLOGIA</p> <p>13 FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA/ MUSEÓLOGOS</p> <p>14 PESQUISA EM MUSEOLOGIA</p> <p>15 PRÁTICA DA MUSEOLOGIA E MUSEOLOGIA PRÁTICA</p> <p>16 MUSEOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE</p>

MUSEU	
VARIAÇÕES ⇒	<p>1 A BASE DO MUSEU</p> <p>2 MUSEU ORGANIZAÇÃO/INSTITUIÇÃO</p> <p>3 OBJETIVOS DO MUSEU</p> <p>4 MUSEUS E CULTURA MATERIAL</p> <p>5 FUNÇÕES DO MUSEU</p> <p>6 MUSEU E EXPOSIÇÃO</p> <p>7 MUSEU E DISSEMINAÇÃO DE CONHECIMENTO</p> <p>8 MUSEUS E PÚBLICO</p> <p>9 TEORIA DE MUSEU E MUSEOLOGIA</p> <p>10 MUSEU – CAMPO DE ESTUDO</p> <p>11 ECOMUSEU</p> <p>12 PATRIMÔNIO</p> <p>13 ECOMUSEU E EXPOSIÇÕES</p> <p>14 ECOMUSEU - SISTEMA SÓCIO-CULTURAL</p> <p>15 ECOMUSEU E MEMÓRIA</p> <p>16 ECOMUSEU – BANCO DE DADOS DE TODOS OS ELEMENTOS DO PATRIMÔNIO</p> <p>17 TRABALHO EM MUSEU</p>

Agrupou-se, para cada característica ou atributo, as variações das descrições (a numeração seqüencial novamente só teve função operacional). Exemplificamos⁷²⁷:

VARIAÇÃO (1) ⇒

MUSEOLOGIA TENDO POR BASE O MUSEU

- VARIAÇÕES DAS DESCRIÇÕES** ⇒
- 1.1** Museologia relaciona-se com os que trabalham em museus.
 - 1.2** Museologia é o conhecimento derivado dos museus
 - 1.3** Museologia é a teoria de todas as funções executadas pelos museus;
 - 1.4** A organização de museus forma o ramo de conhecimento Museologia. Estuda os métodos para que os museus realizem seus objetivos.
 - 1.5** A instituição museu é a base institucional necessária para a Museologia. Museologia compreende teoria, métodos de história dos afazeres dos museus.

⁷²⁶ As seqüências numéricas para a tabela de variações e a de variações das descrições têm somente a função operacional.

⁷²⁷ Este processamento mais uma vez resultou em extensos arquivos, razão do exemplo.

**VARIAÇÕES DAS
DESCRIÇÕES ⇒**

- 1.6** A teoria e metodologia sobre o trabalho em museu é Museologia; estuda padrões para a criação de museus, seu desenvolvimento e a função social dos museus. Os componentes da Museologia são: teoria, história e trabalho prático
- 1.7** Teoria e metodologia de museus se combinam para formar a Museologia. As funções, organizações, tipos, história, administração de museus são itens de classificação da teleologia ou metodologia de museus
- 1.8** Museologia é a teoria de todas as funções executadas pelos museus
- 1.9** Museus necessitam base teórica. A Museologia é a combinação dessa base teórica com mecanismos efetivos de aplicação. A principal função da Museologia é padronizar as práticas de museu
- 1.10** Museologia considera a compreensão da essência teórica de todas as funções realizadas pelos museus
- 1.11** Museologia é o estudo dos museus, seu desenvolvimento, funções e filosofia.
- 1.12** Museologia pode ser definida como um estudo completo das funções necessárias para compreender o museu no mundo complexo de hoje.
- 1.13** O resultado da Museologia é um bom museu
- 1.14** Museologia não justifica somente a existência dos museus mas determina a sua natureza e direções que assume para seu progresso em sua relação com sua comunidade.
- 1.15** Museologia teoria e métodos é do domínio dos museus
- 1.16** O caráter da Museologia é variado e se manifesta no gerenciamento de várias atividades internas e externas de museu.
- 1.17** Museologia é o estudo da instituição museu, sua história, evolução, estatuto presente e futuro desenvolvimento e sua responsabilidade social. Museologia define o aspecto profissional, público, porque existe e como opera.
- 1.18** A Museologia Real lida com aspectos descritivos das atividades de museu que estão impregnados de teoria, prática e filosofia
- 1.19** O museu é a unidade cultural do fenômeno museológico
- 1.20** Museologia diz o que os museus são
- 1.21** Museologia é descritiva e prescritiva
- 1.22** A Museologia se caracteriza pela relação do domínio dos museus como ramo da cultura; base institucional, objeto de estudo, objetivos e aplicações, métodos de pesquisa, sistema de conhecimento.
- 1.23** Museologia é o estudo da atividade humana que identifica e coleta objetos

2 MUSEOLOGIA OU TEORIA DE MUSEUS**3 MUSEOLOGIA COBRE TODA A ÁREA DE CONHECIMENTO FILOSOFICO PARA HABILIDADES MANUAIS.****4 MUSEOLOGIA É UM RAMO DO CONHECIMENTO QUE SE DESMEMBRA EM MUITOS CAMPOS****5 MUSEOLOGIA ESTUDO DE MUSEUS****5.1** Museologia ou estudos de museu (denominação)

5.1.1 Os componentes dos estudos de museu podem ser divididos nas funções usuais dos museus baseadas numa definição linear de museu com duas ou três atividades: coleção, conservação, apresentação, educação.

5.1.2 A definição [de museologia] torna-se situacional na dependência do ponto de partida do que a pessoa define como "o Museu".

VARIAÇÃO (2) ⇒**2 MUSEOLOGIA: ALGO A MAIS DO QUE MUSEU****VARIAÇÕES DAS
DESCRIÇÕES ⇒**

- 2.1** A disciplina museologia provê os museus com o algo a "mais" que necessitam.
- 2.2** Museus são o laboratório da Museologia. Não é suficiente lidar com o aspecto institucional dos museus (museu e sociedade). Museologia precisa de teoria para responder aos aspectos cognitivos ou gnoseológicos da disciplina científica independentemente do museu. O museu não é um agente funcional e a museologia não é mecanicista.
- 2.3** Museologia não é o trabalho prático em museu
- 2.4** Museologia como ciência é mais do que as funções do museu e de conceitos, teoria e metodologia de disciplinas associadas.
- 2.5** O museu não é um agente funcional. A Museologia não é mecanicista
- 2.6** Conhecimento museológico não se confunde com atividade prática [de museus]
- 2.7** A teoria da Museologia deve se relacionar com o papel da ideologia na cultura ou sociedade, com o estágio do desenvolvimento dos museus como institucionalizados e públicos
- 2.8** O objeto da Museologia não pode ser formado propriamente pelo museu.

Tendo em mente o conceito em foco - o *conceito museologia* - sistematizamos essas variações, e introduzimos as variações coletadas sobre museu e ecomuseologia (todas ilustradas por uma ou outra citação de autores) - compreendendo que essas últimas nos dariam contraponto e/ou complementação -, para alcançar a síntese mental do grupo desta Museologia situada (oficial, 'icofoniana') e datada (meados da década de 80 do século XX).

A tessitura de determinados aspectos nos levará a comprovar 'as forças contraditórias' em ação a que se referiu Tálamo, e em ação no jogo da linguagem de especialidade, que as variações fazem evidenciar. Lembremo-nos que, o campo da Museologia estava sendo erigido oficialmente teórica e conceitualmente – sobre, a princípio, a existência da instituição museu e suas práticas -.

Por sobre essa organização trabalhou-se, na etapa posterior, na distinção entre categorias e temas.

As variações selecionadas remetem à: condição de definição em Museologia, o fenômeno museu, afirmativas sobre o que trata a museologia (idéia, teoria, norma, processo, experimental, conhecimento, estudo), objeto da Museologia; museu, essência dos museus, e objeto do museu; teoria e método; Museologia como disciplina, pesquisa, preservação, prática ou tarefa da Museologia -, e uma variação que a vincula a Museologia à ciência da Permanência. Essas variações foram organizadas separando-se os traços semelhantes ou parcialmente semelhantes e os de oposição obtendo:

MUSEOLOGIA

- 1 Definição situacional
- 2 Fenômeno museu
 - 3.1 Idéia
 - 3.2 Teoria
 - 3.2.1 Teoria de campo específico - o fenômeno museu
 - 3.2.2 Teoria das funções
 - 3.2.3 Teoria da organização dos museus
 - 3.2.4 Teoria da Museologia como Ideologia da Cultura
 - 3.2.5 Teoria da Museologia como semiótica do Objeto e da Cultura
 - 3.3 Norma
 - 3.4 Processo
 - 3.5 Experimental
 - 3.6 Conhecimento
 - 3.7 Estudo
 - 3.7.1 Museu
 - 3.7.1.1 Da Instituição Museu
 - 3.7.2 Funções de Museu
 - 3.7.3 Estudo da Atividade Humana
 - 3.7.4 Estudo da Museália – Objetos e coleções
 - 3.7.4.1 Objetos de museu como estoque de informação
 - 3.7.4.2 Objetos de museu e conteúdos simbólicos
 - 3.7.5 Tratamento do objeto de museu
- 4 Objeto da Museologia
 - 4.1 Técnicas e Práticas de Museu
 - 4.2 Relação do Homem com a Realidade (com o Objeto)
 - 4.2.1 "Fato Museológico" ou Fato Museal
 - 4.3 Musealidade
 - 4.4 Objeto da Ecomuseologia
- 5 Museu é
 - 5.1 Uma idéia
 - 5.2 A base necessária
 - 5.3 Uma instituição documentária
 - 5.3.1 Instituição de pesquisa científica
 - 5.4 O lugar aonde se localiza o fato museu
 - 5.5 Museu é a unidade cultural do fenômeno museológico
- 6 A essência dos museus é
 - 6.1 O Homem e sua vida
 - 6.2 A essência dos museus é uma questão de significados que os objetos de museu representam do sistema da cultura.
- 7 Museologia é campo de investigação
- 8 Teoria e Método
 - 8.1 Método
 - 8.2 Metodologia da Museologia
- 9 Disciplina
 - 9.1 Disciplinas formativas da Museologia

- 10 Museologia e pesquisa
 - 10.1 Objetivos da Pesquisa em Museologia
- 11 Museologia e Preservação
- 12 Museologia prática
 - 12.1 Tarefa da Museologia
- 13 Museologia ciência e arte da Permanência

MUSEOLOGIA

1. Definição situacional

- a definição de museologia torna-se situacional na dependência do contexto que a pessoa define como “o museu”

2. Fenômeno Museu

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia existe em razão do fenômeno museu (o “Fator M”)
- museologia nasce da necessidade da sociedade em preservar
- museologia se é uma ciência só pode operar como ciência social, pois museus existem em razão do comportamento social humano

Constitutiva: O aspecto da realidade que é objeto formal da Museologia Postulada é o ‘Fator M’, o museu, a unidade cultural e o fenômeno museológico.

É uma área do sentido, dos comportamentos culturais específicos, nos quais se manifesta o fenômeno museológico. Diz respeito a museologia prática cujo objeto de pesquisa é o museu (enquanto sistema de comportamentos culturais específicos).

Consecutiva: O resultado das definições teóricas da Museologia, as categorias nocionais, as declarações gerais podem constituir a base da investigação da museologia prática e se prestam a regular e modificar comportamentos do “Fator M” no interior dos museus ou no ponto de junção entre museu e público.

Museologia Postulada (PM museology)

Wojciech Gluzinski: ‘(...) The aspect of reality which would be the formal object of PM knowledge is the “M factor” manifesting itself on the one hand in general meaning of a cultural unit – the museum (...) and (...) in museological phenomena. (...) the area of PM knowledge would be the area of sense, and, (...) the area of specific cultural behaviours (...) it is in them that museological phenomena become manifest’ (ISS, n.º 1: 33)

Wojciech Gluzinski: ‘The duality characterized (...) would divide PM into two sections joined together by a common object of knowledge, namely: a) theoretical museology whose exact research object would be the museum as a specific cultural unit; b) practical museology whose exact object of research would be the museum understood as a system of specific cultural behaviours.’ (ISS, n.º 1: 33-34)

Wojciech Gluzinski: ‘The result of theoretical museology definitions of basic notional categories, general statements would constitute a basis for the investigations of practical museology formulation of individual statements, explanation of particular phenomena, systematization whose results (...) would serve as a basis for practical regulation and modification of behaviours marked by “M factor”, both intramuseum and on the point of junction between the museum and the public.’ (aspas duplas do autor)(ISS, n.º 1: 34)

3. Museologia é:

3.1 Idéia

3.2 Teoria

3.2.1 Teoria do fenômeno museu

3.2.2 Teoria das funções

3.2.3 Teoria da organização dos museus

3.2.4 Teoria da Museologia como Ideologia da Cultura

3.2.5 Teoria da Museologia como semiótica do Objeto e da Cultura

3.3 Norma

3.4 Processo

3.5 Experimental

3.6 Conhecimento

3.1 IDÉIA

- museologia se envolve com a idéia de museus e não propriamente com eles; visa uma relação específica do homem com a realidade que satisfaz uma necessidade social

Constitutiva: Museu é meio, o assunto da Museologia, assim esta envolve-se com a idéia de museus ou a necessidade social que temos deles e não com suas normas e técnicas. O objetivo da museologia é definir a específica relação do homem com a realidade para satisfazer necessidades sociais. Museologia como ciência tende esclarecer a realidade social e sua relação com o homem.

M L Nigam: “ (...) the museology gets involved with the museums. Hence, it is not the museums, the means, which forms the subject of museology but it is the idea or the need for which museums have been created and so also it is the fulfilment of this need which should be the subject matter for museology.(...) (...) museology has a wider perspective and it can not confine this scope to museums alone. (...) The aim of museology is to define the specific relation of man to reality, which satisfies the social need. (...) museology as a science

tends to unfold the social reality and its relation to man. (cf. Zbynek Z Stránský)'(sublinhado pelo autor) (ISS, n.º 13: 82).

3.2 TEORIA

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- não é suficiente lidar com o aspecto institucional dos museus (museu e sociedade). Museologia precisa de teoria para responder aos aspectos cognitivos ou gnoseológicos da disciplina científica
- a museologia real é um conhecimento descritivo das atividades dos museus, mas não é a união do conhecimento museológico, e está impregnada de elementos científicos teóricos e da prática, de cognição e filosóficos. É uma teoria no sentido formal e não pode ser considerada uma ciência interdisciplinar.

Constitutiva: A Museologia Real (MR) – um conhecimento descritivo das atividades dos museus - diz respeito aos aspectos pragmáticos como um todo, mas não representa a união do conhecimento museológico numa lógica ou semântica. Lida com aspectos específicos da atividade dos museus.

Consecutiva: Embora seja um agregado a MR está impregnada de elementos científicos de cognição tanto da teoria como da prática, e também de elementos de cognição filosófica.

A Museologia Real não pode ser considerada uma ciência interdisciplinar, mas é uma teoria no sentido formal.

Museologia Real (RM museology)

Wojciech Gluzinski: 'One has to say (...) that RM is not a self-contained scientific discipline but an aggregate of information drawn from various disciplines and loosely pieced together from the logical point of view by superior aims of museum activity it is supposed to serve. Although this teleological principle effectively unites the differentiated sectors of activity into one pragmatic whole, still it cannot secure a similar union of museological knowledge in logical, semantic there is a variety of predicates belonging to languages of various disciplines, and factual terms. This does not mean that RM is not a scientific knowledge; on the contrary, it is impregnated with elements of scientific cognition of both theoretical and practical kind, and, in the case of teleological and axiological components of the activity of museums, also with elements of philosophical cognition.' (ISS, n.º 1: 26)

Wojciech Gluzinski: 'The prevalence of factographical and practical questions qualifies RM [real museology] knowledge as a descriptive practical knowledge dealing with a specific field of activity, i. e. the activity of museums.' (ISS; n.º 1: 28)

Wojciech Gluzinski: 'RM cannot be considered as an interdisciplinarity sciences either as sciences of this kind (....) This (...) cannot be said of RM which (...) to consider as a theory, especially in the formal sense.' (ISS; n.º 1: 26).

3.2.1 Teoria de campo específico: o fenômeno museu

- teoria de museu cobre campo específico, o fenômeno museu. ela é um sistema de idéias, declarações e leis que governam o campo da museologia.

Constitutiva: Museologia ou Teoria de Museu cobre um campo específico de estudo que focaliza o fenômeno museu.

Zbynek Z Stránský: 'The term museology or museum theory covers an area of a specific field of study focused on the phenomenon of the museum. We face here the relation of theory and practice.' (MuWoP/DoTraM, n.º 1:44).

3.2.2 Teoria das Funções

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- **todos os aspectos do trabalho em museu formam a museologia ciência ou corpo de conhecimentos**
- museologia é a teoria de todas as funções executadas pelos museus

Constitutiva: Teoria de Museu é um sistema de idéias, declarações e leis que governam o campo da museologia. Métodos de museu foram um sistema de regras usadas na Museologia.

Consecutiva: São as várias abordagens e métodos de pensar sobre as práticas de museu que podem levar a novos conhecimentos.

Klaus Schreiner: "Museum theory is a system of predominant ideas, statements and laws governing the field of museology. Museum methods form a system of rules used in museology, the various approaches and the methods of thinking or of practical museum activity which may lead to new knowledge." (MuWoP/DoTraM, n.º 2: 58).

3.2.3 Teoria da Organização dos Museus

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- a organização de museus forma o ramo de conhecimento museologia. Estuda os métodos para que os museus realizem seus objetivos.
- **teoria e metodologia de museus se combinam para formar a museologia. As funções, organizações, tipos, história, administração de museus são itens de classificação da teleologia ou metodologia de museus.**

Constitutiva: A organização de museus forma o ramo de conhecimento Museologia. Estuda os métodos para que os museus realizem seus objetivos.

Consecutiva: Museologia é uma ciência aplicada.

James L.Swauger: 'As for "museology", Ellis Burcaw's description is clear and all-embracing: *Museology is the branch of knowledge concerned with the study of the purposes and organization of museums*'. (itálico do autor) (MuWoP/DoTraM, n.º 1:45)

Constitutiva: A Museologia é um corpo de técnicas de museu para auxiliar a organização dos museus para as tarefas diárias.

James L. Swauger: '(...) it most fruitfull to consider museology a body of museum techniques for advancing the purposes and organization of museums that has been developed and found practical and productive by museum employees as they performed their daily tasks.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:46).

3.2.4 Teoria da Museologia como Ideologia da Cultura

- a teoria da museologia deve se relacionar com o papel da ideologia na cultura ou sociedade no sentido de estudar o estágio do desenvolvimento dos museus quando se tornaram institucionalizados e públicos, quando o conhecimento, educação e fruição são oferecidos a um amplo espectro da população na forma de museus.

Constitutiva: a teoria da museologia deve se relacionar com o papel da ideologia na cultura ou sociedade no sentido de estudar o estágio do desenvolvimento dos museus Quando se tornaram institucionalizados e públicos, Quando o conhecimento, educação e fruição são oferecidos a um amplo espectro da população na forma de museus.

Flora S Kaplan: 'The theory (...) must be concerned with the role of ideology in culture or society, the stage of development when ideology becomes institutionalized and public, when knowledge, education, and pleasure are offered to a broad spectrum of the population, in the form of museums.' (*ISS*, n.º 5: 4-5).

3.2.5 Museologia e Semiótica do Objeto e da Cultura

- **DO OBJETO** - o fundamento filosófico da museologia é formulado pela museologia teórica relativa à semiótica do objeto
- **DA CULTURA** – a museologia teórica pode constituir-se numa semiótica geral da cultura (semiótica estruturalista) compreende o museu como unidade cultural, volta-se para o objeto e/ou coleções de museu, e trata da mensagem visual que ele transmite nos museus

Constitutiva: O fundamento filosófico da Museologia é formulado pela museologia teórica concernente à semiótica do objeto.

Peter van Mensh; Piet J. M. Pouw, Frans F. J. Schouten: 'The philosophical foundation for museology is formulated by the part of museology we call theoretical museology. It is particularly concerned with the semiotics of the object. By this term we mean to indicate that the object has three dimensions or fields of interpretation, converging on the object. we define these three dimensions with the following linguistic terms: semantics (value, meaning) syntaxis (order, interrelatedness) pragmatics (usage, effect on people). The object always shows these three dimensions which on the one hand are clearly distinct and (...) themselves interrelated. These provide the structural theoretical framework with which the object is museologically approached.' (*ISS*, n.º 1: 83)

Consecutiva: A semiótica do objeto compreende três dimensões: seu valor e significado (a semântica), as interrelações (sintaxe) e o uso e efeitos sobre as pessoas (pragmática). São dimensões estruturais da base teórica com as quais o objeto é abordado museologicamente.

Constitutiva: A Museologia teórica pode constituir-se numa semiótica geral da cultura

Consecutiva: Como semiótica da cultura pode se basear em métodos da pesquisa semiótica estruturalista. Esta pode criar a teoria do museu como unidade cultural, a teoria do objeto de museu ou de suas coleções, e a da mensagem visual do museu.

Wojciech Gluzinski: 'Theoretical museology would constitute one of numerous specialistic trends of general semiotics of culture and as such would be based on the methods of semiotic structuralistic research (...) Its task would be to create a theory of museum as a cultural unity, museum object theory, museum collection theory, and museum visual message theory.' (*ISS*; n.º 1: 34)

3.3 NORMA

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia é descritiva e prescritiva, portanto, normativa
- museologia diz o que os museus são
- adapta regras e leis de diferentes ciências naturais e sociais e extrai delas leis as quais opera num contexto puramente museológico

Constitutiva: Museologia descreve como os museus são, preceve como devem ser e define a estrutura organizacional e de procedimentos e relações com a experiência.

Ellis G. Burcaw: '(...) museological knowledge is historical, philosophical, and pragmatic. That is, museology describes how museums came to be what they are today, prescribes what museums ought to be in regard to society (ethics), and defines the particular organizational and procedural structures and relationships which experience has shown will accomplish desired ends. Fundamental museological knowledge will have wide application, and specialized aspects will serve particular social, political, and subject matter needs. The practical application of museological knowledge engenders a vast body of museographical expertise involving skills, techniques, work methods, the use

Consecutiva: O conhecimento museológico é aplicativo e engendra a especialização museográfica.

of other disciplines, crafts, occupations, and technology.' (ISS, n.º 1: 15)

Ellis G. Burcaw: 'I see museology as normative, like a religion or a political philosophy. It describes a desirable organization, its justification, its sphere of activity, and hoped-for results.' (ISS, n.º 1: 17).

Consecutiva: Museologia diz o que os museus são.

Ellis G. Burcaw: 'Museology says what a museum is.' (ISS, n.º 1: 15).

3.4 PROCESSO

- museologia examina o complexo processo de aquisição, conservação, identificação e registro, a pesquisa, a exposição e comunciação de objetos selecionados e autênticos da natureza e sociedade que são fontes primárias de conhecimento

Constitutiva: Museologia examina o complexo processo de aquisição, conservação, identificação e registro, a pesquisa, a exposição e comunciação de objetos selecionados e autênticos da natureza e sociedade que são fontes primárias de conhecimento.

Consecutiva: Ela cria a base teórica para o trabalho em museu com a ajuda da experiência prática generalizada e sistemática.

Klaus Schreiner: 'Museology examines the complex processes of the acquisition, the conservation, the identification and recording, the research, the exhibition and communication of selected movable original, authentic objects of nature and society which are its primary sources of knowledge. It creates the teoretical base for museum work and museum affairs, with the help of generalized and systematized practical experience" (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:58).

3.5 EXPERIMENTAL

- museologia demanda a pesquisa de experimentos com uso de métodos sociológicos, psico-sociológicos, estatísticos e matemáticos

Consecutiva: Museologia demanda a pesquisa de experimentos com uso de métodos sociológicos, psico-sociológicos, estatísticos e matemáticos.

Jurij P Piščulin: ' (...) museology demands not only research and meticulous experiments, but also an extensive use of sociological, psyco-sociological methods; statistics and mathematics.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:30).

3.6 CONHECIMENTO

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- derivado dos museus
- que se desdobra em muitos campos
- é um ramo específico que visa a prática (técnicas e procedimentos)
- empírico sobre a formação, preservação, métodos e tecnologias de museus
- filosófico para habilidades manuais
- museologia é o conhecimento sistematizado para tornar acessível os objetos de museu e coleções e os fatores que determinaram este processo
- visa a museografia e a evolução dos museus

Consecutiva: O objetivo do conhecimento museológico é a museografia e a evolução dos museus

Ellis G. Burcaw: 'The objectives of museological knowledge are simply a) to accomplish good public service today (through museography, the practical application of museology), and 2) to facilitate the evolution of the museum for the better service of society in the future.' (ISS, n.º 1: 16).

por oposição⁷²⁸

- conhecimento (museologia) não se confunde com atividade prática de museus

Consecutiva: O conhecimento não se confunde com a atividade prática que são operações que tem lugar nos museus.

Zbynek Z Stránský: '(...) Knowledge cannot be confuse with practical activity, with individual operations taking place in museums. (...) scientific knowledge is developed in several levels.' (ISS, n.º 1: 127-128).

3.7 Estudo

3.7.1 Museu

3.7.1.1 Da Instituição Museu

3.7.2 Funções de Museu

3.7.3 Estudo da Atividade Humana

⁷²⁸ Dahlberg esclarece que as relações de oposição podem ser das seguintes espécies: contradição e contrariedade. Elas se aplicam principalmente a propriedades (DAHLBERG; 1978:105).

3.7.4 Estudo da Museologia – Objetos e coleções

3.7.4.1 Objetos de museu como estoque de informação

3.7.4.2 Objetos de museu e conteúdos simbólicos

3.7.5 Tratamento do objeto de museu

3.7.1 Do Museu

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia ou estudo de museus enfoca os museus, seu desenvolvimento, funções e filosofia
- os componentes dos estudos de museu podem ser divididos nas funções usuais dos museus baseadas numa definição linear com duas ou três atividades: coleção, conservação, apresentação, educação
- museologia conjunto de princípios universais aplicados aos museus
- museologia conjunto de atividades especializadas de museus
- museologia corpo de conhecimentos sobre trabalho em museus
- museologia trabalho e procedimentos técnicos de museu

Constitutiva: O desenvolvimento dos museus ou estudos de museu, e os aspectos problemáticos da definição e uso desses termos foram discutidos não conclusivamente em nosso fórum. A discussão teórica da museologia oferecida pelo ICOM e sua publicação ajudou a agrupar diversas declarações sobre como traçar esse campo de estudo de museus.

Lynne Theather: 'The development of museology, or if you prefer museum studies, and the problematical aspects of the definition and use of these terms have been discussed in other forums although not conclusively. The theoretical discussions of museology offered by the ICOM Committee on Museology and its publication (...) have helped to draw together various representative statements on the makeup of the field of study of museums'. (ISS; n.º 5: 23).

Constitutiva: Museologia é a conceitualização e codificação para validar procedimentos profissionais para realizar os serviços de museu.

V H Bedekar: 'Museology is the professional conceptualization and professional codification of recommended validate procedures to achieve objectives of museum service" (ISS, n.º 13: 17).

Constitutiva: Museologia é uma ciência aplicada para garantir as diretrizes de todos os aspectos do trabalho em museu.

Jurij P Piščulin: 'Museology is an applied science in the contemporary world, and must guarantee guidelines for all the aspects of museum work in modern society – starting at the level of methodology, to the level of applied methods within the sphere of concrete museum activities.' (MuWoP/DoTraM, n.º 1:31).

Constitutiva: Os componentes dos estudos de museu podem ser divididos nas funções usuais dos museus baseadas numa definição linear de museu com duas ou três atividades: coleção, conservação, apresentação, educação.

Lynne Theather: 'Components of the study of museums will be divided (...) into the usual functions of museum based on a linear definition of the museum as a three or four activities: Collection, Conservation, Presentation, Education.' (ISS, n.º 5:25)

por oposição

- a instituição museu é a base institucional necessária para a museologia. museologia compreende teoria, métodos de história dos afazeres dos museus.

Constitutiva: Museologia compreende teoria, métodos de história dos afazeres dos museus.

Klaus Schreiner: "The institution of the museum itself is neither a scientific discipline nor a part of it, but a necessary institutional base. Medical science is not the science of hospitals, neither is pedagogy the science of schools, so museology cannot be the science of museums. Museums are the institutional bases of a complex of different scientific disciplines, but not themselves essential parts of sciences. Museology comprises museum theory, museum methods, and the history of museum affairs.' (MuWoP/DoTraM, n.º 2: 58).

Consecutiva: A instituição museu é a base institucional necessária para a Museologia

- museus são o laboratório da museologia

Constitutiva: O escopo da Museologia é descobrir os traços e padrões de uma dada sociedade através dos objetos da cultura material. As práticas de museu incluem-se na Museologia. O escopo da Museologia é mais amplo do que o museu relaciona-se com a cultura e sociedade.

M L Nigam: "(...) museology does not only deal with museums alone. The museums are (...) the laboratories of museology. The Museum for practices, which are standardised with critical analysis and examination in due course of time, are theorised and included in museology (...) the scope of museology is wider than the museum. Its main concern is the society in terms of the past, present and future. The objects of material culture preserved in museums are only the means to discover the social traits and patterns of a particular society within given space and time. (...) The Museology, as a discipline, is a potential source for such a discovery' (cf., Vasant H. Bedekar) (ISS, n.º 13: 63).

Consecutiva: Museus são o laboratório da Museologia.

Acidental: Museologia como disciplina é fonte potencial de descobertas sobre traços sociais e padrões de uma dada sociedade

Nelly Decarolis: '(...) Although Museology is deeply linked to museums, it goes much further; it is involved with culture and society. We can say that Museology is a logically organized body of scientific facts placing a strong emphasis on laboratory and field work. Museology studies the traces left by the past using concepts and categories of the present.' (ISS, n.º 13:161; 163)

- museologia não é o trabalho prático em museu
- os trabalhos em museus precisam mais do que experiências práticas e pessoais. a disciplina museologia provê os museus com o algo a "mais" que necessitam.
- museologia vai além dos museus. museus são o campo de demonstração e comunicação.
- museologia como ciência é mais do que as funções do museu e de conceitos, teoria e metodologia de disciplinas associadas.
- museu não é um agente funcional. a museologia não é mecanicista

Constitutiva: O museu não é um agente funcional. A Museologia não é mecanicista.

Wojciehc Gluzinsk: "The museum, however, is not a functional agent, but first of all an entity invested in all its elements with a specific sense (...) museology cannot be a "mechanics" since mechanics is unable to reason out his sense." (ISS, n.º3:3-4).

3.7.1.1 Da Instituição Museu

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- **museologia é o estudo da instituição museu, sua história, evolução, estatuto presente e futuro desenvolvimento e sua responsabilidade social. Museologia define o aspecto profissional, público, porque existe e como opera.**
- **museologia é o estudo da instituição museu, sua história, evolução, estatuto presente e futuro desenvolvimento e sua responsabilidade social.**

por oposição

- não é suficiente lidar com o aspecto institucional dos museus (museu e sociedade). museologia precisa de teoria para responder aos aspectos cognitivos ou gnoseológicos da disciplina científica

Constitutiva: O museu não é o limite da Museologia. Museologia não consiste em atividades práticas. Museologia não é o trabalho prático em museu.

Consecutiva: Museologia como ciência existe independentemente do museu.

Zbynek Z Stránský: "Museology as a science cannot exist in objective dependency on the museum, this would not serve the general requirements of the development of its scientific study. Museology cannot develop (...) behind the museum, it must stand in front of it, inside it and behind it." (MuWoP/DoTraM, n.º2:21)

Anna Gregorová: "(...) museology does not consist of "practical activities" (...). (MuWoP/DoTraM, n.º 1:21)

Jerzy Swiecimski: "(...) museology is not practical museum work." (MuWoP/DoTraM, n.º 2:24).

Consecutiva: Museologia como ciência é mais do que as funções do museu e de conceitos, teoria e metodologia de disciplinas associadas.

Judith K Spielbauer: "If museology exists as a science, it is more than the simple sum of its parts, seen often as the various museum functions, and much more than the borrowing of concepts, theory or methodology from associate disciplines." (MuWoP/DoTraM, n.º 2:16)

3.7.2 Das Funções de museu

- museologia pode ser definida como um estudo completo das funções necessárias para compreender o museu no mundo complexo de hoje

3.7.3 Estudo da Atividade Humana

- museologia é o estudo da atividade humana que identifica e coleta objetos, símbolos dessa atividade que é objetiva visando sublinhar valores para uma clientela.

Consecutiva: Museologia é o estudo da atividade humana que identifica e coleta certos objetos do seu mundo material natural ou executado para representar um valor particular estético, de curiosidade, de trabalho, de lazer, ciência, utilidade ou de melhoria. Este é a ação de alojar esta realidade objetiva (ou seus símbolos) para uma clientela com o propósito de sublinhar aqueles valores.

Lynne Theather: "The second type of interpretation of the study of museums emphasizes the museum as an idea or societal phenomenon and concentrates on the museum as process not as product. Museology is the study of a human activity of identifying and collecting certain objects from their material world, wheter natural or man-made, to represent a particular value be it aesthetic, curiosity, worship, entertainment, science, utility or improvement. It is the action of housing this objectified reality in a societal institution and presenting the object (or its symbol) for viewing by a clientele with the purpose of sharing that value." (aspas do autor)(ISS; n.º 5: 25-26).

3.7.4 Estudo da Museália – Objetos e coleções

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia como disciplina lida com o estudo da 'museália'
- museologia lida com 'musealia'. Museus com cultura material auxiliam a museologia.
- museologia examina o complexo processo de aquisição, conservação, identificação e registro, a pesquisa, a exposição e comunicação de objetos selecionados e autênticos da natureza e sociedade que são fontes primárias de conhecimento

- museologia deve prover os mecanismos que expliquem os processos de mudança e continuidade do mundo social e natural - os significados práticos - que estão por detrás dos objetos de museu

Constitutiva: Museologia como disciplina lida com o estudo da 'musealia' ou objetos de museu.

Ivo Maroevic: 'Museology as a scientific discipline deals with studying of museality through "musealia" / museum objects/ (...) (ISS, n.º 5: 43).

Constitutiva: Boas práticas museológicas envolvem o aprendizado de como coletar, preservar, documentar e comunicar os objetos testemunhos autênticos naturais e sociais – a musealia. Museologia lida com 'musealia' ou seja, objetos de museu. Musealia são autênticos documentos da realidade museal. Musealia é o único campo de conhecimento, ou seja, a única disciplina científica cujo objeto de pesquisa é a preservação, decodificação e uso dos objetos de museu (musealia)

Ilse Jahn: 'Today the need for conservation is generally felt throughout the world. It is therefore essential to promote and make readily available a thorough knowledge of good museological practices, i.e. the possibility of rapidly learning how to collect and to preserve, to document and to communicate etc., both natural and social authentic or "witness" objects ("Sachzeugen" or "musealia").' (MuWoP/DoTraM, n.º 2: 13)

Ivo Maroevic: 'Museology as a scientific discipline deals with studying of museality through "musealia" / museum objects//3 (...) (...) They are the documents of authentic and museal reality'. (ISS, n.º 5: 43).

Klaus Sheiner: 'Museology is the only field of knowledge, respectively the only scientific discipline whose subject of research is the requirement, preservation, decoding, and use of musealia (museal objects). Musealia are such movable, authentic objects which as irrefutable evidences exemplify the development of nature, respectively society over a long time and which serve research, teaching, education and recreation'. (ISS, n.º 5: 47-48).

3.7.4.1 Objetos de museu como estoque de informação

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia lida com o estudo sistemático de emissão de informação estocada nos objetos da cultura material
- objeto em museologia é veículo de informação e tem feições distintas

Constitutiva: Museologia lida com o estudo sistemático de emissão de informação estocada nos objetos da cultura material. Museologia lida com questões práticas e teóricas de identificar a musealidade. As publicações de museu, a criação de coleções de museu e através de exposições permanentes e temporárias de museus.

Ivo Maroevic: 'Museology deals with systematic study of the process of emitting information which are stored within material structure of musealia. It constantly deals with theoretical and practical questions of identifying museality, of stratification of documental value and information immanent to potential and real museum objects. (...) transmission, dissemination, explanation and using of information intrinsic to musealia can be realised by selecting, collecting, evaluating, scientific and professional elaborating, protecting, storing, displaying and editing of musealia through museum publications, creating of museum collections and through museum permanent exhibitions and temporary exhibitions.' (ISS, n.º 5: 44).

3.7.4.2 Objetos de museu e conteúdos simbólicos

- objetos de museu são mensagens vivas e [tem] conteúdos simbólicos

Constitutiva: Objetos de museu são mensagens vivas e conteúdos simbólicos.

Nelly Decarolis: '(...) is necessary to learn how to interpret museological objects; not as dead vestiges of that past, but as living messages addressed to us in their own language. The symbolic contents of these messages are not always immediately perceptible. It is necessary to make them intelligible. It is the work of Museology to understand and translate the meaning of these messages (...)' (ISS, n.º 13: 163).

Consecutiva: Fazer inteligíveis as mensagens e o simbolismos dos objetos é o trabalho da Museologia

3.7.5 Tratamento do objeto no museu

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- objetos de museu são coleção de sintomas e signos icônicos que não necessitam da competência lingüística
- objeto de museu tem valor documental contém potencial de conhecimento (gnoseológico).
- objetos e documentação provêem o contexto em que funcionavam e seu significado
- coleções de museu protegem a musealia como veículos de informação
- objetos e coleções de museu são tratadas ou como objeto de pesquisa científica ou como meio de comunicação do conhecimento.
- museus que possuem espécimes da cultura material auxiliam a museologia a realizar seu objetivo
- a efetiva experiência de museu se baseia nas habilidades das suas equipes em revelar as qualidades dos objetos nas coleções de museu.
- objeto tem lugar nos museus como agente de transferência museológica

por oposição

- Objetos podem ser tratados museologicamente *in situ*

Constitutiva: Os objetos podem ser tratados museologicamente *in situ* externamente ao museu tradicional.

Waldisa Rússio: 'It is also possible to treat an object museologically by withdrawing it from its context in the traditional museum or displaying it "in situ" or in its eco-context and its eco-dynamics (ecomuseum).' (aspas da autora) (*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56).

4. Objeto da Museologia

4.1 Técnicas e Práticas de Museu

4.2 Relação do Homem com a Realidade (com o Objeto)

4.2.1 "Fato Museológico" ou Fato Museal

4.3 Musealidade

4.1 Técnicas e Práticas de Museu

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- objeto de estudo da museologia são técnicas e práticas de museu
- estudo de várias técnicas e práticas que envolvem o museu e sua visitação

por oposição

- objeto da museologia não pode ser formado propriamente pelo museu

4.2 Relação do Homem com a Realidade (com o Objeto)

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- objeto de estudo da museologia é a relação do homem com a realidade em qualquer contexto em que se manifesta concretamente.
- museologia é a ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, através da coleta e conservação sistemática de objetos selecionados inanimados, materiais, móveis, principalmente tri-dimensionais que documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais se faz uso científico e cultural-educational.

Constitutiva: O objeto de estudo da museologia é a relação do homem com a realidade em qualquer contexto em que se manifesta concretamente.

Anna Gregorová: 'I consider museology (not only due to its suffix "logy") a new scientific discipline, still at the stage of being constituted, whose subject is the study of *specific relations of man to reality*, in all contexts in which it was and still is – concretely manifested' (itálico da autora) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:19).

Constitutiva: A tarefa da Museologia é estudar a específica relação do homem com a realidade que os fez criar coleções de documentos materiais; é estudar e generalizar o potencial de conhecimento que se encontra neles e estudar o uso educacional que se faz das coleções.

Anna Gregorová: '(...) the special task of museology is to study precisely the specific relation of man to reality which has led to the creation of collections of material documents on the development of nature and society. Besides that, one of the tasks of museology is to study and generalize the overall gnoseological potential fixed to the *material* documents of reality, as well as the task of studying the specific features of and generalizing the possibility of the versatile scientific and cultural-educational use of the *collections*' (itálico do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:35).

Constitutiva: Museologia é a ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, através da coleta e conservação sistemática de objetos selecionados inanimados, materiais, móveis, principalmente tri-dimensionais que documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais se faz uso científico e cultural-educational.

Anna Gregorová: 'Museology is a science studying the specific relation of man to reality, consisting in purposeful and systematic collecting and conservation of selected inanimate, material, mobile, and mainly three-dimensional objects documenting the development of nature and society and making a thorough scientific and cultural-educational use of them.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:19).

por oposição

- para estudar as relações do homem com a realidade natural e cultural o domínio dos museus é limitado. é necessário um nome mais amplo, a partir da raiz 'coisas' ou de 'patrimônio'.

4.2. 1 "Fato Museológico"

- a definição de 'fato museológico' é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto a parte da realidade a qual pertence o homem e sobre a qual tem o poder de agir. O fato museológico ocorre na área do museu.

Constitutiva: O Objeto de estudo da museologia é o 'fato museológico' ou 'fato [de] museu'. A definição de 'fato museológico' é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto a parte da realidade a qual pertence o homem e sobre a qual tem o poder de agir. O fato museológico ocorre na área do museu

Consecutiva: Levar em consideração esta concepção de fato museológico é **estudar**? a relação em si, o homem, o objeto a ser conhecido, o museu.

Waldisa Rússio: "The object of study of museology is the *museum fact*, or the *museological fact*. The museological fact is the profound relationship between man, the cognizant subject, and the object; that part of reality to which man belongs, and over which he has the power to act. (...) If one considers that the *museum fact* is a *profound relationship between man and the object*, one must take into consideration: a) the relationship itself; b) the cognizant person; c) the object to be know; d) the museum." (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

Waldisa Rússio: 'This relationship between man and object (object, idea, creation) which is the museum fact, or the museological fact, is established in the museum area.' (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

4.2.1 Fato Museal

- objetivo da museologia e da pesquisa museológica é o conhecimento do 'fato museal' (relação profunda entre o homem e o objeto) e a condição de em que se realiza num contexto (visão espacial e temporal, perspectivas e prospectivas).

Constitutiva: O objetivo da Museologia e da pesquisa museológica é o conhecimento do 'Fato Museal' (relação profunda entre o homem e o objeto) e a condição de em que se realiza num contexto (visão espacial e temporal, perspectivas e prospectivas).

Waldisa Rússio: "L'objectif de la museologie et de la recherche museologique est la connaissance claire et perçante du FAIT MUSEAL (rapport profond entre l'homme et l'objet) et de la condition, de l' ENCEINTE dans lequel il se réalise (musée), dans un contexte, une vision espatielle et temporelle et des perspectives e prospectives de l'homme et de la société" (sublinhado pelo autor)(*ISS*; n.º1: 120).

Constitutiva: Museu é o lugar aonde se localiza o fato museu e no qual os objetos 'musealizados' tornam-se objetos-conceitos.

Waldisa Rússio: 'The museum is the place where the museum fact is located, but for it to take on the full strength of its meaning in reality, the objects must be 'museumized' – that is to say, the material objects become object-concepts.'(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

Constitutiva: O objetivo da Museologia e da pesquisa museológica é o conhecimento do 'Fato Museal' (relação profunda entre o homem e o objeto) e a condição de em que se realiza num contexto (visão espacial e temporal, perspectivas e prospectivas).

Waldisa Rússio: "L'objectif de la museologie et de la recherche museologique est la connaissance claire et perçante du FAIT MUSEAL (rapport profond entre l'homme et l'objet) et de la condition, de l' ENCEINTE dans lequel il se réalise (musée), dans un contexte, une vision espatielle et temporelle et des perspectives e prospectives de l'homme et de la société" (sublinhado pelo autor)(*ISS*; n.º1: 120).

4.3 Musealidade

- objeto da museologia é a 'musealidade', valor documental atribuído

Constitutiva: O objeto da Museologia é a 'musealidade' um específico valor documental dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e sociedade, o valor de evidência autêntica da realidade.

Klaus Schreiner: '(...) on methodological questions of the documentation of the present time Z. Z. Stránský terms the museum a documentary institution that accumulates, preserves, and communicates the authentic testimonies of objective reality. To him the object of museology is museality, i. e. a specific documentary value of concrete and perceivable objects of nature and society, the value of the authentic evidence of reality.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:39).

Consecutiva: O museu é uma instituição documentária que acumula, preserva e comunica testemunhos autênticos da realidade objetiva.

Constitutiva: Musealidade como caráter determinante do instrumento de trabalho do domínio dos museus não pode ser o assunto da museologia mas um critério, capaz de diferenciar o objeto de museu de outros artefatos (ou dos fatos da natureza deles), deixando o necessário valor documental, e assim não se anexado à coleção.

Josef Beneš: 'Museality (German "Musealität = museum value) as a determining character of the working instrument of the domain of museums **cannot form the subject matter of museology** since it is only one of its criteria, enabling us to differentiate a museum object from other artifacts (or nature facts for that matter), lacking the necessary documentary value, and thus it cannot be added to the collection.' (itálico do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:12).

por oposição

- musealidade não pode ser um critério do domínio dos museus

Consecutiva: O objeto da museologia pode ser um conjunto de atividades especializadas que auxiliam o domínio dos museus a realizar sua missão social, especialmente através da mediação deste instrumento de trabalho por um lado, e através do sistema institucional de outro. O objeto da museologia não pode ser formado propriamente pelo museu, nem pelos objetos de museu ou musealidade, ou as disciplinas que

Josef Beneš: '(...) the subject matter of museology can be only a *set of specialized activities, with the help of which the domain of museums is realizing this social mission*, namely through mediation of its instrument of labour on the one hand, and through its institutional system, on the other. The subject matter of museology cannot be formed by the museum proper, nor by the museum objects or museality, or the concrete discipline on which the museum collection is oriented (...)' (itálico do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:11).

orientam as coleções.

4.4 Objeto da Ecomuseologia

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- ecomuseologia é uma filosofia prática de patrimônio que muda o coração da tradicional museologia
- ecomuseu é o resultado do repensar o conceito de museu.
- os ecomuseus marcam a ruptura com a atitude estética da família dos museus de arte e outros: a prioridade recai sobre as idéias e não sobre os objetos.
- ecomuseu muda a abordagem teórica em razão da forma integrada multidisciplinar, isto causa uma mudança na abordagem teórica é inevitável.
- inovador nos ecomuseus é associar prática comunitária e centro de desenvolvimento.
- ecomuseus inovam se comparados com o tradicional conceito de museu, são o ponto principal da revolução nos museus. um ecomuseu não visa uma representação prestigiosa mas o uso (foram denominados por Veillard como "museu de combate"
- características inovativas: recusa a institucionalização, método de trabalho que favorece a pesquisa, a invenção da "pedagogia do desenvolvimento que fala a linguagem das coisas". o ecomuseu é sempre criado por circunstâncias específicas.
- as características do ecomuseu: interdisciplinaridade, integração, síntese, participação e democratização.
- conceito de ecomuseu cobre uma variedade de funções que emana de requisições concretas do lugar, enquanto algumas funções essenciais do museu são esquecidas.
- novas práticas, novas idéias e novas tendências no sistema dos museus passou a existir combinando o trabalho de museu com a vida da sociedade para integrá-la no multivariado ambiente social e natural.
- ecomuseu tem a tendência de ultrapassar os limites do museu, mesmo que o conceito de museu cubra uma tipologia varia. Ele é um outro tipo de instituição cultural.

Constitutiva: O tempo e espaço museu, um ecomuseu, é uma filosofia prática de patrimônio que muda o coração da tradicional museologia: "o programa museológico não deveria ser feito com base naqueles objetos que temos ou deveríamos ter, mas com base nas idéias que queremos expressar"

Tomislav Šola: 'The time and space museum, an ecomuseu, is practical philosophy of heritage which changes the core the traditional museology: "museological programme should not be done on the basis of what objects we have or we might want to have, but on the basis of the ideas we want to expresse", (Mr. Veillard)" (...).(ISS, n.º4:34)

Consecutiva: O ecomuseu é o resultado do repensar o conceito de museu.

Peter van Mensch: 'The ecomuseum is (...) result of re-thinking the museum concept.'(ISS, n.º 16:49).

Constitutiva: Os ecomuseus marcam a ruptura com a atitude estética da família dos museus de Arte e outros: a prioridade recai sobre as idéias e não sobre os objetos.

Jean-Yves Veillard : '[écomusées] marque fondamentalement la rupture avec la démarche éthétique de la famille des musées d'Art et d'autres: la priorité accordée aux idées sur l' objet.'(ISS, no 2: 59)

Constitutiva: Dentro do contexto de novas formas de práticas integradas multidisciplinares (e não somente prática) tais como o ecomuseu, uma mudança na abordagem teórica é inevitável.

Tomislav Šola:"Within the context of the new forms of "integrated", multidisciplinary practice (and not only practice) like ecomuseum, a change in teoretical approach is inevitable.' (ISS, n.º4:36)

Constitutiva: O inovador nos ecomuseus é associar a prática comunitária e centro de desenvolvimento

Jean-Yves Veillard :'(...) c) le caractère le plus novateur de la notion d'écomusée est-entre les définitions déjà existantes – d'associer les notions de pratique communautaire et de centre de développement (...).' (ISS, no 4:10) .

Constituiiva: As características do Ecomuseu: interdisciplinaridade, integração, síntese, participação e democratização.

Felipe Lacoutre: '(...) des caractéristiques de l'Ecomusée, l'interdisciplinarité, l'intégration, la synthèse, la participation et la démocratisation.'(ISS, n.º 4:5)

Constitutiva: Os ecomuseus inovam se comparados com o tradicional conceito de museu, são o ponto principal da revolução nos museus. Um ecomuseu não visa uma representação prestigiosa mas o uso. O Sr. Veillard denominou esse museu de "Museu de combate"

Tomislav Šola: '(...) the good point of discussion still is the innovation of ecomuseums as compared to the traditional museum concept. (...) ecomuseums are the mainstream of the museum revolution (...) an ecomuseum is not ment for the prestigious representation but for the usage. Mr. Veillard calls his museum "Musée de combat" .' (ISS, n.º4:29)

Constitutiva: O conceito de ecomuseu cobre uma variedade de funções que certamente emana de requisições concretas do lugar, enquanto algumas funções essenciais do museu são esquecidas.

Zbynek Z Stránský: '(...) the concept of ecomuseum covers a variety of functions that certainly emanate especially from concrete requirements of the place, while some essential functions of the museum are missing.'(ISS, n.º 3: 29)

Consecutiva. A história ensina que concepções museológicas, funções e formas institucionais mudadas no curso da história correspondem ao

Klaus Schreiner: ' (...) History teaches us: museal conceptions, functions, and institutional forms changed in the course of history corresponding to the developing level of the society,

nível de desenvolvimento da sociedade. Novas práticas, novas idéias e novas tendências no sistema dos museus passaram a existir nos anos recentes. A princípio a questão foi combinar o trabalho de museu e o museu de uma nova forma com a vida da sociedade para integrá-la no multivariado ambiente social e natural.

they altogether grew as to their social importance and at present continue to profile themselves. New practices, new ideas, and new tendencies in the system of museum came into existence during the recent years. (...) On principle the question (...) is to combine museum work and museum in a new way with the life of the society and to integrate them multivariably in the social and natural environment.' (ISS, n.º 4:11).

Consecutiva: O ecomuseu tem a tendência de ultrapassar os limites do museu, mesmo que o conceito de museu cubra uma tipologia varia. Ele é um outro tipo de instituição cultural.

Manuela da Mata: '(...) le concept-même du musée est très claire, sufisament flexible pour couvrir une typologie varié, mais quil a cepedant des limites qui permettent de le distinguer par rapport à d'autres institutions de culture. L'ecomusée a tendance a dépasser ces limites devanant un autre type d'institution culturelle.' (ISS, n.º 4:18).

Consecutiva: (de De Varine) características inovativas: recusa a institucionalização, método de trabalho que favoriza a pesquisa, e a invenção da "pedagogia do desenvolvimento que fala a linguagem das coisas". O ecomuseu é criado sempre para circunstâncias específicas.

Tomislav Šola: 'Mr. de Varine lists some other innovative characteristics (...): refusal of institutionalization, method of work that favourizes actin making it preceed the research, invention of "pedagogie of development that speaks the language of things". (...) [ecomuseum] it is always creted for the absolutely specific circumstances'(ISS, n.º4:31)

5. Museu é

5.1 Uma idéia

- museu é uma idéia
- museu é uma idéia referente à preservação do que é tátil, sua interpretação e sua transmissão

Constitutiva: O museu é uma idéia referente à preservação do que é tátil, sua interpretação e sua transmissão.

Paul N Perrot: 'The "museum" is really an idea, concerned with the preservation of the tactile, its interpretation and its transmission (...)' (aspas do autor)(ISS, n.º 13:85).

5.2 A base necessária

- museu é a base institucional necessária para a museologia, mas compreende teoria de museu, métodos de museu e história de museus.

Constitutiva: A instituição museu em si não é nem uma disciplina científica nem parte dela, mas a base institucional necessária. A Medicina não é a ciência dos hospitais, nem a pedagogia não é a ciência das escolas, então museologia não pode ser a ciência dos museus. Museus são bases institucionais de um complexo de diferentes disciplinas científicas, mas não são em si partes essenciais das ciências.

Klaus Schreiner: 'The institution of the museum itself is neither a scientific discipline nor a part of it, but a necessary institutional base. Medical science is not the science of hospitals, neither is pedagogy the science of schools, so museology cannot be the science of museums. Museums are the institutional bases of a complex of different scientific disciplines, but not themselves essencial parts of sciences. Museology comprises museum theory, museum methods, and the history of museum affairs.' (MuWoP/DoTraM, n.º 2: 58)

Consecutiva: Museologia compreende teoria de museu, métodos de museu e história dos museus.

5.3 Uma instituição documentária

- museu é uma instituição documentária que acumula, preserva e comunica autênticos testemunhos da realidade objetiva

Constitutiva: Nas questões metodológicas de documentação para Z. Z. Stránský o museu é uma instituição documentária que acumula, preserva e comunica autênticos testemunhos da realidade objetiva.

Klaus Schreiner: '(...) on methodological questions of the documentation of the present time Z. Z. Stránský terms the museum a documentary institution that accumulates, preserves, and communicates the authentic testimonies of objective reality'. (MuWoP/DoTraM, n.º 1:39).

5.3.1 Instituição de pesquisa científica

- Museus são definidos como uma instituição científica de pesquisa cujo principal assunto são as peças de museu que representam um sinal essencial dos museus como instituição social e que lhe dá especificidade.

Constitutiva: Museus são definidos pelos museólogos como uma específica instituição científica de pesquisa cujo principal assunto são as peças de museu, coleções representando um sinal essencial dos museus como instituição social e que lhe dá especificidade. Como instituição social ele possui um sistema de funções sociais que inclui pesquisa, prognósticos, disseminação de conhecimento que é sua função de educacional

Awaraam M Razgon: '(...) the museum is defined nowadays by most museologists as a specific scientific-research institution, and research is the *basis* of all kinds of activity, since its main subjects are the museum pieces, collections representing an essential sign of the museum as a social institution, the sign which under lines its specificity. (...) a museum can be interpreted only as an institution possessing a *system* of social functions, which includes research, prediction, dissemination of knowledge (the educational function). Any effort to define the museum outside of this system, by means of an artificial definition of separate functions, inevitably leads to distortion of the very essence of the museum.' (itálico do

Consecutiva: Museus não podem ser definidos separado dessas funções (pesquisa, prognóstico

e função educacional)

autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:51).

5.4 O lugar aonde se localiza o fato museu

- museu é o lugar aonde se localiza o fato museu e no qual os objetos 'musealizados' tornam-se objetos-conceitos

Constitutiva: Museu é o lugar aonde se localiza o fato museu e no qual os objetos 'musealizados' tornam-se objetos-conceitos.

Waldisa Rússio: 'The museum is the place where the museum fact is located, but for it to take on the full strength of its meaning in reality, the objects must be 'museumized' – that is to say, the material objects become object-concepts.'(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)

5.5 Museu é a unidade cultural do fenômeno museológico

Constitutiva: O aspecto da realidade que é objeto formal da Museologia Postulada é o 'Fator M', o museu, a unidade cultural e o fenômeno museológico. A área da Museologia Postulada é a do sentido, a dos comportamentos culturais específicos, nos quais se manifesta o fenômeno museológico. A Museologia Postulada é formada por duas seções que juntas compõem o objeto de conhecimento: a teoria da museologia que pesquisa o museu como unidade cultural específica, e a museologia prática cujo objeto de pesquisa é o museu compreendido como sistema de comportamentos culturais específicos.

Consecutiva: O resultado das definições teóricas da Museologia, as categorias nocionais, as declarações gerais podem constituir a base da investigação da museologia prática e se prestam a regular e modificar comportamentos do "Fator M" no interior dos museus ou no ponto de junção entre museu e público.

Museologia Postulada (PM museology)

Wojciech Gluzinski: '(...) The aspect of reality which would be the formal object of PM knowledge is the "M factor" manifesting itself on the one hand in general meaning of a cultural unit – the museum (...) and (...) in museological phenomena. (...) the area of PM knowledge would be the area of sense, and, (...) the area of specific cultural behaviours (...) it is in them that museological phenomena become manifest' (*ISS*, n.º 1: 33)

Wojciech Gluzinski: 'The duality characterized (...) would divide PM into two sections joined together by a common object of knowledge, namely: a) theoretical museology whose exact research object would be the museum as a specific cultural unit; b) practical museology whose exact object of research would be the museum understood as a system of specific cultural behaviours.' (*ISS*, n.º 1: 33-34)

Wojciech Gluzinski: 'The result of theoretical museology definitions of basic notional categories, general statements would constitute a basis for the investigations of practical museology formulation of individual statements, explanation of particular phenomena, systematization whose results (...) would serve as a basis for practical regulation and modification of behaviours marked by "M factor", both intramuseum and on the point of junction between the museum and the public.' (aspas duplas do autor)(*ISS*, n.º 1: 34)

6. A essência dos museus é

6.1 O homem e sua vida

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- a base do museu é o homem e sua vida
- assunto do museu é sempre o homem, seu ambiente, sua história, suas idéias e esperanças

Constitutiva: A base do museu é o homem e sua vida.

Consecutiva: Esta base requer abordagem de grande variedade de campos científicos; Interdisciplinaridade é um método de pesquisa e ação na Museologia.

Waldisa Rússio: 'In fact, man and his life are always the basis of the museum itself, which means that the *methods* used in museology are essentially *interdisciplinary* since the study of man, of nature, and of life depends on a great variety of scientific fields. When museums and museology, in the broadest *sense* of the term, study the environment, man or life, they are obliged to bring together disciplines which today's over-specialization had completely separated up until now. Interdisciplinarity must be a method for research and action in museology, and therefore the work method of museums and of training courses in museology for museum personnel.' (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:57).

Constitutiva: O assunto e o objeto do museu são sempre o homem e seu ambiente, o homem e sua história, o homem e suas idéias e esperanças.

Waldisa Rússio:'The subject and the object of the museum are always man and his environment, man and his history, man and his ideas and his hopes.'(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:57).

Por oposição:

6.2 A essência dos museus é uma questão de significados que os objetos de museu representam do sistema da cultura.

Constitutiva: A essência dos museus é em primeiro lugar uma questão de significados num sistema da cultura representado pelos objetos de museu, comportamentos especiais humanos, e produtos de museu [como] coleções, exposições, catálogos.

Consecutiva: Todos marcam o específico

Wojciech Gluzinski: 'Museum's essence (...) is in the first place a matter of meanings which in a system of culture represent all things that make up a museum, i. e. museum objects, special human behaviours, museum products collections, expositions, catalogues. All this is marked by some specific meaning which we shall call "M factor" museum sense. This factor unites all those elements into a special cultural unit

significado do que podemos chamar de “Fator M”. – the museum.’(ISS; n.º 1: 32)
Esse fator une aqueles elementos numa unidade cultural especial – o museu.

7. Museologia é campo de investigação

- campo particular de investigação

Consecutiva: Museologia é um campo particular de investigação, uma ciência com terminologia fixada e que lida com conhecimentos sistematizados de certos aspectos da realidade.

Peter van Mensh; Piet J. M.Pouw, Frans F.J. Schouten:’ (...) we have to observe that it is not the use of a separate methodology which brings a certain field of interest into the realm of science, but that it is realised by disposing of a particular field of investigation and a fitting terminology, leading to a systematical knowledge of a certain aspect of reality. In that sense, museology is a science.’(ISS, n.º 1: 84).

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia compreende teoria, métodos e história dos museus
- a museologia se caracteriza pela relação do domínio dos museus como ramo da cultura; base institucional, objeto de estudo, objetivos e aplicações, métodos de pesquisa, sistema de conhecimento

Constitutiva: A Museologia se caracteriza pela relação do Domínio dos museus como ramo da cultura; base institucional, objeto de estudo, objetivos e aplicações, métodos de pesquisa, sistema de conhecimento.

Josef Beneš:’ (...) 4.2 Museology is characterized by the following moments: a) the relation of the domain of museums as a branch of culture (...); b) institutional basis (...); c) subject of study (...); d) objectives and application (...); e) research methods (...); f) system of knowledge (...).’ (itálico do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:12).

- o caráter multivariado da museologia se manifesta no gerenciamento de várias atividades internas (preparação, restauração e conservação de objetos) e externas em especial as exposições.

Constitutiva: O caráter da Museologia é variado e se manifesta no gerenciamento de várias atividades internas e externas de museu. As atividades internas são as tarefas de preparação, restauração e conservação de objetos; as externas aquelas relacionadas à popularização, as exposições em especial. Uma outra esfera de interesse da Museologia é a teoria dos registros, a documentação das coleções e disseminação da informação para o público.

Jirí Neustupný:’**The multivarious character of museology is also manifest in the management of various museum activities, both internal and external. On the one side there is (...) the task of preparation, restoration and conservation of objects for the purpose of their use within corresponding research disciplines, and on the other side there are the tasks required by their popularization, especially through exhibitions. (...) Another sphere of interest to museology lies in the theory of records management: the documentation of collections and the dissemination of information to the public.**’(itálico do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 46)

8. Teoria e Método

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia teoria e métodos é do domínio dos museus estuda práticas, formula objetivos, métodos e meios de trabalho para documentos materiais e tarefas concretas
- museologia é teoria e metodologia sobre o trabalho em museu. estuda padrões para a criação de museus, seu desenvolvimento e a função social. os componentes da museologia são: teoria, história e trabalho prático
- museologia compreende teoria, métodos e história dos museus

Constitutiva: A teoria e metodologia sobre o trabalho em museu é Museologia. Como disciplina científica ela estuda padrões para a criação de museus, seu desenvolvimento e a função social dos museus.

Consecutiva: Os componentes da Museologia são: teoria, história e trabalho prático

Jirí Neustupný:’*Museology* can best described as a theory and methodology of museum work.” (...)“(...) museology as “a scientific discipline which studies the pattern museum creation and development, the social function of museums and the realization of this function in different stages of social development”. This definition adds that the components of museology are: theory, history and practical work.’ (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:28 e 30)

8.1 Método

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- há dois importantes métodos em museologia: um é puro exercício acadêmico, o outro um estudo de princípios teóricos que inclui elementos práticos.
- a base metodológica da museologia é formada por um ‘sistema de métodos’ – métodos e técnicas especiais

- a espinha dorsal da museologia é a sistemática combinação de valores dos objetos e dos bens humanos num único método.
- método da museologia é um exercício geral
- museologia demanda a pesquisa de experimentos com uso de métodos sociológicos, psico-sociológicos, estatísticos e matemáticos
- os métodos de estudo, pesquisa e exposição à serviço da museologia são largamente das ciências sociais
- a interdisciplinaridade é o método que pode fazer a articulação lógica, sistemática de conhecimentos universais e necessários para a museologia

Constitutiva: O método que pode fazer a articulação lógica, sistemática de conhecimentos universais e necessários para a Museologia é a interdisciplinaridade. O método interdisciplinar é interativo entre diferentes terrenos do conhecimento museológico e diferentes ramos do conhecimento subjacentes a ele.

Waldisa Rússio: 'Defini l' object de la museologie et la nature de la connaissance museologique (...) il faut interroger quelle est la méthode que lui rende possible l' articulation logique, systématique des connaissances universales et nécessaires sans laquelle elle ne serait, en soi, une science (...) cette méthode est l'interdisciplinarité: le traitement interdisciplinaire, systématique et interactif entre les différents terrains de la connaissance museologique, (...) et des différentes branches de connaissances sous-jacentes et informatives de la connaissance museologique.'(ISS; n.º1: 121).

- caráter interdisciplinar da museologia e sua feição particular é situada pela definição de museologia determinando seu gênero próximo e sua diferença específica.
- a interdisciplinaridade na museologia está inevitavelmente conectada com o sentido histórico do homem e com os documentos materiais

Consecutiva: A interdisciplinaridade na Museologia está inevitavelmente conectada com o sentido histórico do homem e com os documentos materiais.

Anna Gregorová: '(...) b) *The specific features of interdisciplinarity of museology consists in the fact that this interdisciplinarity (besides the theoretical knowledge of other sciences) is also inevitably connected with: 1 The historical sense of man, and 2 material documents of the development of nature and society, i.e. museum objects.*'(itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:35).

- a originalidade da interdisciplinaridade na museologia é sintetizar e harmonizar elementos das ciências exatas com as de humanidades

Consecutiva: A originalidade da interdisciplinaridade na Museologia é sintetizar e harmonizar elementos das ciências exatas com as de humanidades.

Michaela Dub: '(...) the originality of interdisciplinarity in museology, i. e. in the multitude of knowledge required to synthesize and harmoniously integrate the elements forming part of the exact sciences with those issuing from the humanities, thus forming a representative sample of all human knowledge.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:31).

por oposição

- a museologia adapta o conhecimento de outros campos ao seu próprio sistema de teorias e métodos e extrai leis que podem operar no contexto museológico
- so se pode falar em interdisciplinaridade na museologia se ela for considerada como uma real ciência
- a interdisciplinaridade é característica do trabalho em museu e não da museologia
- a museologia adapta o conhecimento de outros campos ao seu próprio sistema de teorias e métodos e extrai leis que podem operar no contexto museológico
- museologia não tem método

Consecutiva: A Museologia adapta o conhecimento de outros campos ao seu próprio sistema de teorias e métodos e extrai leis que podem operar no contexto museológico.

Klaus Schreiner: 'The close connection of museology to many others scientific disciplines leads to its interdisciplinary cooperation and integration with other sciences. Natural sciences, social sciences and other scientific disciplines enlarge the body of museology with important knowledge, each from its own field. Museology adapts into its own system of theories and methods those rules and laws of different natural and social sciences, which are essential to field of museology, and extracts from them those laws which operate in a purely museological context.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 58).

Constitutiva: Museologia não tem método

Ellis G. Burcaw: 'Museology has attitudes, standards, motivations, purposes – but not a system of methods; not a methodology.'(ISS, n.º 1: 17).

8.2 Metodologia da Museologia

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- a metodologia da museologia se realiza nas três atividades básicas de museu: a comunicação, preservação de exposições e coleta.

- a metodologia (geral) é influenciada por sistemas filosóficos. a metodologia da museologia difere segundo o ponto de vista filosófico do autor.
- a metodologia da museologia é a única que se ocupa da relação do homem com a realidade que existe no contexto 'musealizado'

Constitutiva: A Museologia é a única que se ocupa da relação do homem com a realidade que existe no contexto 'musealizado', o **cenário** tradicional do museu ou do museu de sítio, ou no ecomuseu no qual se verifica a relação caracterizada como fato museal.

Waldisa Rússio: 'Methodologie de la Museologie et la formation professionnelle] il est convenable souvenir que d'autres sciences, en faisant l'usage de méthodes spécifique, s'occupent, elles aussi, du rapport "l'home/la réalité" (par exemple: la Philosophie, la Psychologie, etc.) et, même, avec le rapport l'homme/l'objet (l' Antropologie Culturele, par exemple). Cependant, seulement la Muséologie s'occupe de ce rapport en existant dans un contexte 'musealisé', soit dans l'enceinte traditionnelle du musée, soit dans l'enceinte du musée du site, ou dans l'ecomusée, pour nommer seulement quelques uns des nombreuses "enceintes" où se verifie le rapport caracterisé comme le fait musea.'" (aspas da autora) (ISS; n.º 1: 115).

por oposição

- uma metodologia própria não nasce automaticamente do objeto de estudo da museologia
- museologia tem atitudes, padrões, motivações, propósitos, mas não um sistema de métodos, não uma metodologia

Consecutiva: Uma metodologia própria não nasce automaticamente do objeto de estudo da Museologia. O método fenomenológico pode resultar num quadro de referência necessário e adequado para a interpretação da essência do patrimônio natural e cultural.

Peter van Mensh; Piet J. M. Pouw, Frans F.J. Schouten: 'A proper methodology does not automatically spring from the object of knowledge of museology. In relation to theoretical museology, we note that there is a general methodology of theoretical and scientific reflection. In the case of museology, the phenomenological method could provide a useful methodological frame of thought, necessary for an adequate interpretation of the essence of the cultural and natural heritage.'(ISS, n.º 1: 84).

Constitutiva: Museologia tem atitudes, padrões, motivações, propósitos, mas não um sistema de métodos, não uma metodologia.

Ellis G. Burcaw: 'Museology has attitudes, standards, motivations, purposes – but not a system of methods; not a methodology.'(ISS, n.º 1: 17).

9. Disciplina

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- independência da museologia como disciplina é um traço histórico
- museologia é uma disciplina científica social, historicamente em crescimento que lida com objetos móveis da natureza e sociedade como fontes primárias de conhecimento
- a museologia se distingue de outras disciplinas pelo tipo de relação que estabelece entre o homem e a realidade. ela se localiza dentre as disciplinas das humanidades
- museologia integra diferentes disciplinas numa base comum

Constitutiva: Museologia integra diferentes disciplinas numa base comum.

John Hodge: ' (...). Another objective of museology should be to integrate the various disciplines within museums into a cohesive whole with a common basis. (...)' (ISS, n.º 1:63) .

por oposição

- **independencia da museologia enquanto disciplina é relativa depende da separação formal de seu objeto de conhecimento**

Constitutiva: A independência da museologia enquanto disciplina é relativa e depende da separação formal do [seu] objeto de conhecimento e o de pesquisa que não diz respeito à semiótica ou sociologia da cultura.

Wojciech Gluzinski:'(...) museology would not be an absolutely independent discipline adopted methods, its independence would be relative and based on the separateness of the formal object of knowledge as well as of the objects of research which do not belong to any research trend of semiotics or sociology of culture, it would be (...) extremely important and fertile for the activity of museums. It must be noted that no science in the realm of culture sciences is or can be an absolutely independent discipline (ISS; n.º 1: 35).

Constitutiva : A museologia é instituída como disciplina autônoma no período da Renascença, posteriormente passa a incorporar todos os possíveis campos de atividade e conhecimento.

Michaela Dub: 'Instituted as an autonomous discipline during the Renaissance, museology has succeeded in conserving throught out the centuries the "Renaissance ideal" by embracing all possible fieds of activity ad knowledge and at the same time linking them to contemporary reality'.(MuWoP/DoTraM, n.º 2: 32).

8.1 Disciplinas formativas da Museologia

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- os campos que fazem a museologia e contribuem para sua definição profissional são história, filosofia, pedagogia, ciências sociais, teorias da organização, outras
- museologia integra diferentes disciplinas numa base comum.
- museologia usa outras disciplinas e se limita à teoria e metodologia do trabalho em museus

Constitutiva: Museologia e Museus relacionam-se com Comunicação.

Consecutiva: A natureza e teoria da Museologia leva (ou deveria levar) em consideração os princípios e teorias da comunicação, percepção, aprendizado e educação.

Constitutiva: É impossível limitar o campo de estudo das relações do homem com a realidade natural e cultural ao domínio do museu (...) as interdependências são muito grandes entre os documentos iconográficos, escritos, impressos e todos os outros testemunhos que são “museália”, que podem ser musealizados, de outra parte os serviços administrativos que ont a connaître do patrimônio podem existir sem os museus (monumentos históricos, inventários, escavações arqueológicas, etnográficas...) **Qui** ont à estudar os mesmos problemas de contextualização. É porque se l'ouveut vraiment dar um nome a atividade que estuda as relações contextuais, não somente dos objetos mais também dos fatos culturais e naturais com seu meio, *in situ* por um lado, e suas relações com o público que perçoit o museu il faut SEMBLE-T-IL adotar um termo mais amplo. Por outro lado já existe uma disciplina que estuda a atividade de comunicação para a mediação: a semiótica ou semiologia. Para cobrir o conjunto, IL FAU DRAIT um termo de forma grega a partir da raiz “coisas” ou da raiz “patrimônio”. Marcel Mauss propôs “coisologia” .

Maria Horta Barreto: ‘(...) Museology and Museums are a Communication affair, and by that we may extend the field and the nature of our theory through the consideration of the principles and theories of Communication and Perception, of Learning and Education.’ (ISS, n.º 13: 156)

André Desvallées: ‘(...) il est impossible de limiter le champ d'étude des rapports de l'homme à la réalité naturelle et culturelle au seul domaine du musée (...) les interdépendances sont trop grandes entre documents iconographiques, documents écrits, documents imprimés et tous les autres témoins avant qu'ils ne deviennent "muséalia", que'ils soient muséalisés, d'autre parte des services administratifs, que ont a connaître du patrimoine, peuvent exister en dehors des musées (monuments historiques, inventaire, fouilles archéologiques, ethnographie....) qui ont à étudier les mêmes problèmes de contextualisation. C'est pourquoi, si l' onveurt vraiment donner un nom à l'activité qui étudie les rapports contextuels, non seulement des objets, mais aussi des faits culturels et naturels, avec leur milieu, *in situ* por une parte, et leurs rapports avec le public qui les perçoit dans le musée (...) il faut semble-t-il adopter un terme plus large. Pour la second part de l'activité la communication ou la médiation, une discipline existe déjà: la sémiotique ou sémiologie. Pour couvrir l' ensemble, il faudrait un terme de forme grecque à partir de la racine “choses” ou de la racine “patrimoine”. Marcel Mauss proposait “choséologie” (ISS, n.º 13:41).

por oposição

- museologia é uma disciplina que não está confinada nos museus
- museologia não é uma acumulação de disciplinas

Constitutiva: Museologia é uma disciplina que não está confinada aos museus. O escopo da museologia é a sociedade como um todo. Museologia responde aos problemas dos profissionais de museu

Consecutiva: Museologia deve prover os mecanismos que expliquem os processos de mudança e continuidade do mundo social e natural; ela nos faz compreender os significados práticos que estão por detrás dos objetos de museu.

M L Nigam: “Museology, as a discipline like anthropology and the humanities need not confine itself to museums alone but should move with wider perspective to cover within its framework the entire society, exploring its past, presente and future (..) Museology, as a discipline has evolved out of the museum provided answers to the problems of museum professionals (...) must provide (...) mechanism wherein concepts of the human-object relationship relating to the processess of change and continuity in the social and natural world with a view to understand the pragmatic meanings lying behind the museum objects’ (cf. Judith K Spielbauer)’ (ISS, n.º 13: 80-81).

10 Museologia e pesquisa

10.1 Objetivos da Pesquisa em Museologia

- Os objetivos da pesquisa museológica e museologia são a causa e relações finais com os processos de formação, conservação, organização e uso das coleções de museus empregando métodos lógicos, dialéticos, históricos e experimentais, estatísticos e técnicos
- Os objetivos da Museologia e pesquisa museológica estão no fenômeno museu, ou seja, na específica relação entre homem e realidade que diferencia os museus dos não-museus
- A Museologia é obrigada a concentrar no problema de como empregar as coleções de museu tanto para a pesquisa como para a popularização

Constitutiva: Os objetivos da pesquisa museológica e museologia são a causa e relações finais com os processos de formação, conservação, organização e uso das coleções de museus empregando métodos lógicos, dialéticos, históricos e experimentais, estatísticos e técnicos.

Consecutiva: Problemas específicos determinam os métodos e programas da pesquisa museológica.

Ilse Jahn: 'The objectives of museological research and museology are the clarification of causal and final relations among the processes and factors of formation, conservation, arrangement and use of museum collections, by employing logical and dialectical, historical and experimental, statistical and technical methods. The formulation of a specific research problem determines the methods and programs also of museological research. All kinds of research are necessary, basic research as well as applied research, and all know types'. (ISS, n.º 1: 75).

Constitutiva: Os objetivos da Museologia e pesquisa museológica estão no fenômeno museu, ou seja, na específica relação entre homem e realidade que diferencia os museus dos não-museus.

Zbynek Z Stránský:'(...) the objectives of museology and museological research should be found in the field of museum phenomenon – both in its objectifying forms and in the expression of what is being mediated, i.e. just in that specific relation between man and reality which differentiates in it museum aspects from the non-museum ones, namely because the museum aspects mean something to him, are integral part of his human, cultural profile.' (ISS, n.º 1: 130).

11. Museologia e Preservação

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- a preservação do patrimônio cultural e natural é ponto central da concepção de museologia
- a noção de cultural e natural compreende fenômenos diferentes: entidades materiais (...), entidades ideais, estruturas no tempo e espaço

Constitutiva: A noção de cultural e natural compreende fenômenos diferentes: entidades materiais (coisas), móveis, **restos**; entidades ideais, tradição oral, leis, estruturas no tempo e espaço, dança, costumes, e no tempo (música).

Peter van Mensh; Piet J. M.Pouw, Frans F.J. Schouten: 'The notion of cultural and natural comprises phenomena very different in respect to their modes of being: /1/ material entities/ things/, /a/ mobile, /b/ remaining in place; /2/ ideal entities/ oral tradition, laws/; /3/ time-and-space structures / dance, customs/, and time structures /music/. "(ISS, n.º5: 29)

Constitutiva: A preservação do patrimônio cultural e natural é ponto central da concepção de Museologia. Em sentido estrito a preservação diz respeito aos artefatos e naturalia, em sentido amplo o patrimônio completo natural e cultural. Em ambos há uma disciplina científica independente.

Consecutiva: Museologia tem uma perspectiva holística do homem.

Peter van Mensh; Piet J. M.Pouw, Frans F.J. Schouten: 'Central (...) conception of museology is the preservation of the cultural and natural heritage. This is the starting point of all museological activities (...). (...) In both cases (t.i. museology in a narrow sense, concerned with artifacts and naturalia, and in a wide sense, aimed at the complete cultural and natural heritage) there is an independent scientific discipline interpreting the relation between man and his environment, the position of man in space and time, specifically the influence of the cultural and natural heritage on the cultural identity of persons and groups. Museology in this sense takes a holistic view on man which takes the various approaches from the specific scientific fields (anthropology, social and natural history, history of art, etc.) into consideration'. (ISS, n.º 1: 82).

por oposição

- preservação é um meio não um fim. os objetivos e propósitos devem ser definidos pelas pessoas e não prescritos pela museologia

12. Museologia prática

12.1 Tarefa da Museologia

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- a primeira tarefa da museologia é preservar objetos/evidências
- a prática da museologia afirma a persuasão e autenticidade das conclusões teóricas assentadas na pesquisa da história da museologia.
- museologia prática deverá ser baseada nos resultados da museologia teórica e nos resultados e métodos da sociologia da cultura
- tarefa da museologia é estudar a relação específica homem com criação das coleções

Constitutiva: A primeira tarefa da Museologia preservar objetos/evidências

Peter van Mensch:' (...) the general opinion that although the primary purpose of museums and museology is people, their primary purpose is to facilitate the process of preservation of material evidence of mankind and its environment (Spielbauer) (...).' (ISS, n.º 16:50).

Consecutiva: Museologia prática deverá ser baseada nos resultados da museologia teórica e nos resultados e métodos da sociologia da cultura

Wojciech Gluzinski: 'Practical museology would be based on the one hand on the results of theoretical museology and (...) on the results and methods of sociology of culture (...).' (ISS, n.º 1: 35)

Constitutiva: A tarefa da Museologia é estudar a específica relação do homem com a realidade que os fez criar coleções de documentos materiais; é estudar e generalizar o potencial de conhecimento que se encontra neles e estudar o uso educacional que se faz das coleções.

Anna Gregorová: '(...) the special task of museology is to study precisely the specific relation of man to reality which has led to the creation of collections of material documents on the development of nature and society. (...) is to study and generalize the overall museological potential fixed to the *material* documents of reality, as well as the task of studying the specific features of and generalizing the overall museological potential fixed to the *material* documents of the reality, as well as the task of studying the specific features of and generalizing the possibility of the versatile scientific and cultural-educational use of the *collections*.' (itálico do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:35)

13. Museologia ciência da Permanência

Traços semelhantes ou parcialmente semelhantes

- museologia ou estudos de museus. nem tanto ciência ou arte, mas mais do que a aplicação prática de outras disciplinas.
- museologia como arte e ciência da organização da memória preserva valores, ações e comportamentos humanos, o objetivo é preservar o patrimônio humano

Constitutiva: Museologia ou estudos de museus. Nem tanto ciência ou arte, mas mais do que a aplicação prática de outras disciplinas.

Consecutiva: A relação da Museologia com antropologia, arqueologia e história pode iluminar os problemas que encontra.

Consecutiva: Museologia como arte e ciência da Permanência, preserva valores, ações e comportamentos humanos. Arte e Ciência da 'memorização', da Memória e sua organização. Museologia preserva o patrimônio humano.

Flora S Kaplan: 'Museology or the study of museums (museum studies is another possible designation) (...) and here the relations between anthropology, archaeology and history may shed light on the problems facing museology – not quite a science or an art, but more than a practical application of other disciplines.' (*JSS*, n.º 5:11).

Maria Horta Barreto: "Museology could be (...) the Art and the Science of Permanence: the preservation of human values, actions and behaviours, dreams and achievements along Time and History, (...) to help in the weaving of the net of cultural processes and changes that make the pattern of Humanity in the Past, the Present and the Future. Museology would then be the Art – and the Science – of Memory, of "memorization", and the organization and use of these memories – the Human Heritage, in the service of the modern man" (*JSS*, n.º 13: 154).

2.2.1 Sínteses das variações

1 **Definição da Museologia** é situacional na dependência do contexto que a pessoa define como "museu".

COMENTÁRIO: esta orientação salienta a característica para formular o 'problema' Museologia vinculada às contingências contextuais, pessoais e segundo a perspectiva também pessoal que se tem de museu. Para definir Museologia em primeiro lugar deve-se responder: o que é Museu?

2 **Museologia é fenômeno:** museologia existe em razão do fenômeno museu (o "Fator M"); museologia nasce da necessidade da sociedade em preservar; museologia se é uma ciência só pode operar como ciência social, pois museus existem em razão do comportamento social humano

COMENTÁRIO: Há três variações de natureza diferente: a primeira vincula pensamento e lugar (museologia/museu); a segunda diz da finalidade, da atitude de preservação ('defender'), um objetivo a ser justificado; a terceira ao modo como se articula o museu ao comportamento social e este à sociedade que, numa relação de contigüidade, instala a Museologia no seio das ciências sociais.

3 **Museologia é:**

3.1 Idéia

3.2 Teoria

3.2.1 Teoria do fenômeno museu

3.2.2 Teoria das funções

3.2.3 Teoria da organização dos museus

3.2.4 Teoria da Museologia como Ideologia da Cultura

3.2.5 Teoria da Museologia como semiótica do Objeto e da Cultura

3.3 Norma

3.4 Processo

3.5 Experimental

3.6 Conhecimento

MUSEOLOGIA É idéia, teoria, norma, processo, experimental e conhecimento sobre museus e objetos de museu.

IDÉIA – Museologia se envolve com a idéia de museu e não propriamente ou diretamente com eles

TEORIA

1) a teoria da Museologia responde por aspectos de conhecimento da disciplina e não dos museus. Esse conhecimento, embora trate da descrição da parte prática (as atividades de museu; a Museologia Real) não, se restringe a ela. As descrições sobre a prática formam uma teoria específica sobre os museus, no entanto, a Museologia teórica (o 'conhecimento museológico') incorpora essa prática mas também é formulada por elementos teóricos, de cognição e filosóficos.

2) a teoria dos museus responde pela Museologia. O campo específico desta teoria é o 'fenômeno museu'. Enquanto 'teoria das funções de museu', diz respeito ao trabalho ou funções nele executado e formula um sistema de idéias, declarações e leis que regem o campo museologia.

2.1) a 'teoria da organização de museus', no sentido administrativo, responde pelos objetivos e metas organizacionais. A organização de museus é um dos aspectos abordados pela teoria e metodologia de museus.

3) a teoria da Museologia como 'ideologia da Cultura' deve abordar os museus como elementos de disseminação do conhecimento, institucionalizados e públicos e assim, com os aspectos ideológicos.

4) o museu como unidade cultural e o objeto (ou coleções) de museu enfocados pela Semiótica estruturalista é uma possibilidade da abordagem da museologia teórica

NORMA – museologia descreve, prescreve, normatiza e padroniza.

PROCESSO - museologia investiga um complexo de processos desenvolvidos sobre o objeto de museu (aquisição, conservação, identificação e registro, pesquisa, exposição e comunicação)

EXPERIMENTAL – museologia demanda pesquisa experimental

CONHECIMENTO - que se desdobra em muitos campos; sistematizado; deriva dos museus; visa a prática (empírica, técnicas e procedimentos, uma filosofia para a habilidades manuais e a museografia (exposições)

por oposição Museu, no entanto, é só o lugar aonde o conhecimento (a Museologia) pode se desenvolver. Não se confunde Museu e Museologia

COMENTÁRIO: Têm-se uma relação causa e efeito se interpenetrando e o museu (o fenômeno museu) é a unidade cultural da Museologia, ponto a partir do qual é gerado o conhecimento dito museológico. Da 'teoria da prática' se extraem as diretrizes (normas e prescrições). Não só a prática é realinhada como dá o destino para a Museologia de investigar coleções e objetos de museu recorrendo a outras disciplinas, caso da Semiótica. Enfocando o museu como sistema fechado uma outra seqüência de atividades, um processo (da aquisição à comunicação) dinamiza a Museologia *para* e *de* Museu. **por oposição** faz-se um deslocamento: o museu é visto como lugar mas um dentre outros, abrindo a possibilidade de liberar a Museologia desse lugar a ponto de que deixa de ser confundida com ele.

3 Museologia é:

3.7 Estudo

3.7.1 de Museu

3.7.1.1 Da Instituição Museu

3.7.2 Funções de Museu

3.7.3 Estudo da Atividade Humana

3.7.4 Estudo da Museália – Objetos e coleções

3.7.4.1 Objetos de museu como estoque de informação

3.7.4.2 Objetos de museu e conteúdos simbólicos

3.7.5 Tratamento do objeto de museu

MUSEOLOGIA - ESTUDO DE MUSEU: das funções, da instituição, É uma conceitualização profissional que valida procedimentos para os serviços de museu.

ESTUDO DA ATIVIDADE HUMANA que identifica e coleta objetos (símbolos da atividade humana) e visa apresentar os seus valores para um clientela.

DA MUSEÁLIA (OBJETOS E COLEÇÕES) Museologia lida com objetos de museu (a museália) como fontes primárias de conhecimento, que estocam e são simultaneamente veículos de informações. Eles são mensagens vivas e contêm conteúdos simbólicos. Nessa perspectiva, a Museologia explica os significados práticos que estão nos objetos, o que representa explicar os processos de mudança e continuidade do mundo social e natural. Museus com cultura material auxiliam a Museologia. Os objetos de museu se caracterizam pelo 'valor documental' o que lhes dá potencialidade de conhecimento, são signos que não necessitam de competência lingüística para serem compreendidos, a documentação de museu os provê de contexto pretérito (como funcionavam e seu significado), e são entendidos como objetos de pesquisa científica ou então como meios (veículos de informação) para a comunicação de museu.

COMENTÁRIO: A Museologia como estudo de museu (funções ou da instituição) instala uma relação de causa e efeito: para causa a instituição e suas funções para o efeito a investigação. Mesmo ao se referir à 'atividade humana de coleta', o objeto de museu aqui não é diretamente a atividade ou atividade humana mas um de seus produtos, os objetos, visando ressaltá-los para os visitantes (clientela). Museu então é o agente responsável pela guarda das coleções, função conjugada com proteção (preservação)

desses elementos da cultura material que, para alguns (colaboradores), é o objeto palpável da Museologia. Deslocando a ação para os objetos, valorizados por seu 'valor documental', este passa a produtor da Museologia que pela pesquisa, ou outros tratamentos, os transforma em produção 'sintomas', 'mensagens vivas', 'signos icônicos' – veículos de informação, os agentes de transferência de conhecimentos na comunicação em museu.

por oposição Há os que defendem a posição contrária de que não é suficiente lidar com o aspecto institucional dos museus e assim a teoria (a Museologia) não cuidaria somente dos aspectos relativos à instituição e sociedade, mas abordaria os aspectos cognitivos e de conhecimento da – uma afirmação - disciplina científica. Um outro atributo distintivo das posições anteriores centradas no museu (local) e no objeto (ora instrumento, ora produto e ora produção) recai sobre o processamento desses objetos (também documentos e testemunhos) que não necessariamente estão vinculados às atividades internas dos museus. Abre-se uma outra possibilidade de compreensão do objeto de estudo da Museologia, ainda centrado na preservação, mas levando-a para além do museu tradicional (a *preservação in situ*).

4 Objeto da Museologia

4.1 Técnicas e Práticas de Museu

4.2 Relação do Homem com a Realidade (com o Objeto)

4.2.1 "Fato Museológico" ou Fato Museal

4.3 Musealidade

4.4. Objeto da Ecomuseologia

OBJETO DA MUSEOLOGIA se refere à

1. técnicas e práticas de Museu, seu objeto de estudo envolvendo inclusive a visitação.

2. à relação do homem com a realidade em qualquer contexto em que se manifesta concretamente.

por oposição: o domínio dos museus é limitado para estudar as relações do homem com a realidade, sendo necessário um nome mais amplo que abarcar esse estudo (como 'coisologia', cf. Marcel Mauss, ou algo a partir de 'patrimônio').

2.1 'Fato museológico' ou 'Fato museal' é a denominação para essa relação entre homem e objeto, desde que se entenda que o homem é o sujeito que conhece e age sobre o objeto parte da realidade que lhe pertence. Este fato ocorre no âmbito do museu, é condição para caracterizar o 'Fato Museológico', o contexto. O objetivo da Museologia e da pesquisa museológica é conhecer esse fato.

3) musealidade é o valor documental atribuído aos objetos de museu.

por oposição: a museologia não pode ser formada unicamente pelos museus que são limitações para o estudo das relações do homem com a realidade natural e cultural, da mesma forma o critério de musealidade, o de atribuição de valor documental, não pode ser único.

COMENTÁRIO: Técnicas e práticas de Museu podem ser vistas como finalidade institucional.

A proposição que ressalta o objeto da Museologia como a 'relação do homem com a realidade' – homens que criam coleções, em outras palavras o 'coleccionismo' (um fator histórico na formação dos museus modernos) -, a faz desviar do foco direto sobre o museu para angular a lente sobre a 'relação homem/objeto'.

Para contornar o questionamento de que esta relação pode também ser o objeto de estudo de outras disciplinas, foi proposto um traço característico - o lugar específico (o museu) denominado 'Fato Museológico' -, ampliado para 'qualquer contexto em que [a relação homem com a realidade] se manifesta concretamente'. Mas ainda a Museologia permanece com a missão também específica de preservar, conservar e documentar *sistematicamente objetos materiais*.

Mesmo com esse contorno um deslocamento acaba sendo gerado e gerando uma redefinição da Museologia: o domínio dos museus é limitador. A Museologia não pode ser vista com o elo único nos museus. O critério de valor documental atribuído ('musealidade') também não pode ficar restrito aos objetos de museu e no museu. Pressionado por esta posição, o objeto da Museologia torna-se o estudo do 'fato Museal', o estudo da relação homem/objeto no contexto mas, o foco, não é mais o contexto em si (o museu/lugar) mas a relação (homem/objeto/no museu e este o palco preferencial desta relação).

OBJETO DA ECOMUSEOLOGIA:

Uma filosofia prática de patrimônio que muda a postura da tradicional museologia; uma revisão (repensar) o conceito museu propondo teoricamente uma abordagem integrada, multi e interdisciplinar; uma ruptura em relação aos museus tradicionais (particularmente os de arte) caracterizada pela prevalência das idéias e não dos objetos.

Uma inovação associando prática comunitária ('museus de combate') e centro de desenvolvimento; de integração (responde à requisições do lugar/território, e não lugar museu); de síntese, de participação e democratização; ressalta o uso. Inova porque se recusa a institucionalização, inova pelo método de trabalho. Têm a tendência de ultrapassar os limites do museu; é um outro tipo de instituição cultural. São circunstâncias específicas que criam o ecomuseu.

COMENTÁRIO: A proposta do ecomuseu é abrangente na medida em que traz os indivíduos à participar, criar e implantar um projeto (a idéia) de musealização voltado para um território, seus habitantes e seus costumes. Um projeto para espaço-lugar. De cunho político, um 'instrumento de poder político' uma vez que as instâncias políticas disponibilizam especialistas, instalações e recursos para a população conjugadas com as aspirações de populações⁷²⁹, não de propõe a modelo, mas conforma um 'tipo' de museu flexível adaptado 'às requisições do lugar/território'. Na concepção cada ecomuseu seria único. Uma mudança que vai se instalando atrelada paralelamente às mudanças sociais (uma correspondência com desenvolvimento social), um outro tempo⁷³⁰. Fato é que a concepção de ecomuseu inova (novas práticas, novas idéias, novas tendências), arrojando-se efetivamente para fora das 'quatro paredes' do museu tradicional. Aqui o então novo fato (o ecomuseu) exerce pressão para a mudança da Museologia de museu, um verdadeiro paradigma alterado ou reforçando o entrelaçamento da Museologia com a sociedade. Entre o 'velho' e o 'novo' cria-se incompatibilidade pressionando e exigindo a revisão do que se propunha como 'conceito de museu'. São outros os objetivos (a relação do homem com seu próprio território), a finalidade (a relação do homem com sua história de vida), a função (reativar áreas até mesmo economicamente) e o instrumento (os próprios indivíduos). Se fatos redefinem, esclarecem ou alteram a teoria previamente estabelecida, a proposta dos ecomuseus faz com que o 'conceito de museu' se renove. Abre-se uma outra direção para a Museologia ação, e a Museologia concepção, o conceito.

5 Museu é

5.1 Uma idéia

5.2 A base necessária

5.3 Uma instituição documentária

5.3.1 Instituição de pesquisa científica

5.4 O lugar aonde se localiza o fato museu

5.5 Museu é a unidade cultural do fenômeno museológico

Museu é uma idéia relativa à preservação. É uma interpretação a ser transmitida; é base institucional da Museologia, mas Museologia não é Museu da mesma forma que hospitais não são a Medicina, no entanto, compreende teoria de museu, métodos de museu e história dos museus. Museu é uma instituição documentária sob o ângulo da documentação de museu (acumula, preserva e comunica); são instituições científicas de pesquisa com o objeto nas peças de museu, a especificidade desta instituição. São também o lugar do fato museu, e nele os objetos 'musealizados' tornam-se objetos-conceitos. Museu é a unidade cultural do fenômeno museológico na afirmação de Wojciech Gluzinski, o 'Fator M' (teoria e prática de museu)

COMENTÁRIO: A idéia precede a instituição, a interpretação é fim, o museu é neste caso meio. Uma idéia diz também da representação mental, neste caso, sobre preservação com a forma 'museu'. Uma representação que 'traduz' (interpreta) para a transmissão. Pode-se considerar que o museu **re**-interpreta e o faz documentando. Esse procedimento de tradução analítica teoriza, sublinha os traços significativos dos objetos, e os transforma em conceito (objetos-conceitos). Têm-se novamente a relação causa-efeito entre a idéia-instituição (representação mental), poderíamos completar, de um dado grupo social. Na caracterização de museu como base necessária, a Museologia não é o estudo dos museus da mesma forma que 'medicina não é o estudo de hospitais'. Observa-se o esforço de desvincular a Museologia dos museus (é idéia), denominar-lhe as características próprias (como 'Fator

⁷²⁹ COELHO; 1997:158:

⁷³⁰ Vimos que o mundo (ocidental) após a Segunda Guerra Mundial passa por várias mudanças de comportamento de contestação; a cultural entre elas (cf. *Inquietações*); o museu, retoma Maria Helena Pires Martins, foi uma das instituições questionadas no bojo da efervescência cultural mais incitante nos anos 1960 (68) na França (COELHO; 1997:157).

M') mas por esta perspectiva a Museologia é efeito do museu, mesmo que se defenda numa visão sistêmica que ele é 'algo mais do que a soma das partes' (museu).

6 A essência dos museus é

6.1 O Homem e sua vida.

6.2 A essência dos museus é uma questão de significados.

A essência dos museus é uma questão de significados que os objetos de museu representam do sistema da cultura. A base do museu é o homem e sua vida; assunto do museu é sempre o homem, seu ambiente, sua história, suas idéias e esperanças. **Por oposição:** os significados do museu são dados pelos objetos representantes do sistema da cultura.

COMENTÁRIO: Temos aqui uma evidência apropriada para demonstrar a contraposição e desvio que se fez na área da Museologia de museu com objetos, para museu com foco no homem, situando os objetos como meio de sua expressão (incluindo o patrimônio ambiental)⁷³¹. Por outro lado, têm-se um traço contínuo ligeiramente modificado: os museus cuidam dos objetos por seus 'significados', como representantes do sistema da cultura, que ocorre fora dos museus. A essência dos museus estaria no Homem por detrás dos objetos.

7 Museologia é campo de investigação: um campo particular de investigação, ressalta-se 'com terminologia fixada', composta por teoria, métodos e história dos museus. Se caracteriza pela relação do domínio dos museus como ramo da cultura e o museu como base institucional, objeto de estudo (dotado de objetivos, aplicações, métodos de pesquisa, e sistema de conhecimento). A museologia se manifesta no gerenciamento das atividades internas e externas (particularmente as exposições).

COMENTÁRIO: A Museologia para se dizer 'ciência' necessariamente teve que identificar seu campo de investigação. Recai-mos no museu, numa relação de causa-efeito: os museus (a base) são parte da cultura, Cultura é um campo de estudo, a Museologia cuida dos museus, portanto, à Museologia se manifesta na administração do que lhe é mais interno e o que lhe é interno e se apresenta para o mundo: as exposições.

8 Teoria e Método

8.1 Método

8.2 Metodologia da Museologia

Museologia teoria e métodos estuda práticas, formula objetivos, métodos e meios de trabalho para documentos materiais e tarefas concretas dos museus ou sobre o trabalho de museu. Visa padrões operacionais. Têm-se a **oposição:** a museologia adapta o conhecimento de outros campos ao seu próprio sistema de teorias e métodos e extrai leis que podem operar no contexto museológico; vincula-se interdisciplinaridade à condição da Museologia em ciência de fato; na museologia se ela for considerada como uma real ciência; na adaptação de outros campos para construir seu próprio sistema teórico e metodológico. Ou num outro extremo a afirmação de que 'a museologia não tem método' (a metodologia não é gerada espontaneamente do objeto de estudo, ou museologia tem atitudes, padrões, motivações, propósitos, mas não um sistema de métodos). O método surge também como 'metodologia' sugerindo algo mais geral e flexível (ela difere segundo o ponto de vista filosófico do autor). O traço característico: a única que se ocupa da relação do homem com a realidade que existe no contexto específico, o 'musealizado'.

COMENTÁRIO: A questão do método em Museologia mais do que explicar qual é (ou quais são) fica no plano da generalização, sugestão de possibilidades (um exercício geral, um exercício acadêmico, um estudo de princípios teóricos, um sistema de métodos e técnicas) ora vinculadas às atividades de museu e, assim um conjunto de procedimentos, ora sugerindo o empréstimo de métodos de outras disciplinas (sociologia, psico-sociologia ou mais generalizante os métodos de estudo das ciências sociais).

A complexidade das atividades práticas dos museus, envolvendo tarefas que dependem da especialização em áreas específicas (como estudos de objeto pela Antropologia, História, Arte, Arqueologia para a cultura material) ou de tarefas como o planejamento e montagem de exposições que podem depender de arquitetos, designers, programadores visuais, etc. a envolve 'em conexão próxima' com outras disciplinas científicas.

⁷³¹ "É importante considerar aquele dado de uma percepção da realidade, uma percepção do patrimônio ambiental, do patrimônio físico-natural, como um dado essencialmente cultural (...)" RÚSSIO; 1986: 64.

Passa-se, para alguns autores, a se valer do recurso da interdisciplinaridade a ponto de tomá-la como o próprio método, enquanto para outros a interdisciplinaridade é 'característica do trabalho em museu e não da museologia'. 'Método' e 'metodologia' são tomadas como equivalentes. Metodologia representa mais um compromisso em assumir um 'ponto de vista filosófico' e menos uma sistematização de premissas e raciocínios do geral para o particular (ou vice-versa).

9 Disciplina

9.1 Disciplinas formativas da Museologia

A independência da museologia como disciplina é um traço histórico; ela é disciplina científica social, historicamente em crescimento que lida com objetos móveis da natureza e sociedade como fontes primárias de conhecimento; se distingue de outras disciplinas pelo tipo de relação que estabelece entre o homem e a realidade; se localiza dentre as disciplinas das humanidades; museologia integra diferentes disciplinas numa base comum. **por oposição** essa independência da museologia enquanto disciplina é relativa depende da separação formal de seu objeto de conhecimento. As disciplinas que formam a Museologia são história, filosofia, pedagogia, ciências sociais, teorias da organização, outras; ela integra diferentes disciplinas numa base comum ou usa outras disciplinas. Para alguns ela se limita à teoria e metodologia do trabalho em museus. **por oposição** - museologia é uma disciplina que não está confinada nos museus e também não é acumulação de disciplinas.

COMENTÁRIO: Uma vez sugerida existência de teoria, e a de métodos – características de uma ciência -, a Museologia podia se apresentar como disciplina acadêmica. A situaram: está entre as humanidades. A compuseram e a caracterizaram: integra diferentes disciplinas numa base comum, a Museologia mas que emprega a História, Filosofia, Pedagogia, etc.; a objetivaram enquanto responsável pelo estudo ou que lida com objetos enquanto fontes primárias de conhecimento bastante próxima portanto dos estudos de Cultura Material. Opondo-se a este posicionamento houve os defensores de que ela não seria uma simples acumulação de outras disciplinas, nem tão pouco deveria seu confinamento aos museus. Para dar forma a disciplina, e simultaneamente houve a caracterização do sistema da museologia, um meio de ordenar as matérias de ensino⁷³².

10 Museologia e pesquisa

10.1 Objetivos da Pesquisa em Museologia

Os objetivos da pesquisa museológica e museologia são a causa e relações finais com os processos de formação, conservação, organização e uso das coleções de museus empregando métodos lógicos, dialéticos, históricos e experimentais, estatísticos e técnicos; os objetivos da Museologia e pesquisa museológica estão no fenômeno museu (na específica relação entre homem e realidade que diferencia os museus dos não-museus); ela concentra-se em como empregar as coleções de museu tanto para a pesquisa como para a popularização.

COMENTÁRIOS: Há mais de um objetivo para a pesquisa museológica. Uma é o estudo das coleções como efeito da museologia/museu: as coleções são o foco de estudo. Outra é o estudo do fenômeno museu, identificado com a relação homem e realidade (para diferenciá-lo dos 'não-museus'). As diferenças surgem portanto de pontos de vista focalizando ou o museu, ou a relação que acontece no museu. Essas posições fazem a Museologia esbarrar no método: ou a Museologia responde pela estrutura das atividades tendo no uso das coleções o seu próprio foco de pesquisa, que no entanto, necessariamente a leva para conjugar-se com outras disciplinas, ou no emprego das coleções para a sua disseminação através das exposições. De qualquer forma se dá conta que ela não se articula sobre si mesma.

⁷³² *Sistema da Museologia* - museologia geral e museologia especial; museologia geral, especializada e aplicada; museologia geral (o fenômeno); museologia aplicada (museografia); museologia especial (correlaciona a geral com uma disciplina em particular); museologia histórica. **por oposição** : sistema da museologia como estudo dos museus; sistema da museologia e relações interdisciplinares em relação à coleção de museus.

11 Museologia e Preservação

A preservação do patrimônio cultural e natural é ponto central da concepção de museologia; a noção de cultural e natural compreende fenômenos diferentes: entidades materiais (...), entidades ideais, estruturas no tempo e espaço. **por oposição** - preservação é um meio não um fim. Os objetivos e propósitos devem ser definidos pelas pessoas e não prescritos pela museologia.

COMENTÁRIO: A noção de preservação de patrimônio (natural e cultural) faz ultrapassar o fenômeno museu, para abrigar, sob essa ampla cobertura expressões da cultura além dos objetos de museu. Têm-se uma fresta para discutir o envolvimento da Museologia com políticas culturais de preservação ('os objetivos e propósitos são definidos pelas pessoas'), mas ela não prescreve, é meio.

(Observe-se que esta neutralidade da Museologia é aparente, a própria preservação não é só questão técnica, nem mesmo patrimônio, mas são campo de atuação que pode ser manipulada por estratos hegemônicos da sociedade⁷³³).

12 Museologia prática

12.1 Tarefa da Museologia

A primeira tarefa da museologia é preservar objetos/evidências; persuadir e autenticar conclusões teóricas; estudar a relação específica homem com criação das coleções.

COMENTÁRIO: A missão da Museologia, nesse período, seu traço mais conhecido e propalado é o cuidado com as coleções ou os estudos sobre a formação de coleções.

13 Museologia ciência e arte da Permanência

A museologia ou estudos de museus; nem tanto ciência ou arte, mas mais do que a aplicação prática de outras disciplinas; museologia como arte e ciência da organização da memória preserva valores, ações e comportamentos humanos, o objetivo é preservar o patrimônio humano – Arte e Ciência da Permanência.

COMENTÁRIO: Configurar a Museologia – ou 'estudos de museu' - como ciência e disciplina independente centrada no museu formou a linha talvez mais evidente das discussões. Uma visão sistêmica que remete à algo que é mais do que a soma das partes ('mais do que a aplicação prática de outras disciplinas', por exemplo) diz de um caminho difícil e complexo ('nem tanto ciência ou arte'). Nem aqui ou alí, a sugestão de como preservadora do patrimônio humano, também mais do que as coleções de museu, a Museologia é apresentada como 'Arte e Ciência da Permanência', abrangendo 'valores, ações, comportamentos': a permanência é para os indícios da Memória. Nesse sentido, há muito de História na Museologia.

2.2.2 Categorias e temas

Esse elenco de propriedades e suas variações apontam certamente para um campo de especialidade e demonstram simultaneamente o conflito da Museologia nesse seu momento constitutivo.

E o conflito não se instala nos temas. Eles são *possibilidades de debates*, revelam preocupações com ênfase em determinados aspectos.

Não estamos nos referindo aos temas levados aos encontros (da *ISS*), ou mesmo aqueles da revista de disseminação (a *Museum*), mas sim de aspectos particulares que orbitam uma questão fundamental e problemática para a

⁷³³ Ver CANCLINI, 1997.

Museologia: o seu objeto de estudo.

São temas da Museologia (no levantamento realizado):

- a caracterização da definição da museologia como 'situacional', dependente do ponto de vista de quem lhe define;

- a Museologia como 'idéia' (a Museologia se envolve com a idéia de museus e não propriamente com eles);

- a abordagem da Museologia como Ideologia da Cultura ou Museologia e Semiótica;

- a compreensão de que os objetos de museu são veículos de informação ou de conteúdos simbólicos;

- os comentários sobre coleções de museu como protetoras da 'museália', deixando sub-entendido que, sob a tutela da instituição, têm-se a garantia da preservação dos objetos;

- os comentários sobre a museologia alcançar seus objetivos por meio dos objetos de museus ('museus com espécimes da cultura material auxiliam a museologia a realizar seu objetivo'), numa linha de raciocínio que diz que os objetos de museu – especificamente da cultura material, excluindo os espécimes naturais –, são a razão de ser da Museologia e, portanto, Museologia equivale à museus tradicionais, e só a eles. Fica aqui subjacente a possível função de pesquisa de coleções, já que 'museus.... auxiliam'.

Tratam-se de *possibilidades de discurso*. São aspectos debatíveis que 'envolvem', 'tornam', 'demandam', 'examinam', 'derivam', 'abordam ou enfocam', 'vão além,' 'podem' (ou não) 'lidam', 'se baseiam em habilidades', e assim por diante. São, enfim, probabilidades do que poderia ou deveria ser. Ilustram as expectativas e ansiedades da área.

A situação é outra em se tratando do objeto da Museologia. O objeto da Museologia não apresenta-se como tema. Trata-se de uma construção teórica sobre aspectos fundantes que lhe definem enquanto campo científico autônomo.

As ocorrências identificadas para 'objeto da Museologia' indicam uma circularidade de concepções que recaem continuamente numa Museologia-conhecimento-de museu, portanto, da instituição museu.

Na análise abaixo rerepresentamos algumas citações e justifica-se a redundância para evidenciar determinados aspectos em três possibilidades referentes à tentativa de explicitar o objeto da Museologia como uma dependência recíproca entre a Museologia ancorada no museu como justificativa de sua existência, e o museu ancorado na Museologia que lhe daria a 'teoria' das atividades, dos procedimentos. São elas: a) o objeto da Museologia como o Museu; b) o objeto da Museologia como a relação do homem com o objeto; c) o objeto da Museologia como 'musealidade' .

a) Se tomarmos como objeto da Museologia o museu, as propriedades (características ou atributos) desse objeto são suas técnicas e práticas ou seja, procedimentos operacionais, modos de fazer. É o que acontece com a museografia (instrumento) entendida como seqüência de procedimentos que acompanham o objeto de museu da entrada à exposição ou somente como montagem de exposições. O foco ainda são as coleções, ou o tratamento e operações *sobre* as coleções. Os traços remetem à questões que ocorrem *dentro do museu*. Têm-se um conjunto de normas técnicas e procedimentos para os quais a noção de 'preservação' é tida como defesa e cuidados *dos* objetos. A noção implícita de Patrimônio é *objetual*⁷³⁴.

b) Uma outra possibilidade é o objeto da Museologia (sua tarefa) como 'a ciência que estuda a específica relação do homem com a realidade, através da coleta e conservação sistemática de objetos selecionados, inanimados, materiais, móveis, principalmente tri-dimensionais que documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais se faz uso científico e cultural-educacional' (cf. Anna Gregorová):

Anna Gregorová: '(...) the special task of museology is to study precisely the specific relation of man to reality which has led to the creation of collections of material documents on the development of nature and society. Besides that, one of the tasks of museology is to study and generalize the overall gnoseological potential *fixed to the material documents of reality*, as well as the task of studying the specific features of and generalizing the possibility of the versatile scientific and cultural-educational use of the *collections*' (itálico do autor) (*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:35) (negrito meu).

Se houve um deslocamento da proposta do museu como objeto da Museologia para a 'relação do homem com o objeto', pode-se perguntar: qual o tipo de relação? Em que medida a definição desta relação pressupõe a preservação e mais, se essas noções constituem-se em atributos da Museologia ou, ao contrário, são temas possíveis de discussão?

'Relação' pressupõe ligação, dependência entre elementos, aqui entre o homem e o objeto (idéia ou criação, cf. Rússio). Segundo as explicações de Rússio,

⁷³⁴ 'Objetual' é uma palavra empregada em textos da área de Museologia. A usamos no sentido de objetos/artefatos de museu e nele localizados. Exemplo pode ser lido em www.iepha.mg.gov.br/sobre_politica.htm. Waldisa Rússio compreende por - "objeto" - "o que existe 'além, de, fora de, apreendido pelas consciência do homem." A noção de objeto nesse sentido inclui no seu entender o meio ambiente ou patrimônio ambiental físico natural e urbano, como paisagem percebida pelo homem; são também *artefatos*. Esta autora também os indica como elementos do trabalho para os museólogos (RÚSSIO; 1984:61-62). Hugues Hugues de Varine-Bohan para Patrimônio Cultural, professor francês que foi assessor internacional da UNESCO: a dos elementos da natureza, ao meio ambiente; os referentes aos elementos não tangíveis (o conhecimento, às técnicas, o saber e o saber fazer) e, na terceira categoria os 'bens culturais' englobando 'toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer' (LE MOS; 1981:8-10). Pode-se entender que esta palavra esteja relacionada com "bens móveis", o 'resultado do homem', (**La Museologia**; 1989:228).

tratam-se de relações de 'percepção (emoção, razão), registros de percepção (sentimentos, imagens, idéias) e memória (sistematizando idéias e imagens e conexões entre elas)':

Waldisa Rússio: a) *The relationship in itself concerns perception* (emotion, reason), *recording the perception* (feeling, image, idea) *and memory* (systematizing ideas and images and the connections between them)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2: 56)

Pode-se dizer que, as formas de relacionamento acima constituem temas, são *probabilidades*. O que intermedia a relação homem/objeto concretamente é a instituição, neste caso um instrumento. O 'lugar' é o museu, o contexto, e não qualquer outro:

Waldisa Rússio: 'This relationship between man and object (object, idea, creation) which is the museum fact, or the museological fact, *is established in the museum area.*' (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, n.º2:56)(negrito meu)

Ou relação com o 'fato museológico' ou 'fato museu' nesta outra concepção implica um homem que conhece (o sujeito do conhecimento) capaz de intervir na realidade – também um tema -. O deslocamento para identificar o objeto de estudo da Museologia se faz agora entre as seguintes variáveis: conhecer a própria relação entre homem e objeto; conhecer o sujeito; conhecer o objeto que está para ser conhecido, e conhecer o museu:

Waldisa Rússio: "The object of study of museology is the *museum fact*, or the *museological fact*. The museological fact is the profound *relationship between man, the cognizant subject, and the object; that part of reality to which man belongs, and over which he has the power to act.* (...) If one considers that the *museum fact* is a *profound relationship between man and the object*, one must take into consideration: a) the relationship itself; b) the cognizant person; c) the object to be know; d) *the museum.*" (itálico da autora)(*MuWoP/DoTraM*, nº 2:56)(negrito meu)

Observe-se que, nessas proposições acima a preservação e o Patrimônio ficam vinculados à *preservação de objetos materiais* e, conseqüentemente, a uma série de procedimentos (guarda, conservação, restauro, documentação e exposição) para a educação (finalidade). O Patrimônio concreto é *objetual*, o patrimônio conceito também é tema, está paralelo, não é um traço constituinte.

c) A 'musealidade' é um outra proposta de objeto da Museologia. A característica relevante é o critério que apresenta: um valor atribuído, que não está diretamente no objeto pois *conferido* por alguém. Mais uma vez é a instituição que fica em evidência dando votos de valor à *objetos concretos*. É um critério – 'instrumento de trabalho' – (cf. Josef Beneš) um atributo para diferenciar artefatos de museu e os que não são. O ponto em evidência é o limite entre o que é ou não de museu, a instituição. Esta têm a função de preservar, acumular, e comunicar (cf. Schreiner), são funções operacionais e práticas. A relação em última instância se faz com a instituição e a noção de Patrimônio, mais uma vez implícita, restringe-se a objetos materiais:

Klaus Schreiner: '(...) on methodological questions of the documentation of the present time terms the museum a documentary institution that accumulates, preserves, and communicates the authentic testimonies of objective reality. To him [Z. Z. Stránský] **the object of museology is museality, i. e. a specific documentary value of concrete and perceivable objects of nature and society**, the value of the authentic evidence of reality.' (*MuWoP/DoTraM*, n.º 1:39).

Josef Beneš: '*Museality* (German "Musealität = museum value) as a determining character of the working instrument of the domain of museums cannot form *the subject matter of museology* since it **is only one of its criteria**, enabling us to differentiate a museum object from other artifacts (or nature facts for that matter), lacking the necessary documentary value, and thus it cannot be added to the collection.' (itálico do autor)(*MuWoP/DoTraM*, n.º 2:12)(negrito meu).

Ora, se os museus foram 'inventados', na expressão de Roland Schaer, na 'difusão das Luzes', numa mistura de curiosidade para a vulgarização do conhecimento, para que o 'povo visse e se instruisse'⁷³⁵, vindos lá do colecionismo e se abrindo para museus públicos, se se desenvolveram como instituições de pesquisa⁷³⁶, a relação que se impõe com o patrimônio é estrutural⁷³⁷. Num primeiro momento, até compreensível como patrimônio objetual *para museus*, já que ele fazem parte de sua história de formação. Mas, ainda não aparecem como traços de constituição no contexto desta documentação.

⁷³⁵ SCHAER; 1993.

⁷³⁶ Na concepção de George Henri Rivière, uma primeira missão do museu é a pesquisa. No livro póstumo 'La Museologia', no capítulo "Museo e Patrimônio", encontra-se itens sobre a política de pesquisa e aquisição; objeto museal e documentação; o museu laboratório (os recursos para dar suporte a pesquisa); exemplos entre pesquisa e museografia. Entende-se que cabe aos museus a proteção do patrimônio, proteção essa dada pelas atividades de museu que trabalham sobre as coleções. Ver *LA MUSEOLOGIA*; 1898.

⁷³⁷ A noção de 'patrimônio' (patrimônio histórico), como demonstra Françoise Choay, se desenvolve paulatinamente. Da expressão jurídica e econômica relacionada aos bens estruturais de uma família, as 'transferências semânticas' vão ajustando-a para designar 'patrimônio histórico', que não é uma expressão sem ambigüidades, pois seu sentido depende da visão de mundo ou valores imputados. As edificações, narra Choay, são sua "categoria exemplar", e nem sempre equívalem a monumento histórico. Somente após os anos 60 os monumentos se constituíram como parte da herança da humanidade, que vem se ampliando segundo escalas cronológicas ou áreas geográficas. A idéia de monumento histórico se desvincula da noção de 'Antiguidade' em 1837 quando é criada a primeira Comissão de Monumentos Históricos na França. Índícios arqueológicos (na Europa, completa-se) aflorados pelas destruições da guerra (2ª Grande Guerra) tornam-se objetos de estudos da história da arquitetura. A noção de 'patrimônio' passa pelo viés de tradições culturais profundas, e assim de identidades das mais diferentes comunidades (étnicas, religiosas, nacionais, tribais, familiares). Sujeitos a seleções, 'convertem-se' pela impregnação de valores. Pensar em patrimônio (histórico) é pensar em duração, lembrança, rememoração, ou esquecimento. Esses são somente alguns pontos que podem ser suscitados para refletir o patrimônio do ontem e do hoje (Ver CHOAY; 2002). Um texto de Alöis Riegl datado do início do século XX diz sobre os valores atribuídos que são "o modo pelo qual o acontecimento que se pretende immortalizar seja levado ao conhecimento do espectador" (RIEGL; 1989:1). Para o museólogo, disse Waldisa Rússio, musealizamos objetos por seu valor documental, porque tem 'fidelidade', um critério que associava o reconhecimento de que os museólogos focam a relação "profunda do homem com a realidade", compreendida como: "o homem e o meio, o ambiente físico natural, o ambiente físico alterado pelo homem, transformado, urbanizado, as criações do seu espírito, todo o seu ideário, seu imaginário, toda a riquíssima gama de intervenções, de atuações do homem ou de, simplesmente percepções do homem que, para nós [museólogos] são nada mais do que trabalho". Por essa razão, trabalha-se com um sentido de "cultura [que é] essencialmente fazer e viver". "Patrimônio", no seu entender, "são bens na medida em que o homem atribui a eles significados" (itálico da autora)(RÚSSIO; 1984:60-61).

Os deslocamentos continuam e nas duas próximas propostas a preservação vêm como ponto central da Museologia, no entanto, ainda surge como alavanca para atividades e, assim, novamente como instrumento de operações. Por sua vez, a noção de patrimônio expandido – natural e cultural, artefatos e naturalia -, na posição de van Mensch e seus colegas -, abre a possibilidade de que o escopo da Museologia não seja mais a questão institucional, tanto é que ela surge como *disciplina de interpretação* na dependência de outras disciplinas:

Peter van Mensch; Piet J. M.Pouw, Frans F.J. Schouten: '**Central (...) conception of museology is the preservation of the cultural and natural heritage. This is the starting point of all museological activities (...).** (...) In both cases (t.i. museology in a narrow sense, concerned with artifacts and naturalia, and in a wide sense, aimed at the complete cultural and natural heritage) **there is an independant scientific discipline interpreting the relation between man and his environment**, the position of man in space and time, specifically the influence of the cultural and natural heritage on the cultural identity of persons and groups. **Museology in this sense takes a holistic view on man** which takes the various approaches from the specific scientific fields (anthropology, social and natural history, history of art, etc.) into consideration'. (ISS, n.º 1: 82)(negrito meu)

Peter van Mensch; Piet J. M.Pouw, Frans F.J. Schouten: '**The notion of cultural and natural comprises phenomena very different** in respect to their modes of being: /1/ material entities/ things/, /a/ mobile, /b/ remaining in place; /2/ ideal entities/ oral tradition, laws; /3/ time-and-space structures / dance, customs/, and time structures /music/. '(ISS, n.º 5: 29)(negrito meu)

Vimos que o movimento da Ecomuseologia e Nova Museologia foram debatidos paralelamente, só que menos na *MuWoP-DoTraM*. A efervescência desse movimento desembocou com mais vigor no ICOFOM nos cadernos *ISS*. As concepções desse movimento passam a pressionar a concepção de Museologia. Uma dessas pressões, e de certo modo uma prova que ela poderia existir, é a de 'lugar' que passa de 'museu' para 'território' abrindo a vereda para que a Museologia 'ultrapasse os limites do museu'. Por este caminho, a idéia inicial de que museus cuidam de objetos transforma-se numa proposta, pelo menos em tese, de que pessoas – os agentes *de fato* -, construam sua relação com o Patrimônio.

Neste ponto o Patrimônio deixa de ser tema da Museologia, uma possibilidade de discussão, e torna-se um traço constitutivo menos visível nos museus tradicionais.

As propostas e a 'inovação' é tão forte se comparada com os museus tradicionais que chega-se a propor um 'outro tipo de instituição cultural':

Manuela da Mata: '(...) le concept-même du musée est très claire, sufisament flexible pour couvrir une typologie varié, mais quil a cepedant des limites qui permettent de le distinguer par rapport à d'autres institutions de culture. **L'écomusée a tendance a dépasser ces limites devanant un autre type d'institution culturelle.**' (ISS, n.º 4:18)(negrito meu).

É certo que a questão do Patrimônio envolve uma série de problemas complexos para concretizar essa relação tais como as injunções políticas, sócio-

culturais, econômicas que se refletem nas políticas de gerenciamento cultural⁷³⁸. Contudo, esta pesquisa se limita à investigação sobre o campo nocional do conceito *museologia*.

Voltemos a ela na síntese da circularidade que decorre de duas opções diversas entre si e que apontam para caminhos diferentes: a) *Museologia como recurso de cientificidade para os museus*, ou b) *Museologia como área de conhecimento científico*.

a) No caso em que a *Museologia confere cientificidade a área de museus*, ela é recurso para os museus. É determinada pelas atuações da instituição. Aqui têm-se uma concepção decorrente da etimologia da palavra ('museu+logia') permeando a lógica de que o museu define o museológico (ou o equipamento precede o pensamento), uma relação causal (causa/efeito) e temporal. Por essa perspectiva o objeto da *Museologia* é o museu. A reflexão da *Museologia* se faz pelo ângulo museu e seu funcionamento. Neste caso, o domínio poderia ser designado pelo termo '*museu*'.

Uma variação desta opção pode considerar a *Museologia* como *reconstrução de conhecimento decorrente* de atividades e experiências materializadas em todos os procedimentos que, afinal, são instrumentos de ação, um agente, seu instrumento de divulgação. Aqui a *Museologia* terá seu nível teórico à reboque da prática. Não se imporá como disciplina propositiva.

Ou

b) A *Museologia* como *área de conhecimento científico*, perspectiva em que

⁷³⁸ Os riscos de manipulação ao se trabalhar com objetos de museu são apontados por Ulpiano Bezerra de Menezes. Cita-se dois artigos: MENESES, Ulpiano B (1994) 'Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico'. *Anais do Museu Paulista*. USP, Nova Série (vol. 2), jan/dez.: 9-14. Do mesmo autor (1993) 'A problemática da Identidade Cultural: de Objetivo (de Ação) a Objeto (de Conhecimento)'. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*. USP, Nova Série, (vol. 2), p. 207-222. E em CANCLINI, Néstor (1997) 'O porvir do passado' *In Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo : EDUSP. P.169-204.

Um dos problemas que vem à baila nos ecomuseus são os de identidade cultural: Mathilde Bellaigue: "Si le patrimoine est possibilité d'identification, ce n'est que dans la singularité qui permettra à une identité de se poser face à une autre identité (...). C'est cette masse de singularités, de subjectivités qui est souterraine aux culture locales." (*ISS*, n.º 2:36), ou em Tomislav Šola: "The central issue of ecomuseum is, like with all the museums (...), - the identity. (...) An ecomuseum is the newest, the most effective concept of systematic fight for the identity of the certain whole, according to its natural and cultural specificum. It is a reaffirmation of collective ego, collective conscience, of collective sensibility." (*ISS*, n.º4:28). Isto não significa que estejam restritos a esse tipo de museu, os museus nacionais, os regionais e os etnográficos, entre outros, também cotejam e podem manipular questões políticas, econômicas, sociais e culturais, o que nos leva repassar os ensinamentos de Waldisa Rússio: "os museus não são neutros, nem a *Museologia*". Não se pode deixar de citar que a relação com o Patrimônio, principalmente na América Latina, é revista nos encontros regionais e internacionais e que resultaram em declarações como a de Santiago do Chile (1972), a de Quebec na América do Norte (1984) e a de Caracas (1992) que caminham *pari passu* com problemas dos países sul-americanos ou com as reivindicações da Nova *Museologia*. Ver ARAÚJO & BRUNO; 1995.

o museu é uma de suas modalidades pragmáticas. Podemos argumentar que 'museu' é uma das formas de expressão da Museologia, e estas formas se alteram. Os ecomuseus surgem como comprovação dessa alteração e, até o momento, a expressão mais marcante dessa modificação.

É provável que, uma conceituação mais adequada para Museologia, parta do entendimento que ela é processo e reflexão sobre os modos de produção, organização e consumo desta específica relação entre homem e objeto⁷³⁹. No entanto, não prescinde do atributo 'patrimônio cultural', integrando o Patrimônio *sob* o ângulo da Museologia. Esta seria uma variação possível da Museologia como área de conhecimento científico.

Neste caso, e numa primeira aproximação para identificar as categorias do *conceito museologia* teríamos: Museologia como área de conhecimento científico que se concretiza *sobre indícios variados do Patrimônio cultural e natural* (o objeto), em qualquer lugar que eles se apresente (o lugar), *através* de procedimentos de preservação, conservação, documentação, exposição, educação, divulgação e disseminação de conhecimentos (os instrumentos).

Por tal perspectiva, a Museologia é disciplina que *independe* do museu que se torna, sob este prisma, um dos possíveis *exercícios* da Museologia. Não mais o único. Neste caso, a denominação do domínio é *museologia*, e um de seus subdomínios 'museu'.

Conclusões

Percorremos nesta pesquisa um caminho datado – anos 80 do século XX –, para compreender Museologia, a partir do ponto de referência do Conselho Internacional de Museus, ICOM, e de um de seus comitês, o ICOMOS, instituído justamente para debater a Museologia. Essa conjuntura de organismos internacionais criou uma situação bastante peculiar de produção intelectual com que se manifesta a área até hoje.

Nosso caminho seguiu o eixo teórico da Terminologia, o que significa que procuramos apontar a existência da linguagem de especialidade da área de Museologia – a do 'mundo dos museus' – e, particularmente, como ela se articulou nos discursos de divulgação e no de disseminação da ciência.

Os interesses declarados em jogo para tal empenho foram: prover os profissionais de museu com uma teoria, e com uma teoria formulada em moldes cientificistas o que daria para a Museologia mais facilidade para encontrar seu

⁷³⁹ Essas reflexões foram desenvolvidas com a Profa. Maria de Fátima Tálamo em comunicação pessoal.

espaço em academias e um estatuto melhor para assegurar, provavelmente, uma outra qualidade para os cursos de preparação profissional. O interesse declarado era disciplinar a disciplina, a Museologia.

Para que a Museologia fosse considerada 'ciência', um dos problemas encontrados pelos colaboradores do ICOFOM foi identificar o objeto de estudo da Museologia, fator que fez aparecer o 'problema terminológico' deixando explícita a ausência de consenso terminológico. A área contava com uma linguagem de especialidade, um léxico de palavras mas não com termos. Para o pragmático norte-americano Ellis Burcaw, essas palavras eram uma 'invenção', um léxico próprio dos tchecos, o 'léxico de Brno'.

O grupo reunido de colaboradores não começou do ponto zero. Os participantes do ICOFOM, em seu grupo original composto na maior parte de europeus, já tinham se visto frente à pergunta: afinal, o que é Museologia? teoria ou prática?.

Dessa pergunta resultaram respostas heterogêneas. As opiniões emitidas como respostas se dividiram em blocos: de um lado a museologia como ciência dos museus, e de outro a uma museologia que não visasse os museus, mas algo diferente ou além que não estivesse necessariamente atado à instituição e seus objetos.

A Museologia *poderia ser* o estudo dos objetos de museu, do museu, das funções de museu, das atividades do museu e sua organização, um valor atribuído ao objeto (musealidade, o valor documental). Ou, se fosse algo diferente ou além dos museus talvez a denominação 'museologia' não fosse suficiente: quem sabe 'heritologia'?

Haviam nuances dentre os dois blocos: a Museologia *poderia ser* uma ciência interdisciplinar e se assim fosse era possível uma forma adequada ou razoável de justificar esse estatuto.

Ir além dos museus, para alguns colaboradores representava um verdadeiro risco, a Museologia poderia até dissolver-se. As discussões pareciam ir na contramão do propagado pelo ICOM. O museu já estava definido por esse organismo como "uma instituição sem fins lucrativos a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, com propósitos de estudo, educação e divertimento, as evidências materiais de um povo e seu desenvolvimento. (...)" (cf. *ESTATUTOS DO ICOM*, art. 2, parágrafo 1.). Mas definir museu, não é o mesmo que definir Museologia.

Para outros colaboradores esse era o momento para que os museus tivessem suas leis, diretrizes e normas. Esse conjunto normativo poderia denominar-se Museologia.

Nessas discussões afloraram também problemas com as margens

disciplinares.

Para determinar o campo específico a Museologia ela não poderia se confundir com outras disciplinas. Mas, *dentro* dos museus, essas outras disciplinas eram usadas para o estudo das coleções, e até mesmo para categorizar os museus – os de arte, de arqueologia, de história, de antropologia, de etnologia, de etnografia, de folclore, e assim por diante, numa tipologia que, afinal, herdeira dos museus criados na Modernidade, dizia respeito à museus com coleções, portanto, 'tradicionais'. Dito de outro modo, estoques de cultura erudita. Por esse caminho a cartografia da Museologia tornou-se um sistema organizado de atividades e procedimentos de museu – o seu núcleo -, interrelacionado inevitavelmente com outras áreas de conhecimento.

O espírito dos museus tradicionais não combinava com as propostas da Nova Museologia e da Ecomuseologia que, no mesmo momento em que se discutia a Museologia, espocavam em experiências que pareciam mais do que tendências, pareciam o rumo certo da transformação dos museus.

Para essa nova proposta a questão dos museus não se tratava somente de coleções, mas sim de uma atitude frente a elas, a de organizá-las em exposições *para* serem vistas. 'Visitar um museu', é a expressão. Faz-se visitas por dever ou quem sabe, por afeição. Uma visita de passagem, para 'ver' objetos.

Esse posicionamento foi questionado.

Os museus concebidos pela Ecomuseologia ou a Nova Museologia foram pensados num outro ângulo. O de fora para dentro. As pessoas não seriam visitantes ou público de coleções pré-selecionadas. Seriam os conceituadores e gestores de suas próprias lembranças coletivas. Seriam os 'determinadores' do que deveria ou não ser o patrimônio segundo seus próprios critérios. Poderiam até mesmo encontrar, sob a legenda museu, um incentivo para revitalizar atividades econômicas. Importava o que as pessoas vivendo num determinado pedaço de chão, o território, quisessem para si. Os técnicos viriam somente ajudar.

Esse pensamento era radical. Cortava-se um elo de uma história secular de comportamento social e cultural frente aos museus.

A proposta era 'dessacralizar', afirmando, pelo inverso, que os museus são sagrados. Foram considerados 'museus de combate', de 'resistência', mais conhecidos como 'ecomuseus'. Para o plano das concepções intelectuais, qualificadas de museológicas, tinha-se um bom mote para uma grande inversão: criar museus *com* os interessados em criá-los. Os aspectos políticos, e de política cultural ocuparam o primeiro plano; os museus ficaram no segundo.

Essas mudanças vão pressionar a Museologia que estava sendo criada.

Tais tensões ficaram registradas nos textos das publicações do ICOFOM/ICOM. Elas demonstram que o esforço foi realizado, mas foi também dispendioso, complexo e de alguma maneira frutífero.

Nas publicações ficaram documentadas a tentativa de articular fato e teoria, que se é o caminho de síntese, sob o aspecto científico, para chegar a uma teoria, é também verdade que esta tece as relações entre eles. Nos escoramos em especialistas que completam: teoria é a ordenação significativa de fatos, *consistindo* em conceitos, classificações, correlações, generalizações...⁷⁴⁰. Por esta vereda evidenciou-se a dificuldade em estabelecer uma disciplina que se pode dizer *interpretativa*, explicando relações de uma prática inegavelmente visível: os museus.

A presença dos museus é tão marcante que mesmo se referindo à Museologia como ciência interdisciplinar é o museu, a instituição que aparece em sucessivas ocorrências numa certa armadilha e artimanha da própria linguagem.

Mas, ao se formar uma área, há outras intenções não declaradas.

O campo científico é um jogo que é gerido por mecanismos de funcionamento similares a de um campo social. Há jogo de forças, de monopólios, de lutas e estratégias, interesses e lucros, que no caso da 'ciência' revestem-se de modos específicos de atuação. Em todo este arcabouço construído por Pierre Bourdieu para explicar esses mecanismos, ressaltamos dois aspectos: os conflitos epistemológicos não são isolados dos políticos e a linguagem tem parte nesse jogo. Na conquista de espaço e de capital simbólico – é mecanismo - se faz necessário romper com a linguagem ordinária ou com a linguagem científica anterior que se torna objeto de redefinição para que se chegue a novos sentidos de acordo com o novo sistema teórico. Por isso, Bourdieu alerta para o cuidado em observar as estratégias ideológicas "disfarçadas de posição epistemológicas"⁷⁴¹.

O campo da Museologia, nesse aspecto, não deve fugir a esses mecanismos. São lutas legítimas, geram lucros também simbólicos, e toda disciplina que se quer autônoma procura construir seu capital, sua moeda de troca.

Não seguimos essa vereda. Só a registramos, é um outro caminho a percorrer. Ela só não pode ficar despercebida, pois possivelmente vá explicar o caráter 'cientificista' que naquele período foi persistentemente procurado.

Fatores que, no entanto, não eximem a museologia de construir seu objeto de estudo.

Nessa construção, ou propostas de construção, se percebe muitas relações contraditórias.

A Museologia vai se constituir fortemente associada à prática do museu (fato presente na *MuWoP/DoTraM*). Mesmo quando se tenta romper esse laço, não é apagada esta memória (secular, diga-se) da área. Ela está presente em maior ou menor grau em todos os textos.

Dois comportamentos são visíveis aí: um é de firmar constantemente que o

⁷⁴⁰ Itálico nosso, LAKATOS & MARCONI; 1986:86.

⁷⁴¹ Aspas do autor, BORDIEU; 1983:147.

objeto da Museologia é o museu. O outro que a Museologia é idéia, filosofia, redundando na concepção da 'relação entre'. O projeto nesse momento não é propriamente a Museologia, mas o que está atuando por detrás dessas concepções, ou seja a procura pelos traços constitutivos dessa relação.

Um dos traços é o termo patrimônio cultural, integrado como atributo ou característica fundante. Só que esse traço aparece nas publicações como tema, uma probabilidade de discussão, pois não se descola verdadeiramente o traço da preservação de museu e de patrimônio objetual.

Tomar a Museologia como museu significa que a constituição do campo fica mais fácil, pois apresenta método e procedimentos, imprimindo-lhe um desenho aparentemente completo, assim mais compreensível.

Percebe-se a dificuldade em situar o objeto da Museologia longe das ações patrimonialistas do museu tradicionais. O problema é mais complexo.

Foi o que se observou na proposição de que a Museologia tivesse como objeto de estudo 'relações com o objeto' no lugar do museu. As relações dependem de clivagens sócio-culturais (caso dos ecomuseus) e vão se assentar em parâmetros de seleção não mais realizados por terceiros, e por sobre hierarquizações discutíveis como de cultura erudita *versus* cultura popular, escalonamento refletido nos museus (os de arte, e os de do folclore, só para citar um exemplo).

Fato é que ter uma 'relação' como objeto de estudo impõe que se compreenda qual a natureza dessa relação.

Se a relação for assentada entre 'homem e objeto', e este 'objeto' não for visto somente como museu ou artefatos, ele é deslocado para o entendimento de patrimônio extenso – são costumes, hábitos, tradições, crenças, enfim um conjunto de traços históricos, antropológicos e sociológicos -, que dificultam, pela complexidade, a compreensão imediata de tal objeto de estudo. É mais difícil reconhecê-lo, pois então um fato inerente à produção e consumo da Cultura. Sendo assim, 'patrimônio' deixa de ser um tema, uma probabilidade para a Museologia e torna-se atributo *constituente* de seu objeto de estudo.

Para fins terminológicos, conclui-se que, para se estabelecer um conceito da Museologia, a circularidade gerada pelo encontro contínuo com a instituição museu deve ser rompida. Houve a proposta de mudança, com a proposição de substituí-lo pela relação, mas que ainda recaiu sobre o patrimônio objetual. Embora se ampliando para a noção de Patrimônio extenso – e relembremos mais uma vez, no momento de constituição da Museologia -, ficou como herança intelectual um problema ainda a se resolver.

As concepções de ecomuseu se de um lado materializaram em experiências concretas expectativas ou demandas, elas o fizeram de um modo próprio,

particular. É um nicho. Isto não significa que atingiram um plano de generalização tal que formem uma *categoria do conceito museologia*. A proposta de uma nova relação com o Patrimônio, ainda não compõe um traço nuclear do objeto da Museologia.

Procuramos mostrar que a Museologia conta com uma história de formação *para* uma ciência. Para entendê-la o recurso à linguagem é sem dúvida uma das estratégias fundamentais, pois nela encontra-se inscrita a tensão do campo.

A Museologia sem dúvida têm sua linguagem de especialidade, sua área determinada, mas sofre um drama: enquanto a teoria seguir a instituição têm-se a *intelectualização da área* e não *elementos científicos*, caso dos conceitos e termos, como instrumentos *para a sua construção enquanto uma possível ciência*.

BIBLIOGRAFIA

- ABC DAS NAÇÕES UNIDAS (1991). Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil, Departamento de Informação Pública das Nações Unidas, 49 p.
- ABC DE LAS NACIONES UNIDAS (1994). Nueva York, Departamento de Información Pública, Nações Unidas, 324 p.
- ACTES DE LA 13^{ME} CONFÉRENCE GÉNÉRALE et de la 14^{ME} Assemblée générale du Conseil international des musées. Londres, 24 juillet – 2 août 1983. Des musées pour un monde en développement. Paris, ICOM, 165 p.
- ALVES, José Augusto Lindgren (1995). 'A Cúpula de Copenhague sobre o desenvolvimento social e a 'pós-modernidade'. In RELATÓRIO DA ONU SOBRE A CÚPULA MUNDIAL PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL. São Paulo, Centro de Estudos Konrad-Adenauer-Stiftung, p. 1-17 (Traduções, n.º 8)
- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (1995). *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM.* São Paulo, FFLCH/USP, 45 p.
- AUBERT, Francis Henrik (1996). 'Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia'. In Ieda Maria Alves (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil.* São Paulo, FFLCH/CITRAT, p. 11-15.
- AUBERT, Marcel (1948). 'L' Ecole du Louvre'. *Museum*, v. I, n.º 1:37-39.
- BAGHALI, Sid Ahmed; BAOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani (1998). *History of ICOM (1946-1996).* Paris, International Council of Museums, 103 p.
- BARBUY, Heloisa (1995). 'A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise'. *Anais do Museu Paulista.* 3(jan/dez): 209-236.
- BARBUY, Heloisa (1999). *A exposição universal de 1889 em Paris.* São Paulo, Ed. Loyola, 155 p.
- BELLAIGUE, Mathilde (2000). '22 ans de réflexion muséologique à travers le monde.' *Cahiers d'études/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie.* 8: 4-5.
- BORDIEU, Pierre (1983). 'O campo científico'. In Renato Ortiz (org). *Pierre Bourdieu.* São Paulo, Ed. Ática, p. 122-155.
- BOYLAN, Patrick J. (1996). 'Cincuenta años del ICOM.' *Museum International* 191, 48(3):47-50.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. (s.d). *Introdução à análise do discurso.* Campinas/São Paulo, Editora da UNICAMP, 96 p.
- BURCAW, Ellis G. (1995). S/t. *ISS*, 1: 10-23.
- CABRÉ, M. Teresa (1993). *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones.* Barcelona, Editorial Antárdida/Empúres, 529 p.
- CABRÉ, M. Teresa (1999). 'El discurs especialitzat o la variació funcional determinada per la temàtica: noves perspectives'. In CABRÉ, M. Teresa. *La terminologia: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos.* Barcelona, Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 151-173.
- CABRÉ, M. Teresa (1999). *La terminologia: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos.* Barcelona, Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 369 p.

- CABRÉ, M. Teresa (1999). 'Las fuentes terminológicas para la traducción'. In CABRÉ, M. Teresa. *La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 203-229.
- CABRÉ, M. Teresa (1999). 'Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación'. In CABRÉ, M. Teresa. *La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, p. 109-127.
- CANLINI, Néstor Garcia (1997). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, EDUSP, 385 p.
- CENTRO DE INFORMACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS PARA ESPAÑA. onu.org/NU/organismos/unesco.htm
- CERÁVOLO, Suely (1998). *Proposta de sistema de informação documentária para museus (SIDM): a organização da informação para o Museu de Anatomia Veterinária da FMVZ/USP*. Dissertação de Mestrado, ECA/USP.
- CHARTIER, Roger (1991). 'O mundo como representação'. *Estudos Avançados*, 11(5): 173-191.
- CHOAY, Françoise (2001). *A alegoria do patrimonio*. São Paulo, Estação Liberdade/UNESP, 282 p.
- CINTRA, Anna Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves; LARA, Marilda Lopes Ginez; KOBASHI, Nair Yumiko (1994). *Para entender as linguagens documentárias*. São Paulo, Ed. Polis, 72 p.
- CINTRA, Anna Maria Marques; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves; LARA, Marilda Lopes Ginez; KOBASHI, Nair Yumiko (1996). 'Linguagens documentárias e terminologia'. *Cadernos de Terminologia*, 1:17-22.
- DAHLBERG, Ingetraut (1978). 'Teoria do conceito'. *Ciência da Informação*. 7(2):101-107.
- DAIFUKU, Hiroshi (1998). 'Musées et monuments: le rôle pionnier de l'UNESCO'. *Museum International*: 9-19.
- DECAROLIS, Nelly (2000). 'ICOFOM LAM 1990 - 2000' *Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*. 8:14-15.
- DESVALLÉES, André (1992). 'Présentation'. In *Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*. Paris, Édition W.M.N.E.S., p. 15-39.
- DESVALLÉES, André (2000). *Pour une terminologie muséologique de base Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*. 8:8-9.
- DICIONARIUM MUSEOLOGICUM (1986). Budapest, Comitê de Trabalho Terminológico para a Documentação-CIDOC/ICOM, 365 p.
- DUBUC, Robert (1977). *Qu'est-ce que la terminologie?* Paris, Press Universitaire de France.
- ÉRI, István (1986). 'Le Dictionarium museologicum: construire des ponts avec des mots'. *Museum*. XXXV(2):110-113.
- EVRARD, Marcel (1980). 'Le Creusot - Montceau-les-Mines: la vie d'un écomusée bilan d'une décennie'. *Museum* XXXII(4):226-234
- FATTHOUH, Nadine; SIMENON, Nadia (1997). *ICOFOM - Orientations museologiques et origines geographiques des auteurs*. Paris, École du Louvre, s/no.p
- FRANÇA, Vera Veiga (2001). 'O objeto da comunicação/A comunicação como objeto' In HOHLFELDT, A; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, V.V. (orgs). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Ed. Vozes, p. 39-60.

- FRIN, Raymond (1998). 'Museum: "destiné aux musées du monde".' *Museum International*: 5-8.
- GARCIA, Othon M (2001). *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Editora/FGV, 539 p.
- GLOCK, Hans-Johann (1998). *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins; revisão técnica de Luiz Carlos Pereira. Rio de Janeiro, Zahar, 398 p.
- GRANGER, Gilles-Gaston (1994). *A ciência e as ciências*. São Paulo, UNESP, 122 p.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio (1989). *Museu, museologia, museólogos e formação*. *Revista de Museologia* (1):7-11.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio (1990). 'Conceito de Cultura e sua inter-relação como patrimônio cultural e a preservação.' *IBPC* (3):7-12.
- HARVEY, David (1989). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Ed. Loyola, 349 p.
- HÉRNANDEZ, Francisca Hernández (1998). *Manual de Museología*. Espanha, Editorial Síntesis, p. 319.
- HERNÁNDEZ, M. Chantal Pérez (2002). 'Explotación de los corpóra textuales informtizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento'. *Estudios de Lingüística Española (EliEs)*, 18. <http://elies.rediris.es/elies18/index.html>
- HOBBSAWN, Eric (2000). *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 598 p.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras (1995). '20 anos depois de Santiago: a Declaração de Caracas – 1992'. In ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (1995). *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM. São Paulo, FFLCH/USP, 32 p.
- HUBERT, François (1985). 'Les écomusées en France: contradictions et déviations.' *Museum*. 148, XXXVII(4):186-190.
- ICOM *Programme 1975-1977*. The International Council of museums. Conseil International des musées, France, Maison de l' UNESCO.
- IMAGEM Y REALIDAD. Preguntas y respuestas sobre la gestion y las finanzas de las Naciones Unidas. Naciones Unidas, 30 de abril de 1993, 126 p.
- JELÍNEK, Jan (1981). 'Systematics and systems in museology – an introduction.' *MuWoP* (2):69-70.
- JENSEN, Villy Toft (1981). 'Museological points of view Europe 1975'. *MuWoP* (1):6-10
- KOBASHI, SMIT, TÁLAMO (2001). 'A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação.' *DataGramaZero – revista de Ciência da Informação*, 2(2)abr/01 – www.dgzero.org/Art_03.
- 'L'UNESCO ET L'ICOM: trente-quatre ans de coopération' (1980). *Museum*, XXXII(3):154-162.
- LA CONVENCION DEL PATRIMONIO MUNDIAL. (1981). Paris, UNESCO.
- LA MUSEOLOGÍA. *Curso de Museología/Textos y testimonios* (1993). Ediciones Akal, 532 p.
- LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade (1986). *Metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 231 p.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de (2001). 'O Unicórnio (o Rinoceronte, o Ortinorrinco...), a Análise Documentária e a Linguagem Documentária'. *DatagramaZero – Revista de Ciência da Informação*. 1(6) dez/01 – www.dgzero.org/dez01/Art_03.htm.

- LARA, Marilda Lopes Ginez de (2002). *Elementos de terminologia*. São Paulo, CBD-ECA-USP. (apostila para uso didático na Disciplina Lingüística e Documentação)
- LEMOS, Carlos A.C (1981). *O que é patrimônio histórico*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 115 p.
- MAIRESSE, François (1998). 'L'album de famille' *Museum International* 197, 50(1):25-30.
- MAROEVIC, Ivo (2000). 'Museology as a field of knowledge'. *Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*. (8):5-7.
- MAYOR, Frederico (1998). 'Éditorial. Message du Directeur général'. *Museum International* 197, 50(1):4.
- MAYRAND, Pierre (1985). 'La nouvelle muséologie affirmée'. *Museum*, 148, XXXVII(4):199-200.
- MENSCH, Peter (1989a). 'Museus em movimento'. *Cadernos Museológicos*. Rio de Janeiro: SPHAN, Pró-Memória, Ministério da Cultura. p. 49-54.
- MENSCH, Peter (1989b). 'The extension of museum concept'. *MuseumVisie*. v. 13, special ICOM'89 issue, August : 20-25.
- MENSCH, Peter (1992). *Towards a methodology of museology*. Zagreb, Universidade de Zagreb. – [http: www.xs4all.nl/~rwa/boek01.htm](http://www.xs4all.nl/~rwa/boek01.htm). 11/01/2000.
- MENSCH, Peter (2000). *Museology as a profession. Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*.(8):20-21.
- MENSCH, Peter (2001). *A short history of the Internacional Committee for Museology* [http: www.xs4all.nl/~rwa/icofomhi. htm.](http://www.xs4all.nl/~rwa/icofomhi.htm)
- MENSCH, Peter, POUW, Piet J. M; SCHOUTEN, Frans F. J. Texto apresentado no Colloquium ICTOP/ICOFOM - Londres, julho de 1983.
- MORLEY, Grace (1949). 'Les musées et l' Unesco'. *Museum*, II(2):1-10.
- MOUTINHO, Mário Canova (1995). 'A Declaração de Quebec de 1984'. In ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (1995). *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM. São Paulo, FFLCH/USP, p. 26-29.
- NAQVI, Sayed (1983). 'Allocution du représentant du Directeur général de l' UNESCO.' In *ICOM83 – Actes de la 13ème Conférence générale et de la 14^a Assemblée générale du Conseil international des musées. Londres, 24 juillet – 2 août 1983. Des musées pour un monde en développement*. Paris, ICOM. p. 6-9.
- PASSERON, Jean-Claude (1995). *O raciocínio sociológico. O espaço não-popperiano do raciocínio natural*. Petrópolis, Vozes. P485.
- PITT-RIVERS, Julian (1980). 'Réflexions sur le concept de musée à propos d'interdisciplinarité'. *Museum*, XXXII(1 / 2):4-8.
- PORTELANCE, Christine (1991). 'Fondaments linguistiques de la terminologie.' *Meta*, (XXXVI):54-64.
- QUÉ ES LA UNESCO?* (1992): Paris, UNESCO.
- RIVIÉRE, Georges H. (1980). 'Éditorial'. *Museum*, XXXII(1/2):2.
- RIVIÉRE, Georges H. (1985). 'Définition évolutive de l' écomusée'. *Museum*, XXXVII(4):182-183.
- RONDEAU, Guy (1984). *Introduction à la terminologie*. Canadá, Gaëtan Morin Éditeur, 239 p.
- RÚSSIO, Waldisa (1983). 'La museologie e la formation: une seule méthode? Comments.' *Methodology of museology and professional training*. July(5):32-39.

- RÚSSIO, Waldisa. (1984). Texto III. In ARANTES, Antonio Augusto (Org). *Produzindo o passado. Estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo, Brasiliense, p. 255
- SAGER, Juan C. (1990). *A practical course in terminology processing*. Amsterdam/Philadélfia, John Benjamins Publishing Company, 253 p.
- SALLES, George (1948). *Les Musées de France/The Museums of France*. *Museum*, I(1):37-39.
- SCHÄRER, Martin R. (1995). 'Avant-propos/Foreword'. *ISS*, (1), s/no.
- SCHEINER, Tereza (2000). 'Les multiples facettes de l'ICOFOM'. *Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la museologie*. (8):2-3.
- SCHEINER, Tereza (2000). 'Muséologie et philosophie du changement'. *Cahiers d'étude/Study Series. Comité International de ICOM pour la muséologie*. (8):22-24.
- SCHEINER, Tereza Cristina (1989). 'Museus e museologia. Uma relação científica?' *Ciência em museus*, (1):59-63.
- SOFKA, Vinos (1988). *The topic and its framework – Guidelines by Vinos Sofka. Museology and Developing Countries – Help or Manipulation? – Museologie et pays en voie de développement – aide ou manipulation?* Hyderabad - Varnasi – New Delhi, November/novembre, 1988:17.
- SOFKA, Vinos (1992). *Museologia – uma ciência a serviço dos museus*. Lectures and seminars. Outlines and synopses, definitions, summaries and other material. MAC/SP, novembro.
- SOFKA, Vinos (1995). *My adventurous live with ICOFOM, museology, museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. ICOFOM STUDY SERIES ISS – Vol.1-20. Volumes 1-19 by Vinos Sokfa. Volume 20 and reprint edited by Martin R. Schäer*. 1, Reprint – International Committee for Museology, p. 1-25.
- ŠOLA, Tomislav (1987). *Concept et nature de la muséologie*. **Museum**, no. 153, vol XXXIX, no.1:45
- STRÁNSKÝ, Z. Z. (1981). 'The theory of systems and museology.' *MuWoP/DoTraM*, (2):70-73.
- TÁLAMO, Maria de Fátima (1987). *A definição semântica para a elaboração de glossários. Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília, MCT/CNPq./IBICT, p. 88-98.
- TÁLAMO, Maria de Fátima (1997). 'Estrutura e operação do Dicionário'. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo, Iluminuras. p. 17-20.
- THE MUSEUM IN THE SERVICE OF MAN: today and tomorrow. The papers from the 9th general conference of ICOM (1972)*. Great Britain, ICOM/UNESCO. p. 195
- THIVIERGE, Martin (1995). 'La muséologie en question'. *Musées*.:4-6
- TOLEDO, Maria Rita de Almeida (2001). *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 295 p.
- VARINE, Hugues de (1995). 'A respeito da Mesa-Redonda de Santiago' In ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (1995). *A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM. São Paulo, FFLCH/USP, p. 17-19.
- VARINE-BOHAN, Hugues de (1985). 'L'écomusée: au-delà du mot.' *Museum*; 148, XXXVII(4):185.
- VOGT, Carlos (2003). *A espiral da cultura científica*. www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml.

WELLS, Clare (1986). *The UN, UNESCO and the politics of knowledge*. MacMillan Press, 281 p.

WHEATCROFT, Andrew (1993). 'La contribución de las publicaciones a la formación profesional'. *NOTICIAS DEL ICOM. Boletín del Consejo Internacional de Museos*, 4(46):10-11.

DOCUMENTOS

ICOFOM STUDY SERIES – ISS, v. 1-29. Reimpressão, ICOFOM, 1995.

Museological Working Papers (MuWop) n.º 1 – Museology: science or just practical museum work? (1980), Estocolmo, ICOM International Committee for Museology (ICOFOM)/Statens Historiska museu (SMH, the Museum of National Antiquities), 67 p.

Museological Working Papers (MuWop) n.º 2 – Interdisciplinarity in museology. (1981), Estocolmo, ICOM International Committee for Museology (ICOFOM)/Statens Historiska museu (SMH, the Museum of National Antiquities). 91 p.

Museion; vol 15, n.º 1931.

Museum/ UNESCO

Museum, n.º 168, n.º 4, 1990 *La bonne parole: les revues muséales*

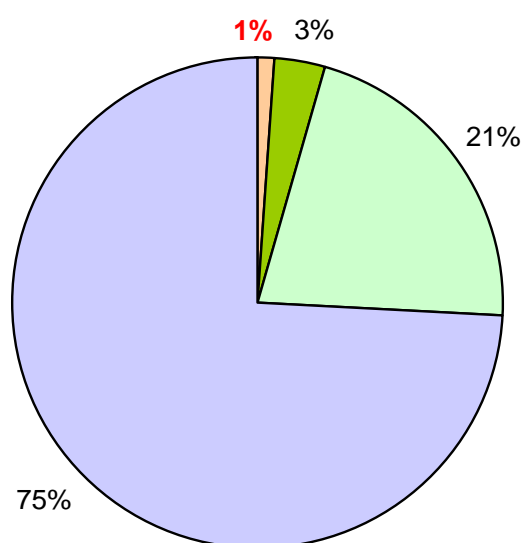
Museum International (Paris, UNESCO). n.º 197 (vo. 50, n.º 1, 1998)

Rapports d'activités – Programme 1974-1980 - Nouvelles de L'ICOM Bulletin trimestriel du Conseil International des Musées. vo. 30. N.º 1 .

Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación (2000). ICOM-ICOFOM-ICOFOM-LAM. Cdrom.

ISO – CD –704 Princípios e métodos da atividade terminológica. CEET – 0:01-23-0002 – Comissão de Estudo Especial Temporária de Terminologia. Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Assuntos indexados na *Museum* de 1948 a 1973; 1984 a 1992



- Assuntos indexados sob a rubrica "museology"
- Assuntos indexados sob a rubrica "museum" que foram mantidos
- Assuntos indexados sob a rubrica "museum"
- Outros assuntos